

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Relação Professor/Aluno:
A Comunicação na Sala de Aula
Factores que influenciam a comunicação na sala de aula

Dária Gabriela Ferreira da Cruz Andrade

MESTRADO EM ENSINO

Economia e Contabilidade

2012

Universidade de Lisboa

Instituto de Educação

Relação Professor/Aluno:

A Comunicação na Sala de Aula

Factores que influenciam a comunicação na sala de aula

Estudo feito a uma turma do 10.º ano na disciplina de

Economia - Estudo de Caso

Dária Gabriela Ferreira da Cruz Andrade

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada apresentado ao Instituto de Educação da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Economia e Contabilidade.

Orientação

Professor Doutor Belmiro Gil Cabrito

Janeiro de 2012

Aos meus

verdadeiros Mestres:

os meus filhos:

Renato, Joana e Duarte

e os meus alunos.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho contou com a colaboração de diversas pessoas e entidades, a quem expresso os meus sinceros agradecimentos:

À Escola Secundária Josefa de Óbidos por ter aceite fazer parte integrante deste trabalho como local de estágio.

Aos alunos da turma do décimo B da disciplina de Economia, pelo contributo, boa vontade e capacidade de trabalho.

À Doutora Maria João País, professora cooperante, pela simpatia, disponibilidade e conhecimentos que partilhou, que em muito enriqueceu este trabalho.

Ao Doutor Belmiro Cabrito, meu orientador, pelo rigor que sempre me incutiu, pelos bons conhecimentos que transmitiu, por ter acompanhado e encaminhado este trabalho.

A todos os meus professores ao longo destes dois anos de curso, por todo contributo que deram.

Ao marido e filhos, pela compreensão da minha ausência durante este percurso.

À minha família em geral, pela coragem e ânimo que me incutiram para a concretização e conclusão deste trabalho e à minha irmã, em particular, por toda a ajuda que me deu.

Aos meus colegas, em especial à colega e amiga Flávia, pela colaboração, entajuda e amizade. Minha grande parceira nesta viagem.

RESUMO

No âmbito da frequência do Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade da Universidade de Lisboa, apresenta-se este trabalho que consiste num relatório da prática de ensino supervisionada de cariz investigativo, que se baseia num estudo realizado com base na leccionação de parte da unidade seis do programa de Economia A do décimo ano de escolaridade do ensino regular, no decorrer do ano lectivo de 2010/2011. O tema explorado será a Relação Professor/Aluno: A Comunicação na Sala de Aula – Factores que influenciam a comunicação na sala de aula. O objectivo deste estudo consiste em detectar factores que possam influenciar o processo de comunicação durante a leccionação de uma aula. A estratégia de ensino a implementar terá como enfoque a comunicação em sala de aula, para isso, basear-se-á na máxima diversificação de métodos, técnicas e instrumentos a utilizar durante as aulas em questão, com o objectivo de motivar os alunos, dar uma intensa dinâmica de aula, testar os vários métodos, técnicas e instrumentos, tendo como uma das grandes prioridades, dar voz aos alunos, fazendo com que todos tenham um papel activo apelando recorrentemente ao diálogo. Este estudo vai analisar os elementos que integram o processo de comunicação observáveis em sala de aula e detectar em cada um deles factores que possam influenciar a comunicação quer positivamente, quer negativamente. O objecto alvo de estudo são cinco aulas leccionadas a uma turma do décimo ano, na disciplina de Economia A da Escola Secundária Josefa de Óbidos em Lisboa. As fontes de investigação assim como os instrumentos deste estudo são: a professora cooperante através de uma entrevista; os alunos através do preenchimento de questionários; as grelhas de observação de aula/alunos provenientes das aulas leccionadas e as grelhas de observação da sala de aula – enfoque: a comunicação. Em termos de design considera-se um estudo de caso tendo em conta que se trata de uma abordagem específica a uma única turma. As técnicas utilizadas foram por questionamento e observação. Com as análises de conteúdo dos instrumentos de recolha de dados sobre diferentes pontos de vista, fez-se a triangulação de forma a encontrar pontos convergentes e aumentar a credibilidade das interpretações realizadas. Por fim, a discussão de resultados, uma análise reflectiva e respectiva conclusão final.

ABSTRACT

As part of the frequency of the Master in Teaching Economics and Accounting from the University of Lisbon, this work presents a report which consists of supervised teaching practice investigative curries, which is based on a study based on the teaching of part of unit six Economics A program tenth grade regular education during the academic year 2010/2011. The theme explored is the teacher / student relationship: Communication in the Classroom - Factors that influence communication in the classroom. The aim of this study is to identify factors that may influence the communication process for teaching a lesson. The teaching strategy to be implemented will focus on communication in the classroom for that, will be based on the maximum diversification of methods, techniques and tools to be used during class in question, in order to motivate students, to dynamics of an intense class, testing various methods, techniques and instruments, taking as a top priority, giving voice to students, making sure everyone has an active role repeatedly calling for dialogue. This study will examine the elements that make up the communication process observable in the classroom and detect each factors that may influence communication either positively or negatively. The target object of study are five classes taught in a class os the tenth year, in the discipline of Economics as School of Josefa de Óbidos in Lisbon. The sources of research as well as the instruments of this study are: the teacher through a cooperative interview; students by completing questionnaires, observation grids classroom / students from the classes taught and the grid of observation of the classroom - focus: communication. In terms of design it is considered a case study taking into account that this is a specific approach to a single class. The techniques were used for questioning and observation. With the content analysis of tools for collecting data about different points of view, I made the triangulation in order to find convergent and increase the credibility of the interpretations made. Finally, the discussion of results, a reflective analysis and its conclusion.

LISTA DE ABREVIATURAS

BD – Banda Desenhada

CEF – Curso de Educação e Formação

DGRT – Direcção Geral do Emprego e das Relações de Trabalho

DT – Directora de turma

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPP – Introdução à Prática Pedagógica

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	ii
ABSTRACT	iii
LISTA DE ABREVIATURAS	iv
ÍNDICE GERAL	v
ÍNDICE DE ANEXOS	ix
ÍNDICE DE FIGURAS	xi
ÍNDICE DE QUADROS	xii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – Caracterização dos elementos investigativos	
Introdução ao capítulo I	4
1. Definição do Objectivo do Estudo	5
2. Objecto de Estudo	6
2.1 Caracterização da escola	6
2.2 Caracterização da turma	6
2.3 Unidade didáctica leccionada.....	7
2.3.1 Conteúdos leccionados.....	7
2.3.2 Objectivos/Competências Gerais	7
3. Justificação do Estudo	8
4. Pertinência do Estudo	9
5. Estratégia Implementada	10
5.1 Fundamentação da estratégia.....	10
5.2 Avaliação da estratégia.....	11
CAPÍTULO II - Revisão de literatura / Suporte teórico	
Introdução ao capítulo II	12

1. A Comunicação.....	12
1.1. Conceitos de comunicação.....	13
1.1.1. <i>Fases evolutivas da comunicação humana.....</i>	16
1.2. O modelo do processo de comunicação	17
1.3. O modelo de <i>Lasswell</i>	19
1.4. Os tipos de linguagem	20
1.5. Comunicação unilateral e comunicação bilateral.....	21
1.6. Comunicação ascendente, descendente e lateral.....	22
1.7. Comunicação formal e comunicação informal.....	23
1.8. O princípio do <i>feedback</i>	23
1.9. Os elementos que garantem a credibilidade do emissor	24
1.10. As barreiras à comunicação.....	25
2. A Comunicação na sala de aula.....	26
2.1. A relação professor/aluno – a comunicação interpessoal	26
2.1.1. <i>O autoconhecimento e o conhecimento do outro.....</i>	27
2.2. O comportamento do professor.....	28
2.2.1. <i>Habilidades sociais.....</i>	30
2.2.2. <i>Habilidades comunicativas.....</i>	30
2.3. O comportamento do aluno ao nível da comunicação.....	33
2.4. Comunicação unidireccional e a comunicação bidireccional.....	35
2.5. Os circuitos de comunicação.....	36
2.6. Clareza de linguagem	38
2.7. Estratégias que facilitam a veiculação clara de conteúdos.....	39
2.8. A participação dos alunos.....	40
2.8.1. <i>Vantagens da participação oral.....</i>	41
2.8.2. <i>Razões que levam o professor a evitar a participação oral ...</i>	42
2.9. O questionamento.....	43
2.9.1. <i>Os destinatários das perguntas.....</i>	44

2.9.2. <i>A qualidade das perguntas</i>	45
2.9.3. <i>A importância do tempo de espera</i>	46
2.9.4. <i>A reacção das respostas</i>	47
2.9.5. <i>A valorização das perguntas</i>	48
2.9.6. <i>Estratégias de resposta</i>	49
2.10. <i>A comunicação e a motivação</i>	49
2.10.1. <i>A participação dos alunos e a motivação</i>	50
2.10.2. <i>Elogios sinceros</i>	50
2.10.3. <i>Expectativas positivas</i>	51
2.10.4. <i>Entusiasmo no ensino</i>	53
2.11. <i>O ambiente de aprendizagem</i>	53
2.12. <i>O tempo e o espaço físico da sala de aula e a comunicação</i>	56
2.12.1. <i>O tempo</i>	56
2.12.2. <i>O espaço</i>	57
2.13. <i>A organização dos conteúdos</i>	59
2.14. <i>As técnicas e recursos de animação de aulas</i>	60
2.15. <i>Escutar como forma de comunicar</i>	67
2.16. <i>A assertividade como modo de comunicação eficaz</i>	69
CAPÍTULO III – Relatório das aulas leccionadas	
Introdução ao capítulo III	71
1. Aula I – 11 de Março de 2011	72
2. Aula II – 15 de Março de 2011	77
3. Aula III – 16 de Março de 2011	79
4. Aula IV – 18 de Março de 2011	81
5. Aula V – 4 de Abril de 2011	83
CAPÍTULO IV – Trabalho de caris investigativo	
Introdução ao capítulo IV	85

1. Metodologia.....	85
1.1. Sujeitos do estudo.....	85
1.1.1. População.....	85
1.1.2. Fontes de investigação.....	85
1.1.3. Amostra do estudo.....	86
1.2. Design do estudo.....	86
1.2.1. Qualitativo – Estudo de Caso.....	86
1.3. Técnica de recolha de dados.....	86
1.3.1. Técnica utilizada.....	86
1.3.2. Instrumentos de recolha de dados.....	87
2. Tratamento e análise de dados.....	87
2.1. Conclusão da interpretação de resultados - <i>Inquérito I</i>	88
2.2. Conclusão da interpretação de resultados - <i>Inquérito II</i>	89
2.3. Conclusão da interpretação de resultados - <i>Inquérito III</i>	90
2.4. Análise das grelhas de observação de aula/alunos.....	91
2.5. Análise da grelha de observação das aulas leccionadas – Enfoque: A Comunicação.....	92
2.6. Análise de conteúdo da entrevista.....	98
2.7. Análise dos elementos de avaliação sumativa.....	101
3. Triangulação de dados.....	102
4. Conclusões e discussão de resultados.....	104
5. Limitações do estudo.....	105
6. Reflexão e sugestões para investigações futuras	105
CONCLUSÃO.....	106
REFLEXÃO FINAL.....	108
BIBLIOGRAFIA.....	109
NETOGRAFIA.....	112

ÍNDICE DE ANEXOS

1. Questionário de apresentação aos alunos da turma 10.º B da disciplina de Economia A da Escola Secundária Josefa de Óbidos

2. Planificação – Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos

3. Materiais didáticos das aulas leccionadas

3.1. Aula I – 11 de Março de 2011

3.1.1. Planificação de aula

3.1.2. Diaporama

3.1.3. Ficha de trabalho

3.1.4. Grelha de observação de aula/alunos

3.2. Aula II – 15 de Março de 2011

3.2.1. Planificação de aula

3.2.2. Diaporama

3.2.3. Ficha de trabalho

3.2.5. Guião do Jogo dos Cartões

3.2.6. Cartões para Jogo de Economia A - 10.º ano - Unidade 6

3.2.7. Grelha de observação de aula/alunos

3.3. Aula III – 16 de Março de 2011

3.3.1. Planificação de aula

3.3.2. Diaporama

3.3.3. Ficha de trabalho

3.3.4. Grelha de observação de aula/alunos

3.4. Aula IV – 18 de Março de 2011

3.4.1. Planificação de aula

3.4.2. Diaporama

3.4.3. Ficha de trabalho

3.4.4. Grelha de observação de aula/alunos

3.5. Aula V – 4 de Abril de 2011

3.1.1. Planificação de aula

3.1.3. Ficha formativa

3.1.4. Grelha de observação de aula/alunos

4. Avaliação

4.1. Objectivos para o teste sumativo – Unidade 6 – Economia A

4.2. Matriz do teste sumativo

4.3. Teste sumativo

4.4. Critérios de correcção do teste sumativo

4.5. Grelha de correcção teste sumativo

4.6. Análise - Grelha de correcção teste sumativo

5. Grelha de observação – Enfoque: A Comunicação – Suporte teórico aplicado às aulas do estágio

6. Inquéritos

6.1. Inquérito I - Questionário aos alunos da turma 10.º B da disciplina de Economia da Escola Secundária Josefa de Óbidos – Factores que influenciam a comunicação na sala de aula

6.1.1. Gráficos - Inquérito I

6.2. Inquérito II

6.2.1. Gráficos - Inquérito II

6.3. Inquérito III

6.3.1. Respostas - Inquérito III

7. Entrevista

7.1 Guião de entrevista à professora cooperante sobre o papel da comunicação na sala de aula

7.2 Transcrição da entrevista

ÍNDICE FIGURAS

Figura 1 – Processo de Comunicação.....	18
Figura 2 – Comunicação Unilateral.....	22
Figura 3 – Comunicação Bilateral.....	22
Figura 4 – Elementos que garantem a credibilidade do emissor.....	25

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Características comportamentais dos professores segundo Ryans.....	29
Quadro 2 – Estratégias do professor face ao tipo comportamental do aluno.....	35

INTRODUÇÃO

No âmbito da frequência do Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade da Universidade de Lisboa, exige-se, para sua conclusão, um trabalho que consiste num relatório da prática de ensino supervisionada de cariz investigativo. Assim, apresento este trabalho que se baseia num estudo realizado com base na leccionação de parte da Unidade seis do programa de Economia A do décimo ano de escolaridade do ensino regular, no decorrer do ano lectivo de 2010/2011.

O tema explorado será a Relação Professor/Aluno: A Comunicação na Sala de Aula – Factores que influenciam a comunicação na sala de aula.

O objectivo deste estudo consiste em detectar factores que possam influenciar o processo de comunicação durante a leccionação de uma aula.

A sala de aula é um dos locais onde a comunicação deve imperar. Uma boa comunicação do professor com os alunos, alunos com o professor e dos alunos entre si reforça a motivação e promove a aprendizagem.

Os métodos tradicionais de transmissão de conhecimentos começam a dar provas de alguma inadequação. Os alunos, os recursos, o contexto escolar, assim como a concepção que a família tem face à escola e aos professores tem vindo a sofrer alterações, logo, é necessário que o professor se actualize.

Na sala de aula, a relação pedagógica é tanto mais eficaz quanto mais aberta, positiva e construtiva for a comunicação professor/aluno. Actualmente, ao professor são exigidas competências, não só técnicas como comunicacionais, com vista a um melhor relacionamento com os alunos.

A comunicação, quer em sala de aula como em qualquer outro lugar consiste num processo, o processo de comunicação, em que nele integram vários elementos: o emissor, o codificador, o código, o meio, a mensagem, o decodificador, o receptor, o feedback e o contexto. Durante este processo, em qualquer uma das fases, em relação a qualquer um dos elementos pode surgir o ruído, ou seja, qualquer factor que perturbe, confunda ou interfira na comunicação provocando um barreira à comunicação não deixando passar correctamente a mensagem. Este estudo vai analisar estes elementos em sala de aula e

detectar em cada um deles factores que possam influenciar a comunicação quer positivamente, quer negativamente.

O objecto alvo de estudo é feito a partir de cinco aulas leccionadas a uma turma do décimo ano, com oito elementos, da disciplina de Economia A, do ensino regular leccionadas na Escola Secundária Josefa de Óbidos em Lisboa.

A escolha deste tema deve-se ao facto de depois de ter observado três aulas e de ter leccionado outras três à referida turma, detectou-se que existiram alguns factores que poderiam influenciar o processo de comunicação, quando se diz influenciar isto é pela negativa e pela positiva. Assim, surgiu a ideia de poder analisar ao pormenor, desde o professor, a minha pessoa, neste caso, os alunos, a sala de aula, os equipamentos, os recursos e a relação existente entre professor/aluno.

Este é um tema que considero muito interessante, pois podemos ter um elevado conhecimento técnico, ter uma estratégia de ensino extremamente bem planeada e preparada, podemos ter à nossa disposição os melhores e mais actualizados equipamentos, tudo com o objectivo final que consistirá em transmitir determinados conhecimentos ao aluno, mas muitas vezes não acontece. Para isso, precisamos da comunicação e necessitamos de ter competências comunicacionais para que todo o trabalho que tivermos resulte no final e a mensagem se transmita eficazmente.

Uma outra questão que me desperta interesse, neste tema, é verificar, depois de tudo o que eu li para fazer este trabalho, que todos os professores, ao longo da minha carreira académica, que mais me marcaram pela positiva e que me fizeram ter o gosto pelo ensino tinham, realmente, elevadíssimas capacidades comunicacionais.

Com isto, considero que muito há, ainda, a fazer no sentido de reduzir as dificuldades de comunicação professor/aluno existentes na sala de aula. Por vezes o insucesso deve-se precisamente a falhas a este nível. Então, há que estudar, analisar e implementar boas práticas de comunicação na sala de aula e termos, nós os professor, a nobreza de nos auto-avaliar no sentido de corrigir algumas falhas que possamos estar a cometer. Concluindo, é necessário uma consciencialização, por parte do professor, de que a capacidade de comunicação é essencial para o processo ensino/aprendizagem.

A estratégia a implementar neste trabalho de carácter investigativo terá como enfoque a comunicação em sala de aula, para isso, baseou-se na máxima diversificação de métodos, técnicas e instrumentos a utilizar durante as aulas em questão, com o objectivo de

motivar os alunos, dar uma intensa dinâmica de aula, testar os vários métodos, técnicas e instrumentos, tendo como uma das grandes prioridades, dar voz aos alunos, fazendo com que todos tenham um papel activo durante a aula, apelando recorrentemente ao diálogo, pois é considerado que é uma das melhores estratégias de comunicação na sala de aula.

A revisão de literatura a desenvolver consiste numa análise e recolha sobre material publicado acerca do tema a trabalhar, com o objectivo de identificar uma linha teórica que fundamente o trabalho, com base nos autores seleccionados, tornando-o credível. O suporte teórico escolhido está relacionado directa e indirectamente com o tema abordado – A relação professor/aluno: a comunicação na sala de aula. De início, faço uma recolha de material específico sobre a comunicação, com base em livros técnicos e autores especialistas na área da comunicação, fazendo depois a ponte para a comunicação na sala de aula. O suporte teórico sobre comunicação na sala de aula é vasto, no entanto cada livro, cada tese, cada artigo, fala sobre pontos de vista diferentes. A intenção é reuni-los e seleccionar o que está directamente ligado ao enfoque escolhido para trabalhar: factores que influenciam a comunicação na sala de aula.

As fontes de investigação assim como os instrumentos deste estudo serão: a professora cooperante através de uma entrevista; os mesmos oito alunos através do preenchimento de questionários; as grelhas de observação de aula/alunos provenientes das aulas leccionadas e as grelhas de observação com o enfoque na comunicação da sala de aula com a aplicação prática do suporte teórico às aulas leccionadas.

Em termos de design considera-se um estudo de caso, por se tratar de uma abordagem específica a uma única turma, onde vamos identificar, descrever, compreender e analisar situações que possam fornecer um conjunto de dados com o objectivo de determinar quais os factores que influenciam a comunicação na sala de aula.

Este trabalho concluir-se-á com a análise de conteúdo dos instrumentos de recolha de dados, respectiva triangulação, discussão de resultados e conclusões.

CAPÍTULO I – Caracterização dos elementos investigativos

Introdução ao capítulo I

Vamos dar início ao desenvolvimento deste trabalho com a caracterização dos elementos identificativos, onde se indica inicialmente a questão central do mesmo, pois todo o trabalho circula em torno desta questão. Segue-se as palavras-chave que acaba por ser quem será sujeito ao estudo, o que se vai estudar e onde se baseia este estudo. De seguida será explicado qual o objectivo deste estudo, o objecto de estudo, depois justificar-se-á a escolha e importância do mesmo, assim como a sua pertinência, isto é, porque é que neste momento é importante trabalhar e explorar este tema, e por último, explicar-se-á a forma como este tema irá ser trabalhado, a estratégia utilizada.

Questão central:

Que factores influenciam a comunicação na sala de aula?

Palavras-chave:

- ❖ Relação professor/aluno;
- ❖ Comunicação;
- ❖ Sala de aula.

1. Definição do Objectivo do Estudo

O objectivo deste estudo consiste em detectar factores que possam influenciar o processo de comunicação durante a leccionação de uma aula.

Segundo Estanqueiro (2010), a sala de aula é um dos locais onde a comunicação deve imperar. Uma boa comunicação do professor com os alunos, alunos com o professor e dos alunos entre si reforça a motivação e promove a aprendizagem.

Vieira (2005) defende que os métodos tradicionais de transmissão de conhecimento começam a dar provas de alguma inadequação. Tudo tem vindo a sofrer alterações: os alunos não são como eram há uma, duas décadas atrás; os recursos estão modernizados; o contexto escolar está diferente; a concepção que a família tem face à escola e aos professores, logo, é necessário que o professor reflecta e se actualize.

Na perspectiva de Antão (1999), o professor deixou de ser visto como o detentor do saber, como aquele que ensina, e passou a ser considerado como alguém que ajuda a aprender. Actualmente, ao professor são exigidas competências, não só técnicas como comunicacionais, com vista a um melhor relacionamento com os alunos. Na sala de aula, a relação pedagógica é tanto mais eficaz quanto mais aberta, positiva e construtiva for a comunicação professor/aluno, defende Vieira (2005).

Segundo Antão (1999) a comunicação, quer em sala de aula como em qualquer outro lugar consiste num processo, o chamado processo de comunicação, em que nele integram vários elementos: o emissor, o codificador, o código, o meio, a mensagem, o decodificador, o receptor, o feedback e o contexto. Durante este processo, em qualquer uma das fases, em relação a qualquer um dos elementos pode surgir o ruído, ou seja, qualquer factor que perturbe, confunda ou interfira na comunicação provocando um barreira à comunicação não deixando passar correctamente a mensagem.

Este estudo propõe analisar todos estes elementos observáveis em sala de aula, das cinco leccionadas, e detectar em cada um deles factores que possam influenciar a comunicação quer positivamente, quer negativamente. Incluindo também uma análise reflexiva sobre a actuação do professor, neste caso a minha pessoa, com o objectivo de apurar pontos fortes e pontos fracos da mesma.

2. Objecto de Estudo

O objecto alvo de estudo são cinco aulas leccionadas a uma turma do décimo ano, com oito elementos, da disciplina de Economia A, do ensino regular no ano lectivo de 2010/2011. As aulas em questão serão leccionadas na Escola Secundária Josefa de Óbidos, na cidade de Lisboa.

2.1 Caracterização da escola

A Escola Secundária de Josefa de Óbidos, actualmente sede de agrupamento, situa-se em Lisboa na sua zona ocidental, no Bairro de Campo de Ourique.

Actualmente a sua oferta formativa consiste no segundo e terceiro ciclo do Ensino Básico, incluindo CEF (Cursos de Educação e Formação), Cursos Profissionais e Ensino Secundário.

O edifício da Escola Secundária de Josefa de Óbidos articula-se em três blocos de três andares, vários campos desportivos exteriores e espaços verdes para recreios, apresentando um ambiente visual muito agradável.

A escola apresenta condições muito favoráveis ao ensino/aprendizagem, pois recentemente sofreu obras de manutenção e beneficiação, assim como ao nível de recursos didácticos com a montagem de uma rede interna de computadores com acesso à *internet*, *data show* e quadros interactivos nas salas de aula, que são amplas, arejadas, com janelas grandes que permitem a passagem de bastante claridade, com um mobiliário novo e de qualidade, criando assim um ambiente muito agradável e confortável.

2.2 Caracterização da turma

Com o preenchimento de um questionário e com base na observação durante a primeira aula pode apurar-se a seguinte caracterização:

A turma é constituída por oito alunos, um rapaz e sete raparigas. Uma das raparigas regista uma assiduidade baixa devido a problemas de saúde, razão pela qual não teve qualquer contacto durante as anteriores visitas à escola. Os restantes alunos têm idades compreendidas entre catorze e os dezasseis anos, são provenientes, na sua maioria, de famílias nucleares da classe média/alta.

À excepção de um aluno, todos eles estão na área das ciências sócio-económicas por primeira opção. São alunos onde as principais preocupações estão relacionadas com a escola e com as médias no final do décimo segundo ano. A maioria manifesta vontade de prosseguimento de estudos nesta área, uns ao nível da licenciatura e outros referem mesmo ao nível do mestrado, assim como no futuro, a maioria referiu querer vir a trabalhar na área das ciências empresariais.

Os alunos, ao longo das aulas, demonstram interesse pelas matérias e revelam uma boa capacidade de trabalho. Ao nível do comportamento é uma turma muito boa, educada, obediente, respeitadora e simpática. No entanto, um pouco tímida. Necessita de ser incentivada a participar, mas depois fá-lo com gosto e de forma ordenada, educada e pertinente. Verificaram-se elementos mais interventivos que outros, existindo a necessidade de apelar à sua participação com a colocação de questões directas.

Todos os alunos revelam gosto pela disciplina, sendo apontada como uma das preferidas e atribui-lhe uma elevada importância por esta ser alvo de exame nacional, para o qual têm de se preparar.

2.3 Unidade didáctica leccionada

A unidade didáctica do programa de Economia A do décimo ano a leccionar é a seis - Rendimentos e Repartição dos Rendimentos.

2.3.1 Conteúdos leccionados

Dentro da unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos, os conteúdos leccionados foram:

6.1.A Actividade Produtiva e a Formação de Rendimentos

6.2.A Repartição Funcional dos Rendimentos

6.3.A Repartição Pessoal dos Rendimentos

2.3.2 Objectivos/Competências Gerais

As aulas a leccionar tem como finalidade que os alunos atinjam os objectivos gerais definidos pelo programa da disciplina de Economia A do décimo ano do ensino regular.

No desenvolvimento desta unidade pretende-se analisar os mecanismos de formação e de repartição dos rendimentos, os objectivos e os meios de redistribuição desses rendimentos, assim como as causas da persistência de desigualdades na sua repartição.

Objectivos definidos pelo programa da disciplina de Economia A do décimo ano para a unidade seis relacionados com as três primeiras subunidades leccionadas:

- Relacionar a actividade produtiva com a formação dos rendimentos
- Explicar o fenómeno da repartição dos rendimentos e descrever o seu processo: repartição funcional do rendimento.
- Definir salário
- Caracterizar as formas de remuneração do capital
- Distinguir repartição pessoal de repartição funcional do rendimento
- Verificar as desigualdades da repartição pessoal do rendimento
- Justificar as desigualdades de salários
- Distinguir salário nominal de real
- Explicar o significado do leque salarial, como indicador da desigualdade dos salários
- Interpretar as curvas de Lorenz e identificar as suas limitações
- Explicar as limitações do rendimento *per capita* como indicador da repartição pessoal dos rendimentos

3. Justificação do Estudo

A turma em questão, não apresenta problemas que levante imediatamente uma situação complexa que contenha um fenómeno de interesse que nos leve a estudá-lo. No entanto, depois de ter analisado várias hipóteses de estudo, a escolha levou-me ao tema: A Relação Professor/Aluno: A Comunicação na Sala de Aula – Factores que influenciam a comunicação na sala de aula.

A escolha deste tema deve-se ao facto de depois de observadas três aulas e leccionadas outras três à referida turma, na disciplina de IPP III (Iniciação à Prática Profissional) ter detectado que existiram alguns factores que poderiam influenciar, pela negativa e pela positiva, o nosso processo de comunicação. Os factores foram os seguintes:

os equipamentos; a construção de um diaporama; o facto da sala ter muita claridade, mesmo com os estores fechados, o que fez com que para a aula seguinte tivesse que construir o diaporama com cores diferentes para se ver melhor; o facto de terem uma belíssima relação com a professora, minha professora cooperante; outra questão foi o facto de existirem alunos que gostavam de participar e faziam-no bem enquanto que outros eram tímidos, tinha que ser o professor a pedir a sua participação.

Assim, surgiu a ideia de poder analisar, ao pormenor, desde o professor, os alunos, a sala de aula, os recursos e a relação existente entre professor/aluno.

4. Pertinência do Estudo

“ ... a comunicação pulveriza toda a realidade.”

“ ... é de extrema importância a necessidade de instaurar comunicações eficazes e satisfatórias para que um grupo funcione e possa atingir os seus objectivos...”

“ ...os métodos utilizados e a atitude do professor determinam e modificam as redes de comunicação.”

Jorge Augusto da Silva Antão (2006)

Este é um tema que considero muito interessante. Pois podemos ter um elevado conhecimento técnico, ter uma estratégia de ensino extremamente bem planeada e preparada, podemos ter à nossa disposição os melhores e mais actualizados equipamentos, tudo com o objectivo final que consistirá em transmitir os nossos conhecimentos ao aluno e, simplesmente, não conseguirmos atingir esse objectivo. Para isso, precisamos, também, da comunicação e necessitamos de ter competências comunicacionais para que todo o trabalho que tivemos resulte efectivamente.

Na conclusão da sua obra – A comunicação na sala de aula – Vieira (2005) fala-nos das alterações profundas que a sociedade portuguesa conheceu nas últimas décadas, e que inevitavelmente se reflectiu na escola, o que levou o professor a confrontar-se com realidades distintas e a relação professor/aluno a sofrer alterações. A autora defende a comunicação como o principal pilar no estabelecimento de uma boa relação pedagógica. A

minha experiência de vinte anos como discente e de cinco como docente, faz com que concorde plenamente com isso e tem vindo a dizer-me que muito podemos fazer, ao nível deste tema, no sentido de reduzir as dificuldades de comunicação professor/aluno existentes na sala de aula. Se analisarmos, falhas graves ao nível da comunicação na sala de aula, podem contribuir para insucesso escolar. Então, há que estudar, analisar e implementar boas práticas de comunicação na sala de aula e termos, nós os professores, a capacidade de nos auto-avaliar no sentido de corrigir algumas falhas que possamos estar a cometer.

Concluindo, é necessário uma consciencialização, por parte do professor, de que a capacidade de comunicação é essencial para o processo ensino/aprendizagem.

5. Estratégia a Implementar

“... se o professor pretende que o ensino seja mais efectivo deve escolher uma estratégia que proporcione: a mais activa participação dos alunos; um elevado grau de realidade ou concretização; e um maior interesse pessoal ou envolvimento do aluno.”

Spitze (1970) cit. Vieira & Vieira (2005)

5.1 Fundamentação da estratégia

Segundo Roldão (2009) a estratégia consiste no caminho delineado que viabiliza, induz e facilita a aprendizagem, e assim sendo, é importante que tenhamos em conta desde da caracterização da turma, ao seu contexto, escola, recursos existentes, conteúdos, objectivos a atingir, avaliação, entre outros elementos, para que possamos escolher os métodos e as técnicas adequadas a cada situação por forma a maximizar o ensino/aprendizagem.

Neste caso, a estratégia a implementar terá como enfoque a comunicação em sala de aula. Para isso, esta basear-se-á na máxima diversificação de métodos, técnicas e instrumentos a utilizar durante as aulas em questão, com o objectivo de motivar os alunos, dar uma intensa dinâmica de aula, testar os vários métodos, técnicas e instrumentos, tendo como uma das grandes prioridades, dar voz aos alunos, fazendo com que todos tenham um

papel activo durante a aula, apelando recorrentemente ao diálogo, assim defende Estanqueiro (2010, p.33) dizendo: «O diálogo é considerado como a melhor estratégia de comunicação na sala de aula.»

5.2 Avaliação da estratégia

Ao concebermos uma estratégia de ensino, é indispensável aferirmos modos de avaliação segundo Roldão (2009). O objectivo desta prática é de conferir validade e adequação da estratégia durante o seu desenvolvimento, quer em termos de processo, neste caso temos como enfoque a comunicação, quer em termos de resultados de aprendizagem.

Deste modo, podemos verificar se por exemplo uma certa actividade prevista está a correr bem, fazendo a sua avaliação, ou seja: se existiu algum problema, se a estratégia foi ou não adequada, se resultou com a respectiva turma, se houve problemas ao nível da utilização dos recursos, ao nível do espaço, ao nível do tempo, ao nível dos equipamentos, se existe algumas correcções a fazer, entre outras questões. Esta verificação indicará ao professor a necessidade de reorientar, ajustar, adequar e analisar os porquês da inadequação. Esta prática permite, também, ao professor fazer uma auto-análise ao nível da sua prestação, da sua postura, da sua forma de comunicação face aos alunos.

Perrenoud (2000) defende na sua obra - *Dez novas competências para ensinar* - como sendo uma delas: a capacidade de analisar a relação pedagógica, a autoridade e a comunicação em aula¹, daqui se depreende a importância da comunicação no ensino actual.

Neste caso, a avaliação irá ser feita através: dos resultados das fichas de trabalho, da participação e outras actividades; da grelha de observação de cada aula; da grelha de observação de aula com enfoque na comunicação; assim como ao nível de questionários feitos aos alunos e à professora cooperante, onde os mesmos apresentarão as suas opiniões face ao tema em estudo – a comunicação na sala de aula e o decorrer das cinco aulas e por fim, teremos os resultados dos testes sumativos.

Depois de todos estes elementos analisados poderemos afirmar se a estratégia utilizada foi adequada ou não.

¹ Perrenoud, Philippe (2000) *10 Novas Competências para Ensinar*, Artmed. – Esta sub-competência está inserida na nona competência: *Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão*

CAPÍTULO II - Revisão de literatura / Suporte teórico

Introdução ao capítulo II

A revisão de literatura consiste numa análise sobre material publicado acerca do tema a trabalhar com o objectivo de identificar a linha teórica que fundamente o trabalho, com base nos autores seleccionados, tornando-o credível.

O suporte teórico escolhido para este trabalho de investigação está relacionado directa e indirectamente com o tema abordado – A relação professor/aluno: a comunicação na sala de aula.

De início, é feita uma recolha de material específico sobre a comunicação, com base em livros técnicos e autores especialistas na área da comunicação, fazendo depois a ponte com a comunicação na sala de aula. A integração deste subcapítulo tem como objectivo apresentar a definição de alguns conceitos sobre comunicação em termos gerais, que posteriormente se aplicam à educação, assim como de algumas teorias de especialistas na área da comunicação.

O suporte teórico sobre comunicação na sala de aula é vasto, no entanto cada livro seleccionado, cada tese consultada deste tema, cada artigo sobre comunicação, aborda pontos de vista quer convergentes como diferentes. A intenção é reuni-los e seleccionar o que está directamente ligado ao enfoque a trabalhar: os factores que interferem na comunicação na sala de aula.

1. A Comunicação

“A comunicação responde a todas as necessidades do Homem.”

Maslow (2006)

Segundo Caetano & Rasquilha (2007a)² Comunicar é pôr em comum uma informação, é partilhar uma opinião, um sentimento, uma atitude, um comportamento, transmitir conhecimentos, trocar experiência.

A comunicação é indispensável na nossa vida. O Homem é um ser social que comunica e se relaciona com o mundo através da linguagem e daí a importância da mesma na aprendizagem e em todas as aquisições do conhecimento ao longo de toda a vida. Assim, resulta a comunicação como uma necessidade social, uma exigência económica, um imperativo, que tem como principais funções: informar, persuadir, educar, socializar e distrair. (Lopes, 1996).

Antes de se trabalhar questões relacionadas directamente com a comunicação na sala de aula será uma breve abordagem a autores especialistas em comunicação em termos gerais. Esta abordagem será feita através da apresentação de conceitos e modelos básicos que depois se aplicam e adaptam a cada área específica.

1.1. Conceitos de comunicação

Inicia-se este ponto com base na obra de Antão (1999)³, que nos oferece várias perspectivas do conceito de comunicação, segundo o mesmo e outros autores. Logo, começa por considerar a comunicação como um conceito vasto e complexo de uma riqueza polissémica.

Na perspectiva deste autor a comunicação é: «O centro polarizador de todo o tipo de conhecimento e de toda a organização, desde a mais simples associação de ideias contíguas, desde a resposta reflexológica a um certo estímulo, até às mais complexas redes de conjuntos ecossistémicos. Na verdade tudo o que existe de concreto ou abstracto, de real ou irreal, de objectivo ou subjectivo, é apreendido por processos menos ou mais complicados de comunicação.» (Antão, 1999 p. 7)

² Joaquim Caetano e Luís Rastilha são autores de várias obras (em que neste trabalho faço referência a duas) relacionadas com a comunicação quer ao nível educacional (multimédia) como empresarial, onde começam por abordar a comunicação pelas suas bases (o que consta no presente trabalho) e se nervalgiam pelas várias áreas em que a comunicação se considera fulcral como: a gestão, o marketing, a publicidade, as novas tecnologias da comunicação, relações públicas, entre outras.

³ Da autoria de Jorge Antão, a obra *A comunicação na Sala de Aula* consiste num pequeno livro com que nos transmite uma noção clara de quão importante é comunicação na sala de aula.

Mas, então, o que é comunicar?

Segundo Hilda Santos (cit. Antão, 1999), a comunicação é o processo pelo qual um emissor se relaciona com um receptor através de uma mensagem transmitida em código por um canal (in Piaget na prática pedagógica, Ed. Semente).

Para J. Rosnay (cit. Antão, 1999), a comunicação é a circulação e a troca de informações numa rede que liga receptores e emissores (in O Macroscópio – para uma visão global).

Em sentido lato, o autor entende que a comunicação é como um processo pelo qual se efectua o intercâmbio de informação. Neste sentido podemos falar em comunicação verbal, celular, táctil, visual, molecular, gestual, máquina, etc. Se, por exemplo, se tocar com um dedo num objecto bastante quente, o estímulo é comunicado ao respectivo centro nervoso através dos neurónios; nesse caso, imediatamente é fornecido um feedback ao local de proveniência desse estímulo no sentido de produzir um efeito, modificando a situação – o dedo automática e reflexamente se afasta do objecto quente.

A comunicação química é, talvez, das mais generalizadas nos seres vivos. Por exemplo, os odores emitidos por insectos e animais, os produtos tóxicos e venenos de certas plantas, os perfumes das flores, etc., asseguram a regulação dos equilíbrios naturais e a estabilidade de toda uma organização ecológica.

Em sentido restrito, comunicação é o «intercâmbio de informações – dados, sentimentos, opiniões – entre duas ou mais pessoas ou organizações por meios verbais» (Thayer 1968, cit. Antão 1999, p. 7)

A comunicação entre organismos humanos é de importância fulcral devido ao mais perfeito sistema jamais concebido e criado – a linguagem verbal. Diferentemente dos chamados irracionais, a fala concede ao homem o poder criativo e o raciocínio lógico que lhe permite progresso técnico e social.

Segundo o autor, a comunicação é um fenómeno global de funções múltiplas, seria fonte de confusão estudá-la apenas através de uma ou outra dessas funções.

O autor apresenta no seu livro um diagrama elucidativo que representa as funções da comunicação: Informação; educação; animação e distração. Em que trabalham os objectivos do emissor e as necessidades do receptor.

Antão (1999) fala-nos da evolução dos sistemas de comunicação (passando pelos impressos e indo até aos electrónicos) que se deu de um modo acelerado, satisfazendo progressivamente as necessidades quotidianas do ritmo e da qualidade de vida humana.

Diz Joel de Rosnay (cit. Antão, 1999, p. 8-9) o seguinte: «Como consequência da linguagem e da generalização da tradição oral, o aparecimento da escrita permite desmultiplicar e memorizar a informação por um baixo custo de energia. A prática da cópia dos manuscritos, mas principalmente a invenção da imprensa seguida da criação de bibliotecas, exteriorizam uma das funções mais importantes do cérebro humano – a memória – ao mesmo tempo que libertam o prodigioso poder amplificador da informação. A verdadeira explosão das telecomunicações data do momento em que se aprendeu a transmitir a informação através de um fio ou de uma onda. Com o telégrafo e o telefone, rádio e a televisão, o som e a imagem atravessam montanhas e oceanos e abarcam o planeta, reunindo os homens na aldeia global tão do agrado de M. McLuhan. As cartas, o telefone, os rádios de amador só autorizam simultaneamente comunicações bilaterais ou, quando muito, de pequenos grupos de indivíduos. A rádio, a televisão, os jornais e as revistas chegam a um grande número de indivíduos, embora estas não possam (em regra) emitir uma informação de retorno.

Mas na aldeia global a comunicação não depende já apenas da informação escrita e falada ou do audiovisual. Existe todo um mundo de sinais e de símbolos de infinita complexidade. A força das mensagens que eles representam é tal real como a da palavra impressa ou da imagem televisionada. O vestuário, o comportamento social, a função de sinal que é representada pela compra e posse de bens materiais, tais como o automóvel e a habilitação, mas também a arte, a música, os desportos, são meios de comunicação capazes de assegurar a integração e a diferenciação complementar dos indivíduos no seio da organização social.

Hoje, devido à união entre os computadores e as redes de telecomunicação, assiste-se à instalação progressiva de um verdadeiro “serviço público” de informações. Uma tal rede representará o estádio mais elaborado da integração dos diferentes sistemas de comunicação, desde as moléculas – sinais das bactérias até ao sistema nervoso do homem e da sociedade.»

Antão, perante a citação conclui dizendo – e passo a citar – que «Verificamos assim que o fenómeno da comunicação está simultaneamente imbricado e intersectado com toda a realidade e com a própria existência.» – fim de citação (op. Cit.).

1.1.1. Fases evolutivas da comunicação humana

Fazendo uma breve história da comunicação humana, segundo Antão (1999), podem convencionalmente apontar-se quatro fases. Cada uma delas é caracterizada pela utilização de novas formas de comunicação que transformam a sociedade e que constituem um novo tipo de comunicação.

A primeira fase ou episódio é o da “exteriorização” onde só a comunicação interpessoal é possível. Esta fase foi iniciada pelo homo sapiens no momento em que apareceu a exteriorização as suas ideias, desejos e necessidades através do seu corpo graças ao gesto que começou a associar à articulação de sons, formando palavras e tendo como referente o meio ambiente imediato. O homem era, assim, o único médium de comunicação. Nesta fase, a linguagem não é ainda predominantemente acústica mas sim audiovisual, pois o gesto faz parte integrante dela.

Ao segundo episódio podemos chamar “transposição”, constituído por uma comunicação de elite. O homem vai transpor o seu pensamento e os objectos do mundo que o rodeia para esquemas, desenhos, ritmo, música e finalmente a escrita fonética. Verdadeira revolução! Nesta fase, o homem torna independente o mundo dos sons, aperfeiçoa instrumentos musicais, que se tornarão um prolongamento da voz, pouco a pouco dissocia a música da dança e, facto importante, a linguagem passa a dispensar o gesto. Deste modo, o homem começa a poder comunicar à distancia. Vence-se, portanto, de certo modo, o espaço e o tempo, as mensagens são registadas em papiro ou em pergaminho e, muito antes, as paredes das cavernas tinham-se transformado nas primeiras bibliotecas. É nesta altura que se desenvolvem vários sistemas de comunicação gráfica, mas de certa forma elitistas, pois se confinavam a artistas, escritores e tecnocratas.

Um terceiro momento na história da comunicação, que se inicia com a implementação da imprensa escrita e culmina com o satélite (ex: a internet) é a comunicação de massas, criada a partir dos media colectivos, os conhecidos *mass media*. Trata-se de uma comunicação que consiste na ampliação de mensagens com vista a atingir grande parte da nossa sociedade e temos como exemplo meios como: a rádio, a televisão, imprensa escrita, *internet*, entre outros.

Por último, e segundo a obra de McQuail & Windahl (2003)⁴, que desenvolve este tema de forma mais aprofundadamente, falamos nos novos media.

Para este trabalho refere-se apenas que está relacionada com a crescimento e desenvolvimento das novas tecnologias de informação e distribuição, quer ao nível de *hardware* como de *software*, em que não poderíamos deixar de falar na importância do aparecimento das comunicações por cabo e por satélite e dos *mass media* interactivos que conduziu a uma convergência de modos e canais de comunicação. Falamos por exemplo: na televisão por cabo e digital e na internet,.

Pode afirmar-se assim, segundo Pool, (1983) cit. McQuail & Windahl, (2003) que parte dos países desenvolvidos entrou na «era da informação» e na «revolução das comunicações», em que esta última fase está intrinsecamente ligada e se torna indispensável para as pessoas e organizações acompanharem tal evolução.

1.2. O modelo do processo de comunicação

Segundo os autores Caetano & Rasquilha (2007b) qualquer comunicação resulta num processo, e só existe, realmente comunicação, quando este se realiza na sua íntegra. Para isso é necessário que não existam interferências em nenhum dos seus elementos pelo qual é constituído. E são eles:

O **emissor** - consiste na entidade, individual ou colectiva, pessoal ou institucional, que tem algo a transmitir que numa mensagem através de um código.

A **ideia a transmitir** – o início de qualquer processo de comunicação começa com algo, com uma ideia, que se pretende transmitir a uma pessoa ou a um conjunto de pessoas.

O **código** – consiste no conjunto de sinais, símbolos ou regras estruturado de maneira a ter determinado significado, traduzindo ideias em mensagens.

O **codificador** – geralmente trata-se do emissor, mas pode ser não ser, temos como exemplo situações em que é necessário recorrer a um interprete para podermos comunicação com alguém. Nestes caso o interprete assumirá o papel de codificador e descodificador da mensagem.

⁴ McQuail e Windahl são autores da obra *Modelos de Comunicação* que nos apresenta vários modelos de comunicação existentes e estudados pelos mesmos, no entanto, neste trabalho, abordaremos apenas dois: o modelo do processo de comunicação e o modelo de Lasswell, devido ao facto de serem os mais referidos nas obras relacionadas com a comunicação.

O **descodificador** – geralmente trata-se do receptor, sempre que existe compatibilidade de códigos utilizados entre emissor e receptor.

A **mensagem** – é o conteúdo da informação, ou seja, consiste na ideia traduzida numa mensagem através de um código.

O **meio / canal** – consiste no suporte da informação, como por exemplo: o papel, na escrita e as palavras faladas, num diálogo aplicados depois a diversos instrumentos de comunicação como: os livros, a televisão, a rádio, o telefone, a *internet*, o *data show*, entre outros.

O **receptor** – é a entidade individual ou colectiva que recebe a mensagem e a quem na maioria das vezes cabe descodificar e interpretar a mensagem, isto porque o receptor até pode saber ler mas se por exemplo não souber o significado de algumas palavras, pode simplesmente não perceber a mensagem. Logo o processo de comunicação não se concluiu.

O **contexto** – toda a comunicação ocorre num ambiente sócio-histórico-cultural que influencia o posicionamento de emissor e receptor, que podem estar em contextos espaço-temporais diferentes, ou seja, uma determinada mensagem, por exemplo uma fotografia de uma jovem em fato de banho numa campanha de publicidade num país do médio oriente não terá mesma recepção que no mundo ocidental, devido à diferença de culturas.

O **ruído** - é qualquer factor que perturbe, confunda ou interfira, sob qualquer forma na comunicação. O ruído pode surgir de qualquer fase do processo de comunicação. Por exemplo: o emissor pode não ter boa dicção, ou falar demasiado baixo, ou ter um vocabulário demasiado rico para o receptor; ao nível da ideia quando esta bem definida; ao nível da mensagem quando as frases não estão devidamente construídas; ao nível do canal quando, por exemplo, se constrói um *PowerPoint* com cores com pouco contraste, o que faz com na projecção não se visualize devidamente; ao nível do receptor quando este não percebe ou não presta atenção.

O **feedback** – constitui a resposta ou reacção à mensagem por parte do receptor ao emissor. Isto permite emissor verificar se a mensagem foi correctamente recebida, descodificada e interpretada. Nesse sentido, a partir do *feedback*, o emissor pode avaliar o seu desempenho e assim, melhorar a sua performance comunicativa e aperfeiçoar a sua eficácia.

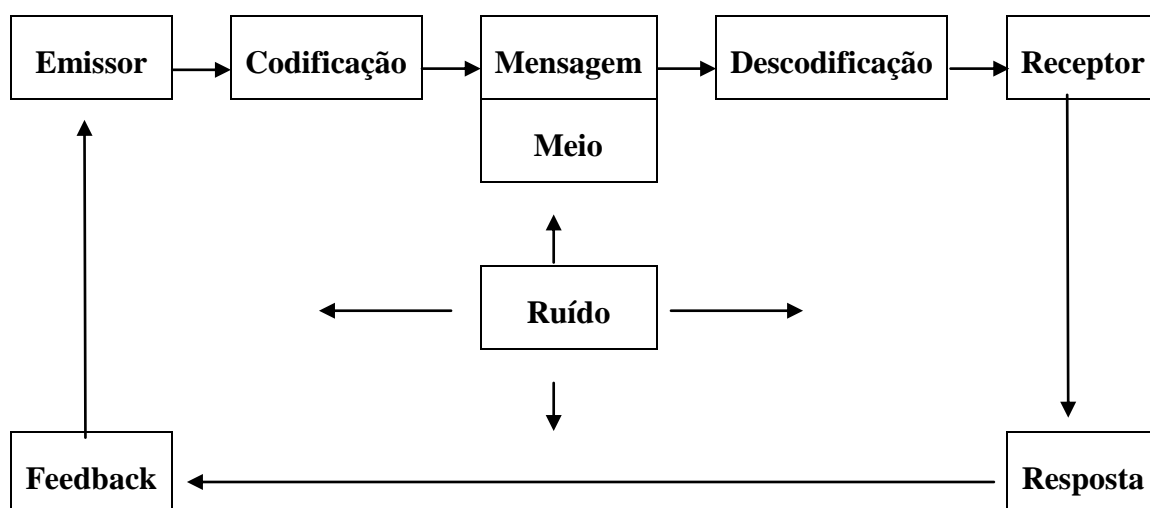


Figura 1 – Processo de Comunicação

1.3. O modelo de *Lasswell*

Segundo McQuail & Windahl (2003), em 1948, um cientista político americano, *Harold D. Lasswell*, começou um artigo com aquela que é talvez, a mais famosa expressão de investigação em comunicação, e passo a citar: «Uma maneira cómoda de descrever um acto de comunicação é responder às seguintes perguntas: Quem?; Diz o quê?; A quem?; Como?; Com que objectivos?». O impacto desta expressão deu nome ao respectivo modelo, que os autores Caetano & Rasquilha (2007) explicam detalhadamente da seguinte forma:

Quem? – O emissor – em qualquer processo de comunicação devemos começar por definir quem faz a comunicação. A comunicação será tanto mais inteligível quanto mais clara for a qualidade ou capacidade do papel do emissor, enquanto comunicador, pois o papel que ele assume clarifica a comunicação;

Diz o quê? – A mensagem – costuma-se dizer que se cada um de nós pensasse previamente no que vai comunicar reduziria as suas comunicações em mais de 50%. A mensagem é aquilo que liga o emissor ao receptor. *Lasswell* recomenda cuidado na escolha das palavras, na organização das frases, à razão por que se emite determinada mensagem e a sua significação, ao facto de esta poder levar a interpretações erradas, ou seja, as palavras e as frases devem transmitir com clareza aquilo que se efectivamente se definiu com o sentido que se pretende;

A quem? – Ao receptor – estes autores referem que há quem defenda que o grau de importância do emissor se dilui perante o grau de importância do receptor no processo de comunicação humana;

Como? – Através de que canal – a escolha do meio adequado pode, por vezes, garantir o êxito ou provocar o fracasso do processo de comunicação;

Com que objectivos? – Quais os efeitos – a finalidade da comunicação deve ser evidente, para precaver interferências, distorções e mal-entendidos, evitando que no final de se ouvir/ler uma comunicação o receptor não a tenha conseguido decodificar.

Desde então ficou conhecida como o Modelo ou a Fórmula de *Lasswell*. Esta simples formula tem sido utilizada de diversas maneiras, em diversos ramos da comunicação e tipos distintos de investigação em comunicação. No entanto *Lasswell* foi criticado por ter omitido o elemento da retroacção, o *feedback*. Mas, segundo o autor, reflecte a visão geral da época, a década de cinquenta, não deixando, mesmo assim, de ser um dos modelo mais aplicado no estudo da comunicação em todas as áreas.

Caetano & Rasquilha (2007, p. 54) concluem este ponto dizendo que: «A eficácia da comunicação será tanto maior quanto mais os objectivos se aproximarem dos efeitos produzidos. Há uma preocupação com o resultado prático da comunicação, com o seu controlo e com a avaliação de resultados.»

1.4. Os tipos de linguagem

“É impossível não comunicar, o corpo é uma mensagem e o comportamento não-verbal é extremamente dialógico. As expressões do rosto, as atitudes, os gestos e o movimento corporal podem actuar como emblemas, ilustradores, demonstradores de afecto ou como reguladores e adaptadores da interacção “.

In: (Steinberg, 1988) – Estudo sobre a comunicação não-verbal
<http://www.fae.ufmg.br/abrapec/revistas/v1n1a2.pdf> - 23 de Maio de 2011

A linguagem e a comunicação estão intimamente ligadas. A linguagem é designada de forma geral, como sendo qualquer meio permite ao Homem comunicar. (Lousã, Pereira,

Lambert & Lousã, 2006)⁵ Segundo estes autores, os tipos de linguagem podem assumir três formas: verbal; não-verbal e mista.

Linguagem verbal - é o acto de comunicação pelo o qual o Homem se exprime através de signos linguísticos: orais ou escritos, podendo, assim ser dividida em: linguagem verbal sonora (quando se trata da língua falada) e linguagem verbal visual (quando se trata da língua escrita).

Linguagem não-verbal - é o acto de comunicação pelo o qual o Homem se exprime através de um conjunto de expressões, que podem ser agrupadas em: linguagem não-verbal visual (quando se trata de sinais de fumo, gestos, sinais luminosos, imagens, bandeiras, sinais pictóricos, expressões faciais, estilo de roupa, aspecto exterior da pessoa, entre outros) e a linguagem não-verbal sonora (quando se trata de sons, sirenes, batidos, toques, entre outros).

Linguagem mista – é o acto de comunicação que contempla a conjugação de linguagem verbal com a não-verbal de que são exemplos: a televisão, o cinema, a apresentação de um diaporama, entre outros.

1.5. Comunicação unilateral e comunicação bilateral

A comunicação unilateral consiste na passagem da mensagem de um emissor para diversos receptores, não existindo neste caso retorno da mensagem. Podemos encontrar este tipo de comunicação quando assistimos a um colóquio, no caso da televisão, entre outros exemplos. Já a comunicação bilateral, a utilizada nas comunicações interpessoais, consiste na passagem da mensagem de um emissor para um único receptor e vice-versa. Temos como exemplo mais obvio o diálogo entre duas pessoas.

Wolf (2006) defende que na comunicação bilateral existe necessariamente *feedback* entre os interlocutores, enquanto que na comunicação unilateral não acontece.

Seguem-se duas figuras representativas dos dois tipos de comunicação referidos:

⁵ In: Lousã, A.; Pereira, P.A.; Lambert, R.; Lousã, M. D. (2006); *Técnicas Administrativas*; Porto: Porto Editora – Unidade 9 – A comunicação e a informação. Manual adoptado para o 11º ano do curso tecnológico.

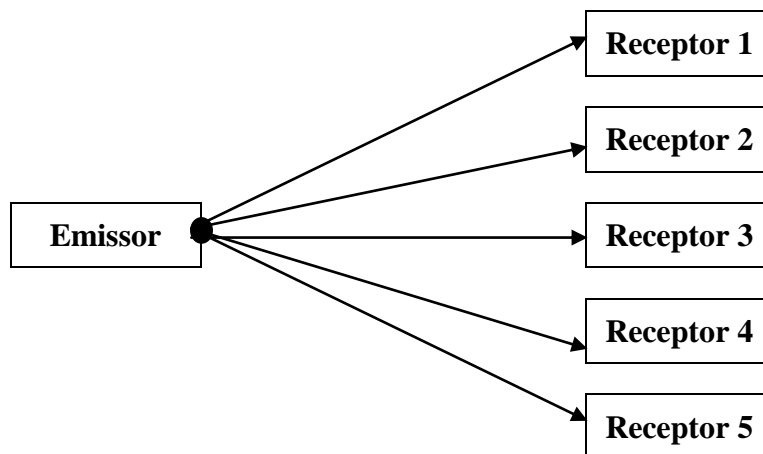


Figura 2 - Comunicação Unilateral

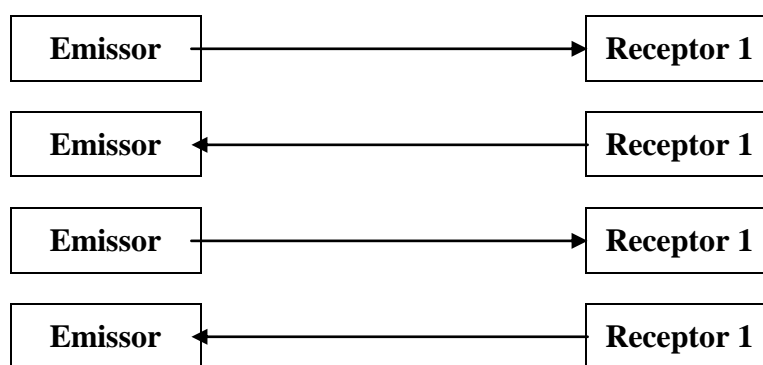


Figura 3 - Comunicação Bilateral

1.6. A comunicação ascendente, descendente e lateral

Caetano & Rastilha (2007) apresenta-nos os três sentidos da comunicação. Podem ser eles: ascendente, descendente e lateral.

A comunicação ascendente consiste da base para o topo, isto é, em termos hierárquicos. No caso das empresas podemos dar como exemplo: a informação que vai dos operários para a chefia. Aplicando este conceito ao ensino será: dos alunos para os professores.

A comunicação descendente consiste do topo para a base. Seguindo os mesmos exemplos: A origem desta comunicação é da chefia para os operários. Em termos de ensino, do professor para os alunos.

A comunicação lateral é aquela que é estabelecida entre escalões hierárquicos semelhantes, por exemplo: entre chefias ou entre operários. No caso do ensino entre pares, ou seja, entre professores ou entre alunos.

1.7. Comunicação formal e comunicação informal

Dentro de uma instituição, empresa, escola ou outra, podemos distinguir a comunicação como sendo formal ou informal (Lousã; Pereira; Lambert & Lousã, 2006).

A comunicação formal limita-se às comunicações ligadas às tarefas a desempenhar pelos diferentes órgãos de uma instituição, ou seja, tudo o que esteja directamente ligado ao trabalho. Esta comunicação pode ter qualquer um dos sentidos referidos no ponto anterior.

A comunicação informal trata-se da informação que vai para além do que está relacionado com as tarefas a desempenhar. As pessoas relacionam-se segundo afinidades e identidades, por exemplo: futebol, política, amizades, hobbies, entre outros. Os autores defendem que este tipo de comunicação pode ser tão importante como a comunicação formal, especialmente quando são saudáveis, melhoram as relações interpessoais, aproximam e motivam as pessoas a desempenhar melhor as suas funções, ou pelo contrário, sendo em excesso, podem prejudicar seriamente o trabalho a desenvolver ou mesmo criar situações de conflito entre os intervenientes.

1.8. O princípio do *feedback*

Segundo Caetano & Rastilha (2007b) por *feedback* entende-se, genericamente, o retorno da informação.

O *feedback* é o sentido inverso do processo de comunicação, no qual se expressa uma reacção à comunicação do emissor. Como o receptor se transforma no emissor, o *feedback* dá os mesmos passos que a comunicação original.

O *feedback* organizacional pode ser feito de duas formas: o *feedback* directo e o *feedback* indirecto. O *feedback* directo surge como um reconhecimento simples, momentâneo, feito oralmente no momento em que a mensagem foi recebida, dando como exemplo no decorrer de uma aula, os alunos irem respondendo correctamente às perguntas que o professor vai lançando. O *feedback* indirecto surge desfasado do momento da mensagem, geralmente expresso por acções, execução de tarefas, trabalho documental.

Transportando para o ensino e dando seguimento ao exemplo anterior temos o caso das notas dos teste no final de uma unidade didáctica.

Em situações de comunicação bilateral ou interpessoal, a prática efectiva do *feedback* constitui-se como fundamental para a eficácia da comunicação. De forma verbal ou não-verbal do *feedback* está sempre presente nestas situações. A sua prática eficiente pressupõe alguns princípios que permitem a reformulação efectiva da mensagem, de forma que a comunicação se torne eficaz.

1.9. Elementos que garantem a credibilidade do emissor

Rost & Smith (1992), cit. Lousã, *et. al.* (2006) defendem que existem cinco elementos que garantem a credibilidade do emissor, independentemente da área que estejamos a trabalhar. Logo podemos transportar esta ideia para o ensino, mais especificamente neste caso para o professor. Quando mais credível for o emissor, mais facilidade terá em ser escutado, conseqüentemente, em passar a sua mensagem, e fazer com que a mesma seja interiorizada e seguida.

Os elementos que garantem a credibilidade do emissor são:

Compostura – este elemento está relacionado com a forma como o emissor deve lidar com as pressões, ou seja, de forma calma, assertiva e coerente. Assim como ao exhibir adequadamente as suas emoções.

Carácter – este elemento está relacionado com valores que o emissor possa possuir como a honestidade, confiança, integridade, seriedade. Nada pior do que a mentira, por exemplo, para retirar a credibilidade do emissor. Toda a mensagem que este possa querer passar não chega ao receptor, porque simplesmente a rejeita.

Competência – qualquer pequena falha ou indício de falta de competência por parte do emissor pode ser o suficiente para diminuir a credibilidade do emissor. Por é importante que mostre e comprove a sua competência quer ao nível técnico quer ao nível interpessoal.

Cuidado – pensar bem-estar dos outros é sempre importante, neste caso, naqueles que nos ouvem torna-se fundamental. Pois se o receptor não está bem, a sua capacidade de recepção da mensagem estará diminuída.

Coragem – este elemento está relacionado com sensações que o emissor deverá transmitir ao receptor, como a força, a convicção, o compromisso, a defesa das suas ideias e das posições que toma.

Em jeito de conclusão, os autores oferecem-nos uma figura elucidativa da ideia:

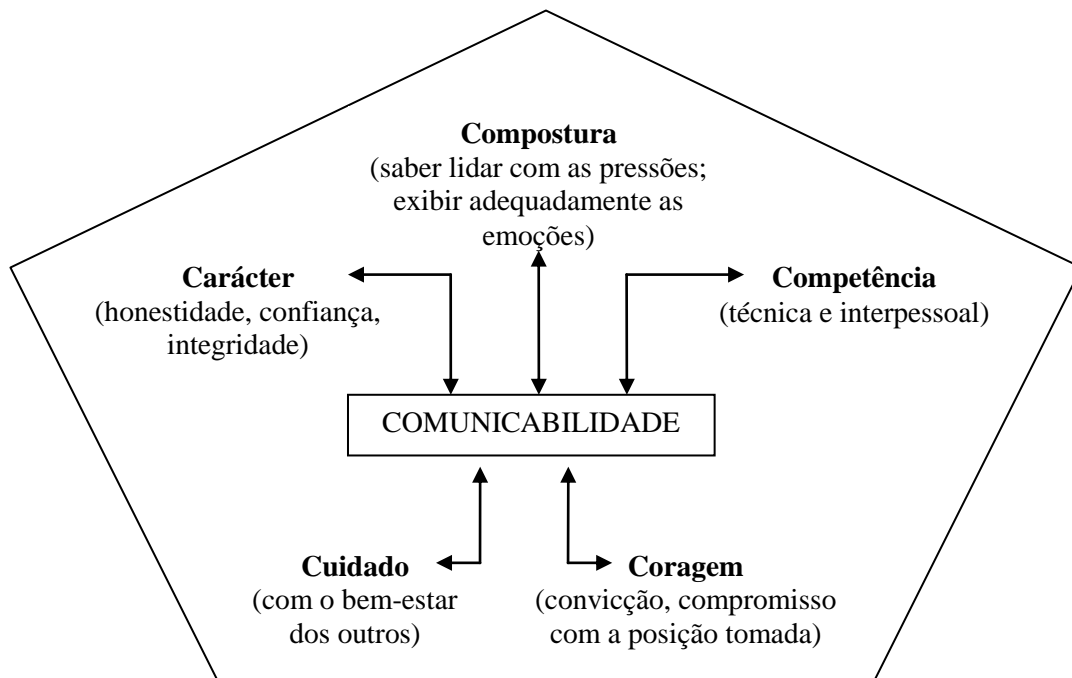


Figura 4 - Elementos que garantem a credibilidade do emissor

Adaptado de: Rost & Smith (1992); Conger (1998) cit, Lousã, et al (2006)

1.10. As barreiras à comunicação

Os ruídos constituem barreiras à comunicação. Para além de factores físicos, Segundo Dias (2007) cit. Almeida; Lourenço & Martins (2008)⁶ existem outros dois grupos de factores que podem ser barreiras à comunicação: os pessoais e os sociais.

Factores pessoais: nível de profundidade do conhecimento – este factor pode atribuir ou retirar credibilidade aos conteúdos das mensagens, assim como o receptor pode não dominar os conteúdos da mensagem; aparência do sujeito – estar ou não com um aspecto cuidado pode influenciar os interlocutores; postura corporal – modos de estar que fazem parte dos códigos sociais que devem ou não ser evitados, postura direita cabeça erguida transmite confiança; movimento corporal – existem certos movimentos que podem causar

⁶ In: Segundo quadro de Fernando Nogueira Dias da obra: Sistemas de Comunicação de Cultura e de Conhecimento, 2007 cit. Almeida; Lourenço & Martins (2008) *Manual de Área de Integração*, módulo 1 - Tema 1.3 A comunicação e a construção do indivíduo, Porto Editora

ambiguidade, como por exemplo: podem ser interpretados negativamente de acordo com determinados códigos; contacto visual – ao falar com uma pessoa deve manter-se o contacto visual com o interlocutor, no caso de se falar para um audiência devemos olhar tipo “farol”, no entanto não se deve dispersar o nosso olhar para o tecto ou para o chão, virar as costas para público alvo ou fixar os olhos numa só pessoa; expressão facial – os olhos são o espelho da alma e existe na sociedade um quadro interpretativo para as expressões faciais, onde muito se pode transmitir sem que se tenha de mencionar uma única palavra; fluência do discurso – na comunicação oral é um factor importante, pode determinar o sucesso do processo de comunicação.

Factores sociais: Estes são de uma dimensão ao nível global, pois em todos os locais, situações, terras, países encontramos com regularidade factores sociais que são verdadeiras barreiras à comunicação. Porque uma expressão num país diz uma coisa que noutra é diferente; um gesto que numa cultura é bem aceite noutra é uma ofensa, entre muitos outros exemplos. Almeida *et. al.* (2008) divide-os em cinco: educação; cultura; crenças; normas sociais; dogmas religiosos. Em relação a estes factores os nossos autores generalizam dizendo: «A realidade social, apesar da sua unidade, é diversificada. O horizonte de compreensão das mensagens não é uma realidade única.»

2. A Comunicação na Sala de Aula

«Não há dúvida de que as salas de aula são espaços de comunicação e que as palavras e as não-palavras (silêncios, ausências, sons articulados ou não) orientam as relações entre os indivíduos e permitem uma constelação de mensagens que são captadas de forma consciente ou inconsciente.»

Parejo (1995)

2.1. A relação professor/aluno – a comunicação interpessoal

Marcel Postic (cit. Vieira, 2005, p.11) diz-nos que: «A percepção que o docente tem dos seus alunos em geral e de cada um em particular, a percepção que o aluno tem dos seus colegas e do docente na situação educativa de termina a maneira de agir e de reagir.»

E no seguimento desta citação Vieira (2005)⁷ afirma que em muitos aspectos da nossa vida, agimos de acordo com impressões que temos das pessoas, assim como das situações e contextos. Na sala de aula, isto também acontece, os professores e alunos agem em função do modo como percebem a realidade.

O professor pode ser influenciado pelo aspecto físico do aluno, pela informação que tem da família, pela linguagem que utiliza, tom de voz, postura, entre outras características, e o mesmo acontece com os alunos, logo a percepção, a imagem inicial tende a influenciar o tipo de relacionamento professor/aluno e vice versa.

Na relação professor/aluno Vieira (2005) diz-nos que é muito importante que o professor se liberte de preconceitos e estereótipos e que mantenha expectativas sempre positivas e adequadas em relação a todos os seus alunos, pois só assim se consegue um a relação se quer positiva e construtiva.

2.1.1. O autoconhecimento e o conhecimento do outro

Vieira (2005) fala-nos, também, da importância do professor olhar para si mesmo, tentando identificar as suas expectativas, preconceitos e estereótipos, com vista à construção de um melhor relacionamento e à prática de um ensino mais eficaz.

Segundo a autora, o professor deverá ter consciência de que o auto conhecimento é a fonte principal de uma comunicação eficaz. Uma pessoa que se conhece bem é alguém que sabe reagir adequadamente as diferentes situações que o quotidiano lhe apresenta. Também na sala de aula, um professor que tenha consciência do modo como se percebe a si próprio e aos outros, e saiba reconhecer as suas atitudes, características e comportamentos pode, com alguma facilidade, controlar o ambiente da sala de aula.

A autora destaca a auto-estima como característica importante para uma comunicação eficaz. Esta diz respeito à forma como cada um de nós se percebe e ao valor que atribuímos à nossa pessoa. A baixa auto-estima revela-se em alguém que não tem confiança em si própria, não acredita nas suas potencialidades, logo não transmite confiança e a segurança necessária para que seja credível. Para uma pessoa se poder

⁷ In: Vieira, H. (2005); *A Comunicação na Sala de Aula*; Lisboa: Editorial Presença. Esta é uma das obras escolhidas como sendo estruturante para este trabalho. A forma como a autora aborda a comunicação na sala de aula é de uma sensibilidade profundíssima. Obra que todos professores ou aqueles que anseiam lê-lo, segundo a minha opinião, deveriam ler.

relacionar bem com os outros, tem em primeiro lugar, de estar bem consigo própria. A imagem que temos de nós próprios é constituída através daquilo que nos chega dos outros. Quer isto dizer que o modo como percebemos a realidade dá origem a atitudes e comportamentos diferentes que tendem a influenciar todo o processo de comunicação.

Defende também, que nenhum de nós pode afirmar que se conhece totalmente e que conhece totalmente o outro. Mas é possível aumentarmos esse autoconhecimento e o conhecimento daqueles que nos rodeiam. É nas relações que estabelecemos no nosso dia-a-dia que cada um de nós se descobre, procurando aquilo que são as suas potencialidades e limitações.

O modelo denominado «Janela de Johari», criado pelos psicólogos Luft & Ingham, cit. Vieira (2005) representa o grau de percepção nas relações interpessoais e diz-nos que é no contacto com os outros que nos damos a conhecer e que passamos a saber mais sobre nós próprios e sobre os outros. A autora defende que à medida que nos vamos relacionando com o(s) outro(s) damos e recolhemos informação e abrimos, aos poucos, a «janela» do conhecimento.

Nesta perspectiva podemos dizer que: há dimensões conhecidas por nós e pelos outros – Zona Clara; há dimensões conhecidas por nós e desconhecidas pelos outros – Zona Oculta; há dimensões desconhecidas por nós e conhecidas pelos outros – Zona Cega; e por último há dimensões desconhecidas por nós e pelos outros – Zona Escura.

Um professor que, na sala de aula, fomente este processo de *feedback* pode facilitar a comunicação interpessoal, na medida em que transmite informações sobre o outro, favorece a construção da auto-estima e o envolvimento dos alunos nas tarefas.

2.2. O comportamento do professor

Segundo Ryans (1999), no âmbito da formação de professores podemos dividir características comportamentais dos professores em dois pólos: as características de um comportamento eficaz e as características de um comportamento ineficaz.

Considera-se pertinente a inclusão do seguinte quadro por, não só por ser extremamente interessante, como suscita uma certa auto-reflexão e também porque ao longo das várias características comportamentais podemos verificar que a sua maioria está intrinsecamente ligada com o tema trabalhado – Relação professor/alunos: a comunicação na sala de aula.

CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS DOS PROFESSORES SEGUNDO RYANS	
Comportamento eficaz	Comportamento ineficaz
<ol style="list-style-type: none"> 1. Vivo e entusiasta; 2. Interessa-se pelos alunos e pelas actividades da aula; 3. Alegre e optimista; 4. Possui o domínio de si, não se perturba facilmente; 5. Gosta de se divertir, tem sentido de humor; 6. Reconhece e admite os seus erros; 7. É honesto, imparcial e objectivo no que respeita ao tratamento dos alunos; 8. É paciente; 9. Revela compreensão e simpatia no seu trabalho com os alunos; 10. Amistoso e cortês nas suas relações com os alunos; 11. Ajuda os alunos nos seus problemas pessoais e escolares; 12. Estimula o esforço e recompensa o trabalho bem feito; 13. Reconhece o esforço dos alunos; 14. Prevê as reacções de outrem em contextos sociais; 15. Encoraja os alunos a tentar darem o seu melhor; 16. Trabalho de turma bem organizado e metódico; 17. Método flexível no enquadramento do plano; 18. Vai ao encontro das necessidades dos alunos; 19. Estimula os alunos com a ajuda de materiais e de técnicas interessantes e originais; 20. Demonstra e explica claramente e de maneira prática; 21. Dá directivas clara e conscienciosamente; 22. Encoraja os alunos a resolverem problemas pessoais e a apreciar as suas realizações; 23. Assegura a disciplina calma, digna e positivamente; 24. Ajuda de bom grado; 25. Prevê e tenta resolver as dificuldades possíveis. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apático triste, parece aborrecer-se; 2. Parece não dar interesse aos alunos nem às actividades das aulas; 3. Deprimido, pessimista, ar infeliz; 4. Descontrola-se, perturba-se facilmente; 5. É demasiado sério e ocupado não partilhando do humor; 6. Não tem consciência dos seus erros e não consegue admiti-los; 7. É desonesto ou parcial no que se refere aos alunos; 8. É impaciente; 9. Seco com os alunos, usa o sarcasmo, pouco simpático; 10. Distante nas suas relações com os alunos; 11. Parece não ter consciência dos problemas e das necessidades dos alunos; 12. Não elogia os alunos, desaprova, mostra-se de um rigorismo exagerado; 13. Duvida dos motivos dos alunos; 14. Não prevê as reacções de outrem em contextos sociais; 15. Não faz esforço algum para encorajar os alunos a darem o seu melhor; 16. Trabalho sem planeamento, carecendo de organização; 17. Método rígido, revelando-se incapaz de se desviar do plano; 18. Não consegue tomar medidas relacionadas com diferenças e necessidades de cada um; 19. Usa materiais e técnicas de ensino sem interesse; 20. As demonstrações e as explicações são pouco claras e mediocrementemente conduzidas; 21. As directivas são incompletas e vagas; 22. Não consegue dar aos alunos a oportunidade de resolverem os seus problemas nem de apreciarem o seu trabalho; 23. Censura, ridiculariza, recorre a formas cruéis ou insensatas de castigos; 24. Dá informações contraditórias; 25. É incapaz de prever e de resolver as dificuldades possíveis.

Quadro 1 - Características comportamentais dos professores segundo Ryans

2.2.1. Habilidades sociais

Na perspectiva de Nieto (2009, p. 84)⁸ habilidades sociais definem-se como «a capacidade aprendida para perceber, entender e responder às exigências surgidas nas situações sociais, de um modo eficaz e benéfico, talvez num grau diferente, para ambos os interlocutores e/ou interactuantes»

E porquê referir as habilidades sociais neste trabalho?

Porque estão intrinsecamente ligadas com as habilidades comunicativas, ou seja, Nieto (2009) defende que as habilidades comunicativas são as principais habilidades sociais. Em que para manter relações cordiais e eficientes com outras pessoas, é necessário dominar as habilidades sociais e, dentro destas, as habilidades de comunicação verbal e não-verbal.

2.2.1. Habilidades comunicativas

Dominar as artes de comunicação verbal e gestual facilita as interações com os outros, porque interpretamos melhor as suas mensagens conscientes e inconscientes e poderemos fazer com que os outros não interpretem mal as nossas.

Segundo Nieto (2009), ao nível da comunicação verbal as habilidades comunicacionais, do ponto de vista do emissor, para além de: fornecer informações; definir objectivos; explicar (factos e operações); fazer perguntas; responder; dar exemplos e directivas; chamar o aluno atenção; entre outros, a comunicação verbal passa por outros diversos aspectos paralinguísticos da expressão oral em que o professor deverá ter em atenção, tais como:

Volume da voz – O volume deve ser adequado ao espaço, nem demasiado alto, pois pode ser interpretado como extroversão, domínio, poder de persuasão ou segurança de nós próprios, nem demasiado baixo, pois poderá indicar tristeza, desânimo, insegurança ou submissão.

Clareza de dicção – A dicção depende do domínio da pronúncia de fonemas e de estados emocionais. Pronúncias muito acentuadas pode ser negativo na comunicação.

⁸ In: Nieto, J. (2009), *Como evitar e superar o stress docente – Estratégias para controlar situações de conflito nas salas de aula*, Sintra: Keditora. Esta obra, no capítulo nove e dez, aborda a comunicação de uma forma interessante, como uma habilidade a desenvolver.

Timbre da voz – Existem uns mais agradáveis que outros, não é uma qualidade que se possa modificar em pouco tempo, pois diz respeito às propriedades das cordas vocais de cada um e de outros órgãos da fonação, no entanto, podemos educar a voz através da terapia da fala.

Latência – Consiste no tempo que decorre desde que um interlocutor acaba de falar até que outro comece. Se a latência for demasiado curta pode dar a impressão de agressividade, se for demasiado longa pode dar a impressão de passividade.

Fluidez – A facilidade que o falante tem em encontrar palavras mais adequadas e expressá-las de forma contínua, sem interrupções, mantendo uma entoação e um volume adequado pode ser fundamental para seja audível e inteligível.

Velocidade – Consiste no número de emissão de palavras por minuto. Se demasiado rápida, pode dificultar a compreensão da mensagem. Se demasiado baixa pode causar alguma dispersão por parte do ouvinte. Esta deve ser acima de tudo, ajustar-se à capacidade de descodificação do ouvinte.

Tempo de fala contínua – Refere-se ao número de pausas breves e longas que cortam blocos de fonemas emitidos.

Tom – Faz referência à frequência das ondas sonoras, desde os sons agudos aos graves. A variação do tom e o volume interpreta-se da seguinte forma: tom agudo e volume baixo – submissão e pena; tom agudo e volume alto – cólera ou actividade; tom agudo e volume variável – terror ou surpresa; tom grave e volume alto – domínio; tom grave e volume variável – agrado; tom grave e volume baixo – aborrecimento ou tristeza.

Em suma, nesta perspectiva, o professor deverá analisar a sua forma de expressão oral de maneira a que esta seja o mais assertiva possível perante cada situação.

Ao nível da comunicação não-verbal existem diversos aspectos que se devem ter em conta:

A cara como meio de expressão não-verbal – Através dos gestos faciais podemos voluntária ou involuntariamente transmitir determinadas mensagens. Esta também é uma forma de comunicar, silenciosamente podemos expressar a nossa alegria, tristeza, descontentamento, surpresa, concordância, satisfação, admiração, reprovação, fúria, entre outras.

O olhar – O olhar é um instrumento de comunicação natural. Com ele captamos a atenção do nosso interlocutor, expressamos emoções, damos indicações como por exemplo: se estamos atentos a determinadas pessoas ou situações. O olhar, segundo, Nieto (2009) também pode ser interpretado da seguinte maneira: olhar fixo – demonstra sentimentos activos, como amizade, hostilidade, receio ou domínio; olhar desviado – demonstra sentimentos passivos, como a timidez, submissão, superioridade ocasional ou nervosismo; o olhar mútuo – supõe um bom contacto entre os interlocutores, como em situações em que o receptor está a gostar de ouvir o emissor, tem interesse no tema ou aceitação pelo que está a ser-lhe transmitido. Esta última situação é o que seria ideal em contexto de sala de aula. Augusto Cury (2011) defende que: «Os bons professores falam com a voz, os professores fascinantes falam com os olhos.»

O sorriso – O sorriso abre canais de comunicação, mas também pode ser um reflexo defensivo, uma atitude pacificadora ou conciliante, pode denunciar uma emoção oculta, por exemplo as negativas (uma mentira). Um sorriso, na nossa cultura, é uma questão de cortesia, no entanto existem vários tipos de sorrisos: autênticos, falsos, tristes, esbatidos, turvos, de reverência, conquistadores, de coordenação, entre outros.

Os gestos – Estes podem surgir da cabeça, cara, mãos, braços, pernas e pés. Quando comunicamos, voluntária ou involuntariamente, fazemos múltiplos gestos, uns expressão claramente uma mensagem, por exemplo: quando dizemos não com o dedo, acenamos para cumprimentar, já outros podem ter interpretações por parte do interlocutor, sem que tenhamos intenção. Estes podem revelar estados de espírito e de personalidade, como: acariciar o queixo – indica pensar, avaliar, tomar uma decisão; apoiar a cabeça na palma da mão – indica aborrecimento; braços caídos - indica acessibilidade; braços cruzados – indica frieza, passividade, defesa pessoal; braços na cintura – indica determinação; pigarrear – indica advertência; roer as unhas – ansiedade; esfregar lentamente as palmas húmidas contra tecido, assim como estar com um objecto na mão (caneta) enquanto se fala – nervosismo e insegurança; juntar os dedos de uma mão aos dedos da outra – confiança; morder ou humedecer os lábios – tensão; mão no bolso com o polegar de fora – confiança e autoridade; mão atrás das costas – autoridade; beliscar ou coçar a cara – culpa; coçar o pescoço – incerteza; coçar a cabeça ou a nuca – frustração; contorcer as mãos – ansiedade; tamborilar na mesa, bater com os pés – impaciência; tocar ou esfregar ligeiramente o nariz enquanto ouve – resposta negativa. No entanto existem muitos outros gestos para além destes que o autor nos apresenta.

A postura corporal – Em situação de sala de aula, fazer exposições de pé, ombros direitos, descontração muscular, cabeça erguida com inclinações ocasionais, sorriso genuíno, voz clara, firme e agradável ou seja adoptando atitude assertiva (Vieira, 2005). Este ponto refere-se também à aproximação entre interlocutores, pois quando é reduzida pode ser entendida com invasão de privacidade, assim como ao contacto corporal, por muito simples que possa ser também pode ser mal entendido.

O movimento corporal – Ao comunicar para uma audiência, neste caso um grupo de alunos numa sala, o emissor ao fazer a sua exposição deve movimentar-se pela sala, andando à medida que vai falando, utilizando movimentos largos com os braços, evitar colocar as mão nos bolsos, cruzar os braços ou colocá-los atrás das costas.

Na perspectiva de Vieira (2005), partindo do modo como escuta e fala, nas palavras e nos gestos, o professor é um modelo de comunicação para os alunos. Desde a primeira aula, deve usar o estilo de comunicação afirmativo, não o estilo passivo, nem o estilo agressivo. Compete-lhe, assim, criar um clima de tolerância e respeito, de liberdade e responsabilidade, em que cada aluno possa expor as suas dúvidas ou opiniões sem receio de ser criticado. A autora termina dizendo: «Num clima positivo, dá gosto ensinar e aprender.»

2.3. O comportamento do aluno ao nível da comunicação

Quando falamos no comportamento do aluno ao nível da comunicação na sala de aula, segundo Estanqueiro (2010)⁹ existem três tipos de alunos que nos podem dificultar o decorrer de uma aula: os tímidos, os faladores e os agressivos. Perante uma situação destas, o que pode fazer um professor?

Estimular os tímidos - Os alunos tímidos não gostam de revelar em público as suas opiniões, nem as suas dúvidas, com receio da avaliação do professor ou das críticas dos colegas, só falam quando são solicitados. Têm falta de iniciativa. Duvidam das suas capacidades. Comunicam sobretudo através da linguagem não-verbal (postura, gestos e olhar). O silêncio é a sua defesa. Por vezes, refugiam-se nas últimas filas da sala e

⁹ Estanqueiro, A. (2010), *Boas Práticas na Educação – O Papel dos Professores*,; Lisboa: Editorial Presença. Mais uma obra estruturante deste trabalho, mais especificamente, no que diz respeito ao capítulo dois – Comunicação na sala de aula. Esta obra, na minha perspectiva, consiste num contributo valiosíssimo para a formação de um professor.

conseguem ficar esquecidos. É preciso respeitar o silêncio dos alunos, mas se o professor pretende estimular a participação de um tímido, deve fazer-lhe perguntas simples e directas, apelar aos seus conhecimentos, não interromper, nem permitir que colegas interrompam a sua intervenção e valorizar o que ele diz. Assim, fortalecerá a auto-estima e a autoconfiança do aluno.

Disciplinar os faladores - Os alunos faladores tendem a monopolizar o debate, fazem intervenções frequentes e longas, com pouco espírito crítico. Não hesitam em interromper os outros, quando pretendem dizer alguma coisa, desviam-se do assunto com facilidade. Gostam de falar de si e das suas experiências. Apreciam a «conversa fiada» e esgotam a paciência dos outros. Para disciplinar um aluno falador, o professor deve centrá-lo no tema em discussão, evitar dirigir-lhe perguntas abertas, lembrar-lhe o direito dos outros à participação e cortar-lhe a palavra, de forma hábil, sempre que ultrapasse os limites e perturbe o ritmo da aula. Uma outra estratégia possível para dominar um falador é atribuir-lhe a função de moderador do debate, desde que o aluno revele competências para o exercício dessa responsabilidade. O objectivo é que o aluno aprenda a controlar-se e dê espaço aos outros.

Controlar os agressivos - Os alunos agressivos têm dificuldade em escutar. Manifestam pouco respeito pelas ideias dos outros, falam com arrogância, interrompem os outros para manifestar as suas discordâncias, gostam de impor os seus pontos de vista, provocam conflitos e muitas vezes, atacam o professor e os colegas. Para controlar um agressivo, o professor deve manter o autodomínio, relativizar as críticas, pedir-lhe com serenidade que fundamente as suas afirmações e aproveitar os aspectos positivos da sua intervenção. Em algumas turmas, é vantajoso usar a dinâmica de grupo para «isolar» os agressivos. Um aluno imaturo pode descontrolar-se e ser agressivo, mas um professor educa pelo exemplo. Não deve responder a provocações. Quando o professor perde o autodomínio, enfraquece a sua autoridade. No final da aula, uma conversa privada com o aluno pode ajudá-lo a corrigir a sua conduta.

Um simples quadro apresentado pelo autor permite destacar algumas estratégias a utilizar pelo professor, de acordo com os diferentes tipos de aluno.

TIPO DE ALUNO	ESTRATÉGIAS DO PROFESSOR
TÍMIDO	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer-lhe perguntas simples e directas. - Apelar aos seus conhecimentos. - Não interromper a sua intervenção. - Valorizar o que ele diz.
FALADOR	<ul style="list-style-type: none"> - Centrá-lo no tema em discussão. - Evitar dirigir-lhe perguntas abertas. - Lembrar-lhe o direito dos outros à participação. - Cortar-lhe a palavra, se necessário.
AGRESSIVO	<ul style="list-style-type: none"> - Manter a autonomia. - Relativizar as críticas. - Pedir que fundamente as suas afirmações. - Aproveitar os aspectos positivos da sua intervenção.

Quadro 2 – Estratégias do professor face ao tipo comportamental do aluno
(Estanqueiro, 2010, p. 58)

2.4. Comunicação unidireccional e comunicação bidireccional

A comunicação unidireccional e comunicação bidireccional está directamente relacionado com o ponto 1.5 comunicação unilateral e bilateral, deste capítulo onde são referidas as respectivas definições, neste caso, é aplicado à comunicação na sala de aula.

Segundo Nieto (2009), a comunicação unidireccional, acontece quando o professor é o único que fala e a turma limita-se passivamente a ouvir. Em contexto de sala de aula a utilização deste tipo de comunicação torna-se mais rápida, pois não existe interrupções, emissor está mais tranquilo, é menos ruidosa e o conteúdo é mais orientado. Já Sjolund s.d.¹⁰ cit. Antão (1999) acrescenta que neste caso como não existe *feedback*, os alunos não fazem observações, consegue-se ministrar o programa de modo contínuo e fluente, sem tempos dirigidos a situações não planeadas, há um bom aspecto exterior onde tudo parece organizado, facilmente se mantém a autoridade, exclui-se a crítica e protege-se a autoconfiança do professor, pode planear-se com rigor. No entanto é menos precisa para o ouvinte, fomenta o desinteresse, a apatia, a aversão pelas matérias, o insucesso e a frustração do professor enquanto didacta e pedagogo.

¹⁰ In: *Psicologia de Grupo*, Ame Sjolund (adaptado) cit. ANTÃO, J. (1999); *A comunicação na Sala de Aula*; Porto: Edições ASA

A comunicação bidireccional acontece quando existe interacção entre professor/aluno. Nieto (2009) diz-nos que a comunicação bidireccional é mais precisa, mas mais lenta, que os receptores sentem-se mais seguros de si mesmos e mais esclarecidos, com um papel muito mais activo. Já o emissor pode ser “atacado” com perguntas e intervenções inesperadas, é necessariamente mais ruidosa e desordenada e existe a possibilidade da retroinformação ser mais faz como que os receptores mais lentos atrasem os outros. Sjolund s.d. cit. Antão (1999) acrescenta que neste tipo de comunicação o emissor está sujeito a que lhe façam observações contra as suas capacidades, ver descobertos alguns dos seus pontos fracos assim como erros. Concluindo neste caso o emissor preocupa-se em que o receptor perceba a mensagem, independentemente do tempo que possa levar e de ter de voltar a repetir a sua explicação, geralmente obtém-se um maior número de resultados positivos, os alunos manifestam um maior interesse pelas matérias e os objectivos serão mais facilmente alcançados.

Em suma, Antão (1999) defende que a reciprocidade, a bilateralidade da comunicação na aula não é apenas aconselhável mas, sobretudo, indispensável. Esta ideia vai ao encontro de Flanders cit. Antão (1999) que afirma que em dois terços do tempo de uma aula quem fala é o professor e por vezes ainda é maior, o restante cabe à participação de todos os alunos presentes. Logo, é provável que os alunos se dispersem, pela falta de interacção, e deixem de ouvir.

Todavia ambos os tipos de comunicação apresentam vantagens e desvantagens, logo a utilização de apenas um, é de rejeitar. O sistema de comunicação na sala de aula deverá consistir numa conjugação da comunicação unidireccional com a comunicação bidireccional. Cabe assim ao professor ter a sabedoria de o gerir da forma mais eficiente e eficaz possível.

2.5. Os circuitos de comunicação

Antão (1999) fala-nos do circuito de comunicação horizontal e o circuito de comunicação vertical que não mais do que o transporte e a adaptação dos conceitos da comunicação lateral, ascendente e descendente definidas no ponto 1.6. deste capítulo para o ensino.

O circuito de comunicação horizontal (comunicação lateral) constitui a comunicação dos alunos entre si. É um tipo de comunicação pouco usado e/ou estimulado

na sala de aula. No entanto, mesmo quando não é autorizada, esta comunicação acaba por funcionar de forma mais ou menos discreta e subtil. São por exemplo todas as conversas colaterais entre alunos, a passagem de bilhetes entre eles, sinais e gestos.

O ideal é utilizar a comunicação horizontal colocando os alunos a trabalhar em grupo ou em pares. Mesmo assim os trabalhos serão dirigidos pelo professor. Desta forma, o professor passa a ser um organizador e animador de grupo, estimulando e desenvolvendo as comunicações dos alunos dentro do grupo de trabalho.

O circuito vertical (ascendente e descendente) é a comunicação individual professor/aluno. O professor dirige-se a um aluno de cada vez e os alunos não comunicam entre si, não existindo assim uma relação de reciprocidade professor/aluno. Neste plano vertical, o professor está numa zona superior à do aluno, é o professor que toma a iniciativa da comunicação onde até as possíveis intervenções ou sugestões dos alunos são fixadas, previstas e controladas pelo professor.

Na maior parte das vezes estes dois circuitos de comunicação coexistem. O autor defende que uma para orientação pedagogicamente mais proveitosa é necessário dar primazia a um sistema de comunicação horizontal e ver até que ponto a comunicação vertical nele pode ser inserida.

Segundo Antão (1999) a aprendizagem escolar deve desenvolver certas competências nos alunos e fazer com que eles adquiram novos conhecimentos. Deste modo, não se pode prescindir do plano vertical, pois esses conhecimentos encontram-se nos diversos materiais (livros, documentos, diapositivos, apontamentos,...) e na mente do professor.

A articulação do circuito horizontal com o circuito vertical não constitui uma tarefa fácil, pois depende da capacidade do professor se desvincular de motivações, móveis e tendências individuais, em suma, de se afastar o mais possível do egoísmo próprio do género humano. A aprendizagem escolar deve desenvolver certas competências nos alunos e fazer com que eles adquiram conhecimentos.

Assim sendo, segundo o autor, o professor é chamado a desempenhar um triplo papel: Informar - fornecendo novos conceitos; Animar - organizando e coordenando as comunicações entre os alunos; Desenvolver - competências interpessoais.

2.6. Clareza de linguagem

Segundo Estanqueiro (2010) ensinar é comunicar. A primeira condição para comunicar de forma eficaz é a competência científica, ou seja conhecer aquilo que se ensina. Ninguém fala com clareza daquilo que não sabe.

Na perspectiva de Antão (1999) a comunicação é uma competência que o professor deve desenvolver, para que consiga passar o seu saber ao aluno. Uma das questões fundamentais consiste na compatibilidade entre os códigos linguísticos do professor/aluno. Será necessário que o professor determine o nível de desenvolvimento dos seus alunos, para que possa delinear estratégias conducentes à melhor e mais fácil aprendizagem, ajudando-os a aprender consoante as suas capacidades, e a utilização de um código linguístico adequado poderá ser determinante para o processo de ensino/aprendizagem. Já Piaget cit. Antão (1999) defendia que a aprendizagem mais eficiente ocorre quando o instrutor combina a complexidade da matéria com o desenvolvimento cognitivo dos seus educandos.

A linguagem de um professor competente é rigorosa, tecnicamente adequada à matéria, clara e acessível aos alunos. Sem clareza, a mensagem não passa e o processo de comunicação fica por concluir. Neste processo, é impossível eliminar todas as interferências. A experiência quotidiana mostra que há muitos equívocos. Quantas vezes, o professor diz uma coisa e os alunos entendem outra?

Compete ao professor usar as melhores técnicas de comunicação verbal e não-verbal, compete-lhe também confirmar se a mensagem da aula chega, sem distorções, aos seus destinatários. Por vezes, basta percorrer a turma com o olhar e observar as expressões corporais dos alunos, para perceber se eles estão a acompanhar a matéria. Um bom professor não dá por compreendido um assunto, só pelo facto de ninguém colocar dúvidas.

É quase inútil perguntar aos alunos se compreenderam. Por timidez ou comodismo, muitos dizem que «sim», outros calam-se, mesmo quando não compreendem. Assim, o mais seguro é pedir-lhes que reformulem, por suas próprias palavras, a mensagem captada. Se os alunos atentos não compreendem, o professor faz bem em voltar a explicar o assunto, por outras palavras.

Depois de verificar, através de perguntas concretas, o nível de compreensão dos alunos, o professor pode acelerar, travar ou mudar de direcção na condução da aula. O

ritmo da exposição não deve ser tão lento que pareça um ditado, nem tão rápido que deixe para trás os mais fracos. Um professor só vai longe se caminhar com os alunos.

Ao longo das suas exposições, o professor deverá usar parênteses explicativos. Os alunos, na sua maioria, no início não dominam vocabulário mais evoluído ou técnico, grande parte não expõe as suas dúvidas, daí que parte do professor utilizar, naturalmente, explicações adicionais com um vocabulário mais acessível.

O autor defende, também, a necessidade de adequar a mensagem ao nível linguístico e intelectual do aluno. Já a celebre frase de David Ausubel (1978) cit. Roldão (2009, p. 66) dizia: «Comece onde o aluno está...»

2.7. Estratégias que facilitam a veiculação clara de conteúdos

Segundo Antão (1999) para que a mensagem se torne clara, simples, acessível a todos os alunos, e para além dos cuidados a ter com o código linguístico, devem ter-se em conta estratégias que facilitem a compreensão das informações transmitidas:

Curiosidade dos alunos – Devemos impulsionar e estimular a curiosidade da criança e do jovem para as matérias que vamos leccionar. Uma boa introdução do tema pode captar o interesse do aluno, pois um ouvinte interessado é meio caminho para que a mensagem chegue devidamente.

Utilização de histórias, exemplos e factos concretos - Por vezes, os alunos já conhecem, e quando são factos verídicos desperta-lhes mais interesse, muitas vezes identificam-se com os exemplos dados.

Uso de comparações – Utilizando a comparação com factos semelhantes do dia-a-dia ou com algo que já conhecem, pois vai mais longe do que uma explicação abstracta.

O essencial e o acessório - No desenvolvimento de um assunto, o que verdadeiramente está em causa é a essência das matérias, o restante é acessório. É necessário que o professor de ênfase ao que é estruturante.

Transferências e generalizações - Consiste na aplicação, na vida prática, dos conhecimentos adquiridos. Esta estratégia permite que os alunos transportem para a realidade determinados conteúdos leccionados.

Já Vieira & Vieira (2005, p.18-19) nos falam das estratégias com base no princípio da realidade, em que as divide em: **situações de vida real; simulações de realidade e**

abstracções de realidade, com o objectivo de despertar o interesse dos alunos para os conteúdos, assim como clarifica-los. Segundo Lopes e Silva (2010) o professor deverá relacionar os conteúdos, sempre que possível, com aquilo que os alunos já sabem, pois aprendem melhor quando conseguem ligar os novos conteúdos às aprendizagens anteriores e à realidade concreta em que se inserem. Existem vantagens em partir das vivências dos alunos, embora não se deva reduzir o ensino aos seus interesses imediatos. Histórias de vida, sobretudo histórias ligadas à matéria, exemplos concretos são importantes se ajudarem a despertar a curiosidade dos alunos e a focar a sua atenção no essencial. Uma boa prática de exposição oral é insistir, de diferentes modos, nas ideias principais, distinguindo factos de opiniões.

Lopes & Silva (2010)¹¹ para além de nos falar a veiculação clara de conteúdos, fala-nos também da importância da clareza do discurso do professor ao nível da sua organização, dos seus objectivos e da sua avaliação, ou seja, no sentido de verificar a compreensão dos alunos perante o que foi leccionado e os objectivos que foram definidos.

2.8. A participação dos alunos

Segundo Paulo Freire (cit. Estanqueiro, 2010), o aluno não deve ser encarado como um «banco» que recebe e guarda passivamente informação «depósitos» oferecida pelo professor. O autor defende que o aluno aprende melhor aquilo que pesquisa e discute com outros. Já o filósofo Sócrates (século V a.C.) defendia a força do diálogo como método para ajudar os alunos a pensar e a progredir no conhecimento. (cit. Estanqueiro, 2010)

Na perspectiva de Estanqueiro, a aula não é um espectáculo, onde o professor tem o papel de actor e os alunos se limitam a ser uma plateia de espectadores passivos. Os alunos têm de participar activamente nas actividades da aula. Isso ajuda a formar cidadãos participativos e críticos, com capacidade para comentar, discutir e questionar situações da actualidade. Abrir a aula à participação dos alunos não resolve todos os problemas do ensino. Mas reforça a motivação e promove a aprendizagem.

Vejamos, nos pontos seguintes, algumas vantagens da participação oral dos alunos e os obstáculos que impedem certos professores de recorrer a um estilo mais participativo.

¹¹ A obra de José Lopes e Helena Santos Silva (O Professor faz a diferença) para além de ser extremamente interessante do ponto de vista da prática pedagógica, esta oferece-nos verdadeiros instrumentos de teste das práticas implementadas pelo professor.

2.8.1. Vantagens da participação oral

«...dois terços da aula quem fala é o professor e por vezes é maior, logo, é provável que os alunos se dispersem e deixem de ouvir.»

Flanders, s.d. cit. Antão (1999)

A motivação

Segundo Estanqueiro (2010) a participação dos alunos nas aulas aumenta o seu interesse. O diálogo entre o professor e os alunos é uma estratégia motivadora que dá mais significado aos conteúdos e transforma o aluno num elemento activo em aula. Em contrapartida, o monólogo é cansativo e desmotivador. Quando os professores optam pelo monólogo, os alunos desinteressam-se e distraem-se, mesmo que finjam atenção. Fazem de conta que ouvem e deixam o professor a falar sozinho. Muitas vezes o docente debita informações sem entusiasmo, enquanto os destinatários, «presos» nas cadeiras, falam uns com os outros, espreitam pelas janelas ou prestam atenção a outras coisas, que nada têm a ver com o que está a ser leccionado na aula. A inactividade gera indisciplina. É natural que os jovens sintam dificuldade em ouvir passivamente, quietos e calados, durante longas exposições, em aulas consecutivas, várias horas por dia. Eles têm necessidade de mexer-se e falar.

A aprendizagem

Passou o tempo em que ensinar se reduzia à transmissão de conhecimentos do professor para o aluno. Actualmente, muitas informações chegam ao aluno pelas mais diversas fontes, sobretudo a televisão e a *Internet*. O papel do professor é ajudar o aluno a seleccionar e organizar essas informações desconexas e a reflectir criticamente sobre a realidade, promovendo a sua autonomia no processo de aprendizagem.

As aulas interactivas são mais estimulantes para a inteligência. O aluno aprende conteúdos e desenvolve competências na interacção com o professor e com os colegas. Através da partilha de saberes e experiências, o aluno alarga as suas perspectivas e constrói activamente o seu conhecimento. Nesta interacção, o professor também aprende.

O diálogo na aula é, além de mais, uma oportunidade para o aluno desenvolver duas competências de comunicação oral, necessárias para toda a vida: saber escutar e saber falar. Aprende-se a escutar, escutando. Aprende-se a falar, falando.

Por comodismo, alguns alunos preferem o método expositivo e o ditado de apontamentos, mas está provado que a passividade trava a aprendizagem.

No entanto, segundo Estanqueiro, alguns professores, embora reconheçam as vantagens da participação oral dos alunos, recorrem essencialmente ao método expositivo.

2.8.2. Razões que levam o professor a evitar a participação oral

As principais razões porque os professores optam maioritariamente pelo método expositivo em detrimento da participação oral, resumem-se a três: medo da indisciplina, valorização excessiva do programa e dificuldades na avaliação.

O medo da indisciplina

No que diz respeito ao medo da indisciplina, o autor defende que os professores inseguros não dão a palavra aos alunos, com receio de perderem o controlo da turma. Evitam perguntas abertas e debates. Agarram-se ao seu plano de aula e não arriscam sair do caminho traçado. Temem que as ondas da participação desorganizada comprometam a tranquilidade do decorrer da aula, sendo mais fácil exigirem que eles estejam quietos e calados em vez de negociarem com os alunos algumas regras de participação. O silêncio dos alunos é indispensável à concentração nas tarefas da sala de aula. Mas não é mais produtivo do que uma boa comunicação.

A valorização excessiva do programa

Há professores que valorizam, acima de tudo, o cumprimento dos programas. Vêm a participação oral dos alunos como perda de tempo, pois um tema pode levar à discussão e debate de ideias por parte de vários alunos, ocupando o seu tempo. O professor pode sentir-se mais confortável a «despachar» os conteúdos, seguindo os manuais adoptados. Se fazem perguntas, aproveitam apenas o que lhes convém da resposta dos alunos para avançar. Não gostam de desvios. Mostram-se mais preocupados com o problema burocrático de «dar o programa» do que com o objectivo pedagógico de ajudar o aluno a aprender de, forma significativa. No entanto o autor só justifica essa atitude quando se trata de preparar os alunos para os exames. A participação dos alunos na aula exige mais tempo.

Estanqueiro defende que uma boa prática é gerir o programa, de modo flexível, privilegiando os conteúdos essenciais e estruturantes, porque considera que existem conteúdos irrelevantes, que merecem pouca atenção.

Conclui assim dizendo: «O ensino está ao serviço da aprendizagem. Ensinar é fazer com que alguém aprenda.»

As dificuldades na avaliação

O terceiro ponto de que nos fala Estanqueiro é das dificuldades de avaliação, defendendo que os professores sentem muitas dificuldades em avaliar, de forma objectiva, a participação dos alunos. Como observar e registar, durante a aula, as intervenções orais? E que peso dar-lhes na classificação final?

Independentemente do peso atribuído à expressão oral, quase todas as disciplinas poderão avaliar a participação dos alunos nas aulas, valorizando, por exemplo, a pertinência das perguntas, a qualidade das respostas, a clareza e o rigor das intervenções.

Os professores experientes e sensatos avaliam a participação oral, espontânea ou solicitada, sem a obsessão de quantificar tudo. Há aspectos essenciais da aprendizagem que não são mensuráveis. O mais importante é que o diálogo na aula contribua para aprofundar conhecimentos e desenvolver competências, a começar pelas competências de comunicação.

2.9. O questionamento

«Cerca de 60% das perguntas dos professores requerem que os alunos recordem factos; cerca de 20% correspondem a perguntas sobre procedimentos; e as restantes 20 % requerem que os alunos pensem.»

(Estudo de Swift, Gooding e Swift, 1996 cit. Roldão 2009, p.72)

Ao abordar a participação, considerou-se pertinente incluir um ponto sobre a importância do questionamento, no sentido do desenvolvimento das capacidades de pensamento dos alunos, Roldão (2009). Também porque nas aulas de estágio estes ensinamentos terem sido postos em prática com rigor.

Segundo Gall (1984) cit. Roldão (2009) a relação entre as questões dos professores e os processos de pensamento, tem sido documentada de forma a mostrar que os professores fazem essencialmente questões fechadas, que requerem respostas curtas, apelando pouco ao desenvolvimento das capacidades de pensamento dos alunos. Refere um estudo de Swift, Gooding e Swift (1996), sobre esta temática que, no final, até os

próprios professores ficaram surpreendidos por verificarem que eram poucas as questões que tinham o intuito de desenvolver capacidades de pensamento, cerca de 20%.

Também na escola, as perguntas do professor têm um grande potencial pedagógico, são um dos processos mais simples e eficazes para educar os alunos, envolvendo-os na aula. Uma boa pergunta, no momento oportuno, pode provocar uma boa resposta ou abrir caminho para um debate enriquecedor, tirando partido do que há de melhor dos conhecimento dos alunos, quer ao nível dos conteúdos leccionados como de experiências de vida e de conhecimentos de cultura geral, o que torna uma aula muito mais rica. Neste sentido, Estanqueiro (2010), oferece-nos um conjunto de orientações para que possamos utilizar estratégias de questionamento o mais assertivamente possível, que podem variar conforme a intenção do professor relativamente ao tipo de funções cognitivas que pretende estimular ou desenvolver. (Vieira & Vieira, 2005)

Aprofundar e explicitar este tema considera-se pertinente no sentido do professor reflectir e maximiza-lo em aula.

2.9.1. Os destinatários das perguntas

Em primeiro lugar devemos ter em conta os destinatários das perguntas. As perguntas do professor podem ser dirigidas à turma ou a um aluno em particular. As perguntas dirigidas à turma solicitam a participação voluntária dos alunos sem forçar a resposta daqueles que preferem manter-se calados. E só preciso evitar que respondam sempre os mesmos ou vários ao mesmo tempo. Quando as perguntas são dirigidas a um aluno concreto, um bom professor chama o destinatário pelo nome. As perguntas inesperadas despertam mais a atenção do aluno.

Qual o critério para escolher o destinatário da pergunta? Segundo Estanqueiro (2010), depende das características da turma, do momento da aula e dos objectivos do professor. Perguntas adequadas e oportunas permitem: detectar o que os alunos já sabem sobre um assunto; estimular a curiosidade e o interesse dos alunos; verificar o grau de compreensão da mensagem da aula; controlar a atenção dos distraídos ou dos tagarelas; avaliar o nível de conhecimentos adquiridos.

Estanqueiro diz-nos, também, que é uma tentação dirigir o olhar e as perguntas para os alunos melhores e mais participativos. No entanto os outros, os fracos, os mais tímidos ou os das últimas filas, também precisam do estímulo cognitivo e emocional das perguntas.

A falta de solicitação do professor explica o silêncio ou as conversas «clandestinas» de muitos alunos esquecidos na sala de aula.

2.9.2. A qualidade das perguntas

«A qualidade de pensamento na aula está, em grande parte, dependente do tipo e qualidade de perguntas que se fazem.»

Antão (1999, p. 25)

A qualidade da comunicação na sala de aula depende muito da qualidade das perguntas do professor aos alunos. As boas perguntas, capazes de facilitar o diálogo e desenvolver a criatividade na aula, são claras, abertas, positivas e desafiantes. Nesta perspectiva, o autor explica-nos de forma mais aprofundada:

Perguntas claras - O aluno, para responder correctamente, precisa de compreender as perguntas. Por isso, um professor competente evita perguntas vagas, ambíguas ou confusas, e disponibiliza-se para reformular as suas perguntas, sempre que o aluno o solicite. Uma forma de garantir a clareza é não misturar vários assuntos na mesma pergunta. Sem perguntas claras, não há respostas correctas.

Perguntas fechadas - As perguntas fechadas pedem respostas curtas e objectivas, exigem conhecimentos concretos ou factuais: «Quem...?»; «Quando...?»; «Onde...?». Apesar de úteis em certas circunstâncias, as perguntas fechadas não estimulam a capacidade de expressão oral.

Perguntas abertas - As perguntas abertas permitem liberdade de resposta, são mais apropriadas para promover o diálogo e desenvolver o raciocínio, como por exemplo: «Joana, o que pensas do assunto?»; «Renato, como descreves este fenómeno?»; «Duarte, comenta esta afirmação.»

Perguntas positivas - As perguntas servem para ajudar o aluno a tomar consciência do seu saber e da sua ignorância. O aluno tem de ser confrontado com o que não sabe. Mas é importante salientar e valorizar o que ele já sabe. As boas perguntas salientam os pontos fortes, não escavam os pontos fracos do aluno. Perguntas positivas desinibem os alunos e conseguem criar um clima favorável à comunicação na sala de aula, como por exemplo:

«Maria, como chegaste a essa conclusão?»; «Joel, o que aprendeste com a tua experiência?»

Perguntas desafiantes – Existem perguntas simples, de resposta fácil ou que exigem apenas a memorização mecânica, atrofiam as capacidades do aluno e promovem menos oportunidades de diálogo, no entanto as perguntas mais motivadoras são desafiantes para o raciocínio e a criatividade. Despertam a curiosidade do aluno na descoberta de novas perspectivas, convidam-no a reflectir criticamente, a pensar por si próprio, a relacionar os conhecimentos e a desenvolver o desejo do conhecimento, de saber cada vez mais. E dá-se como exemplo as seguintes questões: «Maria, já pensaste na hipótese de...?»; «Rui, o que aconteceria se...?»

2.9.3. A importância do tempo de espera

Em terceiro lugar, Estanqueiro fala-nos da importância do tempo de espera pelas respostas. Depois de dirigir uma pergunta a um aluno, o autor defende que é necessário saber esperar, para que ele pense a resposta. De acordo com algumas investigações, o tempo de espera pela resposta é, em geral, menos de cinco segundos. Se um aluno não responde, alguns professores impacientes passam rapidamente a outra pergunta ou pedem a resposta a outro aluno.

Os professores, deixados à sua intuição natural, bombardeiam as aulas com dezenas de perguntas, atordoando os alunos e prejudicando a qualidade das respostas. Isto acontece em todos os níveis de ensino.

Uma estratégia para melhorar a comunicação na aula é prolongar o tempo de espera pela resposta, sobretudo se as perguntas são dirigidas aos alunos considerados mais fracos ou mais tímidos. Pois alunos com estas características, geralmente necessitam de mais tempo para pensar, mais ajuda para responder e comentários positivos às suas respostas.

Por vezes, o professor pode adoptar uma outra estratégia para melhorar a participação oral, dirigindo uma pergunta a toda a turma e pede aos alunos que, em pares ou em pequenos grupos, pensem e escrevam uma resposta de consenso, durante uns minutos. Só depois solicita algumas respostas. Neste caso, poderá haver vantagens em escolher como porta-vozes os alunos tímidos que, espontaneamente, não tomam a iniciativa de participar na aula. O trabalho de cooperação produz bons frutos, na aprendizagem e nas relações humanas.

Se o professor der tempo a si mesmo, diminui a quantidade e aumenta a qualidade das suas perguntas. Se der tempo aos alunos, eles refugiam-se menos no silêncio e dão respostas mais pensadas e mais criativas. Um bom ritmo da aula é aquele que é vivo, mas não apressado. A educação exige tempo e paciência. A pressa é inimiga do pensamento.

2.9.4. A reacção às respostas

Em quarto, o autor defende a importância da reacção às respostas por parte do professor em relação ao aluno. Sempre que é confrontado com uma pergunta, o aluno sabe que está a ser avaliado e tende dar a resposta que julga que o professor quer ouvir. Contudo, há respostas inesperadas, que abrem caminho para novas questões. Compete, assim, ao professor aceitar e valorizar respostas diferentes, imprevistas, desde que devidamente fundamentadas. Desta forma desenvolve-se a criatividade e o espírito crítico do aluno.

Quando se trata de factos ou dados objectivos, a resposta de um aluno pode ser correcta, parcialmente correcta ou incorrecta. Neste caso, se a resposta é correcta, o aluno merece um reforço positivo; se a resposta é parcialmente correcta, o professor deve valorizar o que está certo e corrigir o que está errado, envolvendo outros alunos na construção da resposta; se a resposta é incorrecta, no conteúdo ou na forma, o melhor será reformular a pergunta, dando ao mesmo aluno oportunidade de repensar o que disse. Caso o aluno não saiba responder, o professor pode dirigir a pergunta a outros, antes de oferecer a resposta correcta.

Um bom professor insiste nas perguntas como estratégia para estimular a comunicação na sala de aula, respeitando o aluno, mesmo quando ele responde errado. O erro é um fenómeno normal, pois o aluno está na escola para aprender. Estes têm de ser corrigidos com alguma tolerância. São de evitar comentários desmoralizadores, como: «Eu já estava à espera da asneira.»; «Deste aluno só podia sair disparate.»; «Não é possível que ainda não saiba isto.»

Um professor demasiado crítico e severo em relação ao erro desencoraja a participação oral. Quando o aluno se sente humilhado em público por causa do erro, tende a desinteressar-se e prefere dizer que não sabe a resposta, para proteger a sua auto-estima.

As crianças chegam à escola muito curiosas. Perguntam tudo e querem saber o porquê de tudo. Estimuladas por pais e professores, manifestam grande apetite pelo

conhecimento e à medida que vão progredindo no nível de escolaridade, muitos alunos deixam de fazer perguntas, por timidez ou por desmotivação, limitam-se a responder apenas quando solicitados. É isto que devemos combater.

2.9.5. A valorização das perguntas

Estanqueiro (2009) aborda, também a questão da valorização das perguntas feitas pelos alunos e defende que um bom professor é aquele que encoraja as perguntas dos alunos, dando-lhes espaço e tempo para que exponham as suas dúvidas, em voz alta, perante toda a turma. A curiosidade de alguns contribui para a motivação e a aprendizagem de todos, por isso aconselha a elogiar as boas perguntas da forma: «Sílvia, essa é uma pergunta interessante.»; «Tiago, ainda bem que me perguntaste isso.»; «António, essa pergunta é muito pertinente.»

O silêncio permanente dos alunos pode ser um mau sinal, pois podem não estar a compreender nada do que se está a explicar, há uma inexistência de *feedback*. Por outro lado podem estar distraídos. Outras vezes, jogam pelo seguro: recusam-se a fazer perguntas, porque não sentem um clima favorável para colocar questões, temem ser gozados pelos colegas ou avaliados negativamente pelo professor. No entanto, existem perguntas inoportunas, que interrompem a aula e geram a impaciência dos professores. Mas, neste caso, a crítica negativa só inibe a espontaneidade.

O professor deve clarificar as regras de intervenção na aula, dizendo ao aluno quando e como fazer as perguntas. Um bom professor, segundo o autor, deve manifestar disponibilidade para escutar com atenção todas as questões que revelam interesse, por mais imperfeitas e incómodas que sejam, pois é perguntando que o aluno aprende a perguntar.

Estanqueiro, sugere que em certas ocasiões vale a pena solicitar aos alunos a elaboração de perguntas por escrito, em pares ou em pequenos grupos, pois treinar a formulação de perguntas criativas na turma é uma forma estimulante de aprender a pensar e muitas vezes, na educação, interessam mais as perguntas do que as respostas.

Em jeito de conclusão deste ponto, enalteço quatro frases do autor (Estanqueiro. 2010) que passo a citar:

«Os bons alunos dão boas respostas. Os melhores alunos fazem boas perguntas.»;
«A origem do conhecimento está nas perguntas. Perguntar e pensar são processos inseparáveis.»

2.9.6. Estratégias de resposta

Segundo Estanqueiro, o interesse dos alunos em fazer perguntas pode depender do modo como o professor reage, ou seja uma resposta demasiado breve ou crítica inibe novas perguntas, enquanto que uma resposta positiva, dada com boa vontade, sem dogmatismos, é um estímulo para a participação do aluno com perguntas interessadas, concretas e oportunas.

Por vezes, surgem na aula questões imprevisíveis e complexas para as quais o professor não tem resposta imediata. Nesses casos, o professor pode fugir à pergunta. Em geral, a melhor atitude é confessar sinceramente que não sabe e disponibilizar-se para procurar a resposta: «Vou pensar no assunto e tentar informar-me.» Assim, dá exemplo de humildade e interesse em vencer as dúvidas e a ignorância. E mostra que a aprendizagem é para toda a vida. No entanto por vezes podem surgir perguntas despropositadas, exibicionistas ou provocadoras, neste caso, é um direito e, por vezes, um dever, do professor recusar-se a responder a perguntas dessa natureza que normalmente têm a intenção de perturbar a aula. Mas segundo Estanqueiro, em geral, é preferível responder de forma subtil, pois uma reacção serena do professor surpreende positivamente a turma e favorece o clima da aula.

No que diz respeito a estratégias de resposta para uma pergunta normal, estanqueiro dá-nos cinco: devolver a pergunta a quem a fez, no caso do aluno poder dizer algo sobre o assunto « Rita, qual seria a tua resposta a essa pergunta?»; dirigir a pergunta a outro aluno «Ana, que resposta darias ao teu colega?»; lançar a pergunta à turma «Alguém quer responder à pergunta do Rui?»; dar a resposta; ou adiar a resposta, por exemplo para a aula seguinte, pedindo aos alunos que procurem a informação em casa. Estanqueiro (2009, p.53) conclui afirmando: «O papel do professor é orientar, ensinar a pensar, não substituir o esforço do aluno.»

2.10. A comunicação e a motivação

«A arte mais importante do professor consiste em despertar a motivação para a criatividade e para o conhecimento.»

Albert Einstein s.d. cit. Estanqueiro (2010)

É inevitável falar em motivação, quando se fala em comunicação. Segundo Antão (1999) muitas das frustrações dos professores se devem a nem sempre conseguirem a atenção por parte dos alunos, isto pode dever-se a factores psicossomáticos, meio social e familiar dos alunos, e responsabilidade do professor. É neste último ponto, na perspectiva da comunicação que vou basear a minha abordagem.

A desmotivação dos alunos, fonte de indisciplina e insucesso é um dos maiores desafios para os professores. Existe muito mais probabilidade de chegar a informação a um aluno motivado do que o contrário, logo é importante desenvolver estratégias que permitam ao aluno querer ouvir.

2.10.1. A participação dos alunos e a motivação

Como já foi desenvolvido no ponto 2.8.1 uma das principais vantagens da participação é a motivação. Segundo Estanqueiro (2010), a participação dos alunos nas aulas aumenta o seu interesse.

2.10.2. Elogios sinceros

O elogio é a forma mais eficiente do professor dar *feedback* ao aluno. Segundo Arends (1995)¹² a motivação pode ser intrínseca ou extrínseca. Enquanto a primeira refere-se à motivação gerada por necessidade e motivos da própria pessoa, a motivação extrínseca refere-se à motivação gerada por processos de reforço e punição vindo do exterior, quer de outras pessoas ou de acontecimentos.

Numa situação em que partimos de alunos desmotivados temos de recorrer a estratégias e processos de reforço e os elogios sinceros são mais do que isso mesmo.

O elogio é um estímulo positivo, considerado por Estanqueiro (2010) como um dos instrumentos pedagógicos mais úteis em determinadas situações. Defende, também, que bons líderes e bons professores não poupam elogios, sabem que só eles podem acelerar a aquisição de uma conduta desejável.

Segundo Lopes & Silva (2010), um bom elogio, dado de forma concreta, oportuna e sincera, ajuda a aprender mais e melhor. O aluno deseja sentir-se competente e este é o

¹² Richard Arends oferece-nos uma obra extraordinária (*Aprender a ensinar*) que fornece uma visão global e equilibrada dos vários métodos e modelos de ensino. Excelente auxiliar para um bom desempenho docente.

melhor *feedback* que pode receber, é a forma de perceber que reconhecem seu trabalho e o seu esforço, promovendo a sua auto-confiança e autonomia. Deve-se elogiar o esforço, a acção da pessoa, e não a inteligência e sempre de forma apreciativa e não avaliativa.

Estes podem ser dados em público ou em privado, de forma individual ou perante um grupo, até mesmo a turma toda. O importante é que este sejam dados de forma imparcial, justa e no *timing* certo.

Segundo Estanqueiro (2009), há muitos professores que criticam muito e elogiam pouco, com medo de perderem a sua autoridade. Com elogios sinceros, o professor cativa a simpatia do aluno e da turma, tornando mais cordial a atmosfera da aula e mais forte a sua influência pedagógica.

O elogio normalmente é dado de forma verbal, mas também pode ser não-verbal. Por vezes um sorriso, um gesto, uma expressão de agrado pode ser o suficiente para promover o prazer de aprender.

2.10.3. Expectativas positivas

«O educador optimista é aquele que atenta na construção da imagem positiva dos seus educandos e se assegura que eles acreditam nas suas potencialidades, valorizando-os permanentemente, aceitando-os nas suas imperfeições.»

Marujo, Neto e Perloiro (2004, p. 142)¹³

Segundo um estudo concluído na segunda metade do século XX, pelos investigadores R. Rosenthal e L. Jacobson, comprovou que a relação de confiança, a expectativa positiva dos professores prolongada por um ano lectivo, reforçou a motivação e fez subir o rendimento escolar.

Estanqueiro (2010) defende que as expectativas dos professores não se fundamentam apenas em testes de inteligência, testes diagnósticos ou relatórios psicológicos sobre os alunos, mas também, nascem das primeiras impressões dos professores pelos alunos, ou seja, aparência física, vestuário, linguagem, lugar onde se sentam, origem familiar e social ou das informações transmitidas por outros professores.

¹³ In: Marujo, H. A.; Neto, L. M. e Perloiro, M. F. (2004), *Educar para o Optimismo*, Lisboa: Editorial Presença – 13ª regra do perfil do educador optimista

Se bem que é útil o professor conhecer algumas características dos alunos com quem vai trabalhar, por outro pode influenciar negativamente a formação da sua opinião, rotulando negativa ou positivamente o aluno.

Segundo o autor, de início, o professor age, por vezes inconscientemente com base nas suas expectativas e o aluno tende a confirmar através dos seus comportamentos.

O processo que conduz à confirmação das expectativas do professor resume-se em três etapas: 1 – O professor espera do aluno determinado comportamento; 2 – O professor age com base nas suas expectativas; 3 – O aluno comporta-se de acordo com as expectativas do professor, confirmando essas expectativas.

E como podemos nós relacionar as expectativas com a comunicação?

Tem que ver com a interacção que o professor estabelece com o aluno ao longo das aulas. Estanqueiro defende que os comportamentos diferem, consoante as expectativas. Com uma expectativa positiva, o professor tem tendência a interagir mais com o aluno, solicitar mais a sua participação, espera mais pelas suas respostas porque sabe que vai responder algo, oferece-lhe mais incentivos e tende a ser mais benevolente. Com uma perspectiva negativa, acontece o contrário.

Marujo et al. (2004) defende que devemos cultivar expectativas positivas nos alunos através de conversas, comentários, reforços como: «Ana, vais conseguir fazer bom trabalho.»; «Duarte, tens imensas capacidades...»; «Rui, dominas esta matéria, com estudo vais fazer um bom teste.»; «Joana, responde lá a esta pergunta que eu sei que tu sabes.» Cultivar expectativas positivas nos alunos é uma forma de optimismo pedagógico, não resolve tudo, não transforma alunos fracos em bons, mas gera um clima favorável à motivação e contribui decisivamente para a eficácia educativa.

Segundo Estanqueiro, um professor optimista usa a pedagogia da esperança, dentro e fora da sala de aula. Espera o melhor de si e dos alunos. Acredita na sua competência para ensinar e na capacidade dos alunos para aprender. Com optimismo, salvam-se alunos considerados «casos perdidos». Estanqueiro (2010, p. 30) termina de uma forma interessantíssima, digna de reflexão, dizendo:

«Quem espera o melhor, consegue o melhor.»; «A confiança transmite-se, por palavras e por gestos. A falta de confiança, também! Quem confia nos alunos, corre o risco de se enganar. Sem confiança, é impossível educar.»

2.10.4. O entusiasmo no ensino

«O educador optimista é o que transmite e vivencia, com o corpo e as palavras, alegria, felicidade e entusiasmo.»

Marujo et al. (2004)

Durante uma exposição oral, o desafio é falar com entusiasmo, mantendo o contacto visual com os alunos. Segundo Estanqueiro (2010) a motivação dos professores condiciona a motivação dos alunos. Se um professor gosta de ensinar, poderá despertar mais facilmente o gosto pela escola e por aprender. No entanto, a classe passa por um período que não é muito favorável e encontra-se muitos professores desanimados, tristes, até revoltados, com vontade de abandonar a profissão, mas isso não deve de passar para as aulas, para os alunos.

Um professor competente e com brio profissional deve encarar os problemas como desafios e ensinar com alegria, entusiasmo, dinamismo, energia positiva e amor, dando o seu melhor ao ensino. Até nesta situação a comunicação não-verbal está presente com: o brilhos nos olhos; postura descontraída; sorriso no rosto; tom de voz firme; ritmo de fala animado; gestos vivos; contacto visual para todos e bom humor. Só desta forma se pode influenciar positivamente os alunos, contagiando-os com o mesmo estado de espírito. Tornando o tempo de aula num momento agradável do dia para ambas as partes.

2.11. O ambiente de aprendizagem

Vieira (2005) defende que as salas de aula são, por excelências, o espaço onde professores e alunos passam grande parte do seu tempo e é neste contexto que interagem entre si, logo um ambiente facilitador da aprendizagem pressupõe uma atmosfera e um meio favorecedor, no qual a qualidade das relações interpessoais é considerada o principal factor.

Como referem Sprinthall & Sprinthall (1993, p. 324) cit. Veira (2005, p. 39) que «...a qualidade da relação interpessoal entre o professor e os alunos tem, de facto, um impacto em muitas facetas da interacção na sala de aula e em relação ao grau de aprendizagem real do aluno».

Neste contexto, é frequente nos primeiros dias de aula os alunos «medirem» o professor, ou seja, para eles é importante saber até onde podem ir. Mas à medida que o tempo vai passando, professor e alunos vão-se conhecendo e a dinâmica das interações vai-se consolidando, onde nem sempre a primeira impressão se confirma.

Por outro lado, e melhor do que ninguém, o professor sabe que todas as turmas são diferentes, têm dinâmicas próprias, cada uma delas constrói a sua própria estrutura, organização, normas e limites.

A autora defende que o «clima» da sala de aula resulta da interação destas variáveis e é o «clima» criado em cada uma das turmas que ajuda a determinar o grau de cooperação e o envolvimento dos alunos na aprendizagem. Uma das variáveis que parecem contribuir para o sucesso educativo está relacionada com o ambiente afectivo existente na sala de aula. De facto, a gestão da sala de aula, ou seja, modo como o grupo/turma é gerido pelo professor, tanto ao nível da aprendizagem como dos comportamentos e afectos, é uma das preocupações dos docentes hoje em dia.

Sabendo que o modo como actuamos em relação ao outro influencia o modo como este se relaciona connosco, segundo Vieira (2005), cabe ao professor intervir no sentido de tentar minorar algumas situações de indisciplina, procurando modelar o comportamento dos seus alunos, utilizando formas de comunicação verbal e não verbal coerentes que transmitam, ao mesmo tempo, alguma confiança.

Segundo Arends (1995) um ambiente de aprendizagem produtivo é caracterizado por um clima geral onde os alunos têm sentimentos positivos sobre si e sobre os colegas, onde as necessidades individuais são satisfeitas de forma a que persistam nas tarefas e trabalhem cooperativamente com o professor e os restantes alunos, num contexto em que os alunos adquiriram competências de grupo e interpessoais necessárias à realização das exigências escolares.

Richard & Patricia Schmuck (1988), cit. Arends (1995) falam nos climas de sala de aula positivos em que defendem que estes são criados pelo professor, quando ensina aos seus alunos competências interpessoais e de processos grupais, e quando ajuda a turma a desenvolver-se enquanto grupo. A partir desta ideia, os autores identificaram seis processos de grupo, que quando trabalhados, uns em relação aos outros produzem um clima de sala de aula positivo. Passo a elencar, Arends (1995, p.112):

1. *Expectativas* – Nas salas de aulas, as pessoas têm expectativas em relação aos outros e a si próprias, logo há que analisar o modo como as expectativas se estabelecem ao longo do tempo e como influenciam o clima da sala de aula e a aprendizagem. Também Estanqueiro (2010) defende a importância das expectativas positivas, ponto desenvolvido anteriormente.
2. *Liderança* – Refere-se à forma como o poder e a influência são exercidos nas turmas e o seu impacto na interação e coesão do grupo. Os autores vêem a liderança como um processo interpessoal e encorajam que seja partilhada nos grupos de sala de aula. Em relação a este ponto, segundo Arends, existem três tipos de liderança: liderança autoritária, onde o líder é o único que manda; liderança democrática, onde o líder lança um assunto para discussão e tomada uma decisão em grupo; liderança *laissez faire*, onde o líder é passivo dando ao grupo toda a liberdade de decisão.
3. *Atração* – Refere-se ao grau de respeito que umas pessoas tem pelas outras e ao modo como padrões de amizade afectam o clima de aprendizagem na sala de aula. Os autores encorajam os professores a criarem ambientes de aprendizagem caracterizado por grupos sem que hajam alunos isolados.
4. *Normas* – As normas são as expectativas partilhadas por alunos e professores acerca do comportamento na sala de aula. Os autores defendem a implementação de normas, na turma, que tenham um alto envolvimento do aluno no trabalho escolar e que encorajam as relações interpessoais positivas e com objectivos partilhados.
5. *Comunicação* – A maior parte da interacção na sala de aula é caracterizada pela comunicação verbal e não-verbal. Nesta perspectiva os Schmuck defendem processos de comunicação abertos e animados com alto grau de envolvimento dos alunos.
6. *Coesão* – O processo final refere-se aos sentimentos e empenhamento que alunos e professores têm em relação à turma como um todo, isto sempre a favor do trabalho escolar e bem-estar dos alunos.

Os estudos sobre ambientes da sala de aula, segundo Arends (1995) revelam que a motivação e a aprendizagem dos estudante são influenciados pelos tipos de processos que os professores criam em determinadas salas de aula. Em geral os alunos reagem mais positivamente perante tarefas escolares em sala de aula caracterizadas por processos democráticos, por oposição aos autoritários. Nesta perspectiva o diálogo é crucial.

2.12. O tempo e o espaço físico da sala de aula e a comunicação

Segundo Arends (1995), um dos aspectos da liderança do professor é a atribuição e gestão de recursos escassos para criar ambientes de aprendizagem produtivos. No entanto existem recursos que o professor controla outros não. No ensino o tempo e o espaço são bens escassos e o seu uso deve ser planeado com rigor e antecipação.

2.12.1. O tempo

Um dos recursos que o professor pode controlar é o tempo. Este é aquele que é gasto pela a leccionar a matéria, assim como o dos alunos nos assuntos escolar em geral.

Torna-se pertinente falar na importância da gestão do tempo, quando se trata de comunicação na sala de aula, porque uma má gestão deste recurso pode ser uma barreira à comunicação, ou seja, os professores tem previamente determinado pelos programas do Ministério da Educação, os conteúdos a leccionar, assim como a carga horária. Isto faz com que o professor tenha de fazer uma rigorosa planificação, quer a longo, médio como a curto prazo, para que possa cumprir o que lhe é pedido. Logo, para uma determinada aula, o professor define os conteúdos que pretende passar para os alunos e se o tempo não for bem gerido corre-se o risco de se deixar conteúdos por leccionar, onde por vezes, quando os testes já estão marcados pode ser muito negativo. No entanto, segundo Arends (1995) isto não implica leccionar as aulas a correr, pois será igualmente ineficaz, se os alunos não apreenderem.

Segundo Arends (1995), a investigação acerca do tempo mostra que existe uma variação considerável de professor para professor na quantidade de tempo atribuído relativamente a diferentes matérias. Assim como a quantidade de tempo de que cada aluno necessita para aprender.

Nesta perspectiva, e segundo o modelo de John B. Carroll (1963) cit. Arends (1995) a aprendizagem dos alunos é uma função de cinco factores, em que três deles estão directamente relacionados com o tempo: aptidão, ou a quantidade de tempo que o aluno leva a aprender determinada tarefa em condições óptimas; capacidade, para compreender a instrução; perseverança, ou a quantidade de tempo que o aluno se dispõe a permanecer ocupado activamente na tarefa; qualidade da instrução, que só depende do professor; oportunidade temporal permitida para a aprendizagem. Daqui se depreende cinco tipos de

tempo: tempo planeado; tempo atribuído; tempo envolvido; tempo de aprendizagem; e tempo necessário. Tempos estes que podem divergir entre eles.

2.12.2. O espaço

Quando se fala no espaço, segundo Arends (1995), falamos da: colocação dos recursos; disposição das carteiras na sala; forma como distribuimos os alunos; níveis de ruído na sala; densidade populacional numa sala de aula e seu ambiente físico.

O autor defende que a maneira como o espaço é utilizado afecta a atmosfera de aprendizagem das salas de aula, influencia o diálogo e a comunicação e tem efeitos cognitivos e emocionais importantes nos alunos.

No que diz respeito à colocação e **existência dos recursos** é necessário averiguar o que existe e o que está a funcionar devidamente. Isto vai desde o quadro existente, se permite uma boa visualização, pois existem quadros que quando neles se escreve nada se vê, o material é deficiente ou há demasiada claridade, ou no caso dos quadros brancos nas canetas de feltro não escrevem; se se trata de uma sala de paredes vazias ou se está guarnecidas com materiais, como por exemplo: mapas, cartazes, *placards*, imagens; se existem estantes de livros ou de materiais dos alunos; se tem computador, *data show* ou retroprojector. Concluindo, tudo o que possa contribuir para a construção de uma aula.

A **disposição das carteiras** afecta os padrões de comunicação e o comportamento dos alunos na sala de aula, e esta pode ser feita de diversas maneiras. Isto irá depender do mobiliário disponível, se este está ou não agarrado ao chão, se as mesas são individuais ou não, se estamos numa sala normal ou um anfiteatro, ou se simplesmente está pré-definido pela escola e não se pode alterar. Muitas vezes, mesmo que se pudesse, o facto de se ter de mudar de sala constantemente impede esta prática.

Arends apresenta-nos algumas formas de disposição de carteiras e explica de que maneira é que podem influenciar a comunicação ao nível da participação, da interacção aluno/aluno e atenção, assim como comportamento, padrões de movimento dos alunos e até as presenças:

A *disposição em filas e colunas* é a mais tradicional, e segundo o autor, a mais apropriada quando a aula exige que a atenção se dirija numa direcção, no entanto esta forma pode levar ao isolamento dos alunos e a que os da frente tenham mais facilidade em ver e ouvir.

A *disposição em círculo, semicírculo ou em ferradura* encoraja mais a participação, alunos comunicam melhor quando estão sentados frente-a-frente e se vêem uns aos outros, olhos nos olhos, no entanto pode levar a comportamentos fora da tarefa e no caso de se fazer uma apresentação existem alunos que não estão de frente para a tela e com isso terem dificuldade em ler.

A *disposição em grupos*, de três a seis alunos, encorajam o trabalho de grupo e o envolvimento destes, no entanto, pode levar a uma maior agitação e distúrbios, sendo também inadequada para apresentações e demonstrações, nestes casos o autor aconselha que mudem as carteiras para forma tradicional, se bem, que estas movimentações poderão levar a perturbações e a causar problemas de gestão da sala de aula.

No que diz respeito à **distribuição dos alunos**, Adams & Biddle (1970) cit Arends (1995) dizem-nos que os alunos sentados na «zona de acção», isto é, à frente e ao centro da sala, normalmente obtêm mais atenção do que os alunos que estão sentados noutros lugares; são os mais activos, respondem mais, logo influênciam as taxas de participação dos alunos independentemente das suas características. Já Schwebel & Cherlin (1972) cit. Arends, assim como outros investigadores falam no contacto visual dos professores, dizendo que estes estabelecem melhor contacto visual na zona de acção, o que por seu turno os leva a participar mais nas actividades da sala de aula e na discussão.

Em relação à **densidade populacional na sala de aula**, segundo Arends (1995) um estudo de Glass, Cahen, Smith e Filby (1982) indica que quando se trata de comparações entre turmas de quarenta ou mais alunos e de dezoito alunos, claramente a turma com mais densidade é afectada negativamente e a com menos densidade é afectada positivamente. Contudo o mesmo estudo feito entre turmas de vinte e trinta alunos já não afecta de uma forma consistente.

Segundo a investigação de Kyzar (1977) cit. Arends (1995), **o ruído**, neste caso falamos de barulho propriamente dito, mostrou que os alunos se ajustam aos ruídos normais da escola, como barulhos nos corredores ou máquinas de relva no jardim. No entanto, quando se trata de ruídos extremamente elevados vindos de fora, como aviões ou comboios a passar perto da escola, já afectam a comunicação na sala de aula e o rendimento dos alunos. Muitas vezes, nestes casos, tais ruídos perturbam mais os professores do que os alunos, levando os professores a atribuir menos tempo de aula à exposição de conteúdos.

Por último, **o ambiente físico**. Também este pode influenciar de forma negativa ou positiva a comunicação na sala de aula. Um ambiente físico agradável transmite conforto e bem-estar na sala de aula e o que contribui para motivação dos alunos e capacidade de recepcionar a mensagem. Se estes não se sentirem bem fisicamente na aula pode levar a uma diminuição dos níveis de concentração ou até mesmo à desmotivação.

Quando se trata de ambiente físico, fala-se de diversos pontos como: a temperatura das salas – estas não devem ser demasiado altas nem demasiado baixas, um aluno com frio ou com demasiado calor não tem o mesmo rendimento se tivesse em condições normais; a luminosidade da sala de aula – no que diz respeito à luminosidade natural, esta deverá ser abundante, no entanto é importante que a sala esteja munida de estores para o caso do sol ser frontal às janelas da sala, assim como na necessidade da utilização de retroprojector em que é fundamental escurecer a sala para uma boa visualização, caso contrário poderá inutilizar o material feito para a aula pondo em causa o sucesso da mesma. No caso de ser necessário a luz artificial é bom que seja adequada ao tamanho da sala, sem lâmpadas fundidas ou intermitentes, pois estas causam irritabilidade, e a luz fraca pode causar dificuldades de visualização; a higiene – uma sala limpa e arrumada transmite conforto e bem-estar quer para os alunos como para os professores; a decoração – uma decoração agradável, adequada ao nível etário dos alunos, relacionada com os conteúdos escolares, torna o espaço alegre e convidativo ao ensino/aprendizagem; o nível de degradação das salas e do mobiliário – uma sala pouco cuidada, com um mobiliário degradado não ajuda ao rendimentos dos alunos. Segundo os estudos de Rutter et al. (1979) e de Bossert (1985) cit. Arends (1995) feitos em escolas secundárias eficazes, estes aspectos quando bem trabalhados, estavam associados a um rendimento mais elevado dos alunos.

2.13. Organização dos conteúdos

Segundo Lopes e Silva (2010), um professor competente, deve de explicitar o tema e os objectivos da aula, apresentar os conteúdos essenciais, previamente seleccionados e organizados.

Monteiro (2002) defende que uma boa introdução e conclusão da aula é ponto essencial. É necessário ter o cuidado de organizar e expor os conteúdos de modo a que cada tópico seja dominado antes da exposição seguinte. As exposições devem ser feitas passo a passo, em pequenas quantidades de conteúdos, pois é arriscada a pretensão de ser

exaustivo e transmitir muita informação numa só aula. Importa a qualidade, não a quantidade. O excesso de informação provoca ansiedade e inibe a aprendizagem. Por isso, um professor competente procura equilibrar a dose de conteúdos, de acordo com a idade, a cultura, a experiência, os interesses e as capacidades dos alunos. Caso contrário, só confunde e desmotiva. Uma exposição organizada, com princípio, meio e fim, além de facilitar a escuta activa e a compreensão dos conteúdos transmitidos, permite ao aluno participar melhor nas aulas e tomar apontamentos. O recurso a esquemas e mapas conceptuais é muito positivo, mas é necessário cuidado em relação ao que é escrito no quadro, nos diaporamas e nos apontamentos e materiais fornecidos aos alunos.

Mas será que fazem bem os professores que oferecem apontamentos aos alunos? Depende das circunstâncias (Monteiro, 2002). É útil oferecer definições, fórmulas, leis ou citações, que têm de ser transcritas com fidelidade. Em geral, dar resumos «prontos a usar» na preparação para os testes é uma prática pouco pedagógica, porque estimula a memorização mecânica e atrasa o desenvolvimento dos alunos.

Segundo o autor tirar apontamentos é uma técnica de recolha de informação, ajuda a aprender, a memorizar, favorecendo a organização dos conhecimentos e a capacidade de fixação e compreensão. É necessário que o professor reúna condições para garantir que os alunos aprendam a elaborar apontamentos do essencial das aulas. Apontamentos pessoais reforçam a aprendizagem e facilitam a revisão da matéria antes de uma prova de avaliação. Muitas vezes é aqui que existem falhas na comunicação. O aluno até ouviu, percebeu, mas não tirou devidamente os seus apontamentos, ou seja, o receptor recebeu a mensagem mas não a guardou devidamente. No momento da preparação para o teste, a informação está trocada, parte dos apontamentos não foram registados, fotocópias perdidas, exercícios não corrigidos, entre outras situações que irão dificultar a organização do estudo para o teste, resultando numa má preparação, logo um teste fraco, ou seja o *feedback* directo dado por parte dos alunos é positivo, mas o *feedback* indirecto revela-se negativo.

2.14. Técnicas e recursos de animação de aulas

Quando abordamos a comunicação na sala de aula é inevitável falar das técnicas, recursos e instrumentos de comunicação. Segundo Antão (1999), o professor deve ser um bom animador de aulas. Recorrer à diversidade de técnicas de animação de aulas, proporcionam um «clima» de aula alegre, motivador e interessante, ajudando a maximizar

os resultados de aprendizagem. Nesta perspectiva, apresentam-se algumas técnicas que o professor pode utilizar numa aula, segundo Antão (1999) e Pinheiro & Ramos (2000), sendo indispensável referir que a escolha de cada uma deverá ser oportuna e adequada aos alunos, conteúdos a leccionar e objectivos definidos.

Leitura colectiva – consiste em dividir o texto em diversas partes, sendo umas lidas colectivamente e outras individualmente. O ideal será que cada aluno leia mais que uma. Esta técnica faz com que os alunos estejam concentrados em todo o texto.

Sociodramas – consiste numa representação teatralizada, por duas ou mais pessoas, onde se apresentam duas situações opostas e inconciliáveis, sobre determinado assunto. A vantagem da utilização desta técnica é que surge, normalmente, sem preparação prévia, a partir de assuntos fraccionantes e é representada num curto espaço de tempo.

Teatralizações (dramatizações) – Ideais para serem utilizadas em disciplinas como História e Português, se bem que em determinados conteúdos também podem ser oportunos noutras disciplinas. Pode incluir um grupo de alunos ou até mesmo a turma inteira. Os resultados, geralmente são positivos, e os alunos interiorizam melhor os conhecimentos.

Debates/Discussões – Partindo de um tema fracturante, com pontos de discussão definidos, divide-se a turma e selecciona-se um mediador. Um debate bem organizado, é uma técnica óptima para dar a palavra aos alunos, para que exercitem a capacidade de argumentação e defesa de ideias. No debate, em pequenos grupos ou em plenário, os alunos têm de aprender a pensar, antes de falar. Neste sentido, nas turmas mais indisciplinadas, alguns professores experientes habituam os alunos a fazer uma pausa de cerca de 3-5 segundos entre o final de uma intervenção e o início de outra. Intervenções precipitadas correm o risco de gerar desentendimentos e conflitos. Quando participam em debates, os alunos devem cumprir regras básicas. Estanqueiro (2010) destaca dez: Pedir a palavra, levantando o braço; Esperar a sua vez de falar; Falar com clareza e convicção; Escutar os outros com atenção e espírito crítico; Não interromper quem está no uso da palavra; Tentar compreender as ideias dos outros; Saber discordar sem agressividade; Aceitar discordâncias com serenidade; Mostrar abertura de espírito a novas perspectivas; Respeitar as pessoas, independentemente das suas ideias.

Palestras – Consiste em chamar à escola um especialista de determinada matéria para que os alunos possam ouvir o seu testemunho e ver respondidas, pelo mesmo, algumas

perguntas que possam ter. Muitas vezes podem ouvir o que já foi leccionado em aula, mas vindo de profissional exterior à escola pode ter outro impacto nos alunos. No ensino profissional esta técnica pode ser de uma grande valia.

Entrevistas – Consiste em pedir aos alunos que entrevistem alguém que possa contribuir para a exploração de um tema. Depois de feita, requer que seja transcrita e apresentados os resultados oralmente ou por escrito.

Inquéritos – Ideais para disciplinas como Matemática e Geografia, os inquéritos e o respectivo tratamento de informação são uma forma, não só de consolidar os conhecimentos matemáticos, mas também de ficarem com a noção da situação actual de determinado tema do ponto de vista humano.

Trabalhos de grupo – A eficácia do trabalho de grupo depende, regra geral, das técnicas de dinâmica de grupo que o professor aplica. Estas podem variar consoante o assunto, meios disponíveis, tempo em aula, possibilidade dos alunos se reunirem fora das aulas, das relações professor/aluno e aluno/aluno.

O trabalho de grupo, em condições normais, contribui para: ajudar a disciplinar os alunos; responsabilizar os alunos, pois cada um assume a sua quota parte perante o grupo; aquisição de hábitos de solidariedade, entre ajuda, espírito de grupo; o desenvolvimento do gosto pela pesquisa; desenvolvimento da capacidade de comunicar oralmente; trabalhar com as TIC (*Internet; PowerPoint; Word*).

A formação de grupo é uma questão que deverá ser analisada pelo professor de forma a não causar conflitos na aula. Em primeiro lugar o professor deverá definir o número de grupos que pretende. Depois poderá optar pela formação de grupos aleatória, utilizando uma das muitas técnicas que existem, por exemplo: papelinhos com os números dos alunos escritos coloca-los num saco e ir tirando quatro papeis por grupo; com rebuçados de várias cores, ou seja, a turma tem vinte alunos, logo temos vinte rebuçados, existem cinco rebuçados de cada cor, pedimos aos alunos que tirem do saco um, depois de todos distribuídos dizemos para que se juntem aos colegas que têm os rebuçados da mesma cor. Outra forma de formar grupos é deixando ao critério dos alunos, e são eles que decidem com quem querem trabalhar, geralmente juntam-se por afinidades, ou porque moram perto. Esta técnica tem algumas desvantagens, são elas: gerar conflitos, porque uns querem trabalhar com uns elementos, outros não; existem sempre alunos que ficam de fora existindo um sentimento de discriminação, por outro lado quando a turma se entende bem

os resultados são muito positivos. Por último, pode ser o professor a escolher os grupos. Neste caso o professor poderá recorrer a alguns testes sociométricos no sentido de identificar alunos com capacidades de liderança, alunos tímidos, desordeiros e conflituosos, trabalhadores e menos trabalhadores, e desta maneira formar grupos mais equilibrados.

Os trabalhos podem ser feitos de diversas formas: escritos; apresentados oralmente; execução de um cartaz, vídeo, maquete, entre outros. Todo o trabalho feito em grupo deverá ser avaliado, sob pena de ausência de empenhamento por parte de alguns dos seus elementos, assim como deverá ter em conta todas as fases do trabalho e não só o resultado final. No entanto, existem várias formas de atribuir nota aos alunos proveniente de um trabalho de grupo: atribuindo uma nota igual para todos os elementos do grupo; atribuindo um número de pontos e serem distribuídos pelos alunos, onde esta distribuição poderá ser feita pelo professor ou pelos próprios alunos do grupo e poderá ser a conjugação da auto-avaliação e da hetero-avaliação.

O professor deve informar claramente o aluno do que se pretende, e para isso, deve fornecer um guião de trabalho com: tema a desenvolver, objectivos e critérios de avaliação, formato do trabalho e prazos. Nesta situação a função do professor deverá ser de: orientar, coordenar, esclarecer dúvidas, ajudar nas técnicas de pesquisa, fazer algumas correcções, problematizar e fazer reflectir sobre algumas questões do trabalho.

O trabalho de grupo, quando apresentado oralmente, contribui para desenvolver as capacidades de comunicar oralmente para um público, que para além de ser positivo para a consolidação dos conhecimentos dos alunos, é um bom exercício de retórica, de como falar para uma audiência, elevando a auto-confiança e auto-estima do aluno.

Piada ou pequena anedota – Esta técnica só será uma mais valia quando inserida num determinado tema, como por exemplo na introdução de um tema ou conceito, assim como forma de motivar e captar a atenção dos alunos.

Introdução voluntária de erro – Consiste em dizer algo errado para que os alunos detectem e corrijam. Esta técnica serve para medir os níveis de atenção dos alunos. Pode ser feito de forma anunciada ou não.

Improvisações – Improvisar, dar largas à imaginação, é uma actividade que capta de imediato a atenção e o interesse dos alunos. Podem fazer-se improvisações aplicadas a qualquer assunto, por exemplo, mandar escrever um diálogo sobre uma determinada

situação, ou pedir a dois alunos que improvisem um diálogo sobre um tema em Inglês. Esta técnica serve essencialmente para quebrar a monotonia das aulas, para motivar, sensibilizar e exemplificar, melhorando assim os resultados de aprendizagem.

Feitura de cartazes, painéis, gráficos e BD – A aprendizagem deve muitas vezes pôr a tónica na exteriorização motora dos alunos. Assim, estes são levados a associar o estudo à actividade motora e visual, fazendo gráficos, desenhos, colagens, painéis, cartazes, maquetas, entre outros trabalhos manuais. A exposição desses trabalhos pode revelar-se um óptimo estímulo para os alunos que vêem assim compensado o seu esforço e as suas dificuldades de expressão verbal e sentindo-se instigados ao aprofundamento dos assuntos em estudo, demonstrando muitas das vezes um profundo empenho e talento.

Utilização de audiovisuais e recursos multimédia – Um professor competente utiliza recursos variados, incluindo recursos multimédia, para motivar os alunos e reforçar as suas mensagens. Qualquer pessoa aprende melhor aquilo que escuta e vê, ao mesmo tempo. Existem, actualmente, muitos recursos tecnológicos disponíveis, mas nem sempre os mais sofisticados são os mais aconselháveis. É necessário diversificar esses recursos e começar por aqueles que se dominam bem. É um erro escolher um recurso, só porque está na moda ou agrada aos alunos. A regra é não valorizar mais os meios do que os conteúdos. Caso contrário, a aula pode transformar-se em mero fogo-de-artifício.

Estanqueiro (2010), defende que os recursos multimédia servem como instrumentos para ampliar a capacidade de comunicação do professor e não como varinhas mágicas, truques espectaculares, para disfarçar a falta de conhecimentos. Nenhum professor incompetente se transforma em bom pela utilização sistemática das tecnologias de informação e comunicação. Os quadros interactivos não substituem a interacção do professor com os alunos. No ensino, a relação pedagógica é mais importante do que as inovações tecnológicas. Passo, assim, a elencar alguns dos recursos possíveis de utilizar na sala de aula:

Texto musical – Um texto musical do gosto dos alunos é sempre um sucesso. No entanto, devem escolher-se músicas com letras que se adaptem aos objectivos da aula. Esta estratégia é de fácil e enriquecedor uso nas línguas estrangeiras, é motivadora e do agrado dos alunos, mas para que contribua para a aprendizagem dos alunos no âmbito dos assuntos em estudo deverá ser complementada com trabalho posterior.

Retroprojector – É a maquina audiovisual mais utilizada nas escolas, no entanto tem vindo a perder terreno para o *data show*. Este recurso tem a vantagem de se poder proporcionar a projecção de textos, imagens, gráficos, entre outros. Podemos tirar fotocópias em acetato, imprimir o material do computador para a impressora em folhas de acetato, assim como guardar todo este matérias e reutiliza-lo em outras aulas e outros anos.

Diaporamas – Cada vez mais utilizados, são um instrumento de trabalho com imensas vantagens, onde podemos associar o som à imagem. Através do *PowerPoint* podemos construir recursos interessantíssimos de grande valia. No entanto, quando mal feitos podem ser uma barreira à comunicação, pondo em causa o sucesso de uma aula. Quando feitos em excesso pode causar monotonia e desinteresse por parte dos alunos. Na construção de um diaporama à que ter em atenção às cores que se utiliza, a quantidade de informação do *slide*, esquemas ou tópicos, usando palavras simples e frases curtas, o tamanho das letras e a organização dos conteúdos. Há que ter em conta as condições da sala de aula (claridade em demasiada dificulta o visionamento dos *slides*) e se os aparelhos necessários estão devidamente a funcionar como o computador e o *data show*.

Filmes – A passagem de filmes didácticos nas aulas são um óptimo trunfo didáctico geralmente do agrado dos alunos. A utilização de um filme ou um pequeno vídeo pode ser feito na introdução de um tema, como consolidação de conteúdos já leccionados, identificação de conteúdos, conclusão de um tema, para reflexão, entre outros. A passagem de um filme por si só não é suficiente, há que ser trabalhado posteriormente, sob a forma de exercício escrito ou oralmente.

Computador – A utilização do computador em sala de aula é uma mais valia. Actualmente considera-se um precioso auxiliar no processo ensino/aprendizagem. Ele proporciona ao aluno uma forma de poder: explorar outras vias de informação, como a *internet*; trabalhar com programas de exercícios de matemática, contabilidade por exemplo; executar trabalhos com melhor apresentação (*Word*); recorrer a auxiliares preciosos na apresentação oral de trabalhos (*PowerPoint*); apresentação de gráficos (*Excel*); imagens e vídeos.

Internet – A internet é uma nova maneira de adquirir conhecimentos. O acesso à internet na sala de aula permite ao professor e alunos, em tempo real, a busca e recolha de informação, ao nível global, de interesse para a aula. Este recurso tem um potencial mobilizador e agregador que pode ser explorado em várias situações educativas que possibilitem exercitar várias habilidades: leituras, escrita, compreensão e comunicação.

Quadro interactivo – O quadro interactivo não é apenas um dispositivo usado para apresentar informação em formatos variados, texto, gráficos, vídeos, som ou animação, a sua maior vantagem liga-se ao software interactivo disponível, que ajustado a uma comunicação eficiente entre um computador, as suas aplicações e os próprios utilizadores permite-lhes animar, gerir os processos e apresentar dados de uma forma interactiva, clara e eficaz.

No entanto, Émile Planchard (in *A Pedagogia Contemporânea*, Coimbra Ed.) cit. Antão (1999, p. 42) defende que: «os audiovisuais são auxiliares que não podem substituir o mestre.»

BrainStorm (BrainStorming, “Chuva de ideias”) – Esta palavra inglesa significa literalmente “tempestade mental” e é um recurso que consiste em fornecer um palavra, uma frase ou um tema e, a partir deles, os alunos indicarem outras palavras, frases, temas minimamente relacionados com os elementos dados. Seguidamente faz-se a exploração dos resultados obtidos, relacionando devidamente os vários elementos. Esta técnica é muito rica, ideal para introduzir e abordar temas gerais e centrais.

Jogos – Existem uma infinidade de jogos que se pode aplicar na sala de aula é uma questão do professor pesquisar e dar largas à imaginação. Os alunos encaram esta técnica de forma muito positiva. Todas as técnicas que propiciem um clima de jogo não devem ter carácter classificativo, sob pena de abolir por completo o clima de descontração e lúdico subjacentes a este tipo de actividade. Geralmente, os jogos enquadram-se perfeitamente no âmbito das revisões da matéria dada. Estes podem ser feitos individualmente ou por equipas. O professor ao aplicar esta técnica nas aulas deverá ter especial atenção à definição detalhada das regras de cada jogo, para bem do sucesso da actividade. No final, o professor pode premiar o aluno ou a equipa vencedora com um doce, por exemplo.

Passo, assim, a explicar alguns exemplos de jogos:

Jogo de cartões – Divide-se a turma em grupos, o professor está munido de cartões, previamente feitos com diversas questões da matéria dada, cada grupo vai tirando um cartão aleatoriamente, o professor lê a pergunta, o grupo tem dez segundos para responder e se responder bem tem cinco pontos, se responder mal tem menos dois pontos, optar por passar tem zero pontos. Podem fazer-se cinco, dez ou mais questões por grupo e no final o grupo que tiver mais pontos ganha.

Bilhetes sorteados – O professor coloca num saco diversos bilhetes e cada aluno tira um, pode responder oralmente ou escrevendo no papel. Se responder certo ganha pontos, se responder errado não. Esta actividade pode ser feita durante várias aulas e no final soma-se os pontos. Assim poderá entusiasmar os alunos e leva-los a prepararem-se para o jogo.

Jogo da Glória – O professor pode dividir a turma em três ou quatro grupos e pedir que construam três ou quatro jogos da glória com perguntas da matéria. O jogo será feito em cartolina, com várias perguntas ao longo do percurso. O ideal seria que se divide-se a matéria em partes iguais ao número de jogos. Formam-se equipas com um elemento de cada grupo. Sorteia-se um jogo para cada equipa e o vencedor de cada equipa irá disputar uma final. É lógico que este jogo poderá ser modificado conforme o professor achar conveniente. A desvantagem é que esta actividade requer algum tempo.

Jogo da sequência – Divide-se a turma em grupos, o professor dá um conjunto de papelinhos com uma descrição de acontecimentos em que o grupo terá de organizar por datas, colando-os numa cartolina A3 ou A4. O grupo que for mais rápido e que tiver tudo bem ganha o jogo, no entanto se tiver papeis mal ordenados tem penalizações e quem tiver mais pontos e menos tempo ganha.

Palavras cruzadas/ Sopa de letras – São exercícios que podem ter um carácter mais lúdico, podendo ser feito individualmente ou em grupo. No entanto podem perfeitamente constar numa ficha ou num teste para avaliação.

Perguntas de algibeira – Consiste em sucessivas perguntas feitas aos alunos de resposta rápida.

2.15. Escutar como uma forma de comunicar

«O educador optimista é o que sabe comunicar com eficácia, ouvindo mais do que falando, respeitando mais do que impondo.»

Marujo et. al. (2004)

Desde de sempre o homem comunicou. Vieira (2005) defende que a comunicação faz parte do nosso dia-a-dia e as formas de comunicar são tão diversas que até em silêncio comunicamos. Os nossos gestos, o olhar as mãos, a expressão facial, que fazem parte da comunicação não-verbal, são poderosos meios de mensagens.

Segundo a autora existem, no entanto, algumas atitudes individuais que, pelas suas características, são consideradas como facilitadoras da comunicação e uma delas é a escuta. Nesta perspectiva o acto de escutar é uma das chaves de sucesso do bom relacionamento humano. Ao contrário de que se possa pensar, escutar implica um papel bastante activo na comunicação. Quem escuta entrega-se ao outro com o objectivo de descodificar aquilo que está a ser transmitido. Contudo, para que se possa tirar o máximo partido da comunicação, refere que é necessário escutar o outro tendo por base alguns princípios:

Disponibilidade - Implica saber deixar falar a pessoa sem pressa e ter a capacidade de ouvir até ao fim, por forma a perceber com clareza o conteúdo da mensagem.

Colocar-se em empatia com o outro - Por vezes não percebemos o outro porque estamos muito centrados naquilo que são as nossas vivências e a nossa forma de perceber a realidade. É, então, necessário que, por momentos, sejamos capazes de nos colocarmos no lugar do outro, tendo como base o seu próprio ponto de vista, assumindo o seu quadro de referência. «Se eu estivesse nesta situação e nestas condições, como seria?» Ao estarmos receptivos a este exercício, aproximamo-nos da pessoa e abrimos o canal da comunicação.

Mostrar interesse pelo outro - Implica, em primeiro lugar, manter a troca de olhares. Encorajar o outro a continuar fazendo um gesto, um aceno de cabeça, uma frase do tipo «Sim, sim...continue», apesar de não acrescentar nada, faz com que o interlocutor se aperceba de que os canais de comunicação estão abertos no sentido de receberem a mensagem que está a ser transmitida.

Eliminar juízos imediatos - Quando comunicamos com alguém e temos uma ideia acerca dessa pessoa, se o juízo for que fazemos for demasiado rápido, baseado apenas nas primeiras impressões, corremos o risco de interromper o processo de comunicação.

Utilizar a reformulação - Nem sempre a mensagem recebida é a mesma que foi emitida. Por esse motivo, e para evitar situações de distorção ou interferência na comunicação, deve fazer-se recapitulações com regularidade. É a chamada técnica da reformulação, que consiste em dizer por palavras nossas aquilo que o outro acabou de nos transmitir. «Se bem o entendo, você está a dizer que...»

Estar atento à comunicação não-verbal - Costuma dizer-se que «os olhos são o espelho da alma», o que faz com que na comunicação face a face se «diga» muita coisa com os olhos, que as palavras não são capazes de exprimir. Estar atento à postura, aos gestos, à expressão

facial, ao olhar, ao tom de voz do interlocutor é uma forma de enriquecer a comunicação interpessoal.

Resistir ao efeito Halo - Por vezes somos tentados a generalizar situações que pouco ou nada têm em comum. Devemos, por isso, estar alertados e, nestas circunstâncias, centrar a nossa atenção para aquela situação específica.

Vieira (2005), fala-nos também da importância da existência de *feedback*. Tanto o *feedback* verbal como o não-verbal são elementos fundamentais em comunicação, que reforçam a ligação entre os diferentes interlocutores.

Na sala de aula, é frequente existirem inúmeras interferências, sejam elas provenientes, da própria sala de aula ou vinda do exterior. Pode acontecer um dos intervenientes no processo de comunicação dizer uma coisa e o outro perceber como sendo algo completamente diferente. Para evitar este tipo de situações, é fundamental a utilização de reformulação. Esta técnica ajuda a rectificar alguns erros de escuta, ao mesmo tempo que reforça o interesse na conversa. O professor deverá utilizar com alguma regularidade esta técnica de comunicação que promove nos seus alunos a capacidade para se questionarem a si mesmos no sentido de saber se perceberam aquilo que lhes foi transmitido.

Contudo, não é só através das palavras que comunicamos. Na comunicação não-verbal, para além da linguagem corporal, o silêncio momentâneo por parte do professor é muitas vezes a melhor forma de acalmar e captar a atenção dos alunos.

Uma interjeição, um levantar do sobrolho, um acenar de cabeça ou mesmo um momento de silêncio dos alunos, podem ser sinais a que o professor deve estar atento pois revelam muitas vezes a clareza ou não do seu discurso. Para o professor, esta forma de *feedback* proveniente dos seus alunos é a informação de que necessita para ter a certeza se a sua comunicação é ou não eficaz.

2.16. Assertividade como modo de comunicação eficaz

Vieira (2005) fala-nos dos vários tipos comportamentais: a agressividade; a passividade; a manipulação e por fim a assertividade, quer ao nível do aluno como do professor. Se bem que todos tipos de comportamento podiam ser desenvolvidos, os três primeiros trata-se de modos de comunicação ineficazes, logo abordaremos a assertividade que se trata de um modo de comunicação eficaz.

O que é a assertividade? Segundo a autora a palavra assertividade vem do verbo inglês *to assert* e quer dizer afirmar, declarar positivamente, defender.

No que diz respeito à comunicação, uma pessoa assertiva é alguém que diz aquilo que pensa ou sente de uma forma livre e apropriada à situação. Segundo Sam Lloyd (1993) cit. Vieira (2005), o comportamento assertivo «... não é mais do que ser directo, honesto e respeitoso ao interagir com os outros». Expressar os nossos direitos respeitando os dos outros é o pressuposto básico da assertividade.

Ao sermos assertivos somos capazes de exprimir as nossas ideias, opiniões, pontos de vista, mas também os nossos gostos, sentimentos, necessidades e quereres. Para isso é necessário um elevado autoconhecimento, ser capaz de se aceitar a si próprio, como se é, com as qualidades, competências, fraquezas e limites, gostar de si próprio, ter autoconfiança e auto-estima elevada e abertura suficiente para aceitar as qualidades e os defeitos dos outros.

Segundo D. Chalvin cit. Vieira (2005, p.51) ser assertivo «...é ser capaz de exprimir a sua personalidade sem suscitar hostilidades naqueles que o rodeiam, é saber dizer “não” sem se sentir culpado, é ter confiança em si e saber tomar decisões difíceis, é saber desenvolver comunicações honestas e abertas num clima de inovação e tolerância face aos desacordos que surgem no dia-a-dia». Arends (1995) defende que na comunicação assertiva é necessário exibir confiança para exercer influência.

A assertividade aprender-se e podemos tornar-nos cada vez mais assertivos. Esta atitude é tanto mais importante quanto mais conflitual for a situação em causa. Em situação de conflito, a utilização da atitude assertiva permite entrar num processo de negociação cuja principal estratégia é «ganhar-ganhar». Este tipo de comportamento promove a confiança entre as pessoas e a igualdade de direitos, para chegar a um entendimento entre as partes, sem que tenham de renunciar aos seus direitos e desvalorizar os dos outros.

A expressão do sentimento é uma das formas de se comunicar assertivamente. A livre expressão das emoções é um dos aspectos a ter em consideração quando se fala neste tema. Saber exprimir honestamente as emoções: a alegria, a tristeza, o afecto, o medo e a ira, e adequá-las às diferentes situações do quotidiano é uma das tarefas da comunicação assertiva.

A autora fala-nos na importância da linguagem corporal para uma comunicação assertiva, pois esta não se encontra somente nas palavras e no modo como são proferidas,

mas também no tipo de comunicação não-verbal que se utiliza. Para isso é necessário que haja um certo equilíbrio em termos físicos entre os interlocutores. Por exemplo, se estiver a falar com um colega e adoptar uma atitude assertiva, não faz qualquer sentido uma das pessoas, estar sentada e a outra de pé. Aquilo que se pretende é que os interlocutores estejam sintonizados, quer em termos físicos quer em termos da linguagem verbal, por forma a tirar-se o máximo partido da comunicação.

Um outro aspecto a ter em consideração diz respeito ao olhar, ao sentido dos olhos. Costuma dizer-se que «os olhos são o espelho da alma». Sugere-se, então, que para comunicar com assertividade se mantenha o contacto ocular com o interlocutor, de uma forma natural, sem qualquer tipo de esforço ou rigidez.

Outros sinais típicos que caracterizam a atitude assertiva são: ombros direitos; descontração muscular; cabeça erguida levemente, com inclinações ocasionais; sorriso genuíno; voz clara, firme e agradável. Comunicar assertivamente implica a utilização de um discurso coerente com postura, tom de voz e gestos adequados. Se tal não acontece, deixa de fazer sentido falar de discurso assertivo.

Existem situações em que a assertividade é bastante útil, principalmente quando se trata de resolver situações conflituosas. Existem mesmo casos em que nem o discurso assertivo é possível. Marie Joseph Chalvin cit. Vieira (2005) refere, no entanto, algumas situações nas quais a assertividade é útil (1994, p. 81). De entre elas podemos destacar: Quando é preciso dizer alguma coisa desagradável a alguém; Quando é preciso dizer «não» correndo o risco de desagradar; Em presença de críticas; Quando se tem de reagir a uma tentativa de manipulação; Perante pequenas manifestações de humilhação ou quando alguém nos tenta rebaixar.

A crítica e o elogio também podem ser assertivos. Na perspectiva da autora, uma crítica pode ser feita de forma positiva. Esta é objectiva e específica, propõe uma solução, visa um melhor relacionamento, caminha na direcção do futuro, tem como princípios a franqueza, clareza e simplicidade, é feita pessoalmente, cara à cara e de forma sensível. A partir de alguns princípios, Azevedo cit. Vieira (2005), diz-nos que para elogiar com assertividade é necessário que este seja breve, directo e concreto, feito no momento, falado na primeira pessoa, evitando fazer comparações com outros, com o passado ou futuro e variando o modo e a intensidade de como se felicita o outro.

Para que uma pessoa possa adoptar uma atitude assertiva nas diferentes situações do dia-a-dia, independentemente de se encontrar em contexto de trabalho ou pessoal, sendo professor ou tendo qualquer outra profissão, é também necessário acreditar nas vantagens que daí se pode retirar. «A atitude assertiva é considerada a mais produtiva e eficaz, na medida que reduz as tensões interindividuais e proporciona o dialogo aberto e franco entre as pessoas, obrigando ao respeito mutuo.» Fachada, cit. Vieira (2005, p. 60)

Em jeito de conclusão, Sam Lloyd (cit. Vieira 2005) apresenta-nos os princípios da assertividade segundo uma «Filosofia Assertiva» e recomenda que deveríamos repetir frequentemente, no sentido de os interiorizar:

Uma Filosofia Assertiva, segundo Lloyd, S. (1993, p. 24) cit. Veira (2005, p. 54)

1. *Reconheço que todos praticamos bem os hábitos da comunicação e as atitudes tradicionais que apoiam e defendem estes hábitos.*
2. *Aceito os hábitos de comunicação dos outros como um facto.*
3. *Hei-de manter uma comunicação assertiva e uma atitude «ganhar-ganha», apesar de os outros terem estilos passivos ou agressivos.*
4. *Entendo que as pessoas só mudam quando decidem mudar.*
5. *Escolho o meu próprio padrão de comunicação, em vez de reagir ao dos outros.*
6. *Sei que os outros são diferentes de mim e que qualquer tipo de pessoas é correcto.*
7. *Assumo a responsabilidade dos meus sentimentos, pensamentos, opiniões e comportamentos. Compreendo que não posso ser responsável pelos sentimentos, pensamentos, opiniões e comportamentos dos outros.*
8. *Concordo que cada relação envolve 50% da responsabilidade de êxito ou fracasso por parte de cada indivíduo.*
9. *Sei que ser passivo e agressivo faz parte do ser humano.*
10. *Sei que toda a escolha assertiva impede uma escolha passiva ou agressiva e aumenta a probabilidade de sucesso no trabalho e em casa.*

CAPÍTULO III – Relatório das aulas leccionadas

Introdução ao capítulo III

Neste capítulo irá ser feito o relato pormenorizado das cinco aulas leccionadas na Escola Secundária Josefa de Óbidos, mencionando os respectivos conteúdos, objectivos das aulas, métodos e técnicas pedagógicas utilizadas, sequência didáctica, factos, acontecimentos, reacções das pessoas envolvidas, incluindo a forma como cada recurso e instrumento didáctico foi utilizado em sala de aula e, por fim, respectivos elementos de avaliação. Ao longo do relatório irei destacar pontos fundamentais que considero importantes para o enfoque deste estudo: a comunicação na sala de aula e factores que interferem a mesma.

Será inevitável, ao longo do relatório, fazer referência a questões e aspectos relacionados com as aulas leccionadas, nesta mesma turma, através da disciplina de IPP (Início à Prática Pedagógica) III, pois foram fundamentais para poder preparar devidamente as aulas para este trabalho. As experiências que vivi nessas primeiras aulas permitiu-me conhecer: a turma, quer em termos comportamentais como cognitivos; as condições físicas das salas; os recursos existentes possíveis de utilizar e a forma de como trabalhavam, entre outras questões de funcionamento da própria escola. Tudo isto forneceu-me coordenadas que permitiu delinear uma estratégia pedagógica adequada a implementar nestas cinco aulas leccionadas.

A estratégia definida foi construída de maneira a minimizar factores que pudessem dificultar a comunicação partindo das informações recolhidas nas visitas anteriormente feitas à escola quer como observadora das aulas leccionadas pela professora Maria João País, quer naquelas em que leccionei em IPP III.

Ao longo de cada relato serão incluídas algumas reflexões sobre a aula em questão, assim como o cruzamento de informação da fundamentação teórica com a prática implementada no terreno.

1. Relatório da Aula I – 11 de Março de 2011

A primeira aula começou às nove horas, com uma situação que não esperava, pois dos oito alunos apenas três compareceram na aula. Os restantes tinham ido a uma visita de estudo. Logo constatei, eis um factor que prejudica a comunicação: a falta de assiduidade, pois todos aqueles alunos que estavam em falta, ao não assistirem à minha aula, não receberiam a informação que pretendia passar naquele momento. No entanto a aula prosseguiu.

Recorrendo à técnica expositiva passei a apresentar e enquadrar a subunidade no âmbito da unidade seis, com a entrega da planificação geral da mesma. O objectivo deste procedimento é que os alunos tenham conhecimento: dos conteúdos da unidade; objectivos a atingir quer gerais, quer específicos; dos tempos destinados a cada subunidade; dos elementos de avaliação e sua datas; dos recursos educativos como: a indicação do manual a utilizar, o recurso à internet, materiais a utilizar, entre outros; e por fim os critérios de avaliação para a respectiva unidade. Neste caso, cabe às competências transversais 30% da nota final e será contemplado: assiduidade; pontualidade; execução de tarefas; interesse e atitude perante o trabalho; comportamento; postura na sala de aula; domínio escrito e oral da língua portuguesa, e às competências específicas caberá os restantes 70% e considerar-se-á: ficha de avaliação sumativa; ficha formativa; fichas de trabalho; trabalho a grupo / pares / individual; actividades ocasionais de realização pertinente. As referidas percentagens já tinham sido predefinidas pelo grupo disciplinar de Economia e Contabilidade da escola.

Penso que um diálogo sobre a planificação, no início da unidade, é importante, pois o aluno fica informado e consciente do que se vai trabalhar nas aulas mais próximas, de tudo o que deve fazer, dos objectivos que deve atingir para poder ter um bom aproveitamento e da forma como o seu trabalho será avaliado.

Nesta fase esclareceram-se todas as dúvidas dos alunos, marcámos a data do teste, verificando se a data do teste não coincidia com algum de uma outra disciplina, de maneira a permitir que os alunos se preparassem para o teste.

Os temas a desenvolver nesta aula era: a actividade produtiva e a formação dos rendimentos e a repartição funcional dos rendimentos.

Depois de entregues as fotocópias do diaporama que iria ser transmitido na tela, foi apresentado o sumário da aula. Iniciámos, assim, a leccionação dos conteúdos recorrendo ao *PowerPoint*, com a exposição da relação da actividade produtiva com a formação do rendimentos. Devido ao facto das salas terem muita claridade, mesmo com os estores corridos, os diaporamas foram feitos com um fundo preto precisamente para facilitar o visionamento dos mesmos, assim como o cuidado com o tamanho e cores das letras, para que existisse um bom contraste.

Ao longo de toda a aula recorri constantemente ao método interrogativo com a técnica das perguntas com o objectivo de motivar os aluno à participação. Considerei importante porque detectei nas aulas de IPP III que a turma era um pouco passiva e só participava se o professor questionasse directamente o aluno, pois se lançássemos uma questão para toda a turma ninguém responderia. No entanto, isto verificou-se só no início, para o final a turma já estava mais activa, menos envergonhada e descontraída.

Passei a explicar a importância do valor acrescentado na criação de riqueza e a origem do Rendimento Nacional. Com a ajuda dos alunos, depois, fez-se uma breve análise de um quadro do INE (Instituto Nacional de Estatística).

À medida que ia explicando, houve sempre o cuidado de certificar se os alunos estavam a compreender, se estava a ser devidamente clara colocando sempre os alunos à vontade para que em caso de não perceberem, poderem dizer. Pois explicaria as vezes que fossem necessárias e de formas diferentes para que entendessem e só assim prosseguiria.

Passamos à introdução da subunidade 6.2 com a realização de um exercício com a técnica *Brainstorming* a partir da palavra “rendimentos” com o objectivo do resultado vir a ser utilizado em exercícios seguintes. No início os alunos estavam um pouco hesitantes mas depois de incentivados acabaram dar um excelente contributo e isso foi-lhes transmitido à medida que iam enriquecendo a aula. E funcionou. Com uns elogios e umas palavras de incentivo, os alunos foram ficando mais à vontade e participativos.

Depois, apresentei a noção de repartição funcional dos rendimentos e expliquei a distinção entre rendimentos primários ou directos de rendimentos secundários, dando exemplos tanto da minha parte como partindo de exemplos dados pelos alunos, sempre valorizando o que fossem dizendo.

Foi pedido aos alunos que resolvessem um exercício de imediato. O recurso ao método activo tinha como objectivo fazer com que a aula se tornasse mais dinâmica dando

um papel mais activo ao aluno. Depois do exercício corrigido oralmente senti que podia continuar, que os alunos estavam a acompanhar perfeitamente.

Seguiu-se com a técnica expositiva, a indicação dos factores de produção, rendimentos primários e seus destinatários, com a ajuda de um esquema, feito no PowerPoint, que tinha a particularidade de ir sendo construído à medida que os alunos iam indicando as palavras correctas.

Passamos à explicação da definição de “Salário” e a distinção de “salário directo” de “salário indirecto”. Neste ponto, de forma espontaneamente, uma aluna enriqueceu a aula dizendo que sabia a origem da palavra salário, então explicou à turma. É lógico, que mereceu um generoso elogio. Este contributo não só foi interessantíssimo como revelou que a turma estava mais à vontade.

Mais uma vez passamos ao método activo com a resolução de mais um exercício onde os alunos não mostraram quaisquer dificuldades em fazer.

Novamente, técnica expositiva com a explicação da distinção de salário bruto ou ilíquido de salário líquido e da função do salário mínimo nacional. Este tema originou algumas dúvidas que se esclareceram com exemplos reais, assim como alguns comentários interessantes por parte dos alunos.

Com o recurso ao site da DGRT (Direcção Geral do Emprego e das Relações de Trabalho) visualizamos a evolução do salário mínimo nacional. Os alunos mostraram alguma admiração ao conhecer o valor assim como as diferenças de aumentos de ano para ano. A ideia consiste também em mostrar aos alunos a facilidade ao acesso a determinados sites de conteúdos importantes para o nosso quotidiano.

Seguiu-se com a explicação das formas de remuneração do capital e a forma de calculo dos juros de operações passivas e activas e da margem de intermediação financeira dos bancos.

Os alunos resolveram os exercícios 4, 5 e 6 do diaporama e após alguns minutos fez-se a respectiva correcção. Os alunos não mostraram quaisquer dificuldades na resolução dos exercícios mostrando empenho e gosto pela matéria. Os exercícios referidos apesar de estarem indicados no diaporama, foi distribuído aos alunos uma ficha de trabalho com a indicação desses mesmos exercícios para que tivessem espaço para a resolução.

A aula foi dada como terminada ao toque das dez horas e trinta minutos, em que os alunos arrumaram o material, despediram-se e saíram ordenadamente.

Concluindo, a aula decorreu lindamente, o plano foi cumprido, os alunos saíram satisfeitos e, se no início estavam um pouco tímidos, no final acabaram por ter uma participação excelente e um comportamento exemplar.

Ao nível da comunicação, partindo do que é referido no suporte teórico e daquilo que foi posto em prática só posso concluir que tudo correu muito bem. Os alunos deram um contributo à aula riquíssimo, pois um dos objectivos era dar espaço para os alunos intervirem, e isso foi conseguido, através do questionamento praticado ao longo de toda a aula, o que permitiu constante *feedback* por parte dos alunos. Ao nível dos recursos: o diaporama estava bem visível, ninguém se queixou, assim como em relação a todos os outros materiais entregues. O ritmo da aula foi dinâmico, agradável e produtivo, com a utilização de vários métodos, técnicas e recursos, alternando a exposição oral com exercícios. No final com a realização e correcção de exercícios permitiu, mais uma vez, receber o *feedback* dos alunos e este revelou-se positivo.

Considero importante referir que os alunos são excelentes: interessados, trabalhadores, educados e cumpridores. Isto permitiu que tudo corresse melhor do que era esperado. Provavelmente, com uma turma difícil não poderia utilizar a mesma estratégia.

2. Relatório da Aula II – 15 de Março de 2011

Ao contrário da aula anterior, esta já se encontrava quase completa, apenas com a ausência de uma aluna por doença.

Era previsto a aula começar às nove horas mas verificaram-se alguns atrasos, por parte dos alunos devido a uma greve de transportes públicos. Como já tinha conhecimento e como se tratava de cerca de 50% da turma, aguardei um pouco para dar início aula. No entanto, também se deu alguns problemas técnicos que se resolveram com a mudança de sala, o que provocou um pequeno atraso da nossa parte, acabando assim, por não termos de esperar muito pelos alunos.

Para esta segunda aula senti a necessidade de alterar de véspera o que já tinha planeado. Isto devido ao facto de a maior parte dos alunos ter faltado à aula anterior e a também devido ao grau de importância da matéria em questão, agravada pelo facto de ser a primeira aula, as bases da restante matéria. Assim incluí, no início da aula, um espaço mais alargado do que era previsto para revisões da matérias da aula anterior.

Depois de apresentado o sumário da aula, de uma forma rápida e mais resumida, fiz uma breve apresentação de toda a matéria leccionada na aula anterior.

Passámos para a análise de gráficos da página 205 do manual de Economia relacionados com a matéria dada. E para finalizar esta subunidade resolvi criar um jogo didáctico, com o objectivo de rever e consolidar as matérias leccionadas nas subunidades 6.1 e 6.2.

Deu-se início à leitura das regras para o jogo didáctico e à formação de grupos. Os grupos eram constituídos por dois ou três elementos, em que pedi que ficasse um elemento presente na aula anterior em cada grupo para que estes fossem mais equilibrados. O jogo continha cerca de trinta cartões com perguntas sobre toda a matéria da aula anterior, em que no final da pergunta teriam que responder nos dez segundos seguintes. Cada grupo respondia à vez. Existia uma particularidade: quem acertava ganhava pontos, quem errava perdia pontos e quem nada dizia ficava a zeros. Esta forma de cotação tinha com objectivo que os alunos respondessem de forma reflectida e sem precipitação. No final, depois do apuramento dos resultados, a equipa que ganhou mais pontos recebeu chocolates.

Foi com agrado que verifiquei que os alunos responderam correctamente à grande maioria das questões, transmitindo-me um *feedback* directo muito positivo. Verificou-se que os alunos gostaram da actividade do jogo didáctico, correspondendo muito bem e participando seriamente. Para além da grande parte dos alunos ter faltado na aula anterior, apenas com as revisões dadas no início da aula, a maioria respondeu muito bem às questões do jogo. O jogo, devido à sua natureza, criou uma dinâmica de grupo e um espírito de equipa muito interessante em sala de aula. Esta actividade resultou muito bem.

Continuando a aula, com recurso ao *PowerPoint*, passei à explicação do ponto 6.3 - A repartição pessoal dos rendimentos recorrendo posteriormente a um quadro exemplificativo. Passámos a um exercício de aplicação, exercício esse que estava no diaporama que depois de resolvido pelos alunos, a correcção surgia no próprio diaporama fazendo uma sequência interessante.

Passámos à explicação dos factores que podem originar desigualdade social, assim como as disparidades salariais, propriedade dos meios de produção, heranças, onde foi pedido aos alunos que dessem exemplos.

Para terminar a parte teórica desta aula explicou-se a distinção de salário nominal e de salário real, com vários exemplos, uns deles dados pelos próprios alunos. No final foi pedido aos alunos que resolvessem um exercício.

Com a parte teórica da aula dada como concluída, passámos para a parte exclusivamente prática com a análise do exemplo da página 207 do manual de Economia, análise do quadro da página 208 do manual de Economia, com resolução de um exercício e por fim a resolução de uma ficha de trabalho, em que à excepção de um aluno todos concluíram a tempo. Como estava previsto a correcção da ficha seria feita na aula seguinte.

A aula foi dada como terminada ao toque das dez horas e trinta minutos, em que os alunos arrumaram o material, despediram-se e saíram ordenadamente.

Apesar dos atrasos devido à greve de transportes, a aula correu bastante bem. Sem tempos mortos e com ritmo conseguimos cumprir a planificação prevista. Tendo em conta que a maior parte dos alunos não estiveram presentes na aula anterior, considerei que todos acompanharam perfeitamente as matérias, que resolveram sem dificuldades os exercícios propostos e que tiveram uma participação muito positiva no jogo. O dinamismo imperou na aula, assim como o interesse, empenho e participação dos alunos. Estes manifestaram muito agrado pela actividade do jogo didáctico, principalmente pelo facto da equipa vencedora ter ganho chocolates.

3. Relatório da Aula III – 16 de Março de 2011

Esta aula decorreu numa sala com as secretárias em “ferradura” que curiosamente, era ideal para uma actividade planeada que consistia num debate.

Depois de apresentado o sumário, iniciei a aula com uma breve revisão da aula anterior recheada de questões em que os alunos responderam correctamente. Seguiu-se a correcção da ficha de trabalho realizada na aula anterior. Esta foi feita de forma oral e em

conjunto onde consegui perceber se alguém tinha dificuldades e foi com agrado que percebi que não existiam muitas.

De uma forma mais expositiva foi explicado em que consistia o leque salarial e a sua fórmula. Seguiu-se um exercício sob forma de exemplo. A maior parte dos alunos resolveram sem dificuldade, no entanto verifiquei que existiam alunos com certas dificuldades em termos da matemática, em que houve a necessidade de explicar individualmente como inserir correctamente uma fórmula na calculadora. Depois todos resolveram correctamente.

Passámos à explicação dos factores que justificam a disparidade salarial. Foi pedido aos alunos que fossem dando exemplos e estes responderam positivamente. Nesta fase começo a perceber que existem alunos que já gostam de participar, fazem-no espontaneamente, no entanto, continuam a existir duas alunas muito tímidas em que tenho de solicitar directamente a participação.

Tendo em conta esta matéria, organizamos um debate com o tema: “Os grandes salários dos jogadores de futebol” em que os alunos participaram activamente com defesa de ideias bem fundamentadas. Nesta actividade houve o cuidado de não deixar que dois ou três alunos monopolizassem o debate e fazer com que todos contribuíssem com as suas ideias. No final todos gostaram.

Recorrendo à técnica expositiva, prosseguimos com o rendimento *per capita*, a sua explicação e formula. Foi pedido aos alunos que resolvessem o exercício da página 209 do manual e do que constava no diaporama, a pares, para que debatessem ideias. Depois passamos à explicação das limitações do indicador rendimento *per capita*.

Seguiu-se a apresentação e explicação do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Estava prevista a visita ao site do Relatório do Desenvolvimento Nacional de 2010, mas foi impossível devido a problemas técnicos. Assim sendo, foi pedido aos alunos que fizessem esta actividade em casa.

Passámos à análise oral de um mapa do IDH ao nível mundial e de um gráfico sobre a evolução do IDH de cinco países (México; Brasil; Colômbia; Venezuela e Peru). Esta actividade teve como objectivo os alunos praticarem a leitura de gráficos, mapas e quadros, assim como irem-se acostumando a visualizar o comportamento de alguns dos indicadores económicos. Depois, fez-se a resolução oral do exercício da página 211 do manual de Economia.

Seguiu-se a explicação da curva de Lorenz com a resolução de um exercício partindo de exemplos de curvas de vários países e concluímos com a análise da curva de Lorenz de Portugal.

No final foi feita uma síntese dos conteúdos leccionados com a devida sequência didáctica, revendo e enaltecendo os pontos estruturantes da matéria. Ainda houve um momento para esclarecimento de algumas dúvidas colocadas pelos alunos e para apresentar os conteúdos da aula seguinte. Os alunos saíram ao toque das dez horas e trinta minutos depois de arrumado o material e da despedida.

Com a excepção de não termos conseguido ligação à internet, o que mesmo assim não impediu que a aula tivesse corrido perfeitamente, os alunos participaram activamente, com um belíssimo contributo no debate, demonstraram muito interesse pelas matérias leccionadas e empenho em todas as actividades propostas. Em termos de comportamento foram irrepreensíveis.

Gostava de acrescentar que nesta aula estava com uma fortíssima dor de cabeça e foi com algum esforço que mantive uma postura bem disposta, dinâmica e entusiástica, tentando não passar para os alunos o desconforto que sentia. No entanto uma aluna apercebeu-se pela minha cara e perguntou se eu estava bem, onde eu disse que estava só com dores de cabeça. No final os alunos desejaram-me as melhoras, o que achei muito simpático da parte deles.

4. Relatório da Aula IV – 18 de Março de 2011

Após a entrada às nove horas e depois de apresentado o sumário, foi feita uma breve revisão da aula anterior com a colaboração dos alunos.

Com recurso ao *PowerPoint* e à técnica expositiva explicou-se o índice de Gini, foi resolvido o exercício da página 212 do manual e pediu-se que fizessem a comparação com o quadro da página 211 do mesmo manual.

Concluído este ponto, deu-se por terminado os conteúdos a leccionar previstos no meu estágio. Assim todas as actividades que se seguiram nesta aula e na seguinte foram de aplicação, revisão e consolidação de conhecimentos.

Passámos ao visionamento de um pequeno vídeo de três minutos (*Movie Maker*), elaborado por ex-alunos, relacionado com os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento. O objectivo desta actividade era reconhecerem nas imagens as desigualdades sociais e sensibilizar os alunos para o problema.

Depois de comentarmos os conteúdos do vídeo foi proposta uma actividade sobre o mesmo relacionada com o IDH e o índice de Gini. O objectivo era cruzar a teoria com o visionado, à qual os alunos responderam pronta e correctamente.

De forma a organizar os conhecimentos transmitidos, destacar a informação estruturante e rever rapidamente toda a matéria que tinha sido leccionada da unidade seis, foi apresentado um esquema-síntese da matéria leccionada nas quatro aulas. À medida que se foi explicando as caixas de texto, as setas iam aparecendo na tela para que os alunos acompanhassem o desencadear dos conteúdos e as interligações dos mesmos.

Seguiu-se uma série de perguntas complementares ao esquema síntese a todos os alunos de resposta oral em que deu para detectar algumas dúvidas existentes que puderam ser esclarecidas.

A partir de uma foto curiosa tirada a uma favela paredes meias com um condomínio de luxo no Brasil foi pedido que comentassem a imagem demonstrativa das desigualdades sociais e que fizessem uma breve análise oralmente.

Passámos a uma outra actividade, que consistia na análise de duas notícias da actualidade sobre as desigualdade sociais, a primeira sobre o nosso país e a segunda sobre as desigualdades salariais entre homens e mulheres. O objectivo desta actividade era confrontar os alunos com a actualidade relacionada com o tema trabalhado e verificarem que o que estudam em Economia tem aplicação real e que os ajuda a compreender a informação vinda da comunicação social. Aproveitado o momento, apelou-se à leitura de jornais e ao visionamento de programas de informação noticiosa e à importância de estarmos informados sobre o que se passa no nosso país e no mundo.

Seguiu-se a resolução de uma ficha de trabalho em que os alunos poderiam fazer a pares e a respectiva correcção oral, em que cada aluno corrigiu uma questão para que todos pudessem participar. Depois resolveram os exercícios de avaliação do manual, páginas 230 e 231. Neste caso, já existiram duas alunas com mais dificuldades na interpretação das perguntas do livro, mas foi dada uma pequena ajuda que resolveu a situação. De resto, os

alunos não manifestaram quaisquer dificuldades nos exercícios quer da ficha, quer do manual.

Entretanto tocou às dez e trinta minutos, os alunos arrumaram o material, despediram-se e saíram ordenadamente.

Concluindo, a meu ver, esta aula correu melhor do que estava à espera. Com uma estratégia diversificada, com actividades novas (vídeo, imagens, notícias, esquema síntese), ainda não realizadas nas três aulas anteriores, penso que resultou perfeitamente. Os alunos mais uma vez tiveram um comportamento e um desempenho exemplar, acompanhando e respondendo perfeitamente ao longo de toda a aula. Senti verdadeiramente que eles gostaram.

Devido à imensa claridade que as salas têm, a qualidade de imagem do vídeo não foi a melhor, no entanto deu perfeitamente para o que se pretendia.

Ao longo das aulas leccionadas, foi conseguido um *feedback* directo muito positivo por parte dos alunos. Saí desta aula, convicta que tinha conseguido transmitir todas as mensagens (conteúdos) a que me tinha proposto, que os alunos tinham recebido e percebido claramente a informação que queria transmitir, só me restava saber se o mesmo iria corresponder ao *feedback* indirecto, que neste caso seria a ficha formativa e o teste sumativo, para que o processo de comunicação culminasse com sucesso.

5. Relatório da Aula V – 4 de Abril de 2011

O objectivo desta aula era rever toda a matéria da unidade seis e preparar os alunos para o teste sumativo.

O desenvolvimento da aula baseou-se na correcção de uma ficha formativa que tinha sido aplicada na aula anterior, orientada pela professora Maria João País.

A ficha formativa continha toda a matéria prevista para o teste sumativo e era constituída por um elevado número de questões que permitia que se pudesse rever toda a matéria leccionada por mim, Dária Andrade, pontos 6.1; 6.2 e 6.3 e por uma outra colega, 6.4 e 6.5 da unidade 6, contribuindo também como orientação do método de estudo do aluno em casa.

A correcção desta ficha permitiu que se abordasse, explicasse e esclarecesse todas as dúvidas apresentadas pelos alunos em cada ponto.

De forma ordenada, todos participaram na correcção. À vez, cada um ia corrigindo uma questão, oralmente ou no quadro, até ao final. O objectivo era que todos participassem e tivessem um papel activo em aula, mesmo os mais tímidos, equilibrando, assim, os tempos de intervenção de cada aluno.

Uma falha na impressão impediu a resolução do exercício 24 da ficha formativa. Pois o simples corte de uma parte da legenda traduziu-se num ruído, uma barreira à comunicação, interferiu e perturbou a passagem da mensagem que a questão tencionava. Na altura corrigiu-se a falha e resolveu-se a dita questão.

Depois da ficha formativa corrigida e de mais algumas dúvidas esclarecidas foi distribuído uma folha que continha os objectivos para o teste. Mais uma vez, com isto, pretende-se que o aluno conheça claramente a matéria que consta no teste e os objectivos para o mesmo, servindo também, como forma de orientar o estudo em casa.

Terminamos a aula com as recomendações para o teste (não esquecer da folha de teste, da calculadora, não chegar atrasado). Com o toque das dez horas e trinta minutos, seguiu-se de uma despedida mais emotiva, visto que era a última vez que eu estava com os alunos.

Apesar de não existir grande diversidade de métodos e técnicas, tendo em conta que se baseava na correcção da ficha formativa, teve de ser assim forçosamente, com a alternância do método interrogativo na técnica das perguntas, o método afirmativo com a técnica expositiva e o método activo com a correcção de exercícios, a aula correu muito bem. Considero que a mesma não foi entediante, mas sim, produtiva, ritmada e agradável, conseguiu-se uma boa dinâmica e uma participação notável por parte de todos os alunos preenchendo a maior parte da aula.

Considero que uma aula desta natureza é importantíssima antes de um teste, e foi muito bom que todos os alunos estivessem presentes e pudessem participar dela. Senti que os alunos estavam preparados para o teste sumativos.

Mais uma vez considero que os alunos tiveram uma prestação e um comportamento exemplar.

CAPÍTULO IV – Estudo de Caso

Introdução ao capítulo IV

A partir das aulas leccionadas, na turma em questão e do suporte teórico, foi feito um estudo que terá como enfoque a comunicação na sala de aula e os factores que influenciam a mesma.

Este capítulo inicia-se com a apresentação da metodologia utilizada no estudo: apresentação dos sujeitos do estudo; *desing* do estudo; técnicas de recolha de dados; instrumentos a utilizar, entre outros promotores. Seguir-se-á com o tratamento, análise e triangulação de dados, discussão de resultados, limitação do estudo, conclusões e reflexão final.

1. Metodologia

1.1. Sujeitos do estudo

1.1.1. População

A população em estudo serão: todos os alunos pertencentes à turma B do décimo ano de escolaridade da disciplina de Economia A da Escola Secundária Josefa de Óbidos, constituída por oito elementos e a minha pessoa, tendo em conta que o meu trabalho na leccionação das referidas aulas também irá ser sujeito a estudo.

1.1.2. Fontes de Investigação

As fontes de investigação serão: a professora cooperante através de uma entrevista realizada após a leccionação das referidas aulas; os mesmos oito alunos pertencentes à turma B do décimo ano de escolaridade da disciplina de Economia A, através do preenchimento de três questionários; as grelhas de observação de aula/alunos provenientes das aulas leccionadas e grelhas de observação das aulas leccionadas – Enfoque: A Comunicação.

1.1.3. Amostra do estudo

A amostra do presente estudo será considerada por conveniência tendo em conta que a escolha da Escola Secundária Josefa de Óbidos e do professor cooperante, Doutora Maria João Pais, e respectiva turma, décimo B, terem sido determinados na disciplina de Iniciação à Prática Profissional III, do presente mestrado em ensino. Isto deve-se ao facto desta ser uma das escolas com protocolo assinado com a Universidade de Lisboa. O professor cooperante lecciona na referida escola, sendo a turma referida neste trabalho, uma das suas, à qual lecciona a disciplina de Economia A.

1.2. Design do estudo

1.2.1. Estudo Quantitativo – Estudo de Caso

“Estudo de caso: é uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse.”

Universidade do Minho - Ponte (2006)

Considera-se um estudo de caso tendo em conta que se trata de uma abordagem específica a uma única turma, onde vamos identificar, descrever, compreender e analisar situações que possam fornecer um conjunto de dados com o objectivo de determinar quais os factores que influenciam a comunicação na sala de aula.

1.3. Técnica de recolha de dados

1.3.1. Técnica utilizada

As técnicas utilizadas foram por questionamento e por observação. A primeira por considerar interessante ouvir o que os alunos e a professora cooperante têm a dizer a respeito deste tema e a segunda pela necessidade de recolha de informações sobre a sala, os procedimentos, as praticas e tudo o for de interesse para este trabalho.

1.3.2. Instrumentos de recolha de dados

- Inquérito I, II e III
- Entrevista à professora Maria João Pais
- Grelhas de observação de aula/alunos
- Grelha de observação das aulas leccionadas – Enfoque: A Comunicação
- Grelha de análise dos resultados dos testes sumativos

Os instrumentos de recolha de dados foram: três inquéritos distribuídos a cada elemento da turma; uma entrevista a fazer à professora cooperante; a grelha de observação de aula/alunos, que servirá para registar dados sobre a assiduidade, pontualidade, interesse e atitude perante o trabalho, comportamento, postura na sala de aula, domínio escrito e oral da língua portuguesa, participação oral, trabalho feito em aula individual e em grupo; a grelha de registo de observações sobre as aulas leccionadas, onde se faz o registo de como decorreu a aula, com o enfoque na comunicação, tendo em conta temas abordados no capítulo II, suporte teórico deste trabalho, assim como outras situação de carácter relevante em termos gerais, e por último, a grelha de análise dos resultados dos testes sumativos onde se traduziu os valores em dados estatísticos.

2. Tratamento e análise de dados

Tendo como suporte instrumentos que se encontram nos anexos (gráficos dos inquéritos e interpretação dos mesmos; grelhas de observação de aulas/alunos; grelha de observação das aulas leccionadas – Enfoque: A Comunicação; transcrição da entrevista e grelha de análise dos elementos de avaliação sumativa) chegou-se a determinadas conclusões.

Inicia-se com a conclusão da interpretação de resultados do inquérito I, com o objectivo de encontrar factores que possam influenciar a comunicação na sala de aula em termos gerais, seguidamente em termos específicos relacionado com as cinco aulas, depois para apurar se os professores que marcam os alunos têm qualidades/características comunicacionais, passando à análise de conteúdo da entrevista e por fim a análise dos elementos de avaliação sumativa.

2.1. Conclusão da interpretação de resultados - *Inquérito I*

Segundo os resultados dos gráficos do inquérito I, que tinha como objectivo encontrar factores que possam influenciar a comunicação na sala de aula em termos gerais, tendo em conta todas as disciplinas deste ano lectivo, os alunos consideraram que: ao nível dos instrumentos didácticos utilizados, nem sempre os *PowerPoint* têm boa visibilidade, já as fotocópias sim, ao nível do sistema de som a opinião não foi consensual havendo alunos a dizer que existem sempre interferências e outros raramente. A escrita no quadro é bem legível e a internet poucas vezes funciona bem. Em termos de clareza de linguagem nas perguntas dos testes, os alunos na sua maioria não dificuldades, no entanto, alguns têm. Em termos do ambiente da sala de aula: a maior parte dos alunos consideram as salas acolhedoras e boas condições em termos de mobiliário e na sua maioria, acham que estes factores podem influenciar a comunicação na sala de aula. Não consideram que a disposição das mesas na sala de aula dificultem a comunicação. O facto das salas terem muita claridade, as opiniões não foram consensuais, existindo alunos a dizer que o excesso de claridade dificulta sempre ou muitas vezes a comunicação e outros respondendo “raramente” ou “nunca”. Já ao nível das conversas colaterais, entre colegas, e em situações de turmas com elevado número de alunos, consideram que dificulta a comunicação em aula. Ao nível do professor: consideram que nem sempre estes explicam de forma clara, no entanto raramente utilizam vocabulário que não conhecem. Normalmente os professores transmitem claramente o que pretendem no caso de elaboração de trabalhos. Consideram que na maior parte da vezes vão tendo *feedback* do seu desempenho. Em termos de dicção, por parte do professor, consideram que algumas vezes ou raramente existem problemas a esse nível, no entanto alguns falam ou demasiado alto ou demasiado baixo, algumas vezes ou raramente com discurso monocórdico. Consideram, também, que a forma de olhar de alguns professores, enquanto falam, não prende a atenção do aluno. Ao nível do aluno: dizem-nos nem sempre expõem as suas dúvidas, alguns têm alguma vergonha em falar para a turma e consideram que os níveis de concentração influenciam a comunicação. A maioria, quando estuda para um teste, tem toda a matéria registada no caderno, assim como fotocópias e manual. Todos consideram que a relação professor/aluno influencia a comunicação na sala de aula.

2.2. Conclusão da interpretação de resultados - *Inquérito II*

Referindo-se às aulas leccionadas pela professora Dária Andrade, os alunos responderam a um conjunto de questões com o objectivo de analisar o trabalho feito em aula com o enfoque na comunicação na sala de aula.

Ao nível dos instrumentos didácticos utilizados os alunos consideraram que os diaporamas projectados tinham boa visibilidade, que as fotocópias tinham boa qualidade, no entanto referiram que nem sempre a internet funcionou bem. Compreenderam as perguntas das fichas e dos testes, consideraram que os jogos facilitaram a aquisição dos conhecimentos, e que o teste foi adequado ao que foi leccionado nas aulas e os resultados dos mesmos foram de encontro ao que esperavam. Ao nível do ambiente de sala de aula: todos consideraram que era propício ao ensino/aprendizagem. No que diz respeito ao facto das salas terem muita claridade as opiniões não foram consensuais, uma parte disse que “sim”, outra disse que “não” e uma outra “por vezes”. Consideram que às vezes as conversas colaterais dificultaram a comunicação. Quando perguntado se as aulas foram produtivas a resposta foi unânime com um “sim”, consideraram que foram dinâmicas, que se conseguiu um ambiente agradável e descontraído de aprendizagem, em que a professora explicou sempre de forma clara mesmo utilizando algum vocabulário que não conheciam. As actividades propostas foram sempre claramente explicadas. Durante as aulas a professora foi sempre dando *feedback* do desempenho dos alunos. Consideram que a professora não tem quaisquer problemas de dicção, utiliza um volume de voz adequado, não monocórdico tendo uma forma de falar cativante. Ao nível dos alunos: quando perguntado se expôs sempre as dúvidas que tinha, metade da turma disse que “sim”, uma parte disse que “por vezes” e um aluno disse que “não”. A maioria considera que podia ter participado mais, no entanto todos consideraram que a professora puxou pela participação dos alunos. Em termos gerais todos gostaram das aulas. Ninguém detectou algo que dificultasse a comunicação à excepção de um aluno, onde justificou mencionando o facto de uma das vezes em que se pretendia fazer uma consulta na *internet* esta não se encontrar em funcionamento, e que às vezes tinha dificuldade em visualizar os *PowerPoint*. Apesar de ter sido pedido apenas dois alunos justificaram a resposta “não”, onde um referiu que a comunicação entre os alunos e a professora foi sempre boa e outro o facto de serem poucos e assim existir mais atenção facilitando a comunicação.

2.3. Conclusão da interpretação de resultados - *Inquérito III*

Com o objectivo de perceber porque motivos os professores marcam os alunos pela positiva, algumas das suas características e se estão relacionadas com algo mencionado neste trabalho, apurou-se o seguinte:

Quando perguntado quais os professores que mais gostou, os alunos responderam mencionando na sua maioria professores recentes e os do primeiro ciclo do ensino básico. As disciplinas mais referidas foi a de Matemática e de Economia. Referiram também que as notas das disciplinas mencionadas foram boas.

No que diz respeito às características especiais do/s professor/es que levaram à referida escolha, responderam:

Nota: Fez-se a transcrição *ipsis verbis* dos relatos, apenas se corrigiu erros ortográficos.

- *“Boa relação entre professor/aluno; Professor que incentiva o aluno a ter boa nota, e esforçar-se.”*
- *“Ensinava bem e consegui aprender imensa coisa.”*
- *“Era uma boa professora, muito compreensiva, muito simpática e que ainda agora nos ajuda quando necessitamos.”*
- *“Compreensivos, explicavam bem e ao mesmo tempo as aulas tornavam-se divertidas na aula de Língua Portuguesa .”*
- *“Boa explicação por parte dos professores e profissionalismo.”*
- *“Era muito simpática e muito amigável. Íamos jantar e fazer piqueniques.”*
- *“Eram muito simpáticos. Explicavam bem. Havia uma boa relação entre o professor e aluno.”*
- *“Ensinavam muito bem, faziam as aulas de uma forma dinâmica e engraçada mas dava para aprender, e contribuíram para o que sei hoje.”*

Perante estas afirmações conclui-se que os professores que marcam os alunos são detentores de características que estão relacionadas com temas abordados neste trabalho como: a boa relação professor/aluno; a capacidade de incentivo; clareza na linguagem; a simpatia; a compreensão; capacidade de dinamizar as aulas e criar ambientes agradáveis de aprendizagem, onde foi mencionado também a comunicação informal quando um aluno se refere a jantares e piqueniques.

2.4. Análise das grelhas de observação de aula/alunos

As grelhas de observação de aulas estão divididas em duas partes: as competências transversais e competências específicas. Durante as cinco aulas foi-se registando a apreciação feitas em diversos pontos de vista.

No que se refere às competências transversais temos: *assiduidade* – no primeiro dia foi reduzida devida a uma visita de estudo, nos restantes foi elevada, verificando-se algumas ausências por parte de uma aluna por motivos de saúde. Ao nível da pontualidade registaram-se alguns atrasos devido a greves de transportes; *execução de tarefas* – a avaliação foi bastante positivas em todas as aulas em todos os alunos. Estes demonstraram uma elevada capacidade de trabalho e de cumprimento pelo que lhes era pedido; *interesse e atitude perante o trabalho* – a este nível a avaliação variou entre o bom e o muito bom, pois estava perante uma turma interessada e com vontade de aprender; *comportamento e postura na sala de aula* – irrepreensível, os alunos eram extremamente bem educados, quer com o professor como entre eles; *domínio da língua portuguesa* – o domínio era bom, realçando pela positiva duas alunas em termos de expressão oral.

Ao nível das competências específicas: *participação oral* – no início era uma turma tímida, com pouco à vontade para exprimir as suas ideias, onde os alunos só participavam quando solicitados directamente. Mas rapidamente foram ficando mais descontraídos acabando por ter uma participação excelente e muito interessante, enriquecendo em muito cada uma das aulas. Apenas verifiquei o caso de uma aluna que por muito que puxasse pela sua participação, esta mantinha-se reduzida, no entanto nunca se recusou a responder ao que lhe era perguntado directamente, mas sempre com respostas muito curtas. Caso a trabalhar, se o estágio fosse mais longo; *trabalho individual* – Neste campo avalia-se o resultado e a qualidade do trabalho feito. Verificaram-se belíssimos resultados em termos gerais. Em todas as aulas existiam exercícios a resolver, trabalhos para desenvolver, perguntas a responder e actividades a participar, que punham à prova os conhecimentos que os alunos iam adquirindo ao longo das aulas, com o objectivo de fornecer o *feedback*, neste caso directo, segundo Caetano & Rastilha (2007b). Este revelou-se bastante positivo o que transmitiu que os alunos estavam a acompanhar o desenrolar das matérias e adquirir os conhecimentos desejados, ou seja, estavam a receber devidamente a mensagem que pretendia transmitir, logo o processo de comunicação realizou-se na íntegra; *capacidade na execução das tarefas propostas* – todos os alunos eram bastante receptivos a tudo o que lhes era proposto, principalmente quando se tratava de actividades novas ou pouco

utilizadas. Isto verificou-se no êxito que diversas actividades tiveram nas aulas como: diaporamas com actividades interactivas; o jogo didáctico dos cartões; o debate; o recurso à *internet*; visionamento de vídeos; análise de imagens e notícias; jogos nas fichas de actividade; entre outros. Tudo resultou muito bem, devido também, à maturidade e postura destes alunos.

2.5. Análise da grelha de observação das aulas leccionadas – Enfoque: A Comunicação

O objectivo da referida grelha, sita nos anexos, consiste na aplicação dos ensinamentos teóricos à pratica pedagógica. A partir dos pontos abordados na revisão de literatura foi feito um trabalho de observação nas cinco aulas e registadas as devidas informações. Com base nas mesmas fez-se a seguinte análise:

Ao longo das aulas existiu sempre o cuidado de verificar se o processo de comunicação se realizou na integra. Em termos gerais considerou-se: o emissor – o professor; a ideia a transmitir – os conteúdos programados; o código – a língua portuguesa falada e escrita, entre outros símbolos; o codificador – o professor; o decodificador – o aluno; a mensagem – o conteúdo dos programáticos traduzidos numa mensagem através do código, neste caso a língua portuguesa falada e escrita, imagens, filmes, entre outros; meio/canal: meio oral, papel (manual e fichas de trabalho), *internet*, *data show*, quadro; o receptor – o aluno; o contexto – a caracterização da turma e o ambiente de sala de aula; o ruído – o factor que mais interferiu o processo de comunicação, na minha perspectiva foi no visionamento dos diaporamas as salas terem muita claridade, mesmo com os estores corridos, o *feedback* – este existiu quer por parte do professor como por parte do aluno. No que diz respeito ao modelo de Lasswell respondeu-se às cinco questões da seguinte forma: Quem? O professor; Diz o quê? Conteúdos programáticos; A quem? Aos alunos; Como? Através da língua falada e escrita, imagens, vídeos, jogos, *internet*, diaporamas; Com que objectivos? O grande objectivo é que os alunos aprendam, atinjam os objectivos previamente definidos, que o ensino/aprendizagem se realize.

Existiu diversificação dos tipos de linguagem. Ao nível verbal sonoro com a exposição oral e técnica do questionamento; a linguagem escrita também foi frequentemente utilizada no caso das fichas de trabalho, quadro, teste, *internet*. Não verbal em termos visuais podemos falar no recurso às imagens e vídeos utilizados, assim como a

utilização de uma linguagem corporal que contribuísse para captar a atenção dos alunos, ajudasse a clarificar a informação, tornando a exposição oral menos monótona e motivadora para os alunos. A linguagem mista foi aplicada com o recurso aos vídeos e diaporamas que permitem integrar todos os tipos de linguagem facilitando a compreensão dos conteúdos.

Foi utilizada a comunicação unilateral e bilateral. Um dos objectivos era tornar a comunicação durante a aula o mais bilateral possível. Durante as exposições orais foram introduzidas perguntas com frequência apelando à participação dos alunos, assim como diversidade de actividades tornando o aluno um elemento activo em aula. Estes conceitos também podem ser designados por comunicação unidireccional e bidireccional, segundo Nieto (2009).

A comunicação descendente dominou, apesar dos alunos terem participado muito bem em todas as actividades. Se houvessem mais aulas poderia ter sido dado espaço aos alunos no sentidos de ouvir, da parte deles, propostas de actividades a realizar nas aulas. No que diz respeito à comunicação lateral, esta foi aplicada quando os alunos faziam fichas de trabalho, actividades, jogos e debates. Estes conceitos também podem ser designados como circuitos de comunicação vertical e horizontal segundo Antão (1999).

Uma aula é sempre comunicação formal. No entanto nos primeiros ou últimos minutos destas aulas existiu espaço e abertura para uma curta comunicação informal. Por exemplo: quando os alunos perguntavam pelo filho de quatro meses da professora. Este tipo de comunicação, não sendo em demasia, aproxima o aluno do professor.

Ao longo das cinco aulas o *feedback* foi uma prática corrente. O *feedback* directo que ocorria durante as aulas, sempre se faziam perguntas, actividades, fichas de trabalho e mesmo na participação oral espontânea. Só depois de um sinal positivo se passava à matéria seguinte. No início de cada aula fazia-se uma breve revisão da aula anterior apelando sempre à participação dos alunos. Com estas demonstrações de conhecimentos determina-se os alunos com mais ou menos dificuldades para actuar em conformidade. O *feedback* indirecto ocorre com o resultado dos testes sumativos que foi bastante positivo.

Por se considerar bastante interessante o conceito dos elementos que garantem a credibilidade do emissor de Rost & Smith (1992), este foi aplicado da seguinte forma por parte do professor: *Compostura*: atitude calma, assertiva e coerente; *Carácter*: transmissão de confiança, rigor, seriedade, honestidade, boa-vontade, verdade e respeito pelos alunos;

Competência: boa preparação para que os alunos vissem conhecimento e domínio da matérias por parte do professor, tornando credível a sua mensagem; *Coragem*: transmissão de força, convicção e compromisso, defendendo bem ideias; *Cuidado*: alunos em primeiro lugar, cuidado com o seu bem-estar, ajuda e explicações as vezes que fossem necessárias, conforto (se viam bem, se ouviam bem) participação por parte de todos os alunos, justiça (por estar a dar mais atenção a uns do que a outros) ou seja, que sentissem que o professor estava para eles, com a finalidade de aprender de uma forma agradável.

Ao nível das barreiras à comunicação, segundo Almeida *et al.* (2008), no que diz respeito aos factores pessoais, tudo foi feito para que não se verificasse nenhuma das barreiras mencionadas na teoria, resultando positivamente. Ao nível dos factores sociais não existiam barreiras a este nível.

Apraz dizer que, as aulas de IPP III foram fundamentais para conhecer os alunos, assim como os inquéritos feitos no início dessas mesmas aulas. Só desta forma se pode construir aulas adequadas à turma. Possivelmente com uma turma diferente, mais agitada, com dificuldades de aprendizagem ou problemas de indisciplina, teria de fazer de maneira totalmente diferente. No entanto, houve o cuidado, dessas informações não criarem ideias pré definidas sobre os alunos.

Ao nível do comportamento do professor, existiu o cuidado de aplicar as características de um comportamento eficaz do professor segundo o quadro de Ryans.

No que diz respeito às habilidade sociais, existiu facilidade no relacionamento com os alunos. No início verificou-se algumas reservas devido à necessidade de conhecer a turma e determinar a forma mais eficaz de se relacionar com eles.

Aplicou-se os ensinamentos Nieto (2009) em relação às habilidades comunicativas. Em termos verbais: um volume e tom de voz agradáveis, clareza de dicção e fluidez. Não-verbais: a utilização da expressão facial, dos gestos e do olhar como meio de comunicação, sempre com um sorriso e uma postura assertiva, movimentando-se pelo espaço existente à medida que se faziam as exposições orais. Ou seja, segundo Vieira (2005), foi aplicado um estilo de comunicação afirmativo.

Ao nível do comportamento do aluno, em termos gerais e segundo Estanqueiro (2010), trata-se de alunos tímidos. Assim sendo, aplica-se o primeiro ponto da teoria – Estimular os tímidos – pois os outros dois não se aplicam às características da turma. Seguindo as orientações do autor, optou-se por fazer perguntas simples e directas, sem

interromper as intervenções dos alunos, elogiando e incentivando cada participação. Verificou-se também que a aluna mais tímida estava sozinha e em último lugar.

Para que os alunos percebessem na íntegra o que era dito, e segundo os ensinamentos de Piaget, em primeiro lugar teve-se em conta as características da turma, para que o código linguístico utilizado fosse de encontro ao seu nível cognitivo. Foi utilizada linguagem técnica mas houve sempre o cuidado de descodificá-la. Muitas vezes, mesmo perguntando se tinham dúvidas, os alunos nada respondiam, no entanto pela expressão que espelhavam, indicava que sim, onde a professora voltava a explicar de uma outra forma. Antão (1999) oferece-nos diversas estratégias que facilitam a veiculação de conteúdos, onde todas elas foram aplicadas.

Maximizar a participação dos alunos foi uma prioridade. Ambas as vantagens referidas, motivação e aprendizagem, se verificaram nas aulas. Ao longo das mesmas e quanto mais os alunos participavam mais se mostravam motivados e entusiasmados nos conteúdos leccionados. Ao nível da aprendizagem, foi positivo, podendo-se verificar pelos resultados obtidos nos testes. No caso, não existiu qualquer motivo que levasse a um abrandamento ou inibição da participação por parte dos alunos, pois não existiam problemas de comportamento, muito pelo contrário. A turma em causa permitia que o professor desse abertura e liberdade, pois os alunos sabiam e respeitavam os limites. Em certos momentos, permitiu mesmo aligeirar a exposição com uma graça, tornando a aula alegre e bem disposta, coisa que não é possível em turmas mais complicadas ao nível do comportamento, sob pena de perder o controlo do grupo.

O questionamento foi técnica intensamente aplicada nas cinco aulas. Como já foi referido, no comportamento do aluno, a turma inicialmente era bastante tímida, mas depois, de muito incentivados, acabaram por ter uma excelente participação. No entanto, houve uma aluna que, por muito que fosse incentivada, manteve-se tímida e envergonhada, respondendo apenas quando abordada directamente e mesmo assim com respostas curtas e voz muito baixa. Por tudo isto, iniciou-se com questões directas, de respostas simples e óbvias, para que os alunos, acertando, ficassem mais motivados e à vontade, e não, constrangidos e envergonhados por terem errado. Isso iria ser um factor inibidor. Depois de mais confiantes, as perguntas foram ficando mais complexas, apelando mais ao pensamento e raciocínio do que à memorização. No início, o tempo de espera pelas respostas era mais longo, para que os alunos pudessem pensar e responder. Sempre que respondiam, era feito um elogio e um incentivo a novas participações. Muitas vezes a partir

do que os alunos diziam era utilizado para novos exercícios ou mesmo ponto de partida para um outro assunto. Estava fora de causa criticar o que quer que dissessem.

Estanqueiro (2010) dá-nos diversas formas de responder a uma pergunta feita por um aluno. Neste caso, optou-se por responder o mais claramente possível, dando sempre exemplos reais ou hipotéticos para facilitar a compreensão dos alunos seguindo a ideia das estratégias com base no princípio da realidade de Vieira & Vieira (2005), respondendo sempre com maior boa vontade e entusiasmo, valorizando a acção do aluno. Não existiram perguntas despropositadas, impertinentes ou provocadoras. Também não houve perguntas às quais, no momento, o professor soubesse dar resposta.

A participação dos alunos foi uma prática constante. Fazer deles um elemento activo e das suas ideias uma mais-valia para a aula era fundamental. Esta tinha como objectivo motivar e integrar os alunos, reforçar e consolidar conhecimentos, sendo também um instrumento para obter o *feedback* dos alunos, dos seus conhecimentos, dos conteúdos com mais dificuldades, do seu bem-estar e estado de espírito. A abertura dada pela participação faz com que o aluno colabore mais. Motivação (do Latim *moveres*) é a força interior que move a pessoa na sua acção.

Os elogios não custam dinheiro e resultam muito bem. A prática do elogio foi uma constante aos longo das aulas. Estímulos positivos feitos de forma natural, com palavras, sorrisos, gestos até mesmo chamando a atenção da turma para enaltecer e agradecer o contributo e a prestação de uma aluna que, espontaneamente, falou sobre um assunto que tinha lido, que se enquadrava perfeitamente no que estavam a trabalhar, sendo muito positivo.

Estanqueiro (2010) defende que o comportamento do professor difere consoante as expectativas que este tem sobre os alunos. Neste caso, as expectativas da professora em relação aos alunos eram positivas e isso era-lhes transmitido, e se contribuiu de alguma forma como o autor diz, foi com certeza, positivamente.

O gosto pelo ensino, o prazer em leccionar cada aula e o interesse pelas matérias dadas, faz com que o entusiasmo da professora seja inato, manifestando-se de forma natural, captando o interesse e a participação dos alunos. O que torna mais entusiástica a aula. Tudo foi feito para que houvesse um ambiente de aprendizagem agradável: a relação com os alunos foi boa; existiu um clima de respeito pelo próximo e pelas normas de sala de

aula, previamente determinadas; dinâmica; bom ritmo de trabalho e de aprendizagem. Verificou-se um bom envolvimento dos alunos na aula.

Apesar de breves atrasos, devido às greves de transportes, o tempo não foi problema, pois as aulas correram como planeado e os alunos acompanharam bem o ritmo das mesmas. Os planos foram cumpridos.

Em termos da análise do espaço, ao nível existência dos recursos, as salas estavam bem apetrechadas. Todas tinham computador, *data show*, *internet* e bons quadros. No entanto, a *internet* nem sempre funcionou e, devido à claridade, existia uma certa dificuldade em ver o que estava escrito no quadro, assim como em relação em certos momentos quando passadas imagens nos diaporamas e filmes. Em quatro das cinco aulas a disposição das carteiras era tradicional, que tendo em conta a estratégia utilizada adequava-se perfeitamente. Numa aula, a disposição foi em ferradura que se adequou especialmente a uma das actividades programadas, que foi um debate. A distribuição dos alunos já estava predefinida não existindo necessidade de alterar só por cinco aulas. No entanto, se houvesse continuidade, proponha-se uma mudança de lugar da aluna mais tímida para um lugar para a “zona de acção”. A densidade populacional era reduzida o que facilitava a comunicação. Em termos de ruídos, não existiam muitos, e os que haviam, os alunos já estavam habituados.

Verificou-se existir numa sala um cheiro intenso a comida, vindo da cozinha do refeitório que era por baixo de uma das salas. Este facto causava uma certa desconcentração por parte dos alunos.

Em termos gerais, as salas eram boas, limpas, arrumadas, com mobiliário novo, bons recursos, grandes e arejadas, com bastante claridade e boa acústica. Não era necessário falar muito alto, também porque eram apenas oito alunos e ocupavam os lugares da primeira e segunda filas.

Seguiu-se a sequência programática do manual, por ser prática habitual e para não alterar os costumes dos alunos. Pois o contrário podia ser negativo. No que diz respeito à organização dos conteúdos por aula, optou-se por ser o mais facilitador possível para a aprendizagem, dividindo a matéria por tópicos, explicando passo a passo, utilizando esquemas, intervalando a exposição oral com exercícios a realizar pelo aluno, orais ou escritos, evitando a monotonia. Não seguindo em frente sem que a matéria anterior estivesse consolidada. No final, fez-se uma revisão de toda a matéria, recorrendo a um

esquema-síntese onde os alunos puderam perceber a sequência das matérias estruturantes e a relação que se estabeleciam entre elas.

As técnicas utilizadas foram o mais diversificadas possíveis, sendo este um dos pontos da estratégia a aplicar nas aulas. Recorreu-se aos diaporamas, fichas de trabalho com diversos tipos de questões, jogos, debates, vídeos, imagens, fichas de trabalho com jogos, brainstorming, exercícios interactivos, trabalho com o manual e técnica de perguntas. O grande objectivo foi dinamizar as aulas, tornando-as atractivas e agradáveis aos alunos sem descorar da aprendizagem. De referir a importância da qualidade dos materiais, pois a ausência da mesma será um factor negativo para uma boa comunicação.

Existiu sempre interesse e disponibilidade por parte da professora para ouvir os alunos. Quando estes falavam ou que falava tinha o cuidado de não estar de costas e de olhar de frente. Sempre que existisse necessidade reformulava o que me tinham dito para que o aluno percebesse se tinha entendido o que queria transmitir.

Concluindo, durante as cinco aulas existiu um esforço para que estas estivessem centradas no aluno e para que a professora tivesse uma atitude o mais assertiva possível, a todos os níveis, o que contribuiu para o sucesso das aulas e construção de uma boa relação com os alunos. É necessário saber e bom senso para adoptar a atitude e palavra certa em cada situação.

2.6. Análise de conteúdo da entrevista

Foi extremamente interessante e enriquecedora, não só para este trabalho como pessoal e profissionalmente, a entrevista realizada à professora cooperante Maria João Pais. Senhora de 58 anos, com formação de base em Economia e 35 anos de serviço.

Partindo das respostas às perguntas da entrevista, de forma sucinta, podemos concluir que a professora Maria João Pais considera o papel da comunicação na sala de aula entre professor/aluno essencial. Porque, afirma que: *“uma aula é um processo de comunicação, logo a aula é comunicação.”*

Afirma que quando o processo de ensino/aprendizagem não se desenvolveu, o professor não conseguiu ensinar e o aluno não aprendeu, a comunicação falhou.

Considera que os instrumentos didácticos têm que estar adaptados aos objectivos estratégias, às condições da escola, àquilo que se pretende na sala de aula e conteúdos de

aprendizagem. Têm de ser bem construídos, bem formulados e de linguagem clara. Podem ser muito eficazes ou não, dependendo da forma como são utilizados. Realça a importância de existir sempre um plano "B", no caso desses recursos falharem.

Em relação ao ambiente da sala de aula considera que influencia o decorrer da mesma, dizendo: *«...se este for acolhedor, influencia positivamente a comunicação, se pelo contrário, se o espaço é pequeno, se as pessoas estão todas em cima umas das outras, não há espaço de circulação é evidente que o processo de comunicação e a eficácia da aula pode ficar ligeiramente comprometida.»*

No que diz respeito ao professor (clareza na explicação; oratória; vocabulário; entusiasmo; comunicação não-verbal: postura; expressão; linguagem corporal; etc.) considera que são questões importantes principalmente quando se trata de aulas tradicionais (expositivas), onde o professor é o centro da aula. Se a aula for de trabalho individual ou em grupo, o professor é mais um orientador.

No que toca ao aluno, fala-nos de situações em que o aluno se apresenta com sono, estafado da aula de educação física, aborrecido com qualquer coisa em casa, ou os alunos muito animados, existindo a necessidade de existir um período ai de acalmia. São factores que podem influenciar positiva ou negativamente a aprendizagem do aluno, forma de estar, e a abertura para receber a mensagens ou não, na aula. Não são facilitadores para o processo de comunicação.

Considera que quando há um problema de falhas de comunicação, a razão fundamental está sempre na base da relação pedagógica. *«... porque quando esta é boa, mesmo que o professor não seja um grande comunicador, consegue que a aula funcione, que o aluno aprenda, se a relação pedagógica é má, não há oratória, nem filme, nem bom PowerPoint que consiga suplantar a falha da relação pedagógica. Uma relação pedagógica é aquela em que o aluno confia no professor e o professor confia no aluno e a "coisa" funciona.»*

Fala na importância do professor ter uma boa imagem, porque tudo em si será objecto de observação, principalmente nas primeiras aulas. O que influencia a primeira representação que o aluno tem face ao professor. *«... as pessoas agradáveis à vista têm o trabalho mais facilitado em termos de comunicação com os alunos. Isto pode influenciar a comunicação nos primeiros contactos, no entanto quando se desenvolve uma boa relação pedagógica o aspecto exterior deixa de ser importante.»*, *«...O professor é muito actor,*

embora para ser bom actor, necessite de um fundo de verdade e de comunicação, e tem de gostar do que está a fazer...»

Considera que não é essencial contributo da comunicação informal para a relação professor/aluno no espaço sala de aula. No entanto, a comunicação informal, é uma coisa que se vai conquistando e tem que ter alguns limite, porque se as relações são demasiado informais, não é positivo para o processo de ensino/aprendizagem. Tem que haver sempre uma certa reserva e distância.

Afirma que a maioria dos professores tem noção da importância da comunicação para o processo ensino/aprendizagem e consciência de que a comunicação, por vezes, não funciona. Parte das vezes atribuem a culpa aos alunos ou à sala. Deverá ser o professor a criar soluções para esses problemas. No entanto aí é que está a dificuldade. A comunicação deverá ser bilateral e não unilateral.

Defende que o insucesso escolar pode estar relacionado com falhas de comunicação na sala de aula, dando origem a que os alunos não percebam o que estão a fazer, os assuntos que estão a ser tratados, o que se pretende deles em termos de desenvolvimento das suas competências. Defende que: *«...a comunicação é fundamental para prevenir e resolver situações de indisciplina na sala de aula, pois essa resulta de uma relação pedagógica que não funciona, logo há um problema de comunicação, desde do mais básico: o desconhecimento das regras de funcionamento da sala de aula, do que o professor deseja que os alunos cumpram. Responsabilidade do professor que deu a conhecer ou não foram construídas em conjunto logo no início...»*

Um espírito de abertura à comunicação e uma atitude de comunicação saudável por parte do professor, faz com que o aluno se sinta à vontade para falar, sabe que pode dizer e expor as suas dificuldades porque não é penalizado, não é criticado por isso. Defende que não se deve penalizar o aluno por aquilo que ele diz, pelas suas insuficiências, pelos seus erros, mas sim aproveitar sempre o erro para tirar partido e chegar àquilo que se pretende.

Diz que: *«As novas tecnologias de informação e são meios auxiliares, podem ser facilitadores da comunicação, mas não são a base da comunicação. Portanto, o PowerPoint, pode facilitar a comunicação, agora não é comunicação em si...os recursos são auxiliares que devem ser facilitadores da transmissão da mensagem...a aula não deve estar concentrada no PowerPoint porque o PowerPoint não é a mensagem...são apenas auxiliares da comunicação.»*

Defende que os professores deveriam ter formação nesta área específica, comunicar na sala de aula, porque saber comunicar, também se treina e se aprende. Acha que há muitas falhas na comunicação e que existem professores que são maus comunicadores. Considera que na área de formação de professores, deve haver uma área nesse sentido.

Aconselha os professores inexperientes para que consigam uma comunicação eficaz na sala de aula, que: uma das questões básicas é transmitir segurança ao alunos, os alunos têm que ver no professor alguém que tem conhecimento e reconhecerem esse valor; a postura, cuidado com a apresentação; não ser demasiado familiar com os alunos, saber manter uma certa reserva; não ser autoritário mas também não ser demasiado tolerante; cuidado com a forma como dirige aos alunos, uma forma educada, mostrando interesse pela pessoa do aluno mas sem ultrapassar uma certa barreira e, por fim, levar sempre a aula bem preparada.

Considerou que tive uma boa presença, facilidade de comunicação, consegui criar empatia junto dos alunos e criar uma boa relação pedagógica com os alunos. As aulas funcionaram bem e levei bons instrumentos de comunicação. Boa comunicação verbal e não verbal. Assim como em termos de aprendizagem, com bons os resultados do teste de avaliação. Considerou que apresentei bons recursos didáticos, *PowerPoint* cuidados, engraçados, bem-feitos, filmes, que os alunos aprenderam, gostaram das aulas. E portanto, o processo de comunicação funcionou.

A professora Maria João País conclui a entrevista dizendo:

«De uma forma geral, você, no seu caso, é uma boa comunicadora e consegue criar uma boa relação pedagógica com os alunos, e você sabe isso. Eles até tiveram bons resultados e davam-se bem consigo, aqui na sala de aula. Eles até perguntaram por si, pela professora Dária.»

2.7. Análise dos elementos de avaliação sumativa

De referir, que na construção dos testes sumativos, existiu o cuidado de os fazer de forma idêntica e à imagem dos exames nacionais, isto para que os alunos se familiarizassem com a estrutura.

Neste ponto, a análise basear-se-á nos resultados dos testes sumativos realizados após as aulas leccionadas, no final da unidade seis.

Tendo em conta que parte do teste dizia respeito a matéria leccionada por outra colega, senti necessidade de apurar exactamente os resultados do que me dizia respeito de maneira a tornar fiel a análise e avaliação do meu trabalho.

Apesar da turma ser de apenas oito alunos considerei interessante apurar as estatísticas dos resultados do teste, quer em termos gerais como por pergunta, com o objectivo de averiguar quais os pontos da matéria em que os alunos revelaram mais ou menos dificuldades, estavam mais ou menos preparados.

Depois de realizados os dados estatísticos (que encontram nos anexos, na folha de análise da grelha de correcção dos testes sumativos) verificaram-se algumas dificuldades nas questões: 12 do grupo I, em que 25% da turma errou; questão 1.4 do grupo II, em que 35% da turma errou, e na questão 1.6 do mesmo grupo, em que 59% da turma errou. As restantes questões tiveram resultados positivos próximos dos 100%. Aqui podemos concluir que seriam importante ter reforçado a explicação e trabalhado mais a Curva de Lorenz, nas limitações do valor do rendimento *per capita* como índice económico, IDH (índice de desenvolvimento Humano) e o índice de Gini, se bem que na última, se trata se falhas mais ao nível de português e de capacidade de interpretação de resultados.

No entanto os resultados gerais são bons, não existiu qualquer negativa e se tivermos em conta apenas os resultados das questões relacionadas pela matéria dada por mim, partindo do princípio que o total desses pontos correspondia a 100% ou seja a 200 pontos, os alunos teriam uma média de resultados dos testes sumativos de 16,1 valores, o que espelha que o trabalho feito em cinco aulas foi muito positivo.

3. Triangulação de dados

Com a recolha de dados sobre diferentes pontos de vista, podemos assim fazer triangulação.. Este trabalho consiste em confrontar os dados provenientes de diferentes fontes, isto é, cruzamos os dados dos inquiridos, com os da entrevista, com os das diversas grelhas, de forma a encontrar pontos convergentes e aumentar a credibilidade das interpretações realizadas. Esta triangulação surge da necessidade ética de confirmar a validade dos processos.

Os dados a triangular são: os resultados dos questionários I, II e III aos alunos; a entrevista à professora cooperante; os dados recolhidos das grelhas de observação de aula/alunos e os dados recolhidos da grelha de observação das aulas leccionadas – enfoque: a comunicação. Depois de cruzada a informação existiram pontos que se verificaram nas três fontes de informação. Foi o caso de:

Em termos de factores que influenciam negativamente a comunicação o facto das salas terem muita claridade, o que dificulta de certa forma o visionamento dos diaporamas. No entanto, no inquérito II, os alunos referem que os que foram passados nestas aulas tinham boa visibilidade e o facto de, por uma vez não se ter conseguido aceder à internet. Neste caso seria para visualizar um site, onde foi recomendado que o fizessem em casa. Existiu uma resposta de um aluno em que disse que não expôs sempre as suas dúvidas e isso verificou-se de facto nos registos feitos na grelha de observação, de uma aluna extremamente tímida e pouco participativa.

Em relação aos factores que influenciaram positivamente a comunicação foi referido a qualidade dos instrumentos construídos pela professora, a forma com leccionou as aulas, a facilidade de comunicação, a clareza de linguagem, o dinamismo da aula, os jogos, o clima agradável e descontraído em aula, a boa participação por parte dos alunos e o bom ambiente de aprendizagem.

Foi unânime, dos três pontos de vista, que a professora puxou sempre pela turma. E de acordo com o que diz Vieira (2005) «a comunicação é o principal pilar no estabelecimento de uma boa relação pedagógica», houve uma boa comunicação na sala de aula e estabeleceu-se uma óptima relação professor/aluno.

Em termos globais, as opiniões foram muito semelhantes. A avaliação e a ideia que ficou dos alunos como da professora face ao estágio, foi ao encontro das perspectivas formuladas, que depois de todo o trabalho feito: diaporamas, fichas, jogos e leccionação das referidas aulas, eram positivas.

Concluindo, no geral, o resultado foi muito positivo. Os alunos gostaram das aulas, a professora cooperante revelou confiança no trabalho que foi feito com os seus alunos e em termos particulares ficou a consciência de se ter feito um bom trabalho e por fim o aproveitamento foi bom.

4. Conclusões e discussão de resultados

Com todos os resultados na mesa, quer as interpretações dos grelhas de observação, como dos resultados dos inquéritos, a análise de conteúdo da entrevista, assim como o resultado da triangulação de dados, vamos então passar à discussão de resultados e respectivas conclusões.

Ao nível dos inquéritos por parte dos alunos podemos concluir que na escola em termos gerais os alunos têm uma boa comunicação com os professores. No entanto detectaram-se alguns problemas que poderiam ser alvo de alguma intervenção tais como: o acesso à internet que podia ser melhor; a colocação que cortinas mais escuras para melhorar o visionamento da escrita nos quadros e materiais projectados nas telas e por ultimo, um trabalho ao nível do estímulo à participação dos alunos. De resto, tudo parece contribuir positivamente para uma boa comunicação em sala de aula.

Relativamente às questões relacionadas com as cinco aulas leccionadas, os resultados foram muito positivos. Foi assinalada a questão da *internet*, de resto, estava tudo bem, quer ao nível dos instrumentos, com em termos de desempenho da professora, os alunos gostaram das aulas e as notas foram de encontro às expectativas dos mesmos.

O inquérito III revelou que os professores que marcam positivamente os alunos são detentores de qualidades comunicacionais.

Em relação à entrevista, foi muito positiva e enriquecedora. Para a professora Maria João Pais a aula é um processo de comunicação. Defendeu aspectos interessantes no que diz respeito a questões que influenciam a comunicação na sala de aula mas que o professor não controla, vindas do exterior, como por exemplo alunos cansados, doentes, aborrecidos ou com sono, onde as suas capacidades de recepção de mensagem estão diminuídas e da necessidade de aprendermos a comunicar, pois saber comunicar também se treina e aprende. Reforçou a necessidade do professor estar bem preparado assim como a sua aula.

No que diz respeito às folhas de observação, todo o trabalho foi feito de maneira a reduzir ao máximo os factores que pudessem influenciar negativamente a comunicação nas aulas e por outro lado apostar naqueles que influenciassem positivamente. Depois da análise feita concluiu-se que os resultados foram positivos. A realçar como pontos a melhorar: reforçar o estímulo à participação de uma das alunas; sempre que fosse necessário recorrer à internet, ter sempre a postos o plano “B”; a questão das salas terem

muita clareza, continuando com o cuidado em construir diaporamas com fundos escuros e letras de cores claras e não fazer dos vídeos um recurso determinante para a realização de um trabalho, pois neste caso a informação pode não chegar na íntegra ao aluno.

A comunicação na sala de aula durante as cinco sessões foi muito positiva, os alunos responderam bastante bem. Em termos de análise da estratégia utilizada, verificou-se ser adequada à turma, ao espaço, aos conteúdos e aos objectivos definidos. As aulas resultaram muito bem. O *feedback* directo, por parte dos alunos, foi dando provas disso e no final confirmou-se no *feedback* indirecto, com os resultados dos testes.

5. Limitações do estudo

À partida, uma das limitações que vejo neste estudo é o facto de ser feito apenas a uma única turma, em três salas, durante cinco dias, o que condiciona de certa forma a validade dos resultados, pois estes podem ser influenciados, por exemplo: por questões ao nível cultural, económico ou social. A amostra torna-se assim limitada, não podendo fazer-se uma generalização.

6. Reflexões e sugestões para investigações futuras

Após o estudo concluído, sugeria que se fizesse este estudo em primeiro lugar a mais turmas da escola Secundária Josefa de Óbidos e logo poderíamos chegar a conclusões mais sólidas que justificassem uma intervenção. Este estudo também poderia ser feito em diversas escolas, em diversas turmas e assim poderíamos ter bases de comparação.

Desse estudo mais alargado já se poderia fazer alguma espécie de generalização. Isso iria reforçar a validade do presente estudo, ou seja, fazendo o apuramento dos factores que influenciam a comunicação na sala de aula de várias escolas e determinar a relação existem entre os resultados das mesmas e saber até que ponto é que uma boa comunicação em sala de aula pode contribuir para o sucesso e aproveitamento dos alunos.

CONCLUSÃO

Os objectivos deste trabalho são simples e claros: apurar, dentro de uma sala de aula o que pode influenciar a comunicação entre professor/aluno. Aparentemente pode parecer-nos obvio que uma boa comunicação consiste em fazer-nos ouvir, mas no ensino, saber comunicar não é falar alto, mas sim muito mais do que isso, e pode-se confirmar após a leitura deste trabalho.

Em termos gerais e contemplando o conteúdo deste, na sua globalidade, conclui-se que para que exista uma boa comunicação na sala de aula, há muitos aspectos a ter em conta e por uma ordem específica.

Partindo do princípio que os conteúdos e objectivos estão definidos para a aula verificou-se que do emissor/professor exige-se: preparação técnica; autoconhecimento; conhecimento do aluno/turma e determinação do seu nível cognitivo; habilidades comunicacionais; aplicação dos elementos que garantem a credibilidade do emissor; utilização das características comportamentais eficazes do professor; conhecimento dos recursos disponíveis e da sala de aula; rigor no planeamento e preparação da aula; construção cuidada e adequada de instrumentos, assim como qualidade de impressão.

Para leccionar são indispensáveis meios operacionais e para uma comunicação eficaz existem cuidados a ter como: abertura ao diálogo para informar o aluno de todos os procedimentos em aula como regras e actividades, mediar conflitos e estabelecer acordos; linguagem clara; adequação da mensagem ao nível linguístico e intelectual do aluno, para que exista compatibilidade entre os códigos linguísticos; utilização de estratégias que facilitam a veiculação clara de conteúdos e de estratégias de motivação dos alunos como a participação dos alunos, o questionamento, utilização do entusiasmo no ensino, os estímulos, expectativas positivas e elogios sinceros constantes; recorrer a múltiplos recursos e instrumentos; diversidade de técnicas de animação de aulas alternando as várias formas de comunicação (linguagem verbal; não-verbal e mista; a comunicação unidireccional e comunicação bidireccional; comunicação ascendente, descendente e lateral; formal e informal) tornando assim, as aulas dinâmicas, interessantes, interactivas, motivadoras e produtivas. Por fim, uma boa gestão de sala de aula.

Do receptor/aluno é necessário desenvolver estratégias que estimule o interesse pelos conteúdos e gosto pela escola, para que se sinta integrado e motivado para a aprendizagem,

que induzam o aluno a querer ouvir. Quanto mais motivado, mais capacidade e abertura terá para receber/escutar a mensagem que o professor pretende transmitir, para que possa atingir os objectivos definidos na planificação. O aluno deve ser informado desses objectivos e perceber claramente o que terá de fazer e a forma como irá ser avaliado. É necessário que se tenha em conta e se perceba as suas características e o seu estado de espírito para que se actue de forma adequada.

Ao nível do contexto, é importante que se detecte factores que possam ser ruídos e conduzam a barreiras à comunicação. Estes podem ser internos ou externos à sala de aula, controláveis ou não pelo professor. Para isso é necessário saber, sensibilidade e uma análise cuidada. Muitas vezes só detectados posteriormente, através de informações dadas pelo *feedback*. O mesmo torna-se, também, indispensável para validar a estratégia utilizada. Consiste num instrumento ideal para uma auto-avaliação por parte do professor. Só desta forma saberemos se a estratégia é adequada ou se é necessário reformular, ajustar, ou reorientar, para um melhor ensino/aprendizagem. Mesmo que esta se revele positiva, existem sempre pontos que podem ser melhorados.

Para uma boa relação professor/aluno é determinante que comunicação na sala de aula funcione bem, a todos os níveis, nomeadamente no que diz respeito a sentimentos que se estabelecem como a empatia, a admiração, o respeito, a confiança, a segurança, a credibilidade, preocupação, transparência, sentido de justiça, de protecção, de orientação, de ajuda, de verdade e de que se acredita realmente nas capacidades do aluno.

Resumindo, a melhor comunicação em sala de aula é aquela que é afirmativa e assertiva. É aquela que coloca o aluno em primeiro lugar e transforma a aula num momento agradável e aprazível de aprendizagem para ambas as partes.

Actualmente enfrentamos uma realidade educativa que tem vindo a sofrer alterações a todos os níveis: reformas educativas; transformações sociais; evolução das novas tecnologias de informação e comunicação; ao nível da relação professor/aluno; assim como em relação às nossas crianças, jovens e família, entre outras. Logo, o estudo sobre novas práticas, a constante e premente investigação educacional, torna-se indispensável, pois é ela que vai detectar, identificar, analisar e compreender os problemas dos nossos alunos, das nossas escolas e dos professores. Servindo, estes estudos, de base para que entidades superiores, de direito, possam elaborar projectos de reestruturação com vista a solucionar problemas e melhorar o ensino/aprendizagem em Portugal.

REFLEXÃO FINAL

Em termos de construção, o objectivo deste trabalho consistia em espelhar o que foi feito ao longo de dois anos de mestrado em ensino, partindo das diversas disciplinas que o constituía, e, na minha perspectiva, foi conseguido. Não desconsiderando as restantes, enalteço as disciplinas como: Iniciação à Investigação Educacional que me fascinou e aguçou a minha curiosidade pela vertente investigacional; Processo Educativo que me despertou para a importância deste tema: a Comunicação na sala de aula; as disciplinas de Didáctica que me forneceram instrumentos e técnicas para que as aulas do estágio resultassem na perfeição e, por fim, as de Iniciação à Prática Profissional que me forneceram as bases e os instrumentos para a construção deste trabalho.

Por outro lado, este trabalho teve uma vertente, que só ao longo do seu desenrolar, percebi a sua importância, esta foi de uma profunda auto e hetero-avaliação como docente. E foi de bom grado que essa avaliação se revelou positiva, quer por parte dos alunos, como por parte da professora cooperante, assim como da minha parte. Dando-me, assim, a certeza do que gosto e sei fazer, transmitindo-me força para ultrapassar as adversidades que esta profissão acarreta.

Gostaria que este trabalho pudesse ser um instrumento digno de ser consultado por aqueles que tencionam seguir esta carreira e contribuísse, um pouco, para a sua formação, assim como contribuiu para o meu desenvolvimento profissional, tendo em conta toda a informação que absorvi dos autores interessantíssimos que consultei ao nível deste tema, onde apliquei nas referidas aulas de estágio, fazendo despontar uma abertura da mente para novas práticas, para uma outra atitude face às aulas e ao aluno.

“Na era em que a comunicação domina, mais do que nunca, torna-se necessário reflectir sobre os processos que a possibilitam...a informação disponível é tão vasta e a sua posse e domínio representam um tal poder que o modo como é transmitida tem de ser repensado.”

“A sala de aula é um dos locais onde a comunicação deve imperar e é também onde os métodos tradicionais de transmissão de conhecimento começam a dar provas de alguma inadequação...uma nova abordagem ao processo de ensino e aprendizagem na vertente comunicacional poderão ser benéficas para o relacionamento entre professores e alunos.”

Vieira (2005)

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, N. (2005); *Investigação Naturalista em Educação - Um guia prático e crítico*, Porto: Edições ASA
- AIRES, L. M. (2010), *Disciplina na Sala de Aula*, Lisboa: Edições Sílabo
- ALMEIDA, J. C. S.; LOURENÇO, J.; MARTINS, J. (2007), *Área de Integração – 1.3 A Comunicação e a construção do individuo*, Porto: Porto Editora
- ANTÃO, J. (1999), *A comunicação na Sala de Aula*, Porto: Edições ASA
- ARENDS, R. (1995), *Aprender a ensinar*, Lisboa: MacGraw-Hill.
- AZEVEDO, M. (2000), *Teses, Relatórios e Trabalhos Escolares – Sugestões para estruturação escrita*, Lisboa: Universidade Católica Editora
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. (1991), *Investigação qualitativa em educação, Uma Introdução à teoria e aos métodos*, Porto: Porto Editora.
- BORGES, M. P. A. (2007), *Professores: imagens e auto-imagens*; Tese de Doutoramento em Administração Escolar, Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
- CAETANO, J.; RASQUILHA, L. (2007a), *Gestão da Comunicação*, Quimera Editores
- CAETANO, J.; RASQUILHA, L. (2007b), *Gestão e Planeamento da Comunicação*, Quimera Editores
- CAMARO, J. M. (2009), *Manual de Expressão Oral e Escrita*, Rio de Janeiro: Editora Vozes
- CORREIA, J.; LOPES, A; MATOS, M. (1999), *Formação de Professores – Da racionalidade instrumental à acção comunicacional*, Porto: Edições ASA
- CURRY, A. (2011) *Pais Brilhantes, Professores Fascinante*, Lisboa: Editora Pergaminho
- ESTANQUEIRO, A. (2010), *Boas Práticas na Educação – O Papel dos Professores*; Lisboa: Editorial Presença.
- FERREIRA, M. S.; SANTOS, M. R. (2007), *Aprender a Ensinar, Ensinar a Aprender*, Porto: Edições Afrontamento

- FREITAS, C.; BATISTA, V.; RAMOS, J. L. (1997), *Tecnologias de Informação e Comunicação na Aprendizagem*, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- GUERRA, I. C. (2006), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*, Estoril: Principia Editora
- JESUS, S. N. (2003), *Influência do Professor Sobre os Alunos*, Porto: Edições ASA
- JESUS, S. N. (2001), *Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos?*, Porto: Edições ASA
- LEBRUN, M. (2008), *Teorias e Métodos Pedagógicos para Ensinar e Aprender*, Lisboa: Instituto Piaget
- LOPES, J.; SILVA, H. S. (2010), *O Professor Faz a Diferença*, Porto: Lidel – Edições Técnicas
- LOUSÃ, A.; PEREIRA, P.A.; LAMBERT, R.; LOUSÃ, M. D. (2006), *Técnicas Administrativas*, Porto: Porto Editora
- MÃO-DE-FERRO, A; FERNANDES, V. (2000), *O Formador e o Grupo*, Lisboa: Editor IEFP
- MARUJO H. A.; NETO, L. M. E PERLOIRO, M. F. (2004), *Educar para o Optimismo*, Lisboa: Editorial Presença
- MCQUAIL, D.; WINDAHL, S. (2003), *Modelos de Comunicação*, Lisboa: Editorial Notícias
- MONTEIRO, M. M. (2004a), *Como Organizar o Estudo*, Porto: Porto Editora
- MONTEIRO, M. M. (2004b), *Como Tirar Apontamentos e Fazer Esquemas*, Porto: Porto Editora
- NIETO, J. (2009), *Como evitar e superar o stress docente – Estratégias para controlar situações de conflito nas salas de aula*, Sintra: Keditora
- PAIS, M. J.; OLIVEIRA, M. L.; GÓIS, M. M.; CABRITO, B. G., (2008); *Economia A*; Lisboa: Texto Editores
- PERRENOUD, P. (2000), *Dez Novas Competências para Ensinar*, Brasil: Artmed Editora
- PINHEIRO, J.; RAMOS, L. (2000), *Métodos Pedagógico*, Lisboa: Editor IEFP
- PINTO, J. (2003), *Psicologia da Aprendizagem – Concepções, Teorias e Processo*, Lisboa: Editor IEFP

- POSTIC, M. (1979), *Observação e Formação de Professores*, Coimbra: Livraria Almedina
- REGO. A.; SOUSA. L. (2000), *Docência universitária: Factores de (in)eficácia comunicacional em sala de aula*, Publicações Psychologica n.º 25
- ROLDÃO, M. C. (2003), *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências*, Lisboa: Editorial Presença
- ROLDÃO, M. C. (2009), *Estratégias de Ensino - O saber e o agir do professor*, Lisboa: Fundação Manuel Leão
- SANTOS, J. R. (2001), *Comunicação*, Lisboa: Prefácio Edições
- SEQUEIRA, R. M. (2010), *Comunicar Bem*, Lisboa: Editora Fonte da Palavra
- SILVA, M. G. S. (2010), *O Professor que um Adolescente Deseja*, Editora Coisas de Ler
- SOTO, U.; GLIN, I.; MAYRINK, M.; JUNGER, C.; RANGEL, M. (2009), *Novas Tecnologias em Sala de Aula*, São Carlos: Claraluz Editora
- VIEIRA, H. (2005), *A Comunicação na Sala de Aula*, Lisboa: Editorial Presença
- VIEIRA, R. M.; VIEIRA, C. (2005), *Estratégias de ensino / Aprendizagem*, Lisboa: Instituto Piaget
- WOLF, M. (2006), *Teorias da Comunicação*, Lisboa: Editorial Presença

NETOGRAFIA

- <http://hdl.handle.net/10451/2339> - Tese de mestrado
- http://www.dgicd.minedu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/210/economia_A_10_11.pdf
- <http://www.fae.ufmg.br/abrapec/revistas/v1n1a2.pdf>
- <http://www.rioei.org/rie27a05.htm>
- <http://grupo4te.com.sapo.pt/mie2.html>
- <http://digitool01.sibul.ul.pt>
- http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_13893/
- <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi2/Fernandes.pdf>
- <http://www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/a-arte-da-comunicacao-na-sala-de-aula-1704/artigo/>
- <http://saladeaula.terapad.com/index.cfm?fa=contentNews.newsDetails&newsID=38865&from=archive>
- <http://www.esse.ualg.pt/>
- <http://interactsite.blogspot.com/>
- <http://www.ipv.pt/forumedia/4/20.htm>
- <http://marisalt.blogspot.com/>

ANEXOS

Universidade de Lisboa
Instituto de Educação
Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade

DÁRIA ANDRADE

Janeiro de 2012

ÍNDICE DE ANEXOS

1. Questionário de apresentação aos alunos da turma 10.º B da disciplina de Economia A da Escola Secundária Josefa de Óbidos

2. Planificação – Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos

3. Materiais didáticos das aulas leccionadas

3.1. Aula I – 11 de Março de 2011

3.1.1. Planificação de aula

3.1.2. Diaporama

3.1.3. Ficha de trabalho

3.1.4. Grelha de observação de aula/alunos

3.2. Aula II – 15 de Março de 2011

3.2.1. Planificação de aula

3.2.2. Diaporama

3.2.3. Ficha de trabalho

3.2.5. Guião do Jogo dos Cartões

3.2.6. Cartões para Jogo de Economia A - 10.º ano - Unidade 6

3.2.7. Grelha de observação de aula/alunos

3.3. Aula III – 16 de Março de 2011

3.3.1. Planificação de aula

3.3.2. Diaporama

3.3.3. Ficha de trabalho

3.3.4. Grelha de observação de aula/alunos

3.4. Aula IV – 18 de Março de 2011

3.4.1. Planificação de aula

3.4.2. Diaporama

3.4.3. Ficha de trabalho

3.4.4. Grelha de observação de aula/alunos

3.5. Aula V – 4 de Abril de 2011

3.1.1. Planificação de aula

3.1.3. Ficha formativa

3.1.4. Grelha de observação de aula/alunos

4. Avaliação

- 4.1. Objectivos para o teste sumativo – Unidade 6 – Economia A
- 4.2. Matriz do teste sumativo
- 4.3. Teste sumativo
- 4.4. Critérios de correcção do teste sumativo
- 4.5. Grelha de correcção teste sumativo
- 4.6. Análise - Grelha de correcção teste sumativo

5. Grelha de observação – Enfoque: A Comunicação – Suporte teórico aplicado às aulas do estágio

6. Inquéritos

6.1. Inquérito I - Questionário aos alunos da turma 10.º B da disciplina de Economia da Escola Secundária Josefa de Óbidos – Factores que influenciam a comunicação na sala de aula

6.1.1. Gráficos - Inquérito I

6.2. Inquérito II

6.2.1. Gráficos - Inquérito II

6.3. Inquérito III

6.3.1. Respostas - Inquérito III

7. Entrevista

7.1 Guião de entrevista à professora cooperante sobre o papel da comunicação na sala de aula

7.2 Transcrição da entrevista

Aula I

Aula II

Aula III

Aula IV

Aula V

Avaliação

Grelha de Observação

Enfoque: A comunicação na
sala de aula

Suporte Teórico aplicado às aulas
leccionadas

Inquéritos

Entrevista

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Curso _____

Disciplina: _____ Ano: _____ Turma: _____

Nome do Aluno _____ Idade _____ N.º _____

Tem computador portátil? _____ Tem acesso móvel à Internet? _____ E-mail _____

DADOS FAMILIARES

Com quem vive: _____

Nome do Pai: _____ Profissão: _____

Nome da Mãe: _____ Profissão: _____

Encarregado de Educação: _____ Parentesco: _____ Profissão: _____

Número de irmãos _____ Idades _____ Localidade _____

QUESTIONÁRIO

Porque razão escolheu este curso?

Tenciona ir para a faculdade? Porquê?

No futuro o que ambiciona ser/fazer?

Qual a sua opinião acerca desta disciplina?

Quais as suas disciplinas preferidas?

Em que disciplinas tem mais dificuldades?

Mencione algo que o/a faça feliz

Mencione algo que o/a faça menos feliz

Indique algo que o/a preocupe

DISCIPLINA : Economia A

Ano: 10º Turma: B

PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE 6 – RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS

PROFESSORA: Dária Andrade/Flávia Martins

CONTEÚDOS	TEMPO	OBJECTIVOS	RECURSOS EDUCATIVOS	AVALIAÇÃO
UNIDADE 6 RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS	8 tempos de 90 minutos	OBJECTIVOS GERAIS		Competências Transversais (30%)
6.1.A Actividade Produtiva e a Formação de Rendimentos	1ª 11.03.2011	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer o processo de formação dos rendimentos ✓ Analisar as diferentes formas da repartição dos rendimentos ✓ Compreender os mecanismos de redistribuição dos rendimentos ✓ Analisar as desigualdades na repartição dos rendimentos ✓ Analisar gráficos 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Manual adoptado: PAIS, Maria João; OLIVEIRA, Maria da Luz; GÓIS, Maria Manuela; CABRITO, Belmiro Gil, (2008). <i>Economia A</i>, Texto Editores, Lisboa. 	<u>Instrumentos:</u> Grelha de observação <ul style="list-style-type: none"> ✓ Assiduidade ✓ Pontualidade ✓ Execução de tarefas ✓ Interesse e atitude perante o trabalho
6.2.A Repartição Funcional dos Rendimentos		OBJECTIVOS ESPECÍFICOS		
6.2.1 Noção de repartição funcional dos rendimentos		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Relacionar a Actividade Produtiva com a formação dos Rendimentos 		
6.2.2 A remuneração dos factores produtivos – rendimentos primários	2ª 15.03.2011	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Explicar o fenómeno da Repartição dos Rendimentos ✓ Descrever o processo da Repartição Funcional dos Rendimentos ✓ Definir Salário ✓ Caracterizar as formas de remuneração do capital ✓ Distinguir Repartição Pessoal de Repartição Funcional do Rendimentos 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Quadro 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Interesse e atitude perante o trabalho ✓ Comportamento
6.3.A Repartição Pessoal dos Rendimentos		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Calcular a Repartição Funcional do Rendimentos ✓ Calcular o juro ✓ Calcular o lucro ✓ Verificar as desigualdades da Repartição Pessoal do Rendimento ✓ Justificar as desigualdades de salários ✓ Distinguir Salário Nominal de Real ✓ Calcular o Salário Real ✓ Explicar o significado do Leque Salarial, como indicador da desigualdade dos salários ✓ Interpretar as curvas de Lorenz e identificar as suas limitações ✓ Calcular o rendimento Per Capita ✓ Interpretar o rendimento Per Capita ✓ Explicar as limitações do Rendimento Per Capita como indicador da Repartição Pessoal dos Rendimentos 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Giz de várias cores e apagador ✓ Jornais e revistas ✓ Máquina de calcular ✓ Rectroprojector ✓ Internet ✓ Jogos ✓ Fichas de trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Postura na sala de aula ✓ Domínio escrito e oral da língua portuguesa
6.3.1 Noção de repartição pessoal dos rendimentos	3ª 16.03.2011			
6.3.2 Salário nominal e salário real	4ª 18.03.2011			
6.3.3. O leque salarial	5ª 22.03.2011			
6.3.4. O rendimento per capita	6ª 29.03.2011			
6.3.5 As curvas de Lorenz	7ª 30.03.2011			
6.4.A Redistribuição dos Rendimentos		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Explicar o significado do Leque Salarial, como indicador da desigualdade dos salários ✓ Interpretar as curvas de Lorenz e identificar as suas limitações ✓ Calcular o rendimento Per Capita ✓ Interpretar o rendimento Per Capita ✓ Explicar as limitações do Rendimento Per Capita como indicador da Repartição Pessoal dos Rendimentos ✓ Explicar em que consiste a Redistribuição dos Rendimentos ✓ Dar exemplos de Impostos Directos ✓ Explicar o papel das políticas fiscais e sociais na Redistribuição do Rendimento ✓ Explicar o papel do Estado na Redistribuição dos Rendimentos ✓ Referir as componentes do Rendimento Pessoal Disponível ✓ Analisar a evolução do Rendimento Disponível ✓ Analisar a evolução da Repartição dos Rendimentos em Portugal ✓ Comparar a evolução da Repartição dos Rendimentos e as desigualdades dessa repartição em Portugal com a dos restantes países da União Europeia. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Teste 	Competências Específicas (70%) <u>Instrumentos:</u> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ficha de avaliação sumativa ✓ Fichas de trabalho ✓ Trabalho a grupo / pares / individual ✓ Actividades ocasionais de realização pertinente
6.4.1. Noção de redistribuição dos rendimentos	8ª 01.04.2011			
6.4.2. Políticas do Estados na redistribuição dos rendimentos	9ª 05.04.2011			
6.4.3. O rendimento disponível dos particulares	10ª 06.04.2011			
6.5.As desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia	11ª 08.04.2011			
6.5.1. Algumas situações de desigualdades na repartição dos rendimentos nos países da União Europeia	Revisões 10ª 06.04.2011 Teste 11ª 08.04.2011 Entrega teste			

DISCIPLINA : **Economia A**

Ano: 10º Turma: B

Unidade 6 – RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS

PLANIFICAÇÃO DA AULA Nº 1 de 11/03/2011

PROFESSORA: **Dária Andrade**

TEMPO LECTIVO 90 minutos

FIO CONDUTOR: Compreender a repartição funcional dos rendimentos

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS/ COMPETÊNCIAS	RECURSOS/ MATERAIS	ESTRATÉGIAS	TEM PO	AVALIAÇÃO
6 – Rendimentos e repartição dos rendimentos 6.1. A Actividade Produtiva e a Formação de Rendimentos 6.2. A Repartição Funcional dos Rendimentos 6.2.1 Noção de repartição funcional dos rendimentos 6.2.2 A remuneração dos factores produtivos – rendimentos primários	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Relaciona a actividade produtiva com a formação dos rendimentos ◆ Explica o fenómeno da repartição dos rendimentos ◆ Descrever o processo da repartição funcional dos rendimentos; ◆ Apresenta a noção de repartição funcional dos rendimentos; ◆ Distingue rendimentos primários ou directos de rendimentos secundários; ◆ Indica os factores de produção; ◆ Identifica os destinatários dos rendimentos primários; ◆ Define salário; ◆ Distingue salário directo de salário indirecto; ◆ Distingue salário bruto ou ilíquido de salário líquido; ◆ Explica a função do salário mínimo nacional; ◆ Caracteriza as formas de remuneração do capital; ◆ Calcula os juros de operações passivas e activas. ◆ Calcula a margem de intermediação financeira dos Bancos 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Diaporama; ◆ Data show; ◆ Fotocópias; ◆ Internet; ◆ Ficha de actividade; ◆ Manual de Economia adoptado; ◆ Caderno diário. 	<p>Método Afirmativo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Técnica Expositiva <p>Método Interrogativo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Técnica das perguntas • <i>Brainstorming</i> <p>Método Activo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Resolução de uma ficha de trabalho • Jogo didáctico <p>Desenvolvimento da aula: Recurso ao PowerPoint</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentar e enquadrar a subunidade com a entrega da planificação da unidade; 2. Relacionar a actividade produtiva com a formação dos Rendimentos; 3. Explicar a importância do Valor acrescentado na criação de riqueza; 4. Explicar a origem do Rendimento Nacional; 5. Fazer uma breve análise de um gráfico do INE; 6. Como introdução da subunidade 6.2 realizar um exercício com a técnica <i>Brainstorming</i> a partir da palavra rendimentos com o objectivo do resultado vir a ser utilizado em exercícios seguintes; 7. Apresentar a noção de repartição funcional dos rendimentos; 8. Explicar a distinção entre rendimentos primários ou directos de rendimentos secundários, dando exemplos; 9. Resolução do exercício 2; 10. Indicar os factores de produção, rendimentos primários e seus destinatários; 11. Explicar a definição de Salário; 12. Explicar a distinção de salário directo de salário indirecto; 13. Resolução do Exercício 3; 14. Explicar a distinção de salário bruto ou ilíquido de salário líquido; 15. Explicar a função do salário mínimo nacional; 16. Com o recurso ao site da Direcção Geral do Emprego e das Relações de Trabalho visualizar a evolução do salário mínimo nacional; 17. Explicar as formas de remuneração do capital; 18. Explicar a forma de calculo dos juros de operações passivas e activas e da margem de intermediação financeira dos bancos. 19. Resolução do exercício 4, 5 e 6 da ficha de trabalho. 20. Correção da ficha. 21. Síntese da aula, apresentação dos conteúdos da próxima e despedida. 	5 m 5 m 5 m 5 m 5 m 5 m 5 m 5 m 3 m 2 m 5 m 5 m 5 m 5 m 5 m 10 m 5 m	<p>Competências Transversais:</p> <ul style="list-style-type: none"> *Assiduidade *Pontualidade * Execução de tarefas *Interesse e atitude perante o trabalho *Comportamento *Postura na sala de aula *Domínio escrito e oral da língua portuguesa <p>Competências Específicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> *Participação oral *Trabalho individual (exercício de aplicação) *Capacidade na execução das tarefas propostas

ENQUADRAMENTO: Documentos em anexo.

SUMÁRIO: Início do estudo da unidade 6 - Rendimentos e Repartição de Rendimentos:
 A actividade produtiva e a formação dos rendimentos
 A repartição funcional dos rendimentos:
 - Noção - A remuneração dos factores de produção – os rendimentos primários

DISCIPLINA : **Economia A**

Ano: 10º Turma: B

Unidade 6 – RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS**PLANIFICAÇÃO DA AULA Nº 1 de 11/03/2011****GRELHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA**PROFESSORA: **Dária Andrade**TEMPO LECTIVO **90 minutos**

NOMES	<u>Competências Transversais:</u>					<u>Competências específicas:</u>		
	Assiduidade (P/F) Pontualidade (AT)	Execução de tarefas Realizou /Não realizou (R/NR)	Interesse e atitude perante o trabalho (MB/B/S/NS)	Comportamento e postura na sala (MB/B/S/NS)	Domínio da LP oral/ escrita (MB/B/S/NS)	Participação oral (MB/B/S/NS)	Trabalho individual (MB/B/S/NS)	Capacidade na execução das tarefas propostas (MB/B/S/NS)
1 – Catarina Chaves		R	MB	MB	B	MB	MB	MB
2 – Diogo	F							
3 – Inês Pacheco		R	MB	MB	B	MB	MB	MB
4 – Isabel Oliveira	F							
5 – Jéssica	F							
6 – Maria Assunção	F							
7 – Marta Conceição		R	MB	MB	B	MB	MB	MB
8 – Soraia Pestana	F							

OUTRAS OBSERVAÇÕES:

Devido a uma visita de estudo, parte da turma não esteve presente.
A aula correu muito bem, tendo sido cumprida a planificação na integra.

Universidade de Lisboa

Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade

Disciplina de IPP VI

Prof.^a Doutora Maria João Pais

Leccionação de Aula

Escola Secundária Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição de Rendimentos

Trabalho realizado por:
Dária Andrade

11 de Março de 2011

Escola Secundária Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição de Rendimentos

6.1 – A actividade produtiva e a formação dos rendimentos

6.2 – A repartição funcional dos rendimentos

Lição n.º 1

11/03/2011

Sumário:

Início do estudo da unidade 6 - Rendimentos e Repartição de Rendimentos:

A actividade produtiva e a formação dos rendimentos

A repartição funcional dos rendimentos:

- Noção

- A remuneração dos factores de produção – os rendimentos primários

6.1 – A actividade produtiva e a formação dos rendimentos



A produção cria bens e serviços indispensáveis à sobrevivência, mas também é geradora de riqueza.

- Quando os bens produzidos são trocados no mercado, geram-se fluxos monetários que são distribuídos pelos intervenientes no processo produtivo;
- É na realização do processo produtivo que se gerem os rendimentos;

Valor da produção



Montante dos rendimentos

6.1 – A actividade produtiva e a formação dos rendimentos (cont.)



Rendimento e valor acrescentado

- Ao longo do processo produtivo são aplicados trabalho e tecnologia na transformação das matérias-primas em produtos acabados.
- Estes novos produtos têm uma utilidade superior à das matérias-primas



Valor acrescentado



Criação de riqueza

6.1 – A actividade produtiva e a formação dos rendimentos (cont.)

- Se considerarmos que num país temos uma multiplicidade de empresas produtoras dos mais diversos bens e serviços, podemos concluir que o somatório dos valores acrescentado pelo conjunto das empresas constituirá, grosso modo, o rendimento desse país ou **Rendimento Nacional**.

QUADRO I – Variação do PIB e do RNB (Rendimento Nacional Bruto) entre 1995 e 2007

ANOS	PIB Milhões euros	RNB Milhões euros	RNB - PIB Milhões €	RNB em % do PIB
1995	85.137,8	84.969,1	-168,7	99,8%
1996	90.507,8	90.017,2	-490,6	99,5%
1997	97.898,2	96.717,6	-1.180,6	98,8%
1998	106.497,4	104.964,1	-1.533,3	98,6%
1999	114.192,7	112.276,1	-1.916,6	98,3%
2000	122.270,3	119.259,4	-3.010,9	97,5%
2001	129.308,3	125.494,2	-3.814,1	97,1%
2002	136.433,6	132.632,2	-2.801,4	97,9%
2003	138.581,9	136.724,4	-1.857,5	98,7%
2004	144.128,0	141.852,7	-2.275,3	98,4%
2005	149.123,5	146.223,7	-2.899,8	98,1%
2006	155.277,5	150.526,3	-4.751,2	96,9%
2007	162.919,3	156.522,1	-6.397,2	96,1%
2007-96	91,4%	84,2%	3692,1%	-3,7 pontos percentuais

Fonte: Contas anuais preliminares – 2007 – INE

6.2 – A repartição funcional dos rendimentos




Exercício 1: *Brainstorming*

- A produção requer a participação dos factores produtivos – Capital e Trabalho - assim, uma vez obtida a produção, é lógico que tenhamos de os remunerar;
- Problema: cada um dos factores produtivos tem participações diferentes no acto produtivo; desempenham funções diferentes na produção → cada um deve ser remunerado de acordo com as funções desempenhadas durante o processo produtivo.

6.2.1 – Noção de repartição funcional dos rendimentos

A **repartição funcional dos rendimentos** é aquela que é feita tendo em atenção a função desempenhada por cada um dos intervenientes na produção.

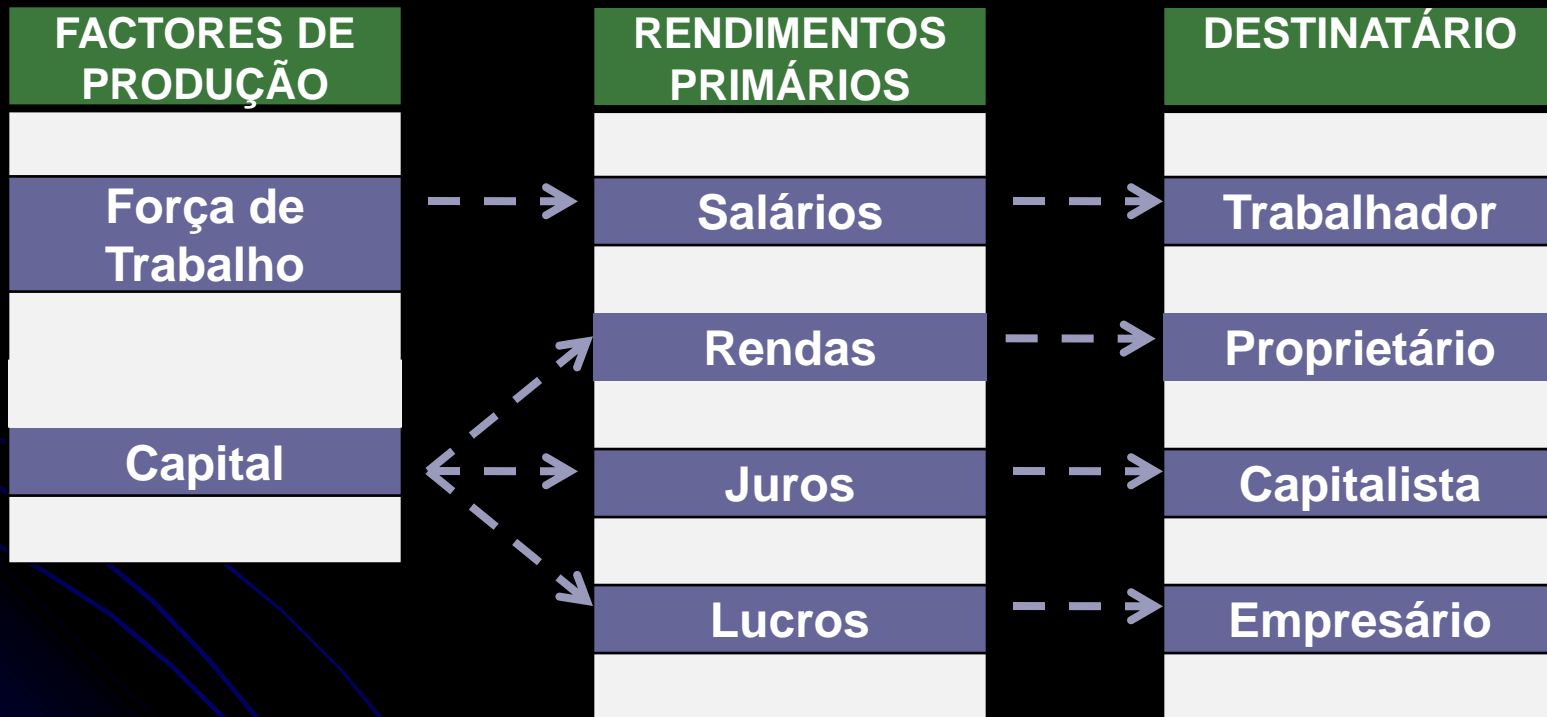


Rendimentos primários ou directos: São os rendimentos gerados pela actividade produtiva.
Ex: salários, lucros, juros e rendas.

Rendimentos secundários: São as transferências que o Estado efectua para os agentes económicos.
Ex: Subsídios de desemprego; de doença; de invalidez; reformas; abonos; rendimento social de inserção, etc.

Exercício 2:
Com base nas ideias lançadas no exercício 1, indique dois rendimentos primários e dois rendimentos secundários

6.2.1 – Noção de repartição funcional dos rendimentos (cont.)



6.2.2 - A remuneração dos factores de produção – os rendimentos primários

A remuneração do trabalho – O salário

Salário - Parte do rendimento que é auferido pelo trabalhador em troca do trabalho realizado no processo produtivo.



Salário Directo

Transferências que o Estado efectua para os agentes económicos. Ex: Subsídios de desemprego; de doença; reformas; RSI; etc.



Salário Indirecto

Exercício 3:
Com base nas ideias lançadas no exercício 1, indique um exemplo de salário directo e um de salário indirecto.

6.2.2 - A remuneração dos factores de produção – os rendimentos primários

A remuneração do trabalho – O salário

Salário Bruto ou Líquido

Sem dedução de impostos e prestações sociais

Salário Líquido

Deduzido de impostos e prestações sociais

Salário mínimo nacional – Fixado pelo Estado para trabalhadores mais desqualificados servindo também como referência para outras categorias profissionais, calculo do RSI, dos limites das deduções à colecta no IRS, entre outros.

Evolução do salário mínimo nacional



http://www.dgert.mtss.gov.pt/trabalho/rendimentos/evolucao_smn.htm

6.2.2 - A remuneração dos factores de produção – os rendimentos primários (cont.)

A remuneração do capital – renda, lucro e juro

➤ **Renda** = parte do rendimento que cabe aos proprietários de bens imóveis (urbanos ou rústicos) pelo facto de os terem cedido a terceiros. ➡ **Proprietário**

➤ **Lucro** = parte do rendimento que cabe aos empresários por terem investido o seu capital na actividade produtiva. ➡ **Empresário**

Lucro

Pela inovação

Pelo espírito de iniciativa

Pelo risco e incerteza

Funções do lucro

Estímulo à inovação

Autofinanciamento

Indicador para potenciais investidores

$$\text{Lucro} = \text{Preço de venda} - \text{Preço de custo}$$

6.2.2 - A remuneração dos factores de produção – os rendimentos primários (cont.)

➤ **Juro** = remuneração que cabe aos detentores de capitais monetários quando este é cedido sob a forma de empréstimo - **capitalista**

O montante de juro a receber depende de três factores:

- A taxa de juro fixada
- O tempo de duração do empréstimo
- O montante do capital emprestado

Taxa de juro

Activa – a que o Banco recebe por empréstimos

Passiva – a que o Banco paga aos depositantes

Operação activa

Operação passiva

Margem de Intermediação Financeira

Diferença entre a taxa de juro activa e a taxa de juro passiva

Juro = montante de capital x taxa de juro x tempo

6.2.2 - A remuneração dos factores de produção – os rendimentos primários (cont.)

Exercício 4:

O senhor João fez um depósito no valor de 5000 euros a uma taxa de juro praticada pelo Banco XPT de 3% ao ano.

Calcule o valor a receber de juros pelo senhor João ao fim de 2 anos.

Exercício 5:

A senhora Maria pediu um empréstimo no valor de 20 000 euros a uma taxa de juro praticada pelo Banco XPT de 8% ao ano.

Calcule o valor a pagar de juros pela senhora Maria ao fim de 5 anos.

Exercício 6:

Calcule a margem de intermediação financeira do Banco XPT .

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Ficha de trabalho

Unidade 6 – Rendimentos e repartição dos rendimentos

Ano: 10º Turma: B

- 6.1. A Actividade Produtiva e a Formação de Rendimentos
- 6.2. A Repartição Funcional dos Rendimentos
 - 6.2.1 Noção de repartição funcional dos rendimentos
 - 6.2.2 A remuneração dos factores produtivos – rendimentos primários

Exercício 1:

Brainstorming



Exercício 2:

Com base nas ideias lançadas no exercício 1, indique dois rendimentos primários e dois rendimentos secundários.

Exercício 3:

Com base nas ideias lançadas no exercício 1, indique um exemplo de salário directo e um de salário indirecto.

Exercício 4:

O senhor João fez um depósito no valor de 5000 euros a uma taxa de juro praticada pelo Banco XPT de 3% ao ano.

Calcule o valor a receber de juros pelo senhor João ao fim de 2 anos.

Exercício 5:

A senhora Maria pediu um empréstimo no valor de 20 000 euros a uma taxa de juro praticada pelo Banco XPT de 8% ao ano.

Calcule o valor a pagar de juros pela senhora Maria ao fim de 5 anos.

Exercício 6:

Calcule a margem de intermediação financeira do Banco XPT com base nos dados dos exercícios 4 e 5.

Bom Trabalho!

DISCIPLINA : **Economia A**

Ano: 10º Turma: B

Unidade 6 – RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS

PLANIFICAÇÃO DA AULA Nº 2 de 15/03/2011

PROFESSORA: **Dária Andrade**

TEMPO LECTIVO 90 minutos

FIO CONDUTOR: Compreender a repartição pessoal dos rendimentos

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS/ COMPETÊNCIAS	RECURSOS/ MATERAIS	ESTRATÉGIAS	TEM PO	AVALIAÇÃO
6 – Rendimentos e repartição dos rendimentos 6.3.A Repartição Pessoal dos Rendimentos 6.3.1 Noção de repartição pessoal dos rendimentos 6.3.2 Salário nominal e salário real	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Explica a noção de repartição pessoal do rendimento; ◆ Distingue a repartição funcional do rendimento de repartição pessoal do rendimento; ◆ Calcula a repartição funcional do rendimento e a repartição pessoal do rendimento; ◆ Identifica as desigualdades salariais; ◆ Distingue salário nominal de salário real; ◆ Analisa gráficos. 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Diaporama; ◆ Data show; ◆ Fotocópias; ◆ Internet; ◆ Ficha de actividade; ◆ Manual de Economia adoptado; ◆ Caderno diário; ◆ Jogo didáctico. 	Método Afirmativo <ul style="list-style-type: none"> • Técnica Expositiva Método Interrogativo <ul style="list-style-type: none"> • Técnica das perguntas Método Activo <ul style="list-style-type: none"> • Resolução de uma ficha de trabalho • Análise de gráficos • Jogo didáctico Desenvolvimento da aula: Recurso ao PowerPoint 1. Revisões da aula anterior; 2. Análise dos gráficos da página 205 do Manual de Economia; 3. Formação de grupos para o jogo didáctico e leitura das regras; 4. Jogo dos cartões como forma de rever e consolidar conhecimentos; 5. Apuramento de resultados; 6. Explicação da repartição pessoal dos rendimentos; 7. Explicação de um quadro; 8. Exercício de aplicação; 9. Explicação dos factores que podem originar desigualdade social; 10. Explicação das disparidades salariais, propriedade dos meios de produção, heranças; 11. Explicação da distinção de salário nominal e de salário real; 12. Análise do exemplo da página 207 do Manual de Economia; 13. Análise do quadro da página 208 do Manual de Economia e resolução de exercício; 14. Resolução da ficha de trabalho; 15. Síntese da aula, apresentação dos conteúdos da próxima e despedida.	15 m 5 m 5 m 10 m 3 m 5 m 5 m 5 m 5 m 5 m 5 m 5 m 10 m 2 m	Competências Transversais: *Assiduidade *Pontualidade *Execução de tarefas *Interesse e atitude perante o trabalho *Comportamento *Postura na sala de aula *Domínio escrito e oral da língua portuguesa Competências Específicas: *Participação oral *Trabalho individual (exercício de aplicação) *Capacidade na execução das tarefas propostas

ENQUADRAMENTO: Documentos em anexo.

SUMÁRIO: Revisões da aula anterior
 Análise de gráficos
 Jogo didáctico.
 A repartição pessoal dos rendimentos:
 – Noção de repartição pessoal dos rendimentos
 – Salário nominal e salário real

DISCIPLINA : **Economia A**

Ano: 10º Turma: B

Unidade 6 – RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS**PLANIFICAÇÃO DA AULA Nº 2 de 15/03/2011****GRELHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA**PROFESSORA: **Dária Andrade**TEMPO LECTIVO **90 minutos**

NOMES	<u>Competências Transversais:</u>					<u>Competências específicas:</u>		
	Assiduidade (P/F) Pontualidade (AT)	Execução de tarefas Realizou /Não realizou (R/NR)	Interesse e atitude perante o trabalho (MB/B/S/NS)	Comportamento e postura na sala (MB/B/S/NS)	Domínio da LP oral/ escrita (MB/B/S/NS)	Participação oral (MB/B/S/NS)	Trabalho individual (MB/B/S/NS)	Capacidade na execução das tarefas propostas (MB/B/S/NS)
1 – Catarina Chaves	AT	R	MB	MB	MB	MB	MB	MB
2 – Diogo	AT	R	B	MB	MB	MB	MB	MB
3 – Inês Pacheco	P	R	MB	MB	MB	MB	MB	MB
4 – Isabel Oliveira	AT	R	MB	MB	MB	MB	MB	MB
5 – Jessica	P	R	MB	MB	MB	MB	MB	MB
6 – Maria Assunção	AT	R	B	MB	MB	MB	MB	S
7 – Marta Conceição	P	R	MB	MB	MB	MB	MB	MB
8 – Soraia Pestana	F	-	-	-	-	-	-	-

OUTRAS OBSERVAÇÕES:

Verificaram-se atrasos devido a greve dos transportes.

A aula correu bastante bem. Ao contrario da anterior esta já se encontrava quase completa apenas com a ausência de uma aluna.

O dinamismo imperou na aula, assim como a participação dos alunos.

Observou-se alguns problemas técnicos que se resolveram com a mudança de sala, o que provocou um pequeno atraso, mas nada que não se pudesse completar na aula seguinte.

Verificou-se que os alunos gostaram da actividade do jogo didáctico, correspondendo muito bem e participando seriamente.

Para além da grande parte dos alunos terem faltado na aula anterior, apenas com as revisões dadas no início da aula, a maioria respondeu muito bem às questões do jogo.

Verificaram-se alguns atrasos devido a uma greve dos transportes.



Universidade de Lisboa

Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade

Disciplina de IPP VI

Prof.^a Doutora Maria João Pais

Leccionação de Aula

Escola Secundária Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição de Rendimentos

Trabalho realizado por:
Dária Andrade

15 de Março de 2011

Escola Secundária Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição de Rendimentos

6.3 – A repartição pessoal dos rendimentos

6.3.1 – Noção de repartição pessoal dos rendimentos

6.3.2 – Salário nominal e salário real

Lição n.º 2

15/03/2011

Sumário:

Revisões da aula anterior

Análise de gráficos

Jogo didáctico.

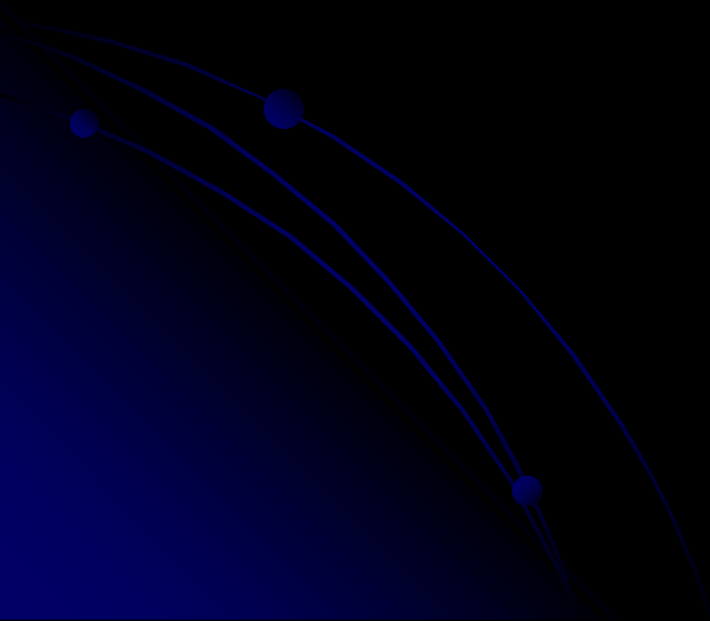
A repartição pessoal dos rendimentos:

- Noção de repartição pessoal dos rendimentos
- Salário nominal e salário real

6.2.2 - A remuneração dos factores de produção – os rendimentos primários

Pag. 205 do Manual

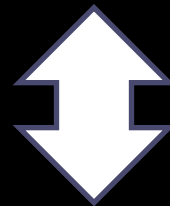
Jogo Didático



6.3 – A repartição pessoal dos rendimentos

6.3.1 – Noção de repartição pessoal dos rendimentos

A repartição pessoal dos rendimentos é aquela que é feita entre os indivíduos e/ou agregados familiares.



Repartição dos rendimentos pelas pessoas que compõem a comunidade

6.3 – A repartição pessoal dos rendimentos

6.3.1 – Noção de repartição pessoal dos rendimentos

Valores em euros

Rendimentos População	Salários	Rendas	Juros	Lucros	Repartição Pessoal
Família A	900				900
Família B	950		100		1050
Família C	1020	200	400		1620
Família D	1500	300	450	150	2400
Repartição Funcional	4370	500	950	150	Rendim. Nacional = 5970

6.3 – A repartição pessoal dos rendimentos

6.3.1 – Noção de repartição pessoal dos rendimentos

Factores que podem originar desigualdade social:



6.3 – A repartição pessoal dos rendimentos

6.3.1 – Noção de repartição pessoal dos rendimentos

O estudo da repartição pessoal incide sobre a disparidade e dispersão dos rendimentos e as suas causas:

- Disparidades salariais

- Propriedade dos meios de produção

 - Acumulação de diferentes fontes de rendimento

- Heranças

6.3.2 – Salário nominal e salário real

Quando consideramos os bens que se podem adquirir temos de considerar os conceitos de salário nominal e salário real:

O **salário nominal** é a quantidade de moeda que o trabalhador recebe como resultado do seu trabalho.

O **salário real** se traduz na quantidade de bens e serviços que o trabalhador pode adquirir com o seu salário nominal.

- É o salário real que traduz o nível de vida e o **poder de compra** das famílias;
- A observação da realidade e a análise económica mostram a existência de grandes **diferenças salariais**.

Ex: No ano 2010 um trabalhador ganhava 1000 euros/mês que permitia adquirir uma certa quantidade de bens e serviços. Suponhamos que no ano seguinte os preços aumentaram 3%. Quanto será necessário para comprar as mesmas coisas?

1030€

6.3.2 – Salário nominal e salário real

Pag. 207 e 208 do Manual

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Ficha de trabalho

Unidade 6 – Rendimentos e repartição dos rendimentos

Ano: 10º Turma: B

6.3.A Repartição Pessoal dos Rendimentos

6.3.1 Noção de repartição pessoal dos rendimentos

6.3.2 Salário nominal e salário real

1. Dê a noção de repartição pessoal do rendimento.

2. Considere os dados do quadro:

Famílias	Salários	Rendas	Lucro	Juro	Repartição Pessoal
Reis	8000 €	2000 €	-----	100€	
Silva	12000 €	-----	-----	300€	
Lopes	-----	4000 €	55000 €	-----	
Antunes	20000 €	-----	-----	-----	
Veiga	25000 €	-----	15000 €	400 €	
Repartição Funcional					

2.1 Preenchendo o quadro calcule o Rendimento Pessoal disponível de cada família.

2.2 Preenchendo o quadro calcule a repartição Funcional do Rendimento.

2.3 Preenchendo o quadro calcule o Rendimento Nacional.

2.4 Indique o factor de produção com maior rendimento.

2.5 Indique a família com maior rendimento.

3. Descubra, na sopa de letras, os factores que podem originar desigualdades salariais:

Q	A	Z	C	F	G	H	J	L	F	F	D	S	S	C	F	T	K	L	Ç	P	R
E	S	E	C	T	O	R	F	D	E	G	A	C	T	I	V	I	D	A	D	E	E
S	E	J	L	F	F	D	S	S	C	F	T	Z	X	C	D	F	G	G	H	J	G
E	Y	A	Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	S	D	F	G	H	A	H	E	A	I
X	O	A	S	D	F	G	H	J	L	Ç	Ç	D	S	S	D	C	W	A	R	S	Ã
O	S	D	F	Q	U	A	L	I	F	I	C	A	Ç	Ã	O	H	E	B	T	D	O
Ç	D	P	J	L	F	F	D	S	S	C	F	T	D	F	G	H	H	I	H	F	E
U	F	I	A	Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	E	R	T	Y	R	L	V	G	D
L	G	D	A	S	D	F	G	H	J	L	Ç	Ç	C	F	T	F	T	I	C	H	O
D	H	A	J	L	F	F	D	S	S	C	F	T	U	I	O	D	Y	T	X	J	E
C	J	D	A	Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	L	Ç	Ç	A	Y	A	Z	K	P
H	K	E	A	S	D	F	G	H	J	L	Ç	Ç	C	F	T	Q	U	Ç	S	L	A
F	L	D	F	G	S	A	Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	W	I	Õ	E	C	Í
D	Ç	A	S	D	F	A	S	D	F	G	H	J	L	Ç	Ç	A	A	E	E	V	S
G	D	I	M	E	N	S	Ã	O	B	D	A	B	E	M	P	R	E	S	A	B	N
Q	A	Z	C	F	G	H	J	L	F	F	D	S	S	C	F	T	K	L	Ç	P	R

Bom Trabalho!

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Jogo dos Cartões

Unidade 6 – Rendimentos e repartição dos rendimentos

6.1. A Actividade Produtiva e a Formação de Rendimentos

6.2. A Repartição Funcional dos Rendimentos

6.2.1 Noção de repartição funcional dos rendimentos

6.2.2 A remuneração dos factores produtivos – rendimentos primários

Ano: 10º Turma: B

REGRAS DO JOGO DOS CARTÕES:

Este jogo é constituído por 30 cartões que contêm 30 perguntas sobre a matéria no cabeçalho indicada.

A turma deverá ser dividida por equipas de dois ou três elementos e serão feitas o número de questões de forma a dar igual para todas as equipas. Por exemplo: se existem 7 grupos serão feitas 28 questões 4 a cada grupo, se existirem 5 grupos serão feitas 6 questões por cada grupo totalizando 30.

Há medida que o jogo avança os grupos irão escolhendo cartões aleatoriamente e dando a respectiva resposta.

Será atribuído 5 pontos por cada questão certa, -2 pontos por cada questão errada e 0 se preferirem não responder.

Ganhará o grupo que tiver mais pontos.

Formação de Equipas

PONTOS

Equipa A – Elementos:

_____ N.º _____

_____ N.º _____

_____ N.º _____

Equipa B – Elementos:

_____ N.º _____

_____ N.º _____

_____ N.º _____

Equipa C – Elementos:

_____ N.º _____

_____ N.º _____

_____ N.º _____

Equipa D – Elementos:

_____ N.º _____

_____ N.º _____

_____ N.º _____

Equipa E – Elementos:

_____ N.º _____

_____ N.º _____

_____ N.º _____

VENCEDORES: Equipa _____

Complete a frase:

A produção cria bens e serviços indispensáveis à sobrevivência, mas também é geradora de _____.

riqueza

“A margem de intermediação financeira do Banco consiste na margem de lucro auferida pelos Bancos.”

Esta afirmação é verdadeira ou falsa.

Verdadeira

Complete a frase:

É na realização do processo produtivo que se gerem os _____.

rendimentos

Complete a frase:

O somatório dos valores acrescentado pelo conjunto das empresas constituirá, grosso modo, o rendimento desse país ou _____.

Rendimento Nacional.

Existe uma correspondência entre o valor da produção e o montante dos rendimentos.

Esta afirmação é verdadeira ou falsa.

Verdadeira

Para que a produção se concretize é necessário a participação de dois factores fundamentais:

_____ e _____.

Capital e trabalho

... é aquela que é feita tendo em atenção a função desempenhada por cada um dos intervenientes na produção.

Esta definição corresponde à

repartição funcional dos rendimentos
ou **repartição pessoal dos rendimentos**

Rendimentos primários ou directos:

São as transferências que o Estado efectua para os agentes económicos.

Esta afirmação é verdadeira ou falsa.

Falsa

Qual o destinatário dos salários?

Trabalhadores

Qual o destinatário dos Lucros?

Empresários

<p>Qual o destinatário dos Juros?</p> <p><u>Capitalistas</u></p>	<p>Qual o destinatário dos Rendas?</p> <p><u>Proprietários</u></p>
<p>Indique os rendimentos primários relacionados com o Capital.</p> <p><u>Rendas, juros, lucros.</u></p>	<p><i>Parte do rendimento que é auferido pelo trabalhador em troca do trabalho realizado no processo produtivo.</i></p> <p>A afirmação refere-se ao salário directo ou indirecto.</p> <p><u>Salário Directo</u></p>
<p>Dê dois exemplos de Salário Indirecto.</p> <p><u>Ex: Subsídios de desemprego; de doença; de invalidez; reformas; abonos; rendimento social de inserção, etc.</u></p>	<p>Dê dois exemplos de rendimentos secundários.</p> <p><u>Ex: Subsídios de desemprego; de doença; de invalidez; reformas; abonos; rendimento social de inserção, etc.</u></p>
<p>Salário deduzido de impostos e prestações sociais.</p> <p>Trata-se de Salário líquido ou Bruto</p> <p><u>Salário líquido</u></p>	<p>Parte do rendimento que cabe aos proprietários de bens imóveis (urbanos ou rústicos) pelo facto de os terem cedido a terceiros</p> <p><u>Renda</u></p>
<p>Indique a formula de que resulta o lucro</p> <p><u>Lucro = Preço de Venda – Preço de Custo</u></p>	<p>Indique a formula de que resulta o juro</p> <p><u>Juro = montante de capital x taxa de juro x tempo</u></p>

O montante de juro a receber depende de três factores. Indique um.

A taxa de juro fixada

O tempo de duração do empréstimo

O montante do capital emprestado

Qual o destinatário dos Lucros?

Empresários

Complete a frase:

A taxa de juro que os Bancos recebem pelos empréstimos

Activa

Complete a frase:

A taxa de juro que os Bancos pagam pelos depósitos

Passiva

Qual o nome que se dá à diferença entre a taxa de juro activa e a taxa de juro passiva.

Margem de Intermediação Financeira

Complete a frase:

A repartição funcional do rendimento é a repartição do rendimento que é feita pelos _____.

Factores Produtivos ou intervenientes nos factores produtivos

... é aquela que é feita tendo em atenção a função desempenhada por cada um dos intervenientes na produção.

Esta definição corresponde à repartição funcional dos rendimentos
Esta afirmação é verdadeira ou falsa?

Verdadeira

“Salário mínimo nacional funciona como um salário de referência”.

Esta afirmação é verdadeira ou falsa.

Verdadeira

Identifique a remuneração que cabe aos detentores de capitais monetários quando este é cedido sob a forma de empréstimo.

Juro

Identifique a remuneração que consiste na parte do rendimento que cabe aos empresários por terem investido o seu capital na actividade produtiva.

Lucro

DISCIPLINA : **Economia A**

Ano: 10º Turma: B

Unidade 6 – RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS

PLANIFICAÇÃO DA AULA Nº 3 de 16/03/2011

PROFESSORA: **Dária Andrade**

TEMPO LECTIVO 90 minutos

FIO CONDUTOR: Compreender a desigualdade na repartição dos rendimentos

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS/ COMPETÊNCIAS	RECURSOS/ MATERAIS	ESTRATÉGIAS	TEM PO	AVALIAÇÃO
6 – Rendimentos e repartição dos rendimentos 6.3.A Repartição Pessoal dos Rendimentos 6.3.3 – O leque salarial 6.3.4 – O rendimento <i>per capita</i> 6.3.5 – As curvas de Lorenz	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Explica em que consiste o leque salarial; ◆ Calcula o leque salarial; ◆ Identifica os factores que justificam a disparidade salarial; ◆ Dá a noção de rendimento <i>per capita</i>; ◆ Calcula o rendimento <i>per capita</i>; ◆ Apresenta as limitações do rendimento <i>per capita</i>; ◆ Identifica os elementos de correcção a que se recorre para ultrapassar algumas das limitações do rendimento <i>per capita</i>; ◆ Interpreta o Índice de Desenvolvimento Humano; ◆ Analisa a curva de Lorenz; ◆ Explica em que consiste o índice de Gini; ◆ Analisa gráficos. 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Diaporama; ◆ Data show; ◆ Fotocópias; ◆ Internet; ◆ Ficha de actividade; ◆ Manual de Economia adoptado; ◆ Exercícios da página 211; ◆ Internet – site do Relatório do Desenvolvimento Nacional de 2010 ◆ Caderno diário. 	<p>Método Afirmativo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Técnica Expositiva <p>Método Interrogativo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Técnica das perguntas <p>Método Activo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Resolução de exercícios • Trabalho a pares • Debate • Análise de gráficos <p><u>Desenvolvimento da aula:</u> Recurso ao PowerPoint</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Revisões da aula anterior; 2. Correcção da ficha de trabalho; 3. Explicação do leque salarial; 4. Resolução de um exercício como exemplo; 5. Explicação dos factores que justificam a disparidade salarial; 6. Debate: “Os grandes salários dos jogadores de futebol”; 7. Explicação do rendimento <i>per capita</i>; 8. Resolução de um exercício; 9. Apresentação das limitações do rendimento <i>per capita</i>; 10. Explicação do IDH – Índice de Desenvolvimento Humano; 11. Visita ao site do Relatório do Desenvolvimento Nacional de 2010; 12. Resolução oral do exercício da página 211. 13. Explicação da curva de Lorenz; 14. Resolução de um exercício; 15. Síntese da aula, apresentação dos conteúdos da próxima e despedida. 	10 m 5 m 5 m 5 m 5 m 15 m 5 m 5 m 5 m 5 m 5 m 5 m	<p><u>Competências Transversais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> *Assiduidade *Pontualidade *Execução de tarefas *Interesse e atitude perante o trabalho *Comportamento *Postura na sala de aula *Domínio escrito e oral da língua portuguesa <p><u>Competências Específicas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> *Participação oral *Trabalho individual (exercício de aplicação) *Capacidade na execução das tarefas propostas

ENQUADRAMENTO: Documentos em anexo.

 SUMÁRIO: Revisões da aula anterior
 O leque salarial
 O rendimento *per capita*
 As curvas de Lorenz
 Exercícios de aplicação

DISCIPLINA : **Economia A**

Ano: 10º Turma: B

Unidade 6 – RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS**PLANIFICAÇÃO DA AULA Nº 3 de 16/03/2011****GRELHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA**PROFESSORA: **Dária Andrade**TEMPO LECTIVO **90 minutos**

NOMES	<u>Competências Transversais:</u>					<u>Competências específicas:</u>		
	Assiduidade (P/F) Pontualidade (AT)	Execução de tarefas Realizou /Não realizou (R/NR)	Interesse e atitude perante o trabalho (MB/B/S/NS)	Comportamento e postura na sala (MB/B/S/NS)	Domínio da LP oral/ escrita (MB/B/S/NS)	Participação oral (MB/B/S/NS)	Trabalho individual (MB/B/S/NS)	Capacidade na execução das tarefas propostas (MB/B/S/NS)
1 – Catarina Chaves	P	R	MB	MB	B	MB	MB	MB
2 – Diogo	P	R	B	MB	B	B	B	B
3 – Inês Pacheco	P	R	MB	MB	B	MB	MB	MB
4 – Isabel Oliveira	AT	R	MB	MB	MB	MB	MB	MB
5 – Jessica	F	-	-	-	-	-	-	-
6 – Maria Assunção	AT	R	B	MB	B	B	B	B
7 – Marta Conceição	P	R	MB	MB	B	MB	MB	MB
8 – Soraia Pestana	P	R	MB	MB	MB	MB	MB	MB

OUTRAS OBSERVAÇÕES:

Nesta aula deparamo-nos com problemas técnicos, não havendo possibilidade de irmos para outra sala. No entanto conseguiu-se ligar o computador mas a *internet* não. Logo não foi possível ir ao site do Relatório do Desenvolvimento Nacional de 2010 e fazer o exercício 1 do ponto 6.3.4 - O rendimento per capita, ficando assim para trabalho de casa.

Foi feito um debate em aula em que os alunos participaram activamente e de forma interessante.

Universidade de Lisboa

Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade

Disciplina de IPP VI

Prof.^a Doutora Maria João Pais

Leccionação de Aula

Escola Secundária Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição de Rendimentos

Trabalho realizado por:
Dária Andrade

16 de Março de 2011

Escola Secundária Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição de Rendimentos

6.3 – A repartição pessoal dos rendimentos

6.3.3 – O leque salarial

6.3.4 – O rendimento *per capita*

6.3.5 – As curvas de Lorenz

Lição n.º 3

16/03/2011

Sumário:

Revisões da aula anterior

O leque salarial

O rendimento *per capita*

As curvas de Lorenz

Exercício de aplicação

6.3.3 – O leque salarial

- Uma forma de medir a desigualdade do rendimento do trabalho é através do **leque salarial**.
- O **leque salarial** é a medida que relaciona o salário mínimo e o salário máximo que vigora num país ou numa determinada categoria profissional.

$$\text{Leque salarial} = \frac{\text{salário mínimo}}{\text{salário máximo}}$$

- Quanto mais alargado for o leque salarial, maiores serão as disparidades.





O leque salarial é um indicador

6.3.3 – O leque salarial

Ex: No país A o salário mínimo é de 500 euros e o máximo é de 50 000 euros.

1. Calcule o leque salarial.
2. Que leitura faz do resultado.

Factores que justificam a disparidade salarial:

-  Diferenças nas capacidades físicas e intelectuais dos indivíduos;
-  Diferenciação nas qualificações profissionais;
-  Diferentes graus de formação escolar;
-  Desiguais níveis de experiência profissional.

DEBATE

Tema: “Os grandes salários dos jogadores de futebol”

6.3.4 – O Rendimento *per capita*

- Para se poder apreciar melhor o poder de compra da população de um país, calcula-se o rendimento *per capita* – *rendimento médio por habitante*.

$$\text{Rendimento}_{PC} = \frac{\text{Rendimento Nacional}}{\text{População total}}$$

- Este indicador é utilizado frequentemente para estabelecer comparações entre diferentes regiões ou países, permitindo, em certa medida, analisar o desenvolvimento social e económico do país.

6.3.4 – O Rendimento *per capita*

Ex: Calcule o rendimento per capita de cada país.

	Rendimento Nacional em euros	População Total	Rendimento <i>per capita</i>
País A	180 000 000 000	15 000 000	
País B	350 000 000 000	30 000 000	
País C	790 000 000 000	65 000 000	

Limitações:

- Representa uma média, ocultando desigualdades na repartição da riqueza;
- Calculado com base nos dados do sector formal da economia;
- Representa um valor global, não discriminando a natureza da riqueza.

6.3.4 – O Rendimento *per capita*

Para ultrapassar algumas das limitações recorrem-se aos seguintes elementos de correcção:

- Curvas de Lorenz que ilustram as desigualdades na repartição do rendimento;
- Inclusão de alguns elementos disponíveis sobre o valor da economia;
- IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, indicador que inclui dados sobre a educação e a saúde para além dos valores económicos.

6.3.4 – O Rendimento *per capita*

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

Este indicador é constituído pelos seguintes indicadores:

- PIB per capita
- Esperança média de vida à nascença
- Taxa de alfabetização dos adultos

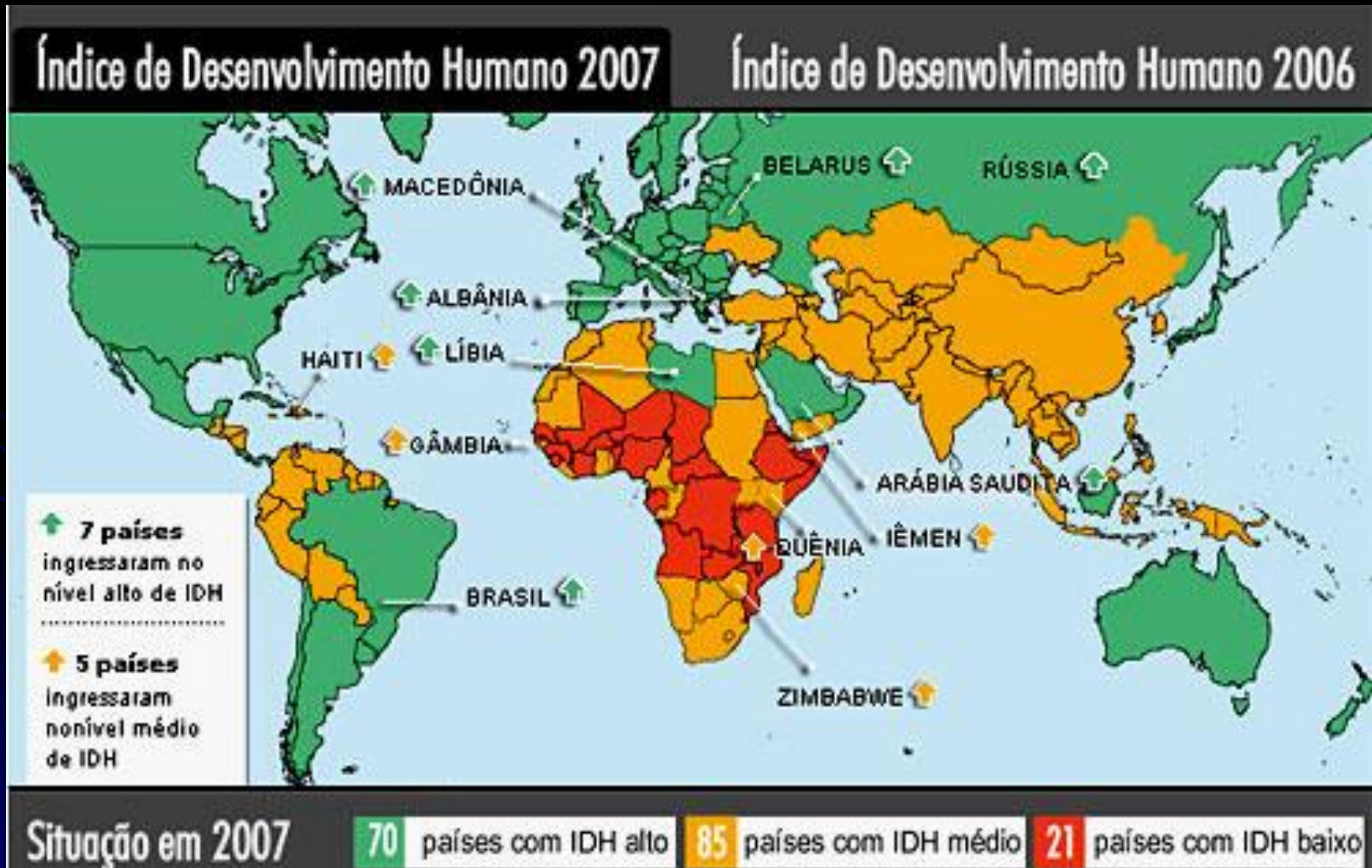
Relatório do Desenvolvimento Humano de 2010

http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2010_PT_Tables_reprint.pdf

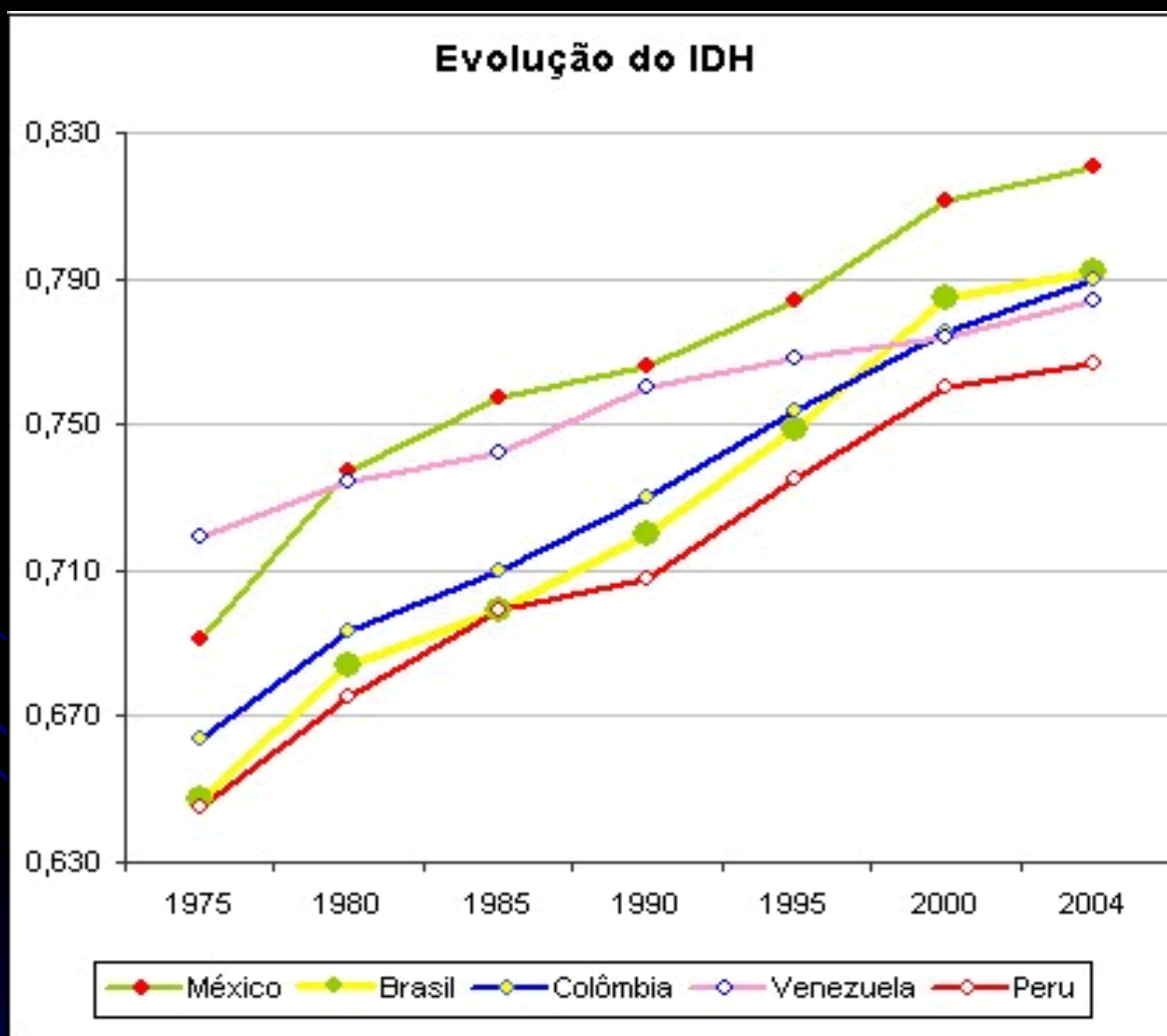
- EX:**
1. Consulte o site e retire os valores actuais de Portugal; de um país com uma situação melhor e de um outro país com uma situação menos favorável que o nosso.
 2. Elabore uma breve análise comparativa.

6.3.4 – O Rendimento *per capita*

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano



6.3.4 – O Rendimento *per capita*



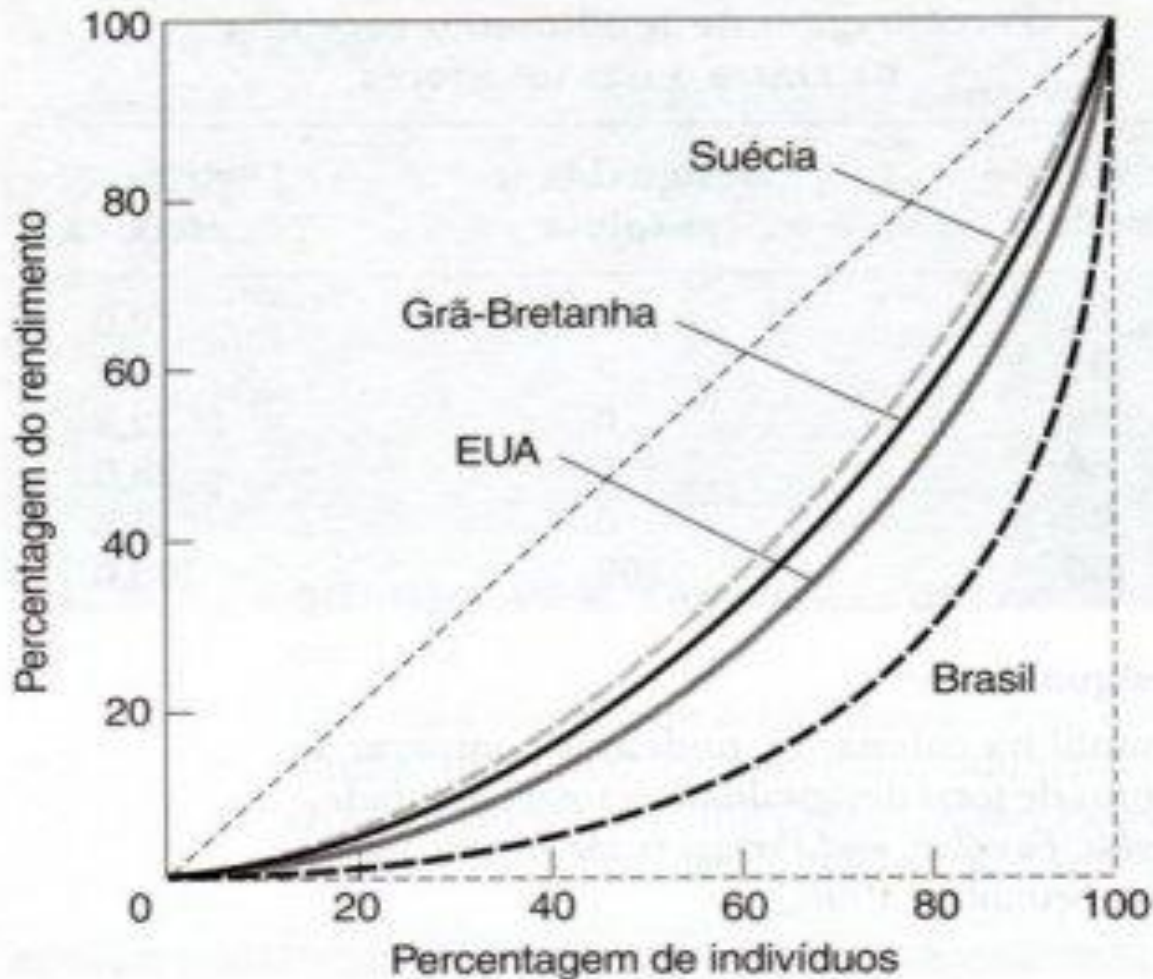
6.3.5 – A curva de Lorenz

A *Curva de Lorenz* é um diagrama que representa, por classes percentuais, a parte do rendimento que cabe a cada grupo da população, permitindo avaliar a desigualdade entre as classes de rendimentos.

- As assimetrias na distribuição dos rendimentos podem, portanto, ser ilustradas graficamente por intermédio de **curvas de concentração**.
- As **curvas de Lorenz**, embora ilustrem desigual repartição dos rendimentos, também apresentam **limitações**, pois **não incluem os rendimentos da economia informal** e não esclarecem sobre as especificidades das distorções.

6.3.5 – A curva de Lorenz

(a) Desigualdade no rendimento

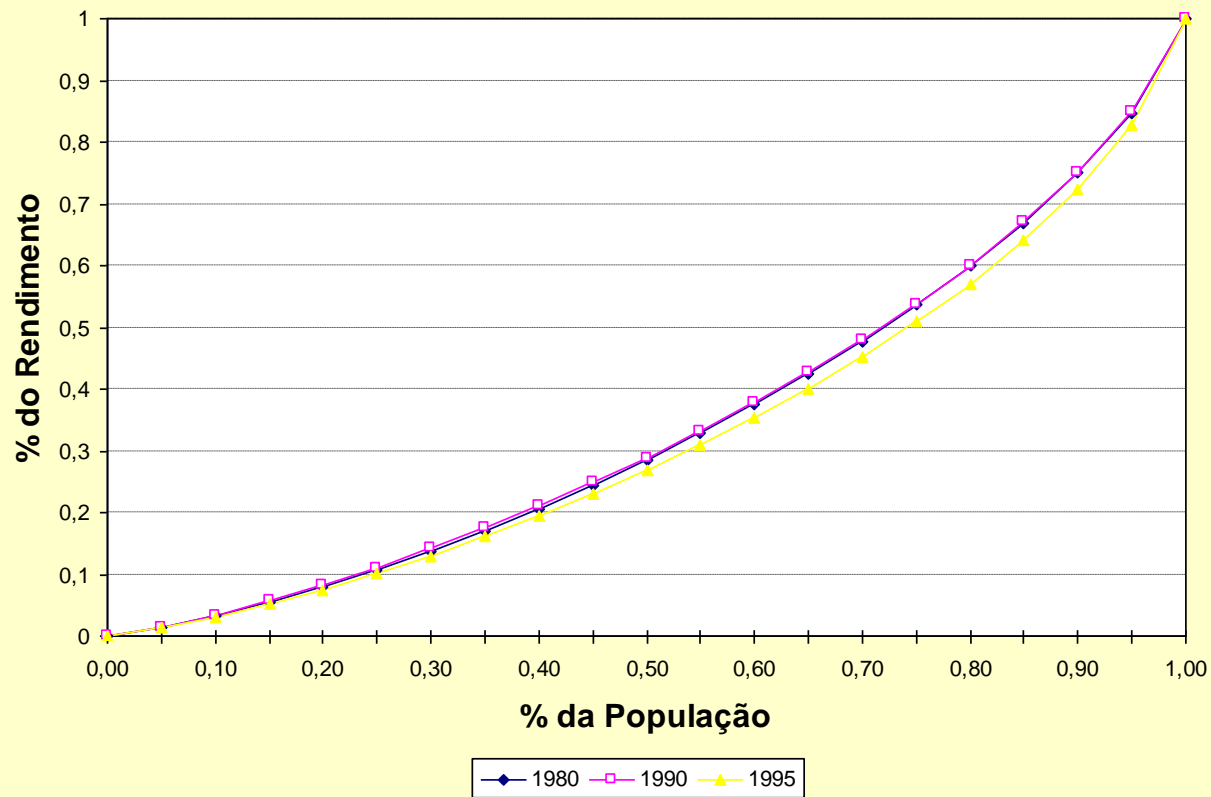


Exercício:

- 1. Indique o país com menor desigualdade no rendimento.**
- 2. Indique o país com maior desigualdade no rendimento.**

6.3.5 – A curva de Lorenz

PORTUGAL: 1980, 1990 e 1995



DISCIPLINA : **Economia A**

Ano: 10º Turma: B

Unidade 6 – RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS

PLANIFICAÇÃO DA AULA Nº 4 de 18/03/2011

PROFESSORA: **Dária Andrade**

TEMPO LECTIVO 90 minutos

FIO CONDUTOR: Rever a matéria sobre a repartição dos rendimentos

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS/ COMPETÊNCIAS	RECURSOS/ MATERAIS	ESTRATÉGIAS	TEM PO	AVALIAÇÃO
Unidade 6 – Rendimentos e Repartição de Rendimentos 6.1 – A actividade produtiva e a formação dos rendimentos 6.2 – A repartição funcional dos rendimentos 6.3 – Repartição Pessoal dos Rendimentos 6.3.1 – Noção de repartição pessoal dos rendimentos 6.3.2 – Salário nominal e salário real 6.3.3 – O leque salarial 6.3.4 – O rendimento <i>per capita</i> 6.3.5 – As curvas de Lorenz	Objectivo Geral: - Rever a matéria	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Diaporama; ◆ Data show; ◆ Fotocópias; ◆ Ficha de actividade; ◆ Manual de Economia adoptado; ◆ Exercícios da página 230 e 231 do Manual; ◆ Quadros da página 211 e 212 do Manual; ◆ Caderno diário; ◆ Imagens; ◆ Notícias; ◆ Vídeo. 	Método Afirmativo <ul style="list-style-type: none"> • Técnica Expositiva Método Interrogativo <ul style="list-style-type: none"> • Técnica das perguntas Método Activo <ul style="list-style-type: none"> • Resolução de exercícios • Trabalho a pares • Análise de gráficos e quadros • Análise de imagens; • Análise de notícias; • Visionamento de um vídeo <u>Desenvolvimento da aula:</u> Recurso ao PowerPoint <ol style="list-style-type: none"> 1. Revisões da aula anterior; 2. Apresentação do índice de Gini; 3. Resolução do exercício da página 212 do Manual de Economia; 4. Comparação com o quadro da página 211 do Manual de Economia; 5. Visionamento de um vídeo; 6. Actividade sobre o filme relacionada com o IDH e o índice de Gini; 7. Explicação do esquema síntese da matéria leccionada da unidade 6; 8. Perguntas complementares ao esquema síntese a todos os alunos de resposta oral; 9. Análise de uma imagem demonstrativa das desigualdades sociais; 10. Análise de duas notícias da actualidade do nosso país sobre as desigualdade sociais; 11. Resolução de uma ficha de trabalho; 12. Correção da ficha de trabalho; 13. Resolução dos exercícios das paginas 230 e 231 do Manual; 14. Síntese da aula, apresentação dos conteúdos da próxima e despedida. 	10 m 5 m 5 m 5 m 3 m 5 m 10 m 10 m 5 m 5 m 10 m 5 m 5 m 2 m	<u>Competências Transversais:</u> *Assiduidade *Pontualidade *Execução de tarefas *Interesse e atitude perante o trabalho *Comportamento *Postura na sala de aula *Domínio escrito e oral da língua portuguesa <u>Competências Específicas:</u> *Participação oral *Trabalho individual (exercício de aplicação) *Capacidade na execução das tarefas propostas

ENQUADRAMENTO: Documentos em anexo.

SUMÁRIO:

Revisões da aula anterior
 Índice de Gini
 Visionamento de vídeo sobre as diferenças dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos
 Esquema síntese da matéria
 Exercícios de aplicação
 Análise de notícias e uma imagem

DISCIPLINA : **Economia A**

Ano: 10º Turma: B

Unidade 6 – RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS**PLANIFICAÇÃO DA AULA Nº 4 de 18/03/2011****GRELHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA**PROFESSORA: **Dária Andrade**TEMPO LECTIVO **90 minutos**

NOMES	<u>Competências Transversais:</u>					<u>Competências específicas:</u>		
	Assiduidade (P/F) Pontualidade (AT)	Execução de tarefas Realizou /Não realizou (R/NR)	Interesse e atitude perante o trabalho (MB/B/S/NS)	Comportamento e postura na sala (MB/B/S/NS)	Domínio da LP oral/ escrita (MB/B/S/NS)	Participação oral (MB/B/S/NS)	Trabalho individual (MB/B/S/NS)	Capacidade na execução das tarefas propostas (MB/B/S/NS)
1 – Catarina Chaves	P	R	MB	MB	B	MB	MB	MB
2 – Diogo	P	R	B	MB	B	B	B	MB
3 – Inês Pacheco	P	R	MB	MB	B	MB	MB	MB
4 – Isabel Oliveira	AT	R	MB	MB	MB	MB	MB	MB
5 – Jessica	F	-	-	-	-	-	-	-
6 – Maria Assunção	AT	R	B	MB	B	B	B	B
7 – Marta Conceição	P	R	MB	MB	B	MB	MB	MB
8 – Soraia Pestana	P	R	MB	MB	MB	MB	MB	MB

OUTRAS OBSERVAÇÕES:

A aula correu muito bem, o plano foi cumprido na integra e os alunos responderam muito bem com uma excelente participação. Verificou-se que os alunos já tinham adquirido grande parte dos conhecimento pretendido nas três aulas anteriores. A aula foi dinâmica e produtiva.

Universidade de Lisboa

Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade

Disciplina de IPP VI

Prof.^a Doutora Maria João Pais

Leccionação de Aula

Escola Secundária Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição de Rendimentos

Trabalho realizado por:
Dária Andrade

18 de Março de 2011

Escola Secundária Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição de Rendimentos

6.1 – A actividade produtiva e a formação dos rendimentos

6.2 – A repartição funcional dos rendimentos

6.3 – Repartição Pessoal dos Rendimentos

6.3.1 – Noção de repartição pessoal dos rendimentos

6.3.2 – Salário nominal e salário real

6.3.3 – O leque salarial

6.3.4 – O rendimento *per capita*

6.3.5 – As curvas de Lorenz

Lição n.º 4

18/03/2011

Sumário:

Índice de Gini

Visionamento de vídeo sobre as diferenças dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Esquema síntese da matéria.

Exercícios de aplicação.

Análise de notícias e uma imagem.

6.3.5 – A curva de Lorenz (cont.)

Índice de Gini

É possível quantificar o grau de concentração dos rendimentos através do **Índice de Gini**.

O **índice de Gini** é uma medida da desigualdade do rendimento que varia entre 0 (menor concentração e maior igualdade) e 100 (maior concentração e maior desigualdade)

Exercício da página 212 do
Manual de Economia

Vídeo

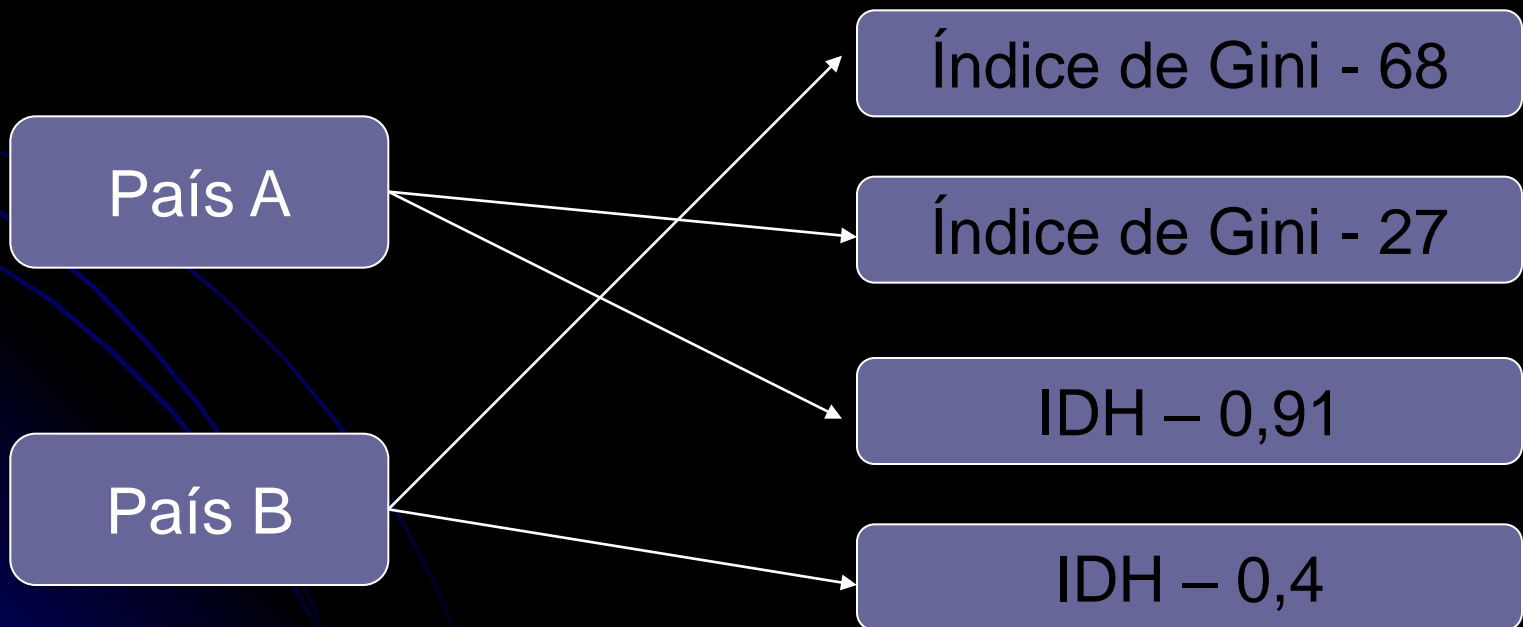
Diferenças entre

PD's

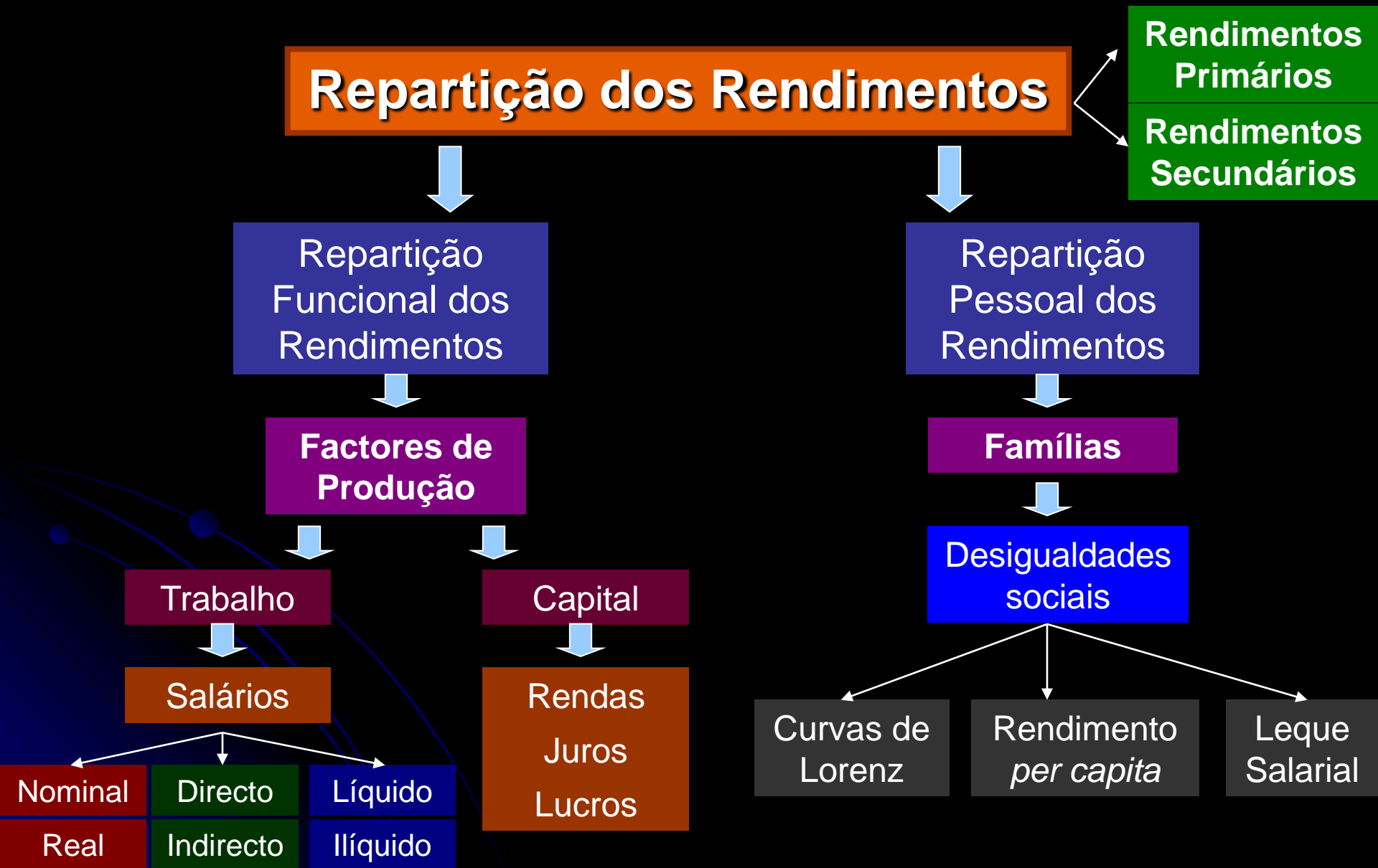
e PED's

Actividade sobre o filme visionado:

- Partindo do princípio que as imagens visionadas dos países desenvolvidos se consideram do país A e as imagens dos países subdesenvolvidos do país B, faça a correspondência:



Esquema Síntese





Brasil

Análise de uma notícia

Jornal de Notícias

Sampaio diz que país está em apuros e apela a entendimento partidário

2011-03-03

O ex-presidente da República Jorge Sampaio considera que Portugal "está em apuros", apelando à "capacidade das principais forças partidárias para criarem uma plataforma de entendimento" mas rejeitando que a solução esteja "em actos eleitorais". O país necessita "de um plano para reduzir as desigualdades sociais e a pobreza", defende.

Artur Rocha



Análise de uma notícia



Correio do Minho

Dia da Mulher: Durão Barroso promete um dia contar as dificuldades que encontrou para convencer governos a nomear mulheres para Bruxelas

2011-03-08

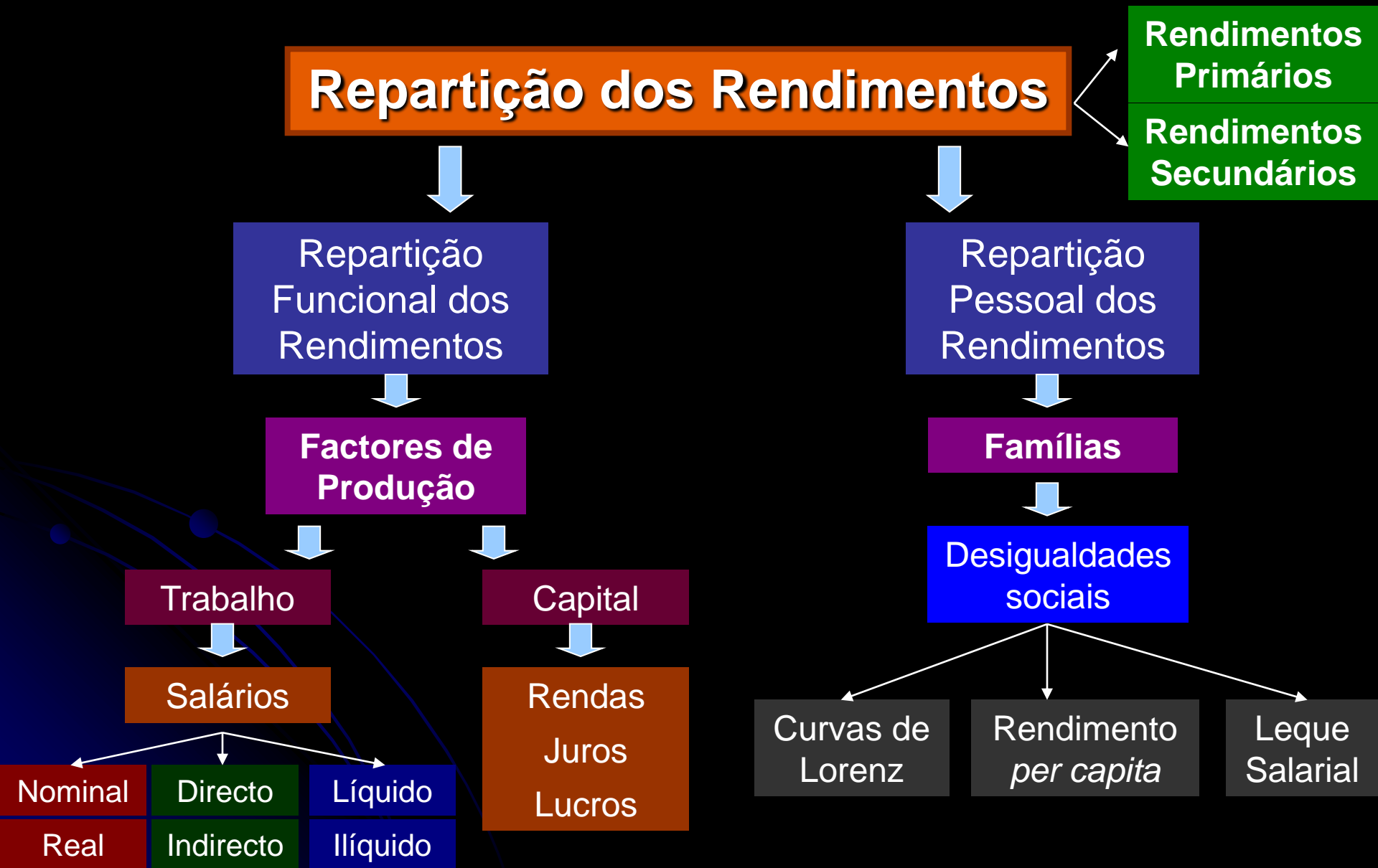
Autor: Lusa

O presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, prometeu hoje em Estrasburgo contar um dia, nas suas memórias, as dificuldades que encontrou para convencer estados-membros a nomear mulheres para o seu executivo em Bruxelas.

José Manuel Durão Barroso falava numa conferência de imprensa após uma cerimónia no hemiciclo de Estrasburgo para assinalar o centenário do Dia Internacional da Mulher, que o presidente da Comissão disse que só poderá ser devidamente celebrado quando forem totalmente eliminadas as muitas desigualdades ainda existentes.

Considerando “simplesmente intolerável” o fosso salarial ainda existente entre homens e mulheres, o presidente da Comissão disse que “há muitos mais exemplos que mostram que ainda muito tem de ser feito para haver realmente razões para celebrar o Dia da Mulher”, e sustentou que o executivo comunitário está “na linha da frente da luta da igualdade de géneros.

Esquema Síntese



Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Unidade 6 – Rendimentos e repartição dos rendimentos

Ano: 10º Turma: B

- 6.1 – A actividade produtiva e a formação dos rendimentos
- 6.2 – A repartição funcional dos rendimentos
- 6.3 – Repartição Pessoal dos Rendimentos
 - 6.3.1 – Noção de repartição pessoal dos rendimentos
 - 6.3.2 – Salário nominal e salário real
 - 6.3.3 – O leque salarial
 - 6.3.4 – O rendimento *per capita*
 - 6.3.5 – As curvas de Lorenz

Objectivos para o teste:

1. Relaciona a Actividade Produtiva com a formação dos Rendimentos.
2. Apresenta a noção de repartição funcional dos rendimentos;
3. Distingue rendimentos primários ou directos de rendimentos secundários;
4. Indica os factores de produção;
5. Identifica os destinatários dos rendimentos primários;
6. Define Salário;
7. Distingue salário directo de salário indirecto;
8. Distingue salário bruto ou ilíquido de salário líquido;
9. Explica a função do salário mínimo nacional;
10. Caracteriza as formas de remuneração do capital;
11. Calcula os juros de operações passivas e activas.
12. Calcula a margem de intermediação financeira dos Bancos
13. Explica a noção de repartição pessoal do rendimento;
14. Distingue a repartição funcional do rendimento da repartição pessoal do rendimento;
15. Calcula a repartição funcional do rendimento e a repartição pessoal do rendimento;
16. Identifica os factores das desigualdades de rendimento;
17. Distingue salário nominal de salário real;
18. Explica em que consiste o leque salarial;
19. Calcula o leque salarial;
20. Identifica os factores que justificam a disparidade salarial;
21. Dá a noção de rendimento *per capita*;
22. Calcula o rendimento *per capita*;
23. Apresenta as limitações do rendimento *per capita*;
24. Identifica os elementos de correcção a que se recorre para ultrapassar algumas das limitações do rendimento *per capita*;
25. Interpreta o Índice de Desenvolvimento Humano;
26. Analisa a curva de Lorenz;
27. Interpreta o índice de Gini;
28. Analisa gráficos e quadros.

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Ficha de trabalho

Unidade 6 – Rendimentos e repartição dos rendimentos

Ano: 10º Turma: B

- 6.1 – A actividade produtiva e a formação dos rendimentos
- 6.2 – A repartição funcional dos rendimentos
- 6.3 – Repartição Pessoal dos Rendimentos
 - 6.3.1 – Noção de repartição pessoal dos rendimentos
 - 6.3.2 – Salário nominal e salário real
 - 6.3.3 – O leque salarial
 - 6.3.4 – O rendimento *per capita*
 - 6.3.5 – As curvas de Lorenz

I

1. Distinga:

- 1.1 Repartição funcional do rendimento de repartição pessoal do rendimento.
- 1.2 Rendimentos primários de rendimentos secundários.
- 1.3 Salário nominal de salário real.
- 1.4 Taxa de juro activa de taxa de juro passiva.

II

Exercício 1:

O senhor João fez um depósito no valor de 10 000 euros a uma taxa de juro praticada pelo Banco XPT de 2% ao ano.

Calcule o valor a receber de juros pelo senhor João ao fim de 4 anos.

Exercício 2:

A senhora Maria pediu um empréstimo no valor de 40 000 euros a uma taxa de juro praticada pelo Banco XPT de 7% ao ano.

Calcule o valor a pagar de juros pela senhora Maria ao fim de 5 anos.

Exercício 3:

Calcule a margem de intermediação financeira do Banco XPT com base nos dados dos exercícios 1 e 2.

III

1. Considere os dados do quadro (valores em euros)

Famílias	Salários		Lucro	Juro	
Reis	6000	-----	-----	100	
Silva	12000	10000	-----	200	
Lopes	-----	15000	3000	300	
Antunes	20000	-----	-----	200	20200
Veiga	25000	-----	40000	1200	
		25000			

1.1 Preencha os espaços em branco do quadro.

1.2 Calcule o valor do factor do trabalho e do factor capital.

2.1 Preenchendo o quadro calcule o Rendimento Nacional.

2.2 Indique o factor de produção com maior rendimento.

2.3 Indique a família com maior rendimento.

3. Descubra, na sopa de letras, os factores que podem originar desigualdade social:

Q	A	Z	C	F	G	H	J	L	F	F	D	S	S	C	F	T	K	L	Ç	P	R
E	S	E	C	T	O	R	F	D	E	G	A	C	T	I	V	I	D	A	D	E	E
S	E	J	L	F	F	D	S	S	C	F	T	Z	X	C	D	F	G	G	H	J	G
E	Y	A	Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	S	D	F	G	H	A	H	E	A	I
X	O	A	S	D	F	G	H	J	L	Ç	Ç	D	S	S	D	C	W	A	R	S	Ã
O	S	D	F	Q	U	A	L	I	F	I	C	A	Ç	Ã	O	H	E	B	T	D	O
Ç	D	P	J	L	F	F	D	S	S	C	F	T	D	F	G	H	H	I	H	F	E
U	F	I	A	Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	E	R	T	Y	R	L	V	G	D
L	G	D	A	S	D	F	G	H	J	L	Ç	Ç	C	F	T	F	T	I	C	H	O
D	H	A	J	L	F	F	D	S	S	C	F	T	U	I	O	D	Y	T	X	J	E
C	J	D	A	Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	L	Ç	Ç	A	Y	A	Z	K	P
H	K	E	A	S	D	F	G	H	J	L	Ç	Ç	C	F	T	Q	U	Ç	S	L	A
F	L	D	F	G	S	A	Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	W	I	Õ	E	C	Í
D	Ç	A	S	D	F	A	S	D	F	G	H	J	L	Ç	Ç	A	A	E	E	V	S
G	D	I	M	E	N	S	Ã	O	B	D	A	B	E	M	P	R	E	S	A	B	N
Q	A	Z	C	F	G	H	J	L	F	F	D	S	S	C	F	T	K	L	Ç	P	R

DISCIPLINA : **Economia A**

Ano: 10º Turma: B

Unidade 6 – RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS

PLANIFICAÇÃO DA AULA Nº 5 de 04/04/2011

PROFESSORA: **Dária Andrade**

TEMPO LECTIVO 90 minutos

FIO CONDUTOR: Rever a matéria sobre a repartição e redistribuição dos rendimentos

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS/ COMPETÊNCIAS	RECURSOS/ MATERAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	AVALIAÇÃO
Unidade 6 – Rendimentos e Repartição de Rendimentos 6.1 – A actividade produtiva e a formação dos rendimentos 6.2 – A repartição funcional dos rendimentos 6.3 – Repartição Pessoal dos Rendimentos 6.3.1 – Noção de repartição pessoal dos rendimentos 6.3.2 – Salário nominal e salário real 6.3.3 – O leque salarial 6.3.4 – O rendimento <i>per capita</i> 6.3.5 – As curvas de Lorenz 6.4 – A Redistribuição dos Rendimentos 6.4.1 – Noção de redistribuição dos rendimentos 6.4.2 – Políticas do Estados na redistribuição dos rendimentos 6.4.3 – O rendimento disponível dos particulares 6.5 – As desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia 6.5.1 – Algumas situações de desigualdades na repartição dos rendimentos nos países da União Europeia	Objectivo Geral: - Rever a matéria	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Fotocópias; ◆ Ficha formativa; ◆ Manual de Economia adoptado. 	Método Afirmativo <ul style="list-style-type: none"> • Técnica Expositiva Método Interrogativo <ul style="list-style-type: none"> • Técnica das perguntas Método Activo <ul style="list-style-type: none"> • Resolução de exercícios • Trabalho a pares • Análise de gráficos e quadros <u>Desenvolvimento da aula:</u> 1. Correção da ficha formativa; 2. Revisões para o teste;; 3. Esclarecimento de dúvidas 4. Recomendações para o teste 5. Despedida.	60 15 12 2 1	<u>Competências Transversais:</u> *Assiduidade *Pontualidade * Execução de tarefas *Interesse e atitude perante o trabalho *Comportamento *Postura na sala de aula *Domínio escrito e oral da língua portuguesa <u>Competências Específicas:</u> *Participação oral *Trabalho individual (exercício de aplicação) *Capacidade na execução das tarefas propostas

ENQUADRAMENTO: Documentos em anexo.

SUMÁRIO: Correção da ficha formativa
Revisões para o teste

DISCIPLINA : **Economia A**

Ano: 10º Turma: B

Unidade 6 – RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS**PLANIFICAÇÃO DA AULA Nº 5 de 04/04/2011****GRELHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA**PROFESSORA: **Dária Andrade**TEMPO LECTIVO **90 minutos**

NOMES	<u>Competências Transversais:</u>					<u>Competências específicas:</u>		
	Assiduidade (P/F) Pontualidade (AT)	Execução de tarefas Realizou /Não realizou (R/NR)	Interesse e atitude perante o trabalho (MB/B/S/NS)	Comportamento e postura na sala (MB/B/S/NS)	Domínio da LP oral/ escrita (MB/B/S/NS)	Participação oral (MB/B/S/NS)	Trabalho individual (MB/B/S/NS)	Capacidade na execução das tarefas propostas (MB/B/S/NS)
1 – Catarina Chaves	P	R	MB	MB	B	MB	MB	MB
2 – Diogo	P	R	B	MB	B	B	B	MB
3 – Inês Pacheco	P	R	MB	MB	B	MB	MB	MB
4 – Isabel Oliveira	P	R	MB	MB	MB	MB	MB	MB
5 – Jessica	P	R	MB	MB	MB	MB	MB	MB
6 – Maria Assunção	P	R	B	MB	B	B	B	B
7 – Marta Conceição	P	R	MB	MB	B	MB	MB	MB
8 – Soraia Pestana	P	R	MB	MB	MB	MB	MB	MB

OUTRAS OBSERVAÇÕES:

A aula correu muito bem com a correcção da ficha de formativa feita na aula anterior. Cumpriu-se a planificação. Os alunos participaram activamente e demonstraram domínio da matéria salvo pequenas questões que tivemos oportunidade de rever.

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Ficha Formativa

Unidade 6 – Rendimentos e repartição dos rendimentos

Ano: 10º Turma: B

1. Relacione a Actividade Produtiva com a formação dos Rendimentos.
2. Apresente a noção de repartição funcional dos rendimentos.
3. Indique os factores de produção.
4. Distinga rendimentos primários ou directos de rendimentos secundários.
 - 4.1 Indique um exemplo de cada.
5. Identifique os destinatários dos rendimentos primários.
6. Defina Salário.
7. Distinga salário directo de salário indirecto.
 - 7.1 Dê um exemplo de cada.
8. Distinga salário bruto ou ílquido de salário líquido.
9. Explique a função do salário mínimo nacional.
10. Caracterize as formas de remuneração do capital;
11. Distinga operações passivas de operações activas.
12. Considere os seguintes dados e calcule os juros:
 - 12.1 O Sr. Rui pediu um empréstimo de 10.000 euros ao Banco XP por 4 anos a 8% ao ano.
 - 12.2 A D.^a Ana fez um depósito de 5000 euros no Banco XP a prazo por 5 anos a 3% ao ano.
 - 12.3 Calcule a margem de intermediação financeira do Banco XP.
13. Explique a noção de repartição pessoal do rendimento.
14. Considere os seguintes dados: A família A tem como fontes de rendimento anuais 9000 euros de salários e 10.000 euros de rendas; a família B 20.000 euros de salários e 5000 euros de lucros; e a família C 30.000 euros de lucros e 2000 de juros.
 - 14.1 Em termos monetários, calcule a repartição funcional do rendimento e a repartição pessoal do rendimento.
 - 14.2 Calcule, em termos percentuais, as partes que cabem ao rendimento funcional e a ao rendimento pessoal.
15. Identifique os factores das desigualdades de rendimento.
16. Distinga salário nominal de salário real.
17. Explique em que consiste o leque salarial.
 - 17.1 Considerando que na empresa X o salário mais baixo é de 500 euros e o mais alto é de 2000 euros, calcule o leque salarial.
18. Identifique dois factores que justificam a disparidade salarial.
19. Dê a noção de rendimento *per capita*.
 - 19.1 Considerando que o país A tem 25 000 000 habitantes e de rendimento nacional 310 000 000 000 euros, calcule o rendimento *per capita*.
20. Apresente uma das limitações do indicador do rendimento *per capita*.
21. Identifique um indicador a que se recorre para ultrapassar algumas das limitações do rendimento *per capita*.
22. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida comparativa usada para classificar os países pelo seu grau de "desenvolvimento humano". O indicador é composto a partir de dados de expectativa de vida ao nascer, educação e PIB (PPC) *per capita* (como um indicador do padrão de vida) recolhidos a nível nacional.

22.1 Interprete o Índice de Desenvolvimento Humano para os países A e B

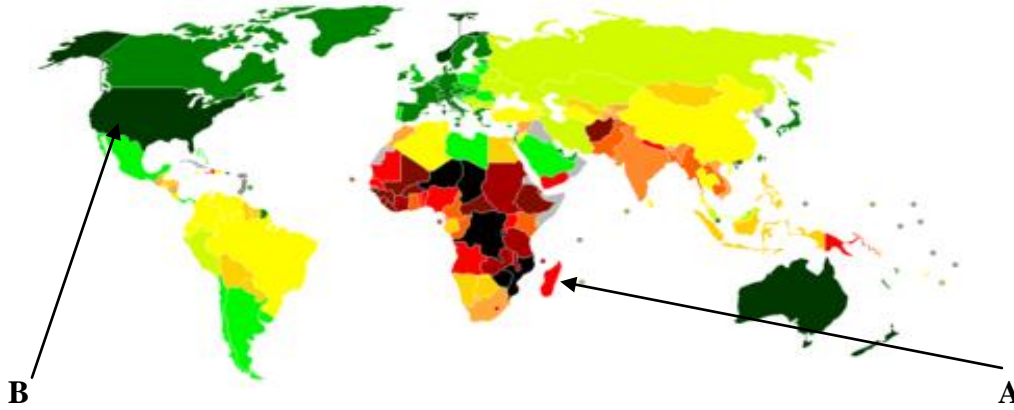
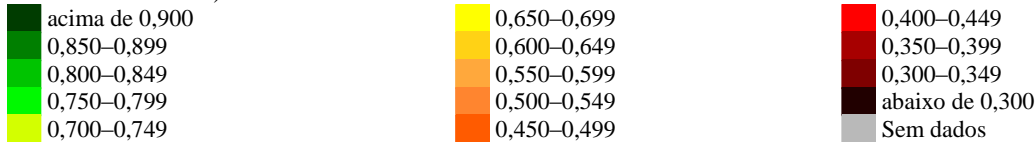


Figura 1: Mapa-mundo indicando o Índice de Desenvolvimento Humano (baseado em dados de 2010, publicados em 4 de Novembro de 2010)



23. Considere a **curva de Lorenz** abaixo:

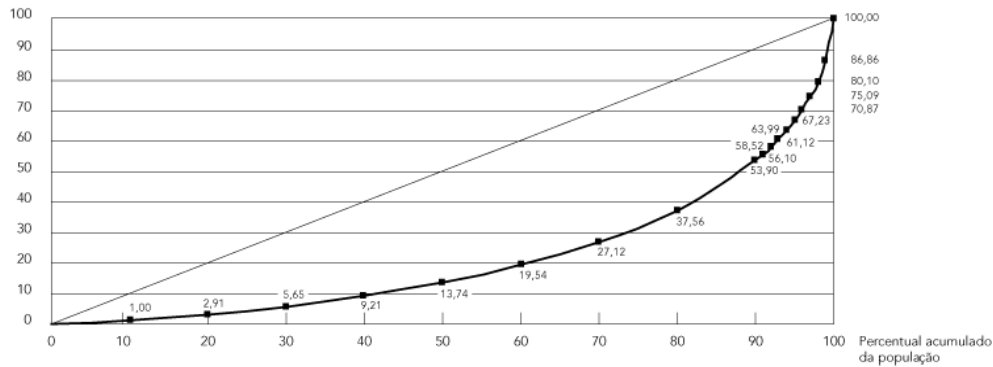
23.1 Indique aproximadamente a percentagem do rendimento que cabe aos 10% da população mais rica do Brasil.

23.2 Indique a percentagem do rendimento que cabe aos 60% da população mais pobre.

23.3 Que conclusões pode retirar relativamente ao grau de concentração dos rendimentos no Brasil na data considerada?

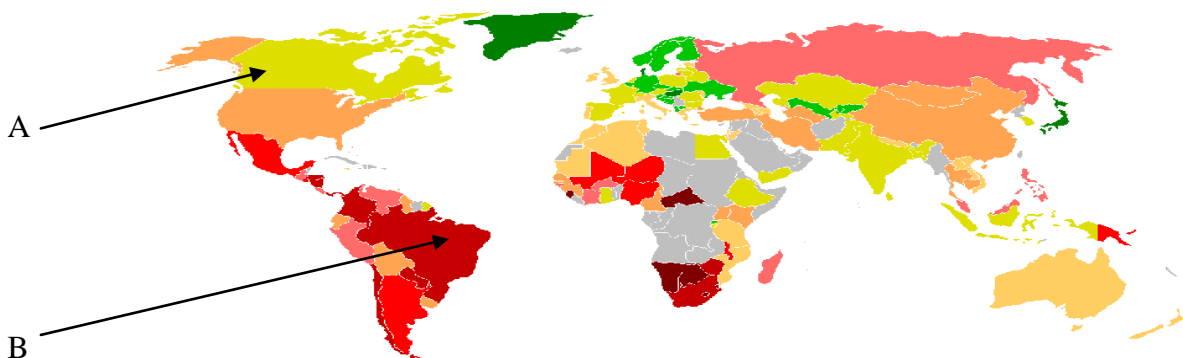
Figura 2

Distribuição de renda familiar *per capita* segundo a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF/IBGE 2002-2003). Brasil, 2002.



Fonte: Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF/IBGE 2002-2003).

24. Interprete o **Índice de Gini** para os Países A e B.



Color	Gini coefficient		0,35 - 0,39		0,55 - 0,59
■	< 0,25	■	0,40 - 0,44	■	> 0,60
■	0,25 - 0,29	■	0,45 - 0,49	■	NA
■	0,30 - 0,34	■	0,50 - 0,54	■	

25. Explique em que consiste a Redistribuição dos Rendimentos.

25.1. Explícite a sua finalidade

25. Indique os três tipos de receitas do Estado que conhece.

26.1. Caracterize-as.

26. Distinga impostos directos de impostos indirectos.

27. Dê dois exemplos de impostos directos e dois de impostos indirectos.

28. Relacione as políticas sociais do Estado com as políticas fiscais.

29. “Os impostos assumem uma importância assinalável na redistribuição dos rendimentos, através da aplicação de taxas progressivas.”

30.1. Explique a afirmação acima.

30. Apresente, com base no quadro seguinte, a evolução do Rendimento Disponível, em Portugal, entre 2005 e 2009.

RENDIMENTO DISPONÍVEL DOS PARTICULARES EM PORTUGAL

(TAXAS DE VARIAÇÃO NOMINAL, EM %)

	2005	2006	2007	2008	2009
Rendimento disponível dos particulares	3,6	3,8	2,7	4,8	0,0
Remuneração do trabalho	4,9	3,2	3,2	4,1	2,5
Rendimentos de empresa e propriedade	3,7	2,9	2,6	5,3	-6,8
Transferências correntes:					
Transferências internas	6,0	6,1	5,5	5,0	6,1
Transferências externas	-11,7	16,9	12,2	2,1	-20,6
Impostos directos (-)	4,9	6,7	9,6	3,7	-0,3
Contribuições sociais (-)	8,6	3,6	6,4	3,8	3,9

Fonte: Banco de Portugal, Relatório Anual de 2010.

31.1 Indique as componentes do Rendimento Disponível que mais contribuiram para a variação registada em 2009.

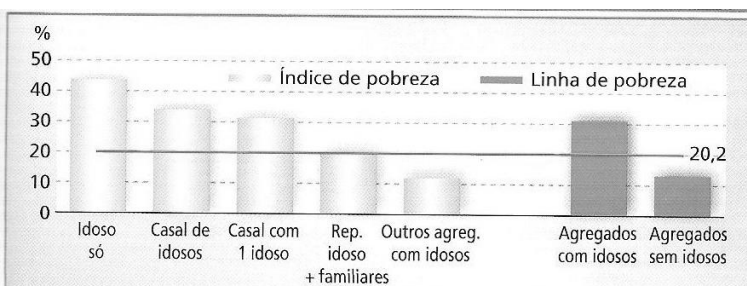
31.2 Dê a noção De Rendimento Disponível dos Particulares.

31. Indique com base nos gráficos abaixo:

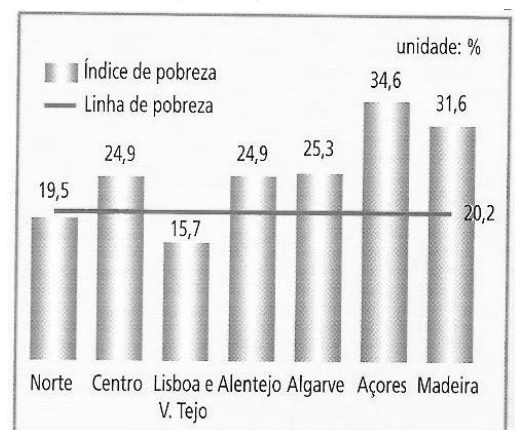
32.1. O agregado familiar mais atingido pela pobreza.

32.2. A região do país com maior índice de pobreza.

ÍNDICES DE POBREZA SEGUNDO O RENDIMENTO E A TIPOLOGIA DO AGREGADO DOMÉSTICO PRIVADO, PORTUGAL, 2000



ÍNDICES DE POBREZA, SEGUNDO O RENDIMENTO, NUTS II, 2000



32.3 Os gráficos mostram que na pobreza se verificam desigualdades? Justifique a resposta utilizando os valores fornecidos.

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Unidade 6 – Rendimentos e repartição dos rendimentos

Ano: 10º Turma: B

6.1 – A actividade produtiva e a formação dos rendimentos

6.2 – A repartição funcional dos rendimentos

6.3 – Repartição Pessoal dos Rendimentos

6.3.1 – Noção de repartição pessoal dos rendimentos

6.3.2 – Salário nominal e salário real

6.3.3 – O leque salarial

6.3.4 – O rendimento *per capita*

6.3.5 – As curvas de Lorenz

Objectivos para o teste:

1. Relaciona a Actividade Produtiva com a formação dos Rendimentos.
2. Apresenta a noção de repartição funcional dos rendimentos;
3. Distingue rendimentos primários ou directos de rendimentos secundários;
4. Indica os factores de produção;
5. Identifica os destinatários dos rendimentos primários;
6. Define Salário;
7. Distingue salário directo de salário indirecto;
8. Distingue salário bruto ou ilíquido de salário líquido;
9. Explica a função do salário mínimo nacional;
10. Caracteriza as formas de remuneração do capital;
11. Calcula os juros de operações passivas e activas;
12. Calcula a margem de intermediação financeira dos Bancos;
13. Explica a noção de repartição pessoal do rendimento;
14. Distingue a repartição funcional do rendimento da repartição pessoal do rendimento;
15. Calcula a repartição funcional do rendimento e a repartição pessoal do rendimento;
16. Identifica os factores das desigualdades de rendimento;
17. Distingue salário nominal de salário real;
18. Explica em que consiste o leque salarial;
19. Calcula o leque salarial;
20. Identifica os factores que justificam a disparidade salarial;
21. Dá a noção de rendimento *per capita*;
22. Calcula o rendimento *per capita*;
23. Apresenta as limitações do rendimento *per capita*;
24. Identifica os elementos de correcção a que se recorre para ultrapassar algumas das limitações do rendimento *per capita*;
25. Interpreta o Índice de Desenvolvimento Humano;
26. Analisa a curva de Lorenz;
27. Interpreta o índice de Gini;
28. Analisa gráficos e quadros.

**MATRIZ DE OBJECTIVOS/CONTEÚDOS (TESTE SUMATIVO)**

DISCIPLINA : ECONOMIA A ANO: 10º TURMA: B

UNIDADE LECTIVA 6– RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS

FIQ CONDUTOR: Analisar os mecanismos de formação e de repartição dos rendimentos, os objectivos e os meios de redistribuição desses rendimentos, assim como as causas da persistência de desigualdades na sua repartição.

Objectivos Conteúdos	Conhecer	Compreender	Aplicar	Analisar	Sintetizar	Avaliar	Criar
GRUPO I - Escolha múltipla							
1. Conceito Redistribuição do rendimento	X	X					
2. Conceito Salário Real	X	X					
3. Cálculo de Juros	X	X	X				
4. Noção repartição funcional dos rendimentos	X	X					
5. Distingue salário ilíquido de líquido	X	X					
6. Conceito de Leque Salarial	X	X					
7. Noção de Renda	X	X					
8. Finalidades da política de redistribuição do rendimento	X	X					
9. Exemplifica Imposto Directo	X	X					
10. Reconhece a fórmula de cálculo do Rendimento Pessoal Disponível	X	X					
11. Noção de Lucro	X	X					
12. Finalidades da Curva de Lorenz	X	X					
13. Incidência dos impostos directos	X	X					
GRUPO II							
1. 1.1. Indica o valor monetário do factor trabalho	X	X	X				
1.2. Calcula a repartição funcional do rendimento	X	X	X				



Objectivos	Conhecer	Compreender	Aplicar	Analisar	Sintetizar	Avaliar	Criar
Conteúdos							
1.3. Determina o rendimento <i>per capita</i>	X	X	X				
1.4. Interpreta o indicador calculado	X	X	X	X			
1.5 Determina o leque salarial	X	X	X				
1.6. Retira conclusões dos indicadores	X	X	X	X	X	X	
GRUPO III							
1. 1.1Explica com base no texto e quadro a evolução do Rendimento Disponível dos Particulares	X	X	X	X	X		
1.2 Calcula o valor da poupança	X	X	X				
1.3 Noção de Rendimento Disponível dos Particulares	X	X					
1.4 Exemplifica transferências correntes	X	X	X				



TESTE SUMATIVO

10º ANO – TURMA B

Disciplina: ECONOMIA A

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos

Ano lectivo 2010/2011

*Leia com atenção a prova antes de responder. Apresente todas as respostas na folha de teste.
O aluno pode utilizar a máquina calculadora.*

GRUPO I

1. O processo que visa corrigir as desigualdades provocadas pela repartição dos rendimentos designa-se ...
 - A. ... repartição primária.
 - B. ... redistribuição do rendimento.
 - C. ... formação do rendimento nacional.
 - D. ... formação do rendimento disponível.

2. O salário real ...
 - A. ... corresponde ao total das remunerações do trabalhador depois de se deduzirem os impostos e contribuições sociais.
 - B. ... corresponde ao poder de compra do salário nominal.
 - C. ... corresponde ao rendimento pessoal disponível.
 - D. ... corresponde à quantidade de moeda que um indivíduo recebe em troca de trabalho.

3. O banco X concede um empréstimo de 10 000 euros a uma taxa de 6,5% a 4 anos...
 - A. ... o banco irá pagar 2400 euros de juros.
 - B. ... o banco irá receber 2400 euros de juros.
 - C. ... o banco irá pagar 2600 euros de juros.
 - D. ... o banco irá receber 2600 euros de juros.

4. A repartição funcional do rendimento ...
 - A. ... permite analisar a composição dos rendimentos por agregado familiar.
 - B. ... considera a divisão do rendimento segundo a profissão do agente.
 - C. ... é a distribuição do rendimento de acordo com as funções desempenhadas por cada interveniente na actividade económica.
 - D. ... considera a divisão do rendimento segundo o estrato social do agente.

5. O salário que resulta depois de se deduzirem os impostos e as contribuições sociais ao salário bruto denomina-se salário...
 - A. ... líquido.
 - B. ... líquido.
 - C. ... real.
 - D. ... nominal.

6. O leque salarial é um indicador ...
- A. ... do nível dos salários reais.
 - B. ... de desigualdade nos salários.
 - C. ... de relação entre salários de diferentes países.
 - D. ... do valor do salário médio.
7. A remuneração que os proprietários recebem por cederem terrenos para a actividade produtiva designa-se por ...
- A. ... salário.
 - B. ... lucro.
 - C. ... juro.
 - D. ... renda.
8. Com a política de redistribuição do rendimento, o Estado pretende...
- A. ... receber impostos pagos pelas famílias.
 - B. ... atenuar a desigualdade na repartição do rendimento.
 - C. ... obter receitas para fazer face às suas despesas.
 - D. ... eliminar qualquer desigualdade de rendimentos.
9. É exemplo de um imposto directo o ...
- A. ... Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares (IRS).
 - B. ... Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA).
 - C. ... Imposto sobre Produtos Petrolíferos (ISP).
 - D. ... Imposto sobre o Tabaco (IT).
10. Contabilizam-se como parcelas positivas no cálculo do Rendimento Pessoal Disponível ...
- A. ... os rendimentos primários e as remessas dos emigrantes.
 - B. ... as quotizações sociais e os impostos directos.
 - C. ... os impostos directos e os rendimentos primários.
 - D. ... as remessas dos emigrantes e as quotizações sociais.
11. O lucro é ...
- A. ... a diferença entre o preço de venda e o valor dos impostos pagos.
 - B. ... o rendimento do dinheiro.
 - C. ... o valor de venda dos bens pelas empresas.
 - D. ... uma das formas de remuneração do capital investido.
12. As curvas de Lorenz podem ser utilizadas quando se pretende analisar...
- A. ... o grau de concentração verificado na repartição pessoal.
 - B. ... a relação entre o salário máximo e o salário mínimo.
 - C. ... o poder de compra dos trabalhadores.
 - D. ... o rendimento *per capita* num dado país.
13. Os impostos directos incidem...
- A. ... sobre os rendimentos das famílias e sobre os rendimentos das empresas.
 - B. ... sobre as despesas das famílias.
 - C. ... sobre as despesas das empresas.
 - D. ... sobre as despesas das empresas e sobre as despesas das famílias.

GRUPO II

1. Observe os seguintes valores relativos ao país X:

Rendimento Nacional.....	125 000 milhões de euros
Remunerações do capital.....	46 000 milhões de euros
População residente.....	14 milhões

- 1.1 Indique o valor monetário entregue ao factor trabalho no país X.
- 1.2 Calcule a repartição funcional do rendimento no país X, em termos percentuais.
- 1.3 Determine o rendimento *per capita* do país X.
- 1.4 Apresente uma razão que nos permita afirmar que o indicador calculado na questão anterior tem limitações.
- 1.5 Partindo do princípio que o ordenado mínimo praticado no país X é de 500 euros e o ordenado máximo é de 50 000 euros, determine o leque salarial.
- 1.6 Supondo que o país X apresenta um IDH de 0,81 e um índice de Gini de 0,27, que conclusões pode retirar no que diz respeito a estes dois indicadores.

GRUPO III

1.

Em termos nominais, o crescimento do Rendimento Disponível dos Particulares, em Portugal, acelerou em 2006. Esta aceleração esteve associada, sobretudo, ao crescimento muito forte das transferências correntes, quer internas, quer externas.

O aumento da taxa de crescimento do Rendimento Disponível dos Particulares, em termos nominais, ficou também a dever-se, embora em menor grau, à desaceleração das contribuições sociais em 2006, a qual ultrapassou o impacto negativo da aceleração dos impostos directos. O aumento das remunerações do trabalho manteve-se relativamente próximo do verificado em 2005.

O quadro que se segue apresenta a evolução do Rendimento Disponível dos Particulares, em Portugal, no período de 2005/2006.

RENDIMENTO DISPONÍVEL DOS PARTICULARES TAXAS DE VARIAÇÃO NOMINAL, EM %		
	2005	2006
Rendimento Disponível	3,1	3,9
Remunerações do trabalho	4,4	4,2
Rendimentos de empresas e propriedade	0,1	0,0
Transferências correntes	5,0	7,8
Impostos directos	5,3	6,7
Contribuições sociais	5,0	4,1

- 1.1 Explique, com base no texto e no quadro, a evolução do Rendimento Disponível dos Particulares, em Portugal, no período considerado, tendo em conta o comportamento das rubricas utilizadas no seu cálculo.
- 1.2 Em 2006, em Portugal, o valor do Rendimento Disponível dos Particulares foi de 109 555 milhões de euros e o valor do Consumo Privado foi de 100 848 milhões de euros. Determine o valor da Poupança das Famílias, em 2006, tendo em conta o conceito de Poupança. Apresente a fórmula e os cálculos necessários.
- 1.3 Dê a noção de Rendimento Disponível dos Particulares.
- 1.4 Indique dois exemplos de transferências correntes.

COTAÇÕES

GRUPO I – 65 pontos – 6,5 Valores	
Escolha Múltipla	65 pontos
GRUPO II – 65 pontos - 6,5 Valores	
1.1	7 pontos
1.2	12 pontos
1.3	7 pontos
1.4	12 pontos
1.5	7 pontos
1.6	20 pontos
GRUPO III – 70 pontos – 7 Valores	
1.1	20 pontos
1.2	20 pontos
1.3	15 pontos
1.4	15 pontos
TOTAL = 20 Valores	200 pontos



10º ANO – TURMA B

Disciplina: ECONOMIA A

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos

Ano lectivo 2010/2011

Critérios de Correção

Questões	Critérios de classificação	Cotação
GRUPO I – 65 pontos – 6,5 Valores		
1. B	5 pontos
2. B	5 pontos
3. D	5 pontos
4. C	5 pontos
5. B	5 pontos
6. B	5 pontos
7. D	5 pontos
8. B	5 pontos
9. A	5 pontos
10. A	5 pontos
11. D	5 pontos
12. A	5 pontos
13. A	5 pontos
GRUPO II – 65 pontos – 6,5 Valores		
1.1	Atribuir 7 pontos se a resposta estiver completa; retirar 2 pontos se não referir as unidades monetárias: $125\ 000\ 000\ 000 - 46\ 000\ 000\ 000 = 79\ 000\ 000\ 000$ Ao factor do trabalho cabe 79 000 milhões de euros	7 pontos
1.2	Atribuir 6 pontos por cada factor: Factor Capital = 36,8 % do rendimento nacional Factor do trabalho = 63,2 % do rendimento nacional	6x2 12 pontos
1.3	Atribuir 7 pontos se a resposta estiver completa; retirar 2 pontos se não referir as unidades monetárias: $125\ 000\ 000\ 000 : 14\ 000\ 000 = 8\ 928,57$ euros O rendimento per capita do país X é de 8 928,57 euros	7 pontos
1.4	O aluno deverá responder uma das três alíneas: ✓ Representa uma média, ocultando desigualdades na repartição da riqueza; ✓ Calculado com base nos dados do sector formal da economia; ✓ Representa um valor global, não discriminando a natureza da riqueza.	12 pontos
1.5	O aluno deverá responder: O leque salarial é de um para cem - 1/100, indica que o valor do salário máximo é cem vezes maior que o salário mínimo.	7 pontos

1.6	<p>Atribuir 5 pontos pela explicação de cada índice, se a resposta for incompleta retirar 2 pontos em cada uma das explicações:</p> <p>No que diz respeito ao IDH (índice de desenvolvimento humano) este tem um valor alto querendo dizer que o país em questão tem um bom grau de desenvolvimento humano.</p> <p>No que diz respeito ao índice de Gini este tem um valor baixo querendo dizer que o país em questão tem uma fraca concentração dos rendimentos, ou seja as desigualdades na repartição dos rendimentos não é muito acentuada.</p>	10x2 20 pontos
GRUPO III – 70 pontos – 7 Valores		
1.1.	<p>Atribuição da cotação total se o aluno referir que:</p> <p>O Rendimento Disponível dos Particulares corresponde ao conjunto dos rendimentos primários e transferências que são recebidos por cada indivíduo, deduzidos dos respectivos impostos e contribuições sociais. Em 2006, o Rendimento Disponível dos Particulares cresceu 3,9% relativamente a 2005, ano em que este rendimento já havia aumentado 3,1%. O aumento do Rendimento Disponível dos Particulares deveu-se essencialmente às transferências correntes, tanto internas como externas, que foram a rubrica que mais cresceu no ano 2006 (7,8%). A desaceleração das contribuições sociais também contribuiu para o aumento do Rendimento Disponível dos Particulares, pois cresceram apenas 4,1% em 2006, quando haviam crescido 5% em 2005.</p> <p>Quanto aos rendimentos primários de 2006, verifica-se que diminuíram relativamente a 2005, tendo as remunerações do trabalho passado de 4,45, em 2005, para 4,2%, em 2006, e os rendimentos de empresas e de propriedade passado de 0,1%, em 2005, para 0%, em 2006. Por último, os impostos directos também não contribuíram para o aumento do Rendimento Disponível dos Particulares, registando-se um agravamento em 2006, ao passarem de uma variação de 5,3%, no ano anterior, para 6,7%, nesse ano.</p>	20 pontos
1.2.	<p>Atribuição da cotação total se o aluno referir que:</p> <p>A poupança é a parte do rendimento que não é empregue em consumo, consistindo numa renúncia à satisfação imediata de necessidades de modo a ser possível satisfazer necessidades no futuro. A poupança das famílias determina-se deduzindo o Consumo Privado ao Rendimento Disponível dos Particulares.</p> <p>Poupança = Rendimento Disponível dos Particulares – Consumo Privado =</p> <p style="padding-left: 40px;">= 109 555 milhões de euros – 100 848 milhões de euros =</p> <p style="padding-left: 40px;">= 8707 milhões de euros</p> <p>Em 2006, a poupança das famílias portuguesas foi de 8707 milhões de euros.</p>	20 pontos
1.3.	<p>Atribuição da cotação total se o aluno referir que:</p> <p>O Rendimento Disponível dos Particulares é o rendimento que é efectivamente recebido pelas famílias, ou seja, o montante de que estas dispõem na realidade após a redução dos impostos directos e quotizações sociais.</p>	15 pontos
1.4.	<p>Atribuição da cotação total se o aluno referir duas situações de pensões ou subsídios que advém do Estado português (transferências internas) ou estrangeiro ou remessas (transferências externas).</p> <p>Se apenas uma situação será de atribuir 7,5 pontos.</p>	15 pontos
Total		200 Pontos

COTAÇÕES

GRUPO I – 65 pontos – 6,5 Valores	
Escolha Múltipla	65 pontos
GRUPO II – 65 pontos - 6,5 Valores	
1.1	7 pontos
1.2	12 pontos
1.3	7 pontos
1.4	12 pontos
1.5	7 pontos
1.6	20 pontos
GRUPO III – 70 pontos – 7 Valores	
1.1	20 pontos
1.2	20 pontos
1.3	15 pontos
1.4	15 pontos
TOTAL = 20 Valores	200 pontos



GRELHA DE CORRECÇÃO - TESTE SUMATIVO

DISCIPLINA : ECONOMIA A

ANO: 10º

TURMA: B

UNIDADE LECTIVA 6 – RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS

Data: 4 de Abril de 2011

Professora: Maria João Pais

Questões		I												II						III				Total	
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	1.6	1.1	1.2	1.3		1.4
N.º	Cotação	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	7	12	7	12	7	20	20	20	15	15	200
1	Catarina	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	7	12	7	10	7	11	9	15	5	7	155
2	Diogo	5	5	5	5	5	5	5	5	5	0	5	-	5	7	10	7	6	7	-	4	15	0	1	112
3	Inês	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	7	8	6	12	6	10	9	15	9	15	162
4	Isabel	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	7	12	7	10	7	20	12	20	15	1	176
5	Jessica	5	5	5	5	5	5	5	5	5	0	5	5	5	7	5	7	6	0	0	14	15	0	1	115
6	Margarida	5	5	5	5	0	5	5	5	5	5	5	0	5	7	12	7	12	3	5	9	15	8	15	148
7	Marta	5	5	5	5	5	5	0	5	5	0	5	5	5	7	11	7	6	7	10	12	15	15	1	146
8	Soraia	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	7	8	6	0	7	10	3	0	0	15	121



Análise - GRELHA DE CORRECÇÃO - TESTE SUMATIVO

DISCIPLINA : ECONOMIA A

ANO: 10º TURMA: B

UNIDADE LECTIVA 6 – RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS

Data: 4 de Abril de 2011

Professora: Maria João Pais

Questões		I											II						III				Total		
N.º	Cotação	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	1.6	1.1	1.2		1.3	1.4
		5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	7	12	7	12	7	20	20	20	15	15	200
1	Catarina	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	7	12	7	10	7	11	9	15	5	7	155
2	Diogo	5	5	5	5	5	5	5	5	5	0	5	-	5	7	10	7	6	7	-	4	15	0	1	112
3	Inês	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	7	8	6	12	6	10	9	15	9	15	162
4	Isabel	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	7	12	7	10	7	20	15	20	15	1	176
5	Jessica	5	5	5	5	5	5	5	5	5	0	5	5	5	7	5	7	6	0	0	14	15	0	1	115
6	Margarida	5	5	5	5	0	5	5	5	5	5	5	0	5	7	12	7	12	3	5	8	15	8	15	148
7	Marta	5	5	5	5	5	5	0	5	5	0	5	5	5	7	11	7	6	7	10	12	15	15	1	146
8	Soraia	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	7	8	6	0	7	10	8	0	0	15	121
Dados estatísticos:																									
Total de pontos da turma por questão		40	40	40	40	35	40	35	40	40	25	40	30	40	56	78	54	62	44	66	72	110	52	56	Média: 142 pontos
Cotação, em pontos, por questão		5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	7	12	7	12	7	20	20	20	15	15	Valores: 14,2
Total de pontos possíveis da turma por questão		40	40	40	40	40	40	40	40	40	40	40	40	40	56	96	56	96	56	160	160	160	120	120	
% de questões certas		100	100	100	100	88	100	88	100	100	63	100	75	100	100	81	96	65	79	41	45	69	43	47	



ANÁLISE:



Questões relacionadas com matéria leccionada por Dária Andrade (valores contabilizados nesta análise)

Questões relacionadas com matéria leccionada por outra colega (valores excluídos desta análise)

Grupo I Grupo II Total de pontos possíveis das questões relacionadas com matéria leccionada por Dária Andrade

50 + 65 115 pontos

Se a 115 pontos correspondesse 200 pontos

115×8 alunos = 920 pontos correspondia a 1600 pontos

Logo, se os alunos nas questões assinaladas somaram 740 pontos podemos apurar:

920 pontos _____ 1600

740 pontos _____ x

= 1287 pontos a dividir por 8 alunos = 160,9 pontos

Traduzido em valores dá uma **média de 16,1 valores**

Conclusão: Se tivermos em conta apenas os resultados das questões relacionadas pela matéria dada por Dária Andrade, partindo do princípio que o total desses pontos correspondia a 100% ou seja a 200 pontos, os alunos teriam uma média de resultados dos testes sumativos de 16,1 valores e não de 14,2 valores, como se verifica na tabela.

Universidade de Lisboa
Instituto de Educação
 Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade

Grelha de observação das aulas leccionadas – Enfoque: A Comunicação

Suporte teórico aplicado às aulas do estágio na Escola Secundária Josefa de Óbidos

Aula I – 11/03/11; Aula II – 15/03/11; Aula III – 16/03/11; Aula IV – 18/03/11; Aula V – 04/04/11

1. A Comunicação	
1.1. O modelo do processo de comunicação	Ao longo das aulas existiu sempre o cuidado de verificar se o processo de comunicação se realizou na íntegra. Em termos gerais considerou-se: o emissor – o professor; a ideia a transmitir – os conteúdos programados; o código – a língua portuguesa falada e escrita, entre outros símbolos; o codificador – o professor; o decodificador – o aluno; a mensagem – o conteúdo dos programáticos traduzidos numa mensagem através do código, neste caso a língua portuguesa falada e escrita, imagens, filmes, entre outros; meio/canal: meio oral, papel (manual e fichas de trabalho), internet, data show, quadro; o receptor – o aluno; o contexto – a caracterização da turma e o ambiente de sala de aula; o ruído – o factor que mais interferiu o processo de comunicação, na minha perspectiva foi no visionamento dos diaporamas as salas terem muita claridade, mesmo com os estores corridos; o feedback – este existiu quer por parte do professor como por parte do aluno.
1.2. O modelo de Lasswell	Quem? O professor; Diz o quê? Conteúdos programáticos; A quem? Aos alunos; Como? Através da língua falada e escrita, vídeos, jogos, internet, diaporamas; Com que objectivos? O grande objectivo é que os alunos aprendam, atinjam os objectivos previamente definidos, que o ensino/aprendizagem se realize.
1.3. Os tipos de linguagem	Existiu o cuidado de diversificar os tipos de linguagem. Ao nível verbal sonoro com a exposição oral e técnica do questionamento; a linguagem escrita também foi frequentemente utilizada no caso das fichas de trabalho, quadro, teste, internet. Linguagem não-verbal: em termos visual podemos falar no recurso às imagens e vídeos utilizados, assim como o cuidado que tive em utilizar uma linguagem corporal que contribuisse para captar a atenção dos alunos, ajudasse a clarificar o que estava a ser dito, que tornasse a exposição oral menos monótona e motivasse os alunos. Linguagem mista: é aplicada quando se recorreu aos vídeos e ao diaporama que permite integrar todos os tipos de linguagem facilitando a compreensão dos conteúdos.
1.4. A comunicação unilateral e a comunicação bilateral	Existiu sempre o cuidado de utilizar a comunicação unilateral e bilateral. Um dos objectivos era tornar a comunicação durante a aula o mais bilateral possível, mesmo durante as exposições orais eram introduzidas perguntas com frequência apelando à participação dos alunos, assim como toda diversidade de actividades existente permitia que o aluno fosse um elemento activo em aula.
1.5. A comunicação ascendente, descendente e lateral	A comunicação ascendente dominou, apesar de mesmo assim os alunos terem participado muito bem em todas as actividades se estivessemos perante a leccionação de mais aulas poderia ter dado espaço aos alunos no sentidos de ouvir, da parte deles propostas de actividades a realizar em aulas. No que diz respeito à comunicação lateral, esta foi aplicada sempre que se pedia aos alunos que fizessem fichas de trabalho, actividades jogos e debates.
1.6. Comunicação formal e informal	Uma aula é sempre comunicação formal no entanto nos primeiros ou últimos minutos da mesma existiu espaço e abertura para uma curta comunicação informal. Neste caso quando os alunos perguntavam pelo meu filho de quatro meses.
1.7. O princípio do feedback	O princípio do <i>feedback</i> dá-nos duas perspectivas: Directo, neste caso, ocorria durante as aulas, sempre que ia fazendo perguntas, que faziam actividades, fichas de trabalho e participando natural transmitiam-me a noção se estavam ou não a acompanhar a aula e a matéria que vinha sendo dada. Por exemplo, no início de cada aula fazia uma breve revisão da aula anterior apelando sempre à participação dos alunos. Com estas demonstrações de conhecimentos fazia com que me apercebe-se dos alunos com mais

	ou menos dificuldades.
1.8. Os elementos que garantem a credibilidade do emissor	Compostura: Tentei ter sempre uma atitude calma, assertiva e coerente; Carácter: tentei transmitir confiança, seriedade, honestidade, boa-vontade, verdade e respeito pelos alunos; Competência: preparei-me sempre o melhor possível para que os alunos vissem em mim conhecimento e domínio da matérias, tornando credível a minha mensagem; Coragem: neste sentido, tentei transmitir força, convicção e compromisso, defendendo bem as minhas ideias; Cuidado: tive sempre em primeiro lugar os alunos, tendo sempre o cuidado em ver se estes estavam bem, se precisavam de ajuda, se precisavam de explicasse mais vezes ou de outra forma, se estavam confortáveis, se viam bem, se ouviam bem, se todos participavam, se não se sentiam injustiçados por estar a dar mais atenção a uns do que a outros, ou seja, que sentissem que eu estava ali para eles, com a finalidade de aprender de uma forma agradável.
1.9. As barreiras à comunicação	Ao nível dos factores pessoais, o grande objectivos era fazer com que não se verificasse nenhuma das barreiras mencionadas na teórica, logo tudo foi feito para que isso acontecesse e penso que se verificou um bom resultado. Ao nível dos factores sociais, realmente não se verificou qualquer barreira a este nível.
2. A Comunicação na sala de aula	
2.1. A relação professor/alun – a comunicação interpessoal	
2.1.1. <i>O autoconhecimento e o conhecimento do outro</i>	Apraz-me dizer que, sem dúvidas, as aulas de IPP-III foram fundamentais para conhecer os alunos, assim como os inquéritos feitos ao início dessas mesmas aulas. Só desta forma podemos construir aulas adequadas à turma, possivelmente como uma turma diferente, mais agitada, com dificuldades de aprendizagem ou problemas de indisciplina, já teria de fazer de maneira diferente. No entanto tentei que nenhuma dessas informações me
2.2. O comportamento do professor	Ao nível do comportamento do professor tentei aplicar as características de um comportamento eficaz do professor segundo o quadro de Ryans.
2.2.1. <i>Habilidades sociais</i>	Considero que tenho facilidade em me relacionar com pessoas em geral e o mesmo acontece com os alunos. Normalmente, no início, tenho algumas reservas, pois necessito de conhecer a turma para determinar a forma mais eficaz de me relacionar com eles, pois tento adaptar-me à realidade que encontro.
2.2.2. <i>Habilidades comunicativas</i>	Muito com a ajuda do que tenho vindo a aprender, também porque gosto do tema, considero que tenho desenvolvido as minhas habilidade comunicativas. Quando lecciono uma aula, principalmente na técnica expositiva tentei dar o meu melhor aplicando os ensinamento de Nieto (2009)
2.3. O comportamento do aluno ao nível da comunicação	Neste caso aplica-se o primeiro ponto – Estimular os tímidos, pois os outros dois não se aplicavam nas características desta turma. Assim, seguindo as orientações de Estanqueiro (2010), fiz exactamente como o autor referiu: Comecei por fazer perguntas simples e directas, sem interromper quando as suas intervenções, elogiando e incentivando sempre cada participação. Verificou-se também que a aluna mais tímida estava sozinha e em ultimo lugar.
2.4. A comunicação unidireccional e a comunicação bidireccional	Idem 1.4
2.5. Os circuitos de comunicação	Os circuitos de comunicação dividem-se em dois: comunicação vertical que consiste na comunicação ascendente e descendente e na comunicação horizontal que consiste na comunicação lateral referida no ponto acima 1.5 - Idem
2.6. Clareza de linguagem	Para que os alunos percebessem o que era dito, em primeiro lugar tive em conta as características da turma para que o código linguístico utilizado fosse de encontro ao seu nível cognitivo. Sem deixar de utilizar linguagem técnica tentei sempre descodifica-la. Por vezes perguntava se tinham dúvidas, mas ninguém respondia, no entanto eu percebia pelos seus olhares que não tinham percebido e voltava a explicar de uma outra forma.
2.7. Estratégias que facilitam a veiculação clara de conteúdos	Antão dá-nos diversas estratégias de que facilitam a veiculação de conteúdos, onde depois de analisar, acabar por aplicar todas elas.

2.8. A participação dos alunos	Maximizar a participação dos alunos foi uma prioridade.
2.8.1. <i>Vantagens da participação oral</i>	Penso que ambas as vantagens se verificaram nas aulas. Ao longo da mesmas e quanto mais os alunos participavam mais se mostravam motivados e entrosados nos conteúdos leccionados. Ao nível da aprendizagem penso que resultou pois se pode verificar pelos resultados obtidos nos testes.
2.8.2. <i>Razões que levam o professor a evitar a participação oral</i>	No caso não existiu qualquer motivo que levasse a uma abrandamento ou inibição da participação por parte dos alunos, pois não existia problemas de comportamento muito pelo contrario, a turma em causa permitia que o professor desse uma maior abertura e liberdade que os alunos sabiam não ultrapassar os limites, até mesmo, em certos momentos, aligeirar a exposição com uma graça, coisa que não é possível em turmas mais complicadas ao nível do comportamento sob pena de perdermos o controlo do grupo.
2.9. O questionamento	O questionamento foi técnica intensamente aplicada nas cinco aulas
2.9.1. <i>Os destinatários das perguntas</i>	Turma inicialmente bastante tímida, na primeira aula os três únicos alunos acabaram por ter uma boa participação. Na aula seguinte, esta já com a turma, deparei-me com o mesmo problema, no início os alunos ausentes muito tímidos mas depois de muito incentivados acabaram por ter uma excelente participação. No entanto, houve uma aluna que por muito que eu a incentivasse e puxasse manteve-se tímida e envergonhada, respondendo apenas quando abordada directamente e mesmo assim com respostas curtas e voz muito baixinha.
2.9.2. <i>A qualidade das perguntas</i>	Como verifiquei que a turma era tímida, comecei por questões mais directas, de respostas simples e obvias, para que os alunos, acertando, ficassem mais motivados e à vontade e não constrangidos e envergonhados por terem errado. Isso iria ser um factor inibidor. Depois de os sentir mais confiantes, as perguntas foram ficando mais complexas, apelando mais ao pensamento e raciocínio do que à memorização.
2.9.3. <i>A importância do tempo de espera</i>	Principalmente porque no início a turma era uma pouco tímida, o tempo de espera pelas respostas era importante e era necessário ter calma, para que os alunos pudessem pensar e responder, também porque se passasse à frente acabaria por ser os que eles queriam.
2.9.4. <i>A reacção das respostas</i>	Sempre que os alunos respondiam, era feito um elogio e um incentivo a novas participações. Muitas vezes a partir do que os alunos disseram era utilizado para novos exercícios ou memos ponto de partida para um outro assunto. Estava fora que causa criticar o quer que fosse mais reforçar tudo o que era positivo.
2.9.5. <i>A valorização das perguntas</i>	Sempre que um aluno fazia uma pergunta ou pedia um esclarecimento, era-lhe feito um elogio ou mesmo um agradecimento. Onde eu dizia: «Essa pergunta é bastante pertinente.»; «Obrigada por expor essa dúvida.»; «Assim mesmo, não deixem dúvidas por esclarecer, que eu explico as vezes que forem precisas.»
2.9.6. <i>Estratégias de resposta</i>	Estanqueiro dá-nos diversas formas de responder a uma pergunta feita por um aluno, neste caso, optei por responder o mais claramente possível, dando sempre exemplos reais ou hipotéticos (Vieira e Vieira, para facilitar a compreensão dos alunos. Respondendo sempre com maior boa vontade e entusiasmo, valorizando a acção do aluno. Não existiram perguntas despropositadas, impertinentes ou provocadoras. Também não houve perguntas às quais, no momento não soubesse dar resposta.
2.10. A comunicação e a motivação	
2.10.1. <i>A participação dos alunos e a motivação</i>	A participação dos alunos foi uma prática constante. Fazer deles um elemento activo e das suas ideias uma mais valia para a aula era fundamental. A participação também tinha como objectivo motivar e integrar os alunos, reforçar e consolidar conhecimentos, sendo também um instrumento para obter o <i>feedback</i> dos alunos, dos seus conhecimentos, dos conteúdos com mais dificuldades, do seu bem-estar e estado de espírito. A abertura dada pela participação faz com que o aluno colabore mais, ou seja motivação é a força interior que move a pessoa na sua acção.
2.10.2. <i>Elogios sinceros</i>	Os elogios não custam dinheiro e resultam muito bem. A prática do elogio foi uma constante aos longo das minhas aulas. Esses estímulos positivos já saem naturalmente, com uma palavra, um sorriso, um gesto ou mesmo parando tudo, como aconteceu numa das aulas, em que uma aluna, espontaneamente, deu um contributo, sobre um assunto que tinha lido, que se enquadrava perfeitamente no que estavam a trabalhar e que foi muito positivo. Perante esta intervenção senti necessidade de parar para enaltecer e agradecer o contributo e a prestação da aluna.

2.10.3. <i>Expectativas positivas</i>	As expectativas que tinha nos alunos eram muito positivas e isso era-lhes transmitido. Estanqueiro defende que o comportamento do professor difere consoante as expectativas que este tem sobre os alunos. No meu caso eram positivas e se isso contribuiu de alguma forma, penso que foi positivamente.
2.10.4. <i>Entusiasmo no ensino</i>	O gosto pelo ensino, o prazer que tenho em leccionar cada aula e o interesse que tenho nas matérias que lecciono, faz com que o entusiasmo seja inato, manifesta-se de forma natural e quanto mais consigo captar o interesse e a participação dos alunos mais entusiástica a aula se torna e penso que isto passa para o aluno.
2.11. O ambiente de aprendizagem	Tudo foi feito para que tivéssemos um ambiente de aprendizagem agradável: a relação com os alunos foi boa; existia um clima de respeito pelo próximo e pelas normas de sala de aula, previamente determinadas; dinâmica e bom ritmo de aprendizagem e um bom envolvimento dos alunos na aula.
2.12. O tempo e o espaço físico da sala de aula e a comunicação	Tempo – Apesar de breves atrasos devido às greves de transportes, o tempo não foi problema, pois as aulas correram como planeado, os alunos acompanharam bem o ritmo das aulas. Os planos foram cumpridos. Espaço – Existência dos recursos: as salas estavam bem apetrechadas ao nível de recursos. Todas tinham computador, data show, internet e bons quadros. No entanto a internet nem sempre funcionou e, devido à claridade, existia uma certa dificuldade em ver o que estava escrito no quadro. Assim como em relação aos diaporamas que eram visionados nas melhores condições; disposição das carteiras: em quatro das cinco aulas a disposição das carteira era tradicional, que no caso adequava-se perfeitamente, numa aula a disposição foi em ferradura que se adequou especialmente a uma das actividades programadas, que foi um debate; distribuição dos alunos – esta já estava predefinida, e eu não quis estar a alterar só por cinco aulas. No entanto, se continuasse com a turma, proponha uma mudança de lugar a uma aluna bastante tímida que estava numa das carteiras de trás; ruídos – em termos de ruídos não existiam muitos e os que haviam os alunos já estavam habituados. Recordo-me de existir uma sala que tinha era um cheiro intenso a comida vindo da cozinha do refeitório que era por baixo da sala. Este facto causava uma certa desconcentração por parte dos alunos. Em termos gerais as salas eram boas, com mobiliário novo, bons recursos, salas grandes e arejadas, como já foi referido, com demasiada claridade, pois os estores corridos não escureciam a sala, tinham uma acústica, no entanto não era necessário falar muito alto porque eram apenas oito alunos e ocupavam os lugares da primeira e segunda filas.
2.13. A organização dos conteúdos	Optei por seguir a sequência programática do manual, por ser prática habitual e por não querer, por cinco aulas, alterar os costumes dos alunos. No que diz respeito à organização dos conteúdos por aula, tentei que fosse o mais facilitador possível para a aprendizagem, dividindo a matéria por tópicos, explicando passo a passo, não seguindo em frente sem que a matéria anterior estivesse consolidada, utilizando tópicos e esquemas. No final terminei, fazendo uma revisão de toda a matéria recorrendo a um esquema-síntese onde os alunos puderam perceber a sequência das matérias estruturantes e a relação que estabeleciam entre elas.
2.14. As técnicas e recursos de animação de aulas	As técnicas utilizadas foram o mais diversificadas possíveis, sendo este um dos pontos da estratégia a aplicar e foram estes: diaporamas, fichas de trabalho, jogos, debates, vídeos, imagens, fichas de trabalho com jogos, brainstorming, exercícios interactivos. O grande objectivo era dinamizar as aulas, tornando-as atractivas e agradáveis aos alunos sem decorar da aprendizagem.
2.15. Escutar como forma de comunicar	Da minha parte: Estive sempre disponível e interessada para ouvir os alunos de bom grado; sempre que os alunos falavam tinha o cuidado de não estar de costas e de olhar para quem estivesse a falar para mim, sempre que houvesse necessidade reformulava o que me tinham dito para que o aluno percebesse se eu tinha entendido o que me queria transmitir.
2.16. A assertividade como modo de comunicação eficaz	Concluindo, durante as cinco aulas preparei-me para que tivesse uma atitude o mais assertiva possível a todos os níveis o que contribuiu para o sucesso das aulas e construção de uma boa relação com os alunos.

Inquérito I

A sala de aula é um dos locais onde a comunicação deve imperar. Uma boa comunicação do professor com os alunos, alunos com o professor e dos alunos entre si reforça a motivação e promove a aprendizagem. Quando falamos em comunicação, falamos em todos os tipos de comunicação: a comunicação verbal – escrita (ex: uma ficha) e oral (a explicação do professor) e a comunicação não verbal – visual (uma imagem), sonora (o sistema de som do computador), gestual (uma expressão facial do professor) e por fim a comunicação mista (um vídeo), quando conjugamos as duas anteriores. Em qualquer uma destas situações pode ocorrer uma falha que vai dificultar o processo de comunicação entre o professor e o aluno fazendo com que a mensagem, neste caso os conteúdos didácticos não cheguem aos alunos de forma clara, ou seja, neste caso consideramos uma boa comunicação quando o aluno compreende exactamente o que o professor lhe quer transmitir e vice versa.

No âmbito de um estudo para uma tese de mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade, em que consiste em detectar factores que possam influenciar o processo de comunicação durante a leccionação de uma aula, pedimos que colabore respondendo a este questionário

Título: Relação Professor/Aluno: A Comunicação na Sala de Aula –
Factores que influenciam a comunicação na sala de aula – Estudo de Caso

Autor: Dária Gabriela Ferreira da Cruz Andrade

Professor cooperante: Doutora Maria João País

Orientador: Prof. Doutor Belmiro Gil Cabrito

2010/11

Ano de escolaridade: 10.º ano **Turma:** B **Disciplina:** Economia A **Idade:** _____

Com o objectivo de encontrar factores que possam influenciar a comunicação na sala de aula pede-se que responda às seguintes questões em termos gerais, tendo em conta todas as disciplinas deste ano lectivo:

1. Ao nível dos instrumentos didácticos utilizados:

1.1 Os PowerPoints projectados tem uma boa visibilidade?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

1.2 As fotocópias distribuídas têm boa qualidade?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

1.3 O sistema de som tem interferências?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

1.4 A escrita nos quadros da escola é bem legível?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

1.5 A internet funciona sempre bem ?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

1.6 Compreende sempre as perguntas das fichas e dos testes?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

2. Ao nível do ambiente na sala de aula:

2.1 As salas são acolhedoras, nem quentes nem frias?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

2.1.1. Considera que este facto pode interferir na comunicação na sala de aula? Sim ___ Não___

2.2 O mobiliário das salas de aulas, como por exemplo as mesas e as cadeiras, estão em boas condições?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

2.2.1. Considera que este facto pode interferir na comunicação na sala de aula? Sim ___ Não___

2.3 A disposição das mesas na sala de aula dificulta a comunicação?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

2.4 O facto das salas terem muita claridade dificulta a comunicação na sala de aula?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

2.5 As conversas colaterais, entre colegas dificultam a comunicação na sala de aula?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

2.6 Turmas grandes dificultam a comunicação na sala de aula?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

3. Ao nível do professor:

3.1 Os professores explicam sempre de forma clara?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

3.2 É frequente os professores utilizarem vocabulário que não conhece?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

3.3 Quando os professores pedem para elaborem trabalhos é-vos transmitido claramente o que se pretende fazer?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

3.4 Durante as aulas conseguem ir tendo feedback do vosso desempenho?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

3.5 Existem problemas de dicção por parte dos professores?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

3.6 Existem professores que considere que o volume de voz é muito alto ou muito baixo?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

3.7 Existem professores que considere que tenham um discurso monocórdico?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

3.8 Existem professores que considere que a forma de olhar enquanto fala não prender a atenção do aluno?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

4. Ao nível do aluno:

4.1 Expõe sempre as dúvidas que tem?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

4.2 Tem vergonha de falar para a turma?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

4.3 Os níveis de concentração do aluno dificulta a comunicação na sala de aula?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

4.4 Quando estuda para um teste tem sempre toda a matéria registada no caderno, fotocópias e manuais?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

4.5 A relação professor/aluno influencia a comunicação na sala de aula?

Sempre___ Muitas vezes___ Algumas Vezes___ Raramente___ Nunca___

Muito obrigada!

Gráficos - Inquérito I

A sala de aula é um dos locais onde a comunicação deve imperar. Uma boa comunicação do professor com os alunos, alunos com o professor e dos alunos entre si reforça a motivação e promove a aprendizagem. Quando falamos em comunicação, falamos em todos os tipos de comunicação: a comunicação verbal – escrita (ex: uma ficha) e oral (a explicação do professor) e a comunicação não verbal – visual (uma imagem), sonora (o sistema de som do computador), gestual (uma expressão facial do professor) e por fim a comunicação mista (um vídeo), quando conjugamos as duas anteriores. Em qualquer uma destas situações pode ocorrer uma falha que vai dificultar o processo de comunicação entre o professor e o aluno fazendo com que a mensagem, neste caso os conteúdos didácticos não cheguem aos alunos de forma clara, ou seja, neste caso consideramos uma boa comunicação quando o aluno compreende exactamente o que o professor lhe quer transmitir e vice versa.

No âmbito de um estudo para uma tese de mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade, em que consiste em detectar factores que possam influenciar o processo de comunicação durante a leccionação de uma aula, pedimos que colabore respondendo a este questionário.

Título: Relação Professor/Aluno: A Comunicação na Sala de Aula –
Factores que influenciam a comunicação na sala de aula – Estudo de Caso

Autor: Dária Gabriela Ferreira da Cruz Andrade

Professor cooperante: Doutora Maria João País

Orientador: Prof. Doutor Belmiro Gil Cabrito

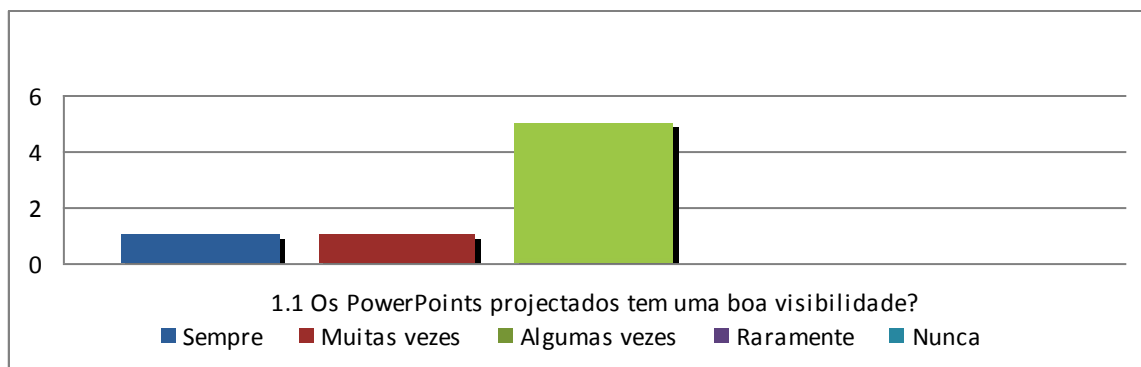
2010/11

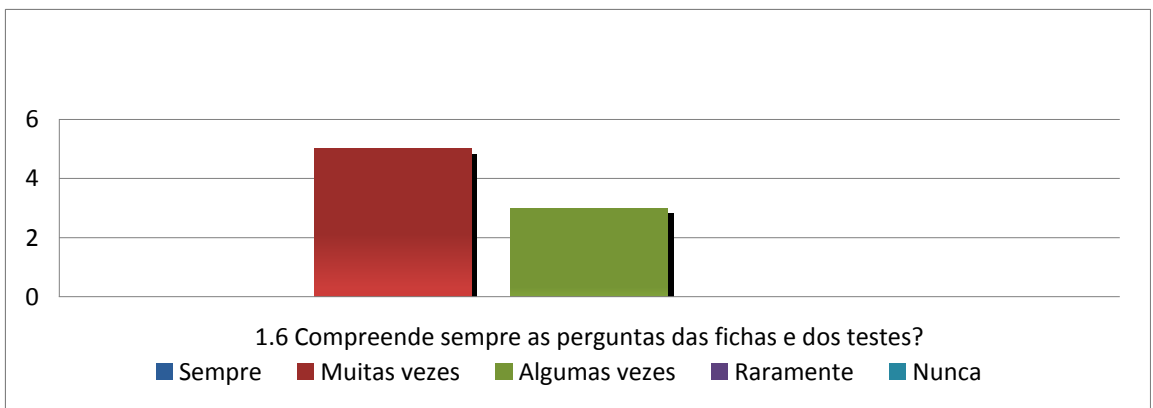
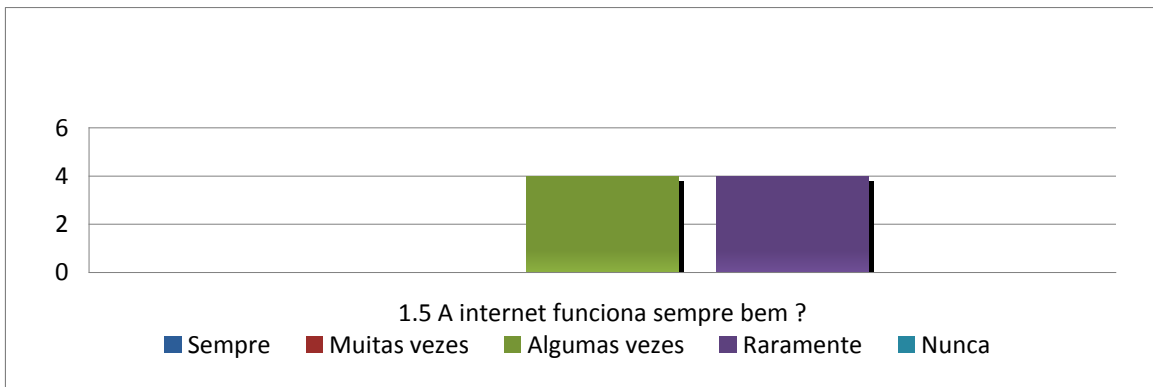
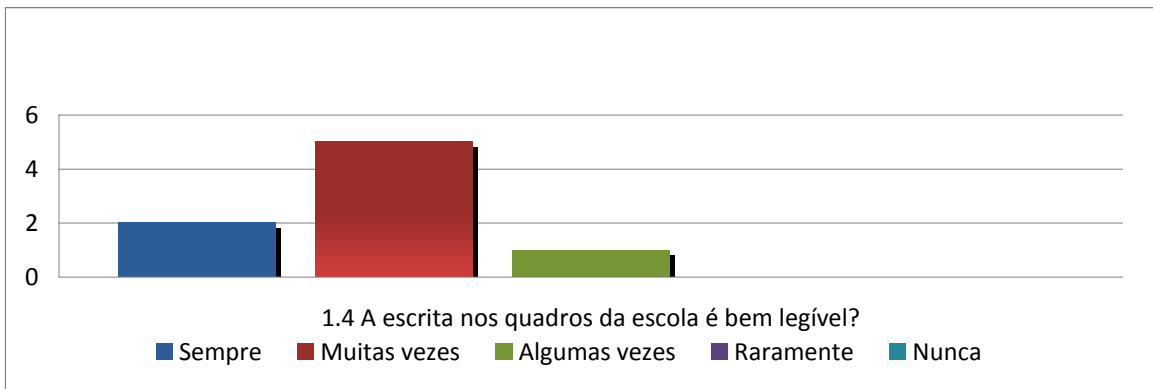
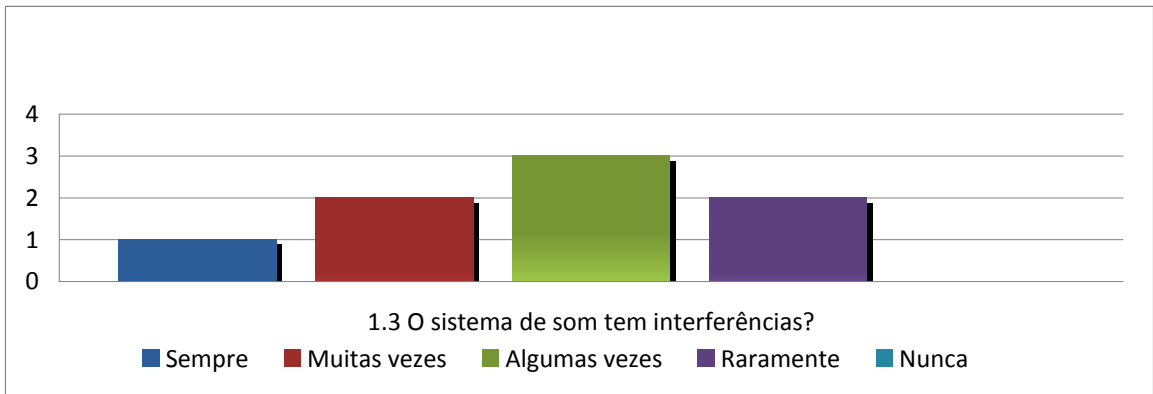
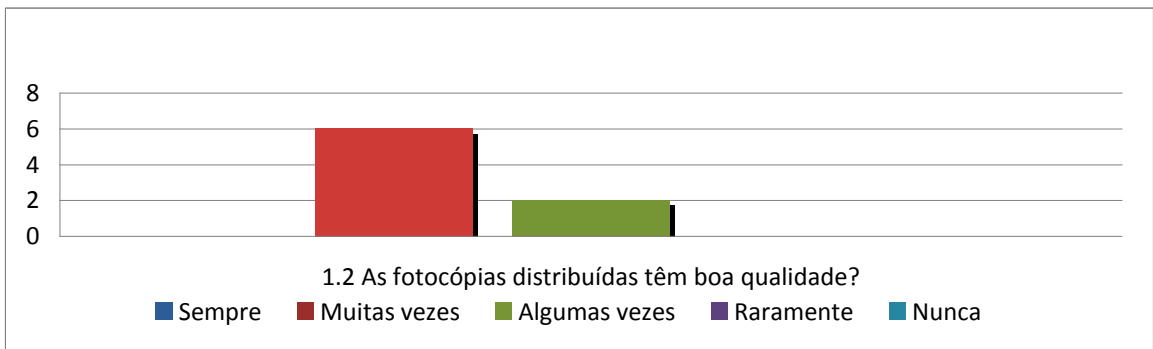
Ano de escolaridade: 10.º ano **Turma:** B **Disciplina:** Economia A

Com o objectivo de encontrar factores que possam influenciar a comunicação na sala de aula pediu-se que respondessem às seguintes questões em termos gerais, tendo em conta todas as disciplinas deste ano lectivo.

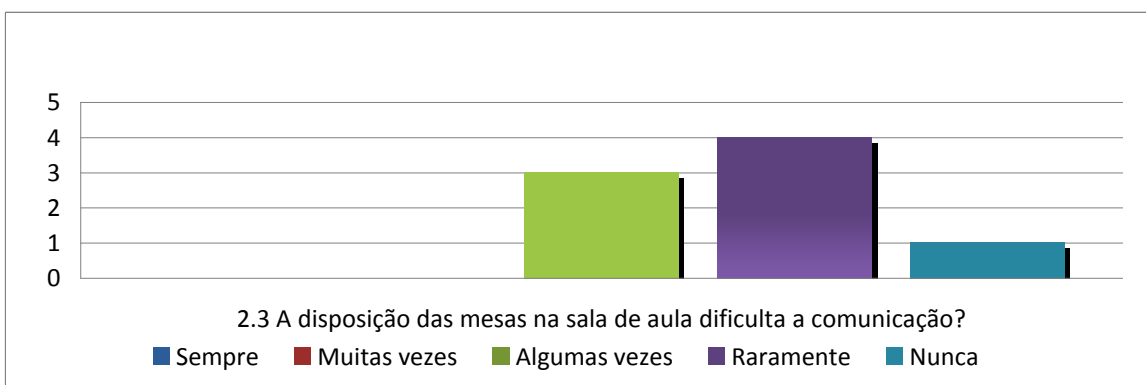
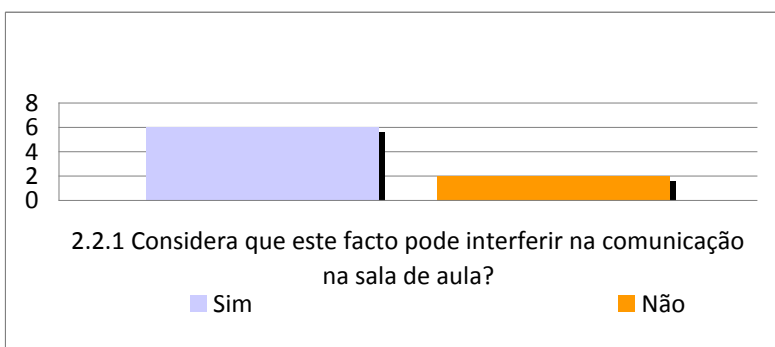
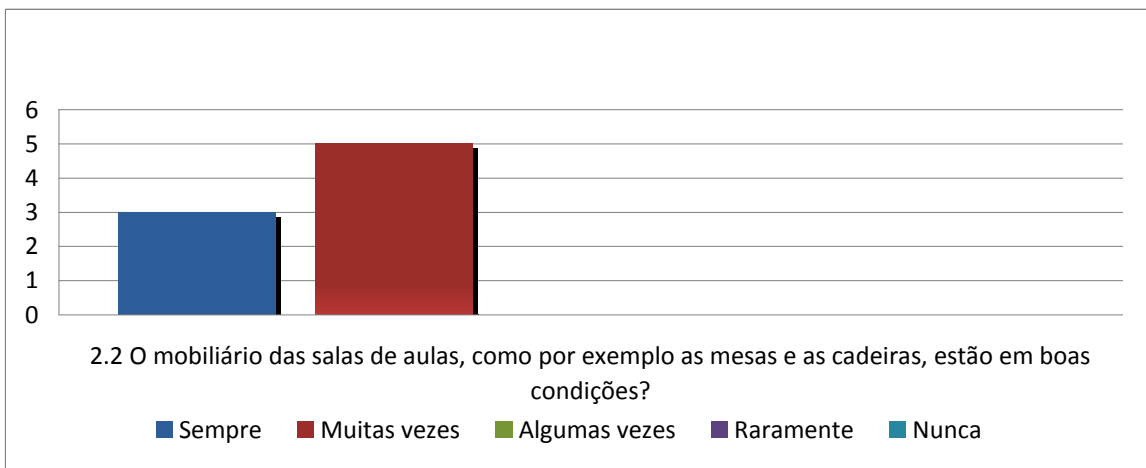
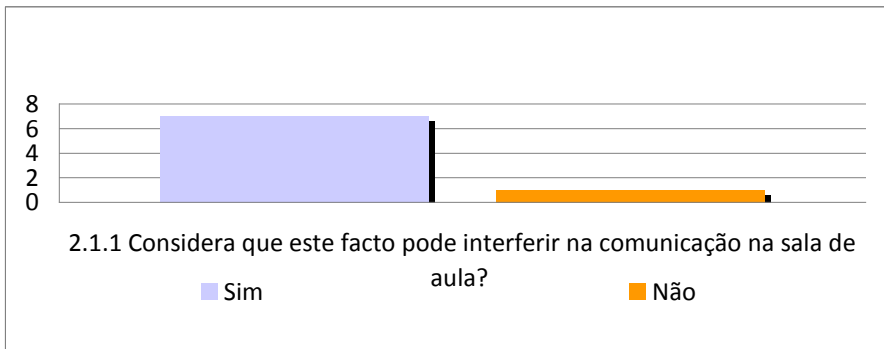
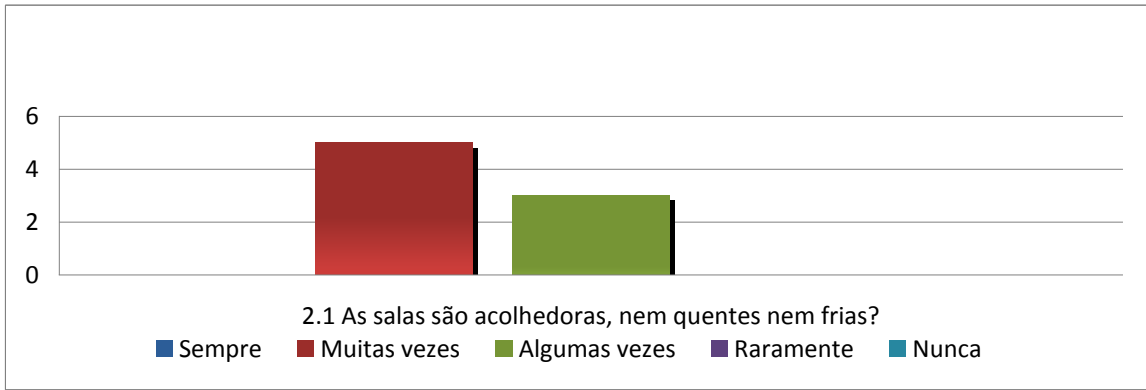
RESULTADOS:

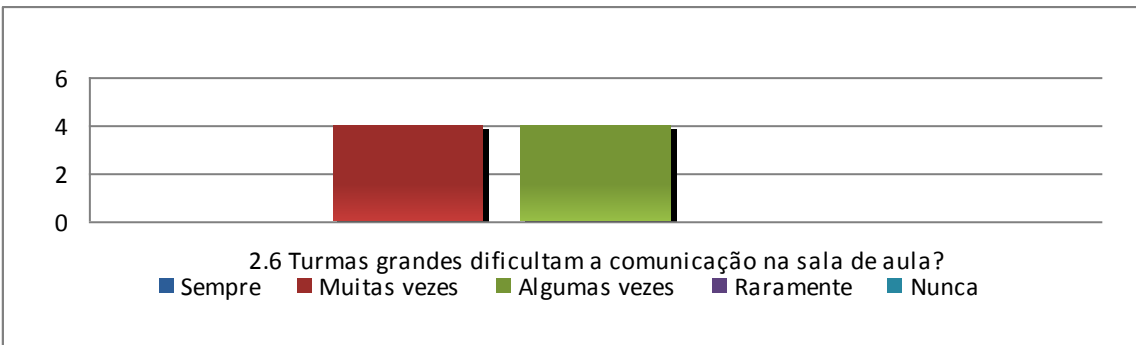
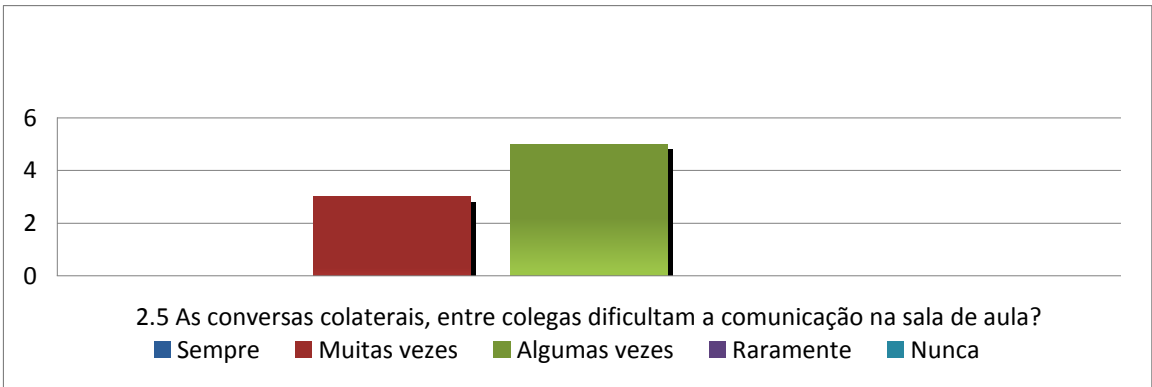
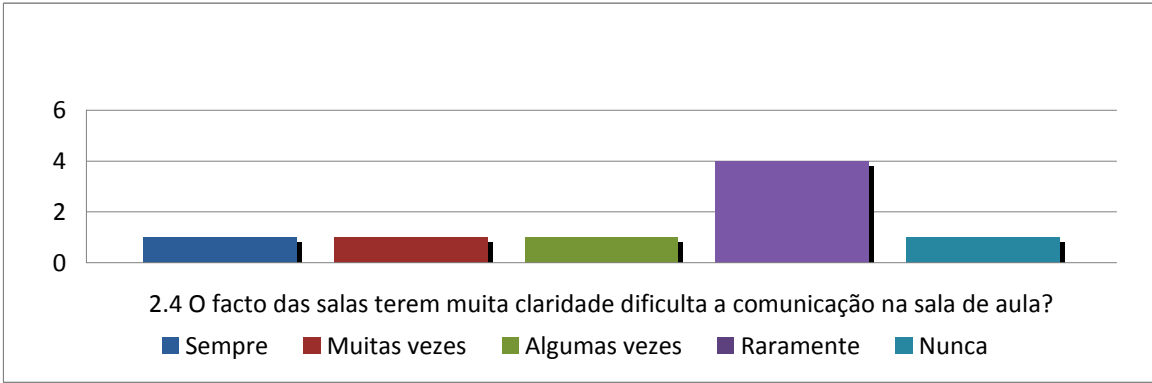
1. Ao nível dos instrumentos didácticos utilizados:



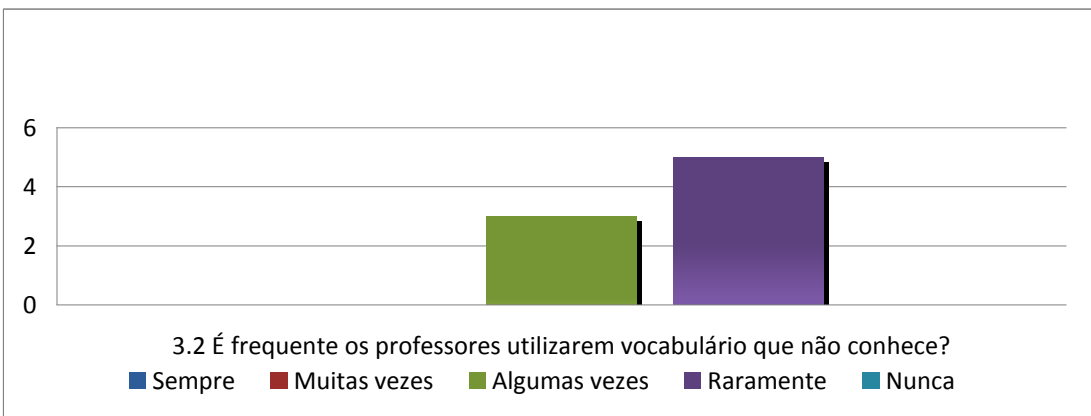
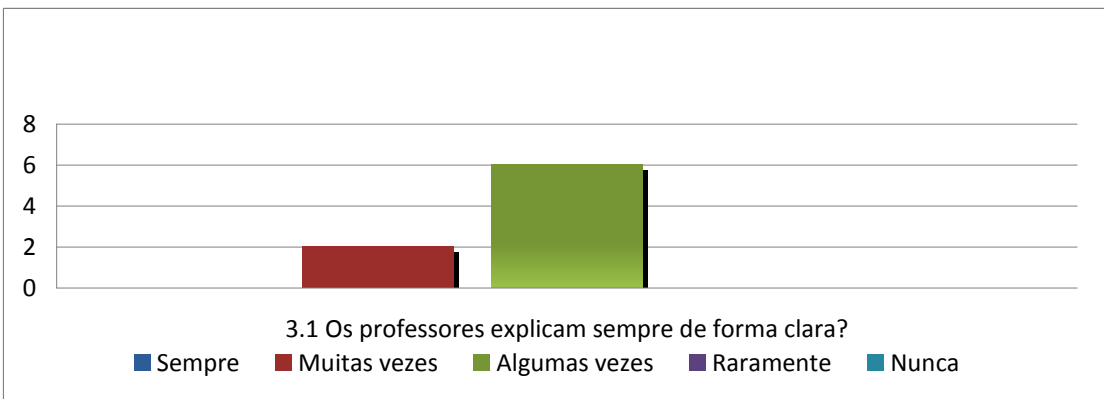


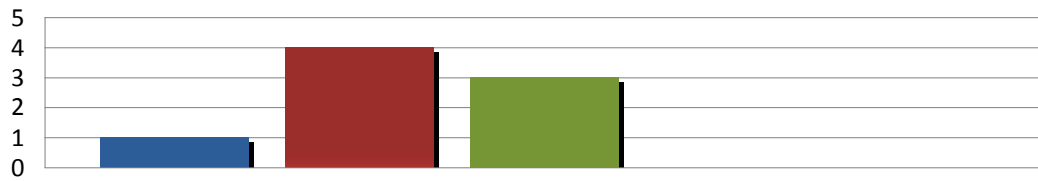
2. Ao nível do ambiente na sala de aula:





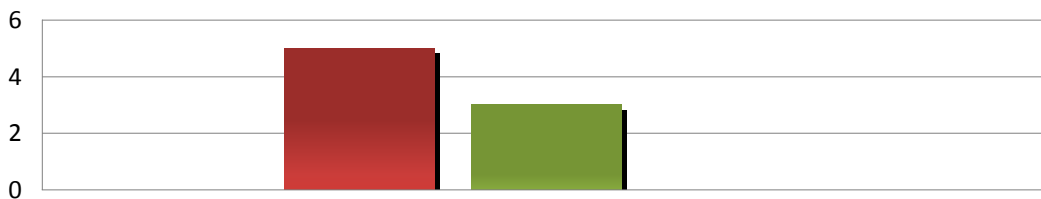
3. Ao nível do professor:





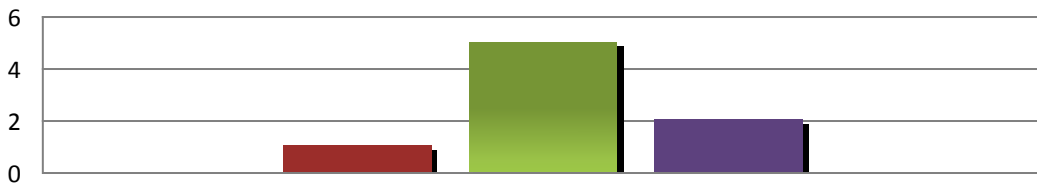
3.3 Quando os professores pedem para elaborem trabalhos é-vos transmitido claramente o que se pretende fazer?

■ Sempre ■ Muitas vezes ■ Algumas vezes ■ Raramente ■ Nunca



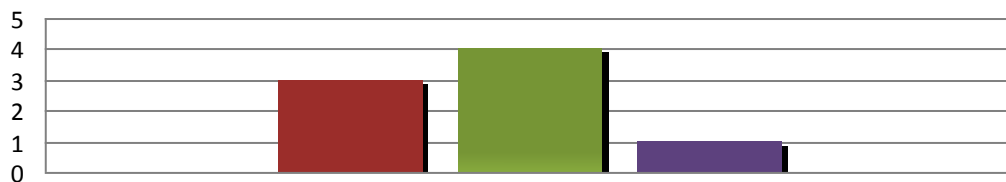
3.4 Durante as aulas conseguem ir tendo feedback do vosso desempenho?

■ Sempre ■ Muitas vezes ■ Algumas vezes ■ Raramente ■ Nunca



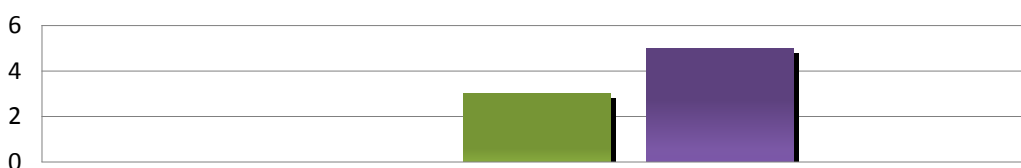
3.5 Existem problemas de dicção por parte dos professores?

■ Sempre ■ Muitas vezes ■ Algumas vezes ■ Raramente ■ Nunca



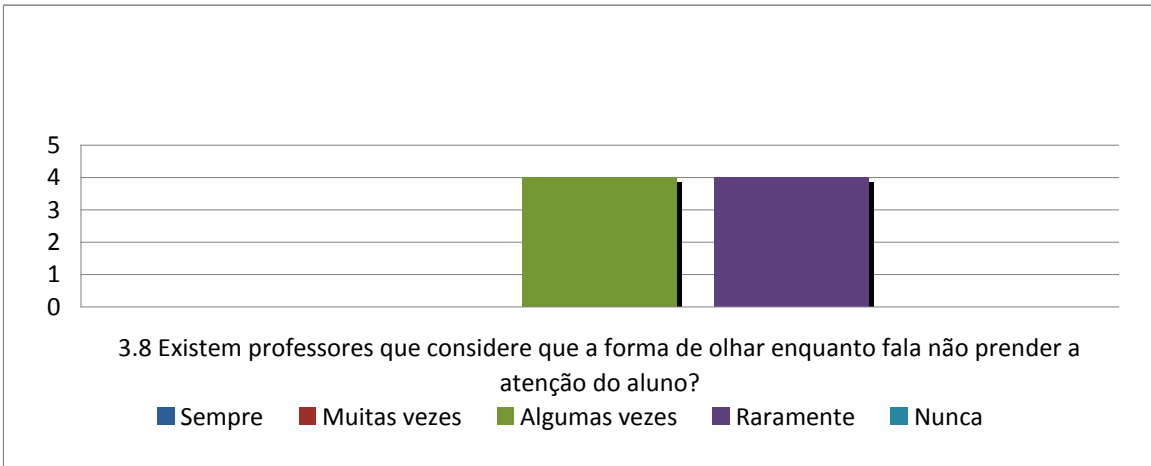
3.6 Existem professores que considere que o volume de voz é muito alto ou muito baixo?

■ Sempre ■ Muitas vezes ■ Algumas vezes ■ Raramente ■ Nunca

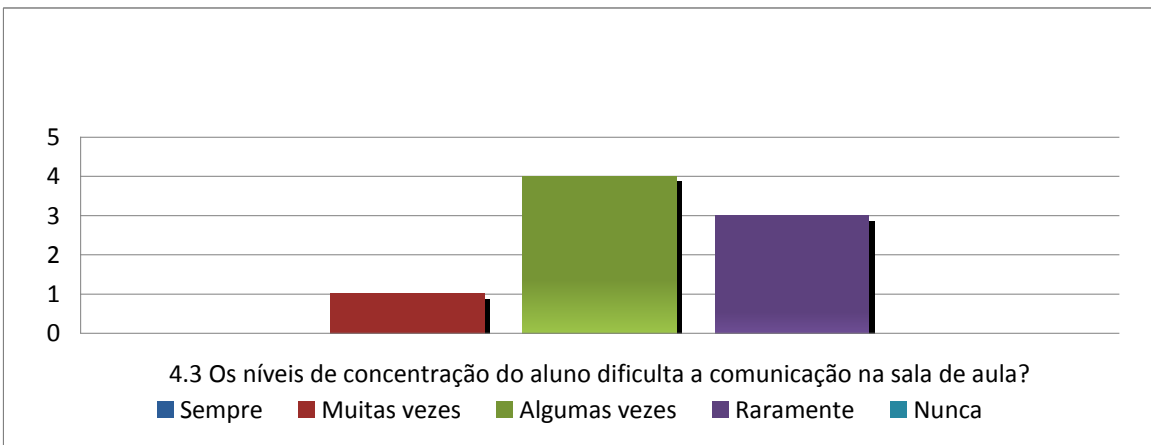
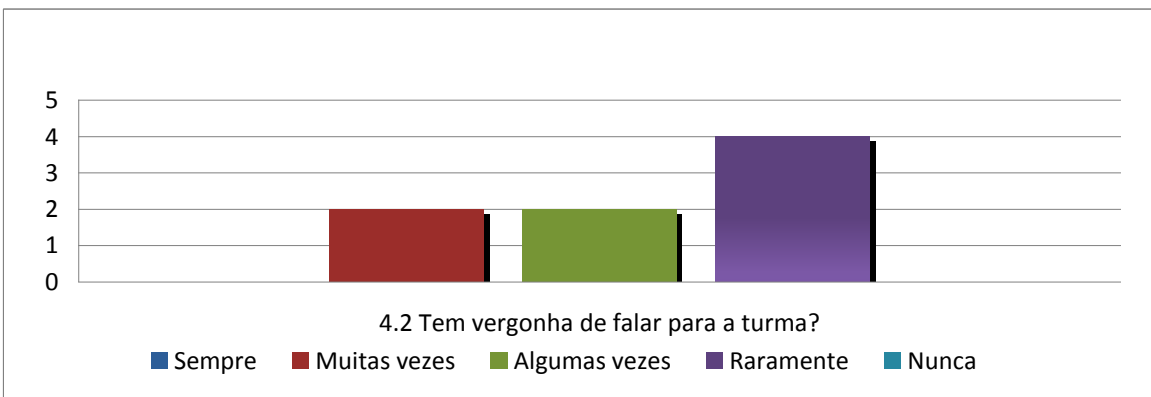
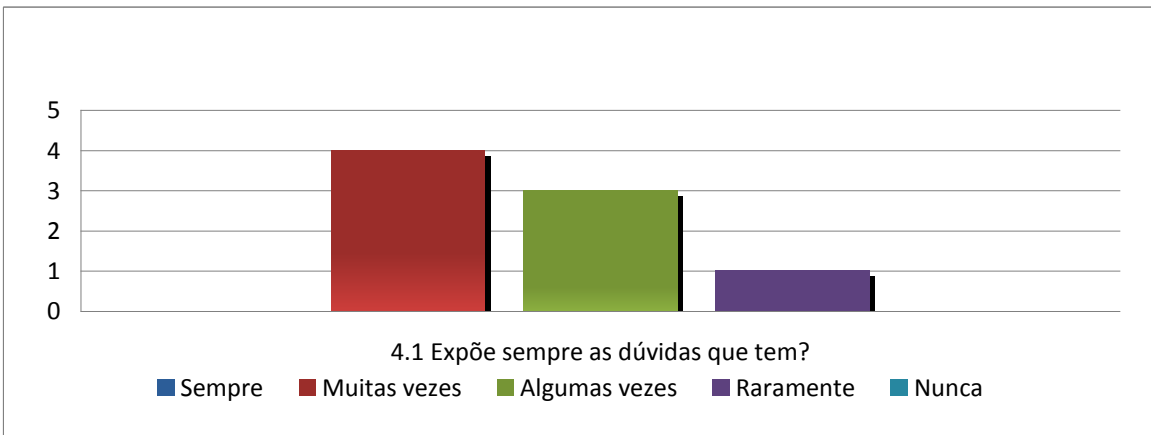


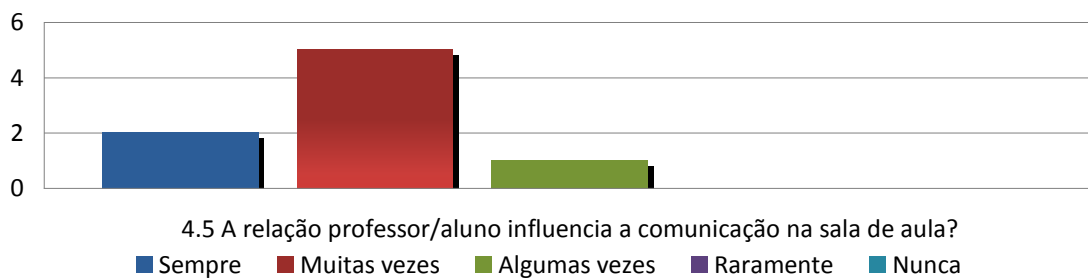
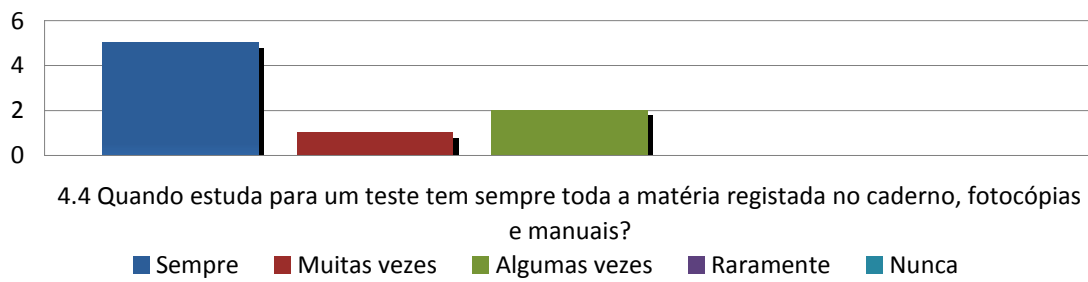
3.7 Existem professores que considere que tenham um discurso monocórdico?

■ Sempre ■ Muitas vezes ■ Algumas vezes ■ Raramente ■ Nunca



4. Ao nível do aluno:





Interpretação dos gráficos

Resultados - Inquérito I

Segundo os resultados dos gráficos, no que diz respeito aos factores que influenciam a comunicação na sala de aula, podemos fazer a seguinte interpretação:

As questões do primeiro ponto são dirigidas ao nível dos instrumentos didácticos utilizados:

Na questão 1.1 - Os PowerPoints projectados tem uma boa visibilidade? – cinco dos oito alunos, responderam “algumas vezes” (62,5 %), um respondeu “sempre” (8%), outro respondeu “muitas vezes” (8%) e um dos alunos não respondeu (8%).

Na questão 1.2 - As fotocópias distribuídas têm boa qualidade? – seis alunos responderam “muitas vezes” (75%) e dois responderam “algumas vezes” (12,5%).

Na questão 1.3 - O sistema de som tem interferências? – um aluno respondeu “sempre”; dois responderam “muitas vezes”; três “algumas vezes” e dois “raramente”.

Na questão 1.4 - A escrita nos quadros da escola é bem legível? – dois responderam “sempre”; cinco “muitas vezes” e um “algumas vezes”.

Na questão 1.5 - A internet funciona sempre bem? – quatro alunos responderam “raramente” e outros quatro “algumas vezes”.

Na questão 1.6 - Compreende sempre as perguntas das fichas e dos testes? – cinco responderam “muitas vezes” e três “algumas vezes” .

No segundo ponto, ao nível do ambiente na sala de aula:

Na questão 2.1 - As salas são acolhedoras, nem quentes nem frias? – cinco responderam “muitas vezes” e três “algumas vezes”. No que diz respeito a esta questão sete alunos consideram que este facto interfere na comunicação na sala de aula, um aluno respondeu “não”.

Na questão 2.2 - O mobiliário das salas de aulas, como por exemplo as mesas e as cadeiras, estão em boas condições? – três responderam “sempre” e cinco “muitas vezes”. No que diz respeito a esta questão seis alunos consideram que este facto interfere na comunicação na sala de aula, dois alunos responderam “não”. No que diz respeito a esta questão sete alunos consideram que este facto interfere na comunicação na sala de aula, um aluno respondeu “não”.

Na questão 2.3 - A disposição das mesas na sala de aula dificulta a comunicação? – um aluno respondeu “nunca”; quatro responderam “raramente” e três responderam “algumas vezes”

Na questão 2.4 - O facto das salas terem muita claridade dificulta a comunicação na sala de aula? – quatro alunos responderam “raramente”; um “sempre”; um “muitas vezes”; um “algumas vezes” e um “nunca”.

Na questão 2.5 - As conversas colaterais, entre colegas dificultam a comunicação na sala de aula? – três alunos responderam “muitas vezes” e cinco “algumas vezes”.

Na questão 2.6 - Turmas grandes dificultam a comunicação na sala de aula? – quatro alunos responderam “muitas vezes” e quatro “algumas vezes”.

No terceiro ponto, ao nível do professor:

Na questão 3.1 - Os professores explicam sempre de forma clara? – seis alunos responderam “algumas vezes” e dois “muitas vezes”.

Na questão 3.2 - É frequente os professores utilizarem vocabulário que não conhece? – cinco responderam “raramente” e três “algumas vezes”.

Na questão 3.3 - Quando os professores pedem para elaborem trabalhos é-vos transmitido claramente o que se pretende fazer? – um aluno respondeu “sempre”; quatro “muitas vezes” e três “algumas vezes”

Na questão 3.4 - Durante as aulas conseguem ir tendo feedback do vosso desempenho? – cinco alunos responderam “muitas vezes” e três “algumas vezes”.

Na questão 3.5 - Existem problemas de dicção por parte dos professores? – cinco alunos responderam “algumas vezes”; um “muitas vezes” e dois “raramente”

Na questão 3.6 - Existem professores que considere que o volume de voz é muito alto ou muito baixo? – três alunos responderam “muitas vezes”; quatro “algumas vezes” e um “raramente”.

Na questão 3.7 - Existem professores que considere que tenham um discurso monocórdico? – três alunos responderam “algumas vezes e cinco “raramente”.

Na questão 3.8 - Existem professores que considere que a forma de olhar enquanto fala não prende a atenção do aluno? – quatro alunos responderam “algumas vezes” e quatro “raramente”.

No quarto ponto, ao nível do aluno:

Na questão 4.1 - Expõe sempre as dúvidas que tem? – um alunos respondeu “raramente”; três “algumas vezes” e quatro “muitas vezes”.

Na questão 4.2 - Tem vergonha de falar para a turma? – dois alunos responderam “muitas vezes”; dois “algumas vezes” e quatro “raramente”.

Na questão 4.3 - Os níveis de concentração do aluno dificulta a comunicação na sala de aula? – um alunos respondeu “muitas vezes”; quatro “algumas vezes” e três “raramente”.

Na questão 4.4 - Quando estuda para um teste tem sempre toda a matéria registada no caderno, fotocópias e manuais? – cinco alunos respondeu “sempre”; um “muitas vezes” e dois “algumas vezes”.

Na questão 4.5 - A relação professor/aluno influencia a comunicação na sala de aula? – um aluno respondeu “sempre”; cinco “muitas vezes” e um “algumas vezes”

Inquérito II

Referindo-se às aulas leccionadas pela professora Dária Andrade, indique:

1. Ao nível dos instrumentos didácticos utilizados:

1.1 Os PowerPoints projectados tinham uma boa visibilidade?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

1.2 As fotocópias distribuídas tinham boa qualidade?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

1.3 A *internet* funcionou sempre bem ?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

1.4 Compreendeu sempre as perguntas das fichas e dos testes?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

1.5 Os jogos facilitaram a aquisição dos conhecimentos?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

1.6 Considerou que o teste foi adequado ao que foi leccionado nas aulas?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

1.7 O resultado do teste foi de encontro ao que esperava?

Sim ____ Não ____

2. Ao nível do ambiente na sala de aula:

2.1 O ambiente em sala de aula era propício ao ensino/aprendizagem?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

2.2 O facto das salas terem muita claridade dificultaram a comunicação na sala de aula?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

2.3 As conversas colaterais, entre colegas, dificultaram a comunicação na sala de aula?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

2.4 Considera que as aulas foram produtivas?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

2.5 Considera que as aulas foram dinâmicas?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

2.6 Considera que se conseguiu um ambiente agradável e descontraído de aprendizagem?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

3. Ao nível do professor:

3.1 A professora Dária explicou sempre de forma clara?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

3.2 Utilizou vocabulário que não conhece?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

3.3 Em todas as actividades pedidas foi-vos transmitido claramente o que se pretendia fazer?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

3.4 Durante as aulas conseguiram ir tendo feedback do vosso desempenho?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

3.5 Considera que houve problemas de dicção por parte da professora?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

3.6 Volume de voz:

muito alto ____ muito baixo ____ adequado ____

3.7 Discurso monocórdico?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

3.8 A forma de falar era cativante?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

4. Ao nível do aluno:

4.1 Expôs sempre as dúvidas que tinha?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

4.2 Acha que podia ter participado mais?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

4.3 Considera que a professora puxou pela participação dos alunos?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

4.4 Em termos gerais gostou das aulas?

Sim ____ Não ____ Por vezes ____

5. Durante as aulas detectou algo que dificultasse a comunicação? Sim __ Não __

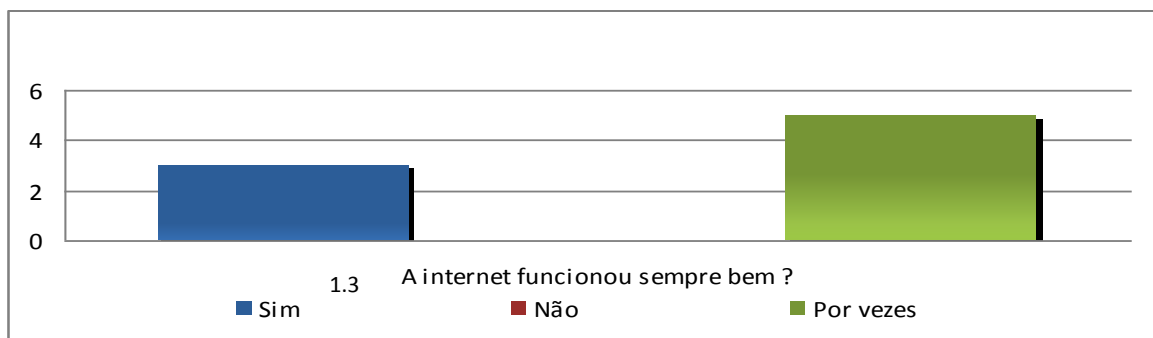
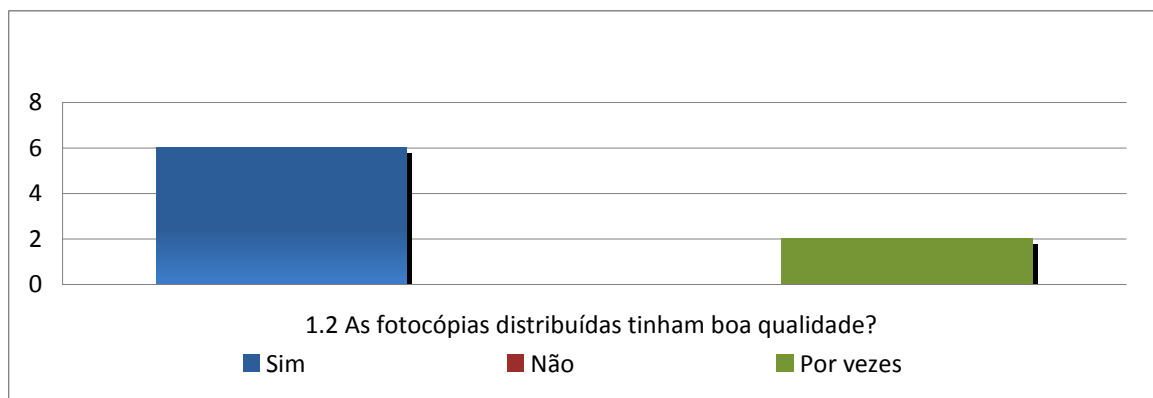
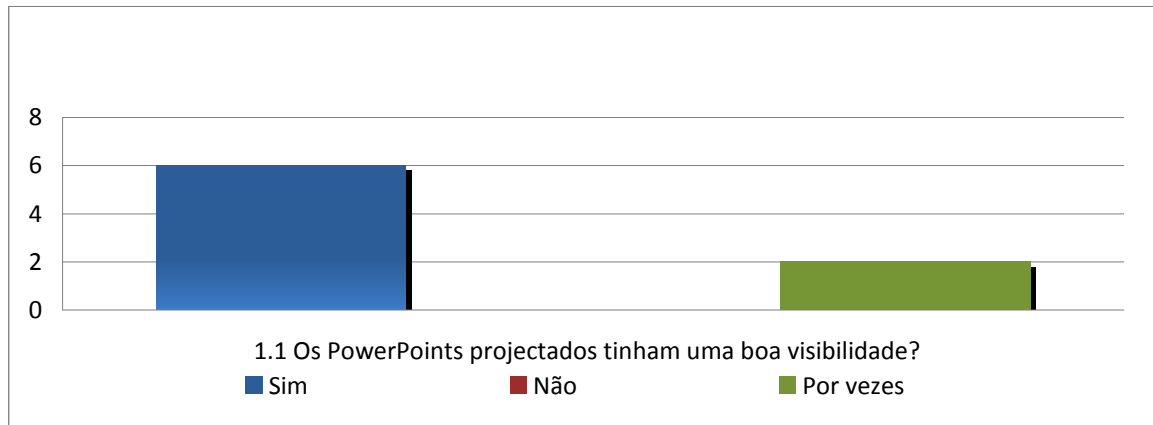
5.1 Se respondeu sim indique o que foi, se respondeu não faça um breve comentário.

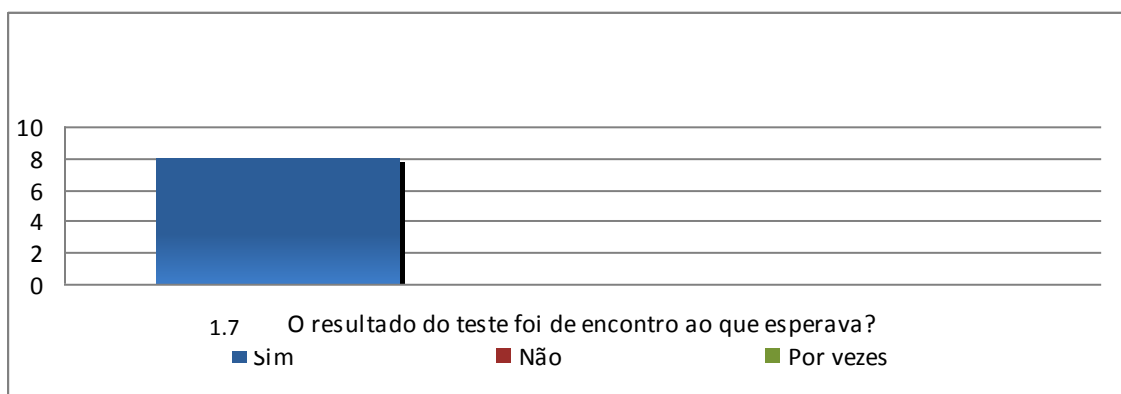
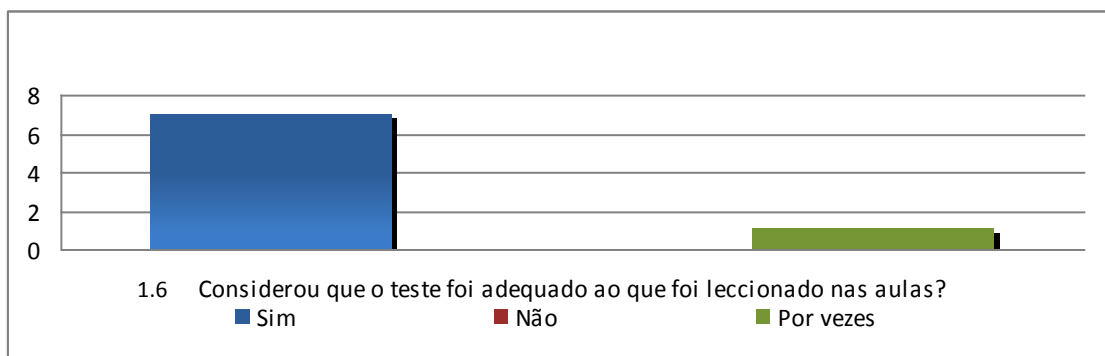
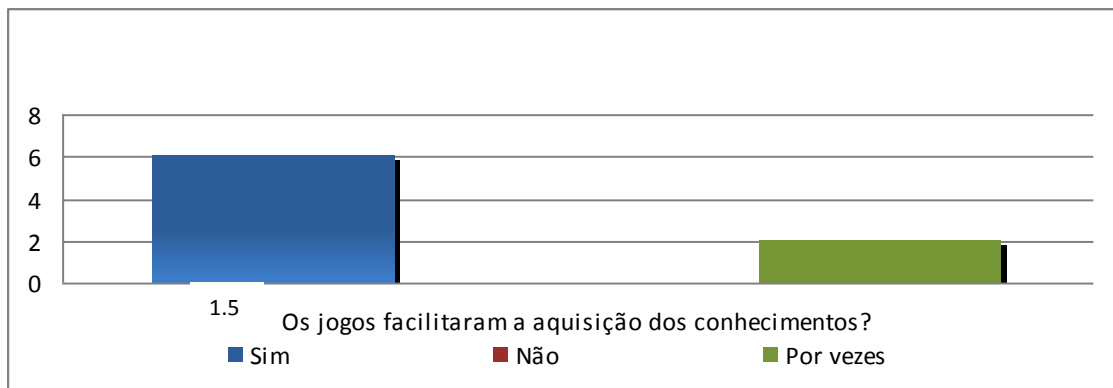
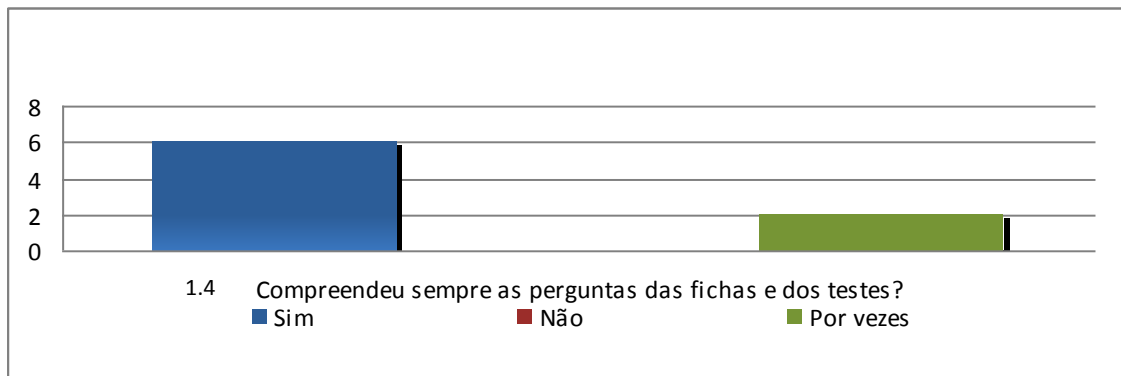
Muito Obrigada!

Gráficos - Inquérito II

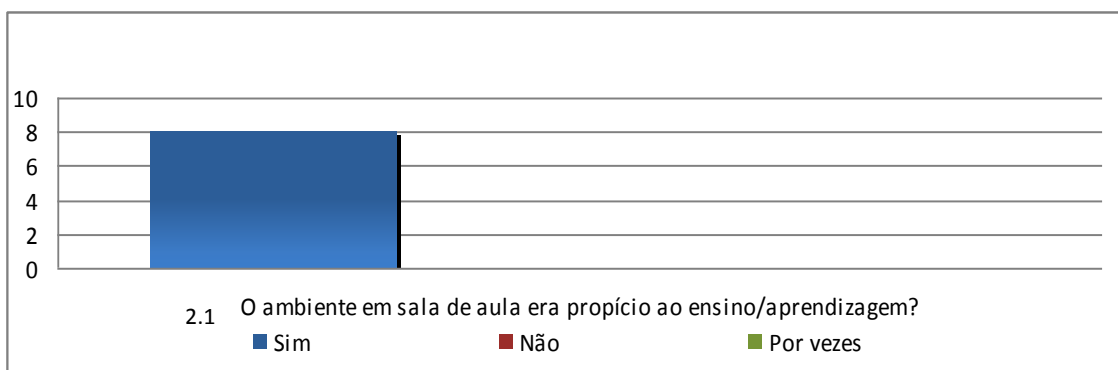
Perguntas referentes às aulas leccionadas pela professora Dária Andrade

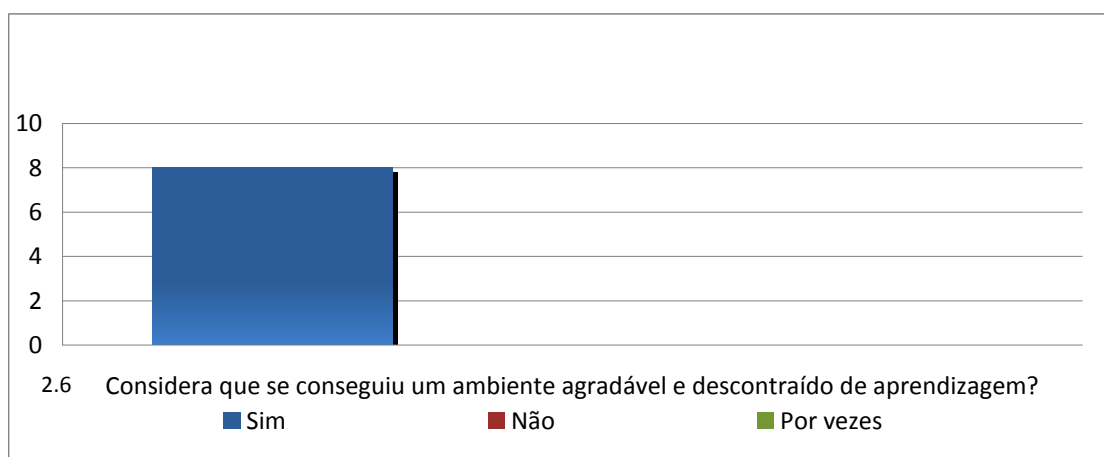
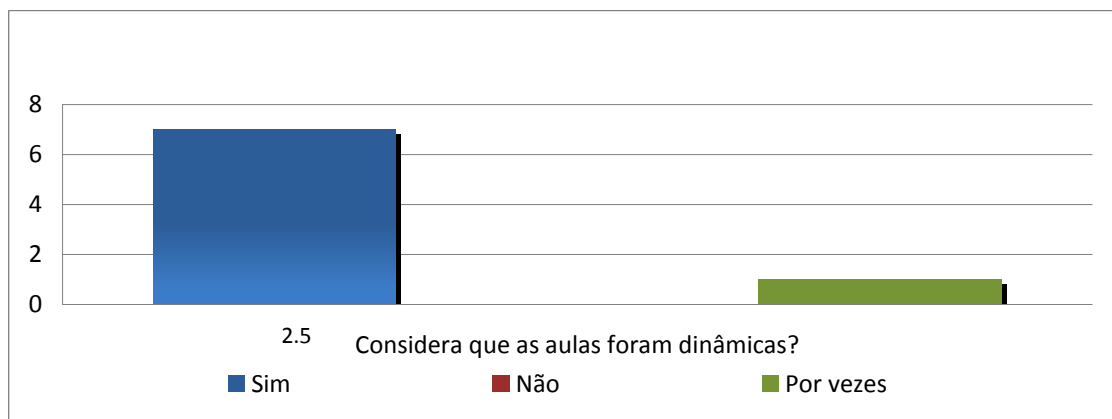
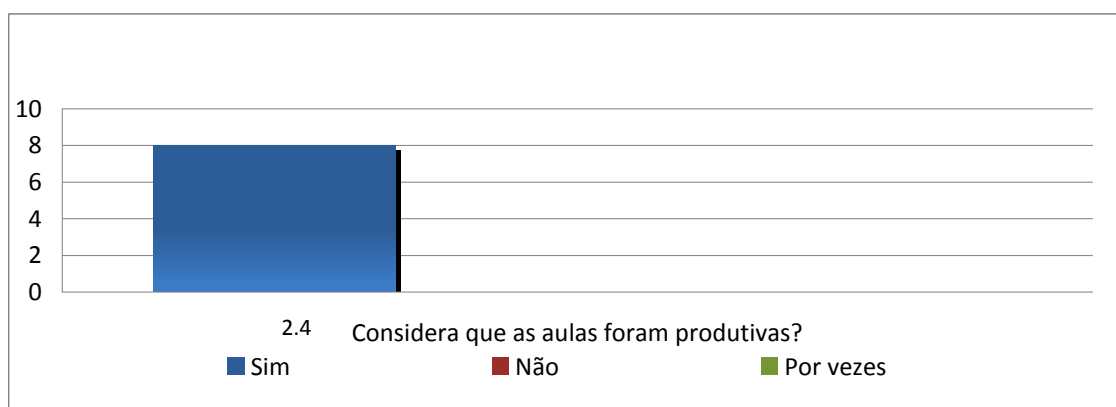
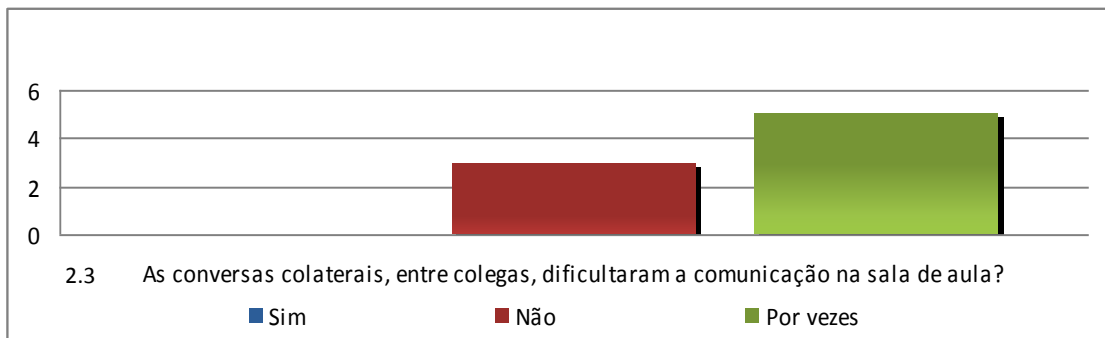
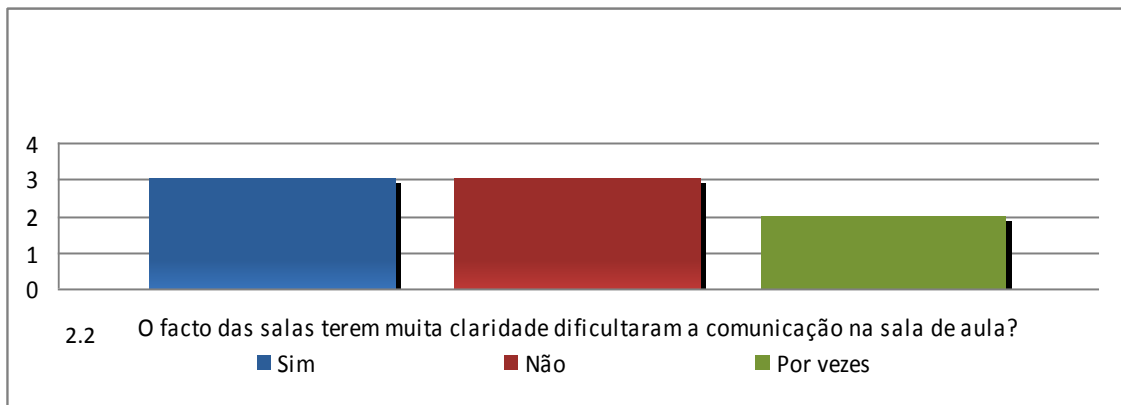
1. Ao nível dos instrumentos didácticos utilizados:



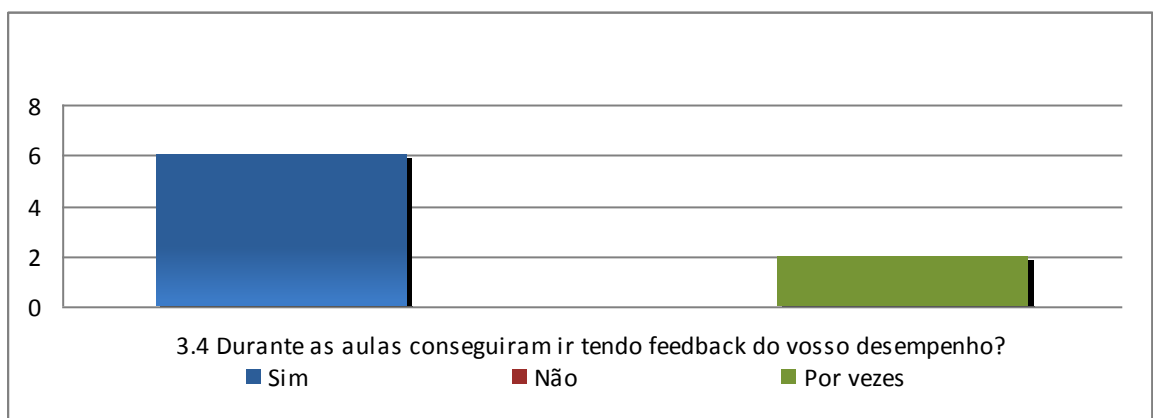
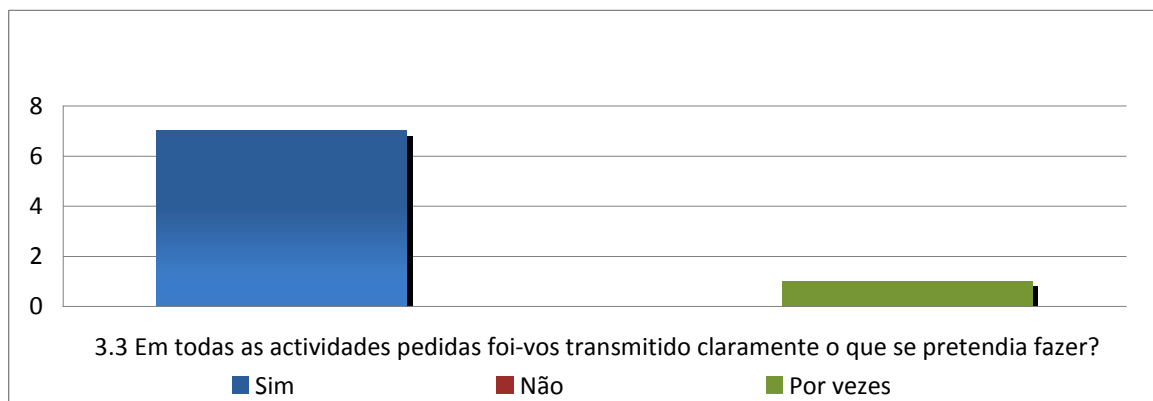
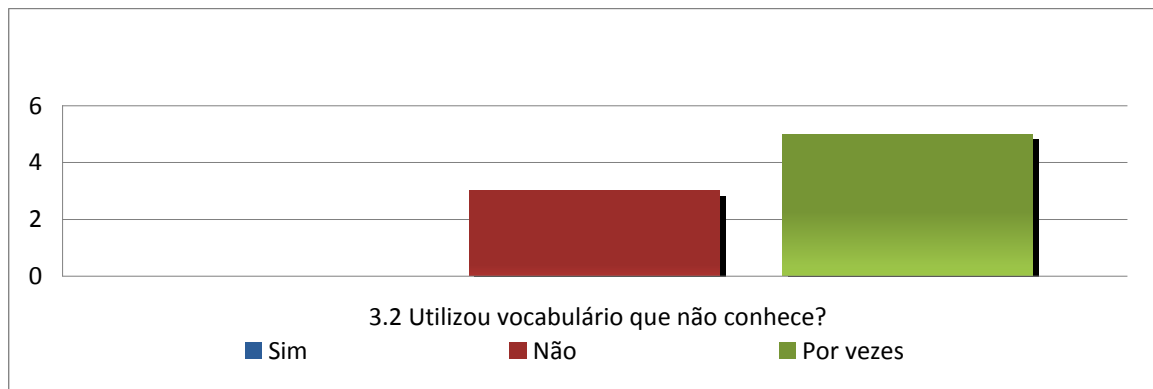
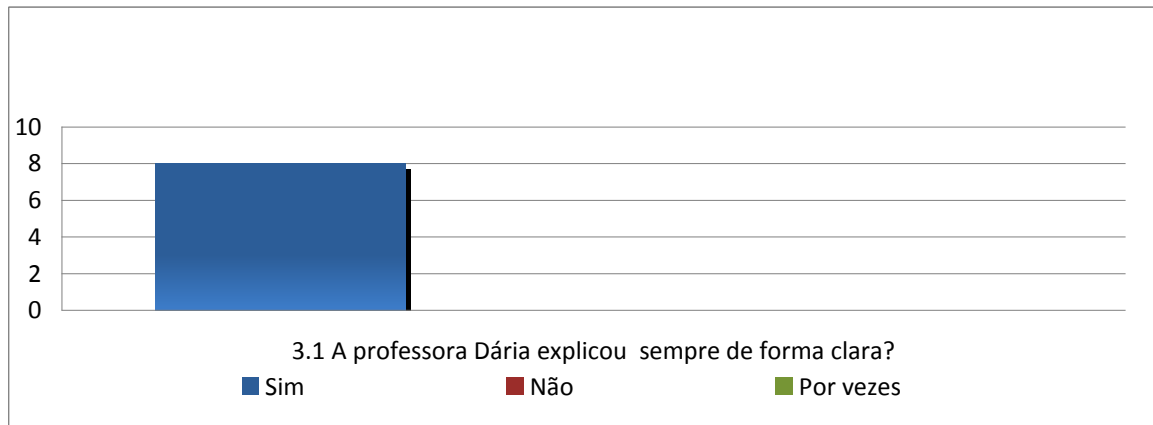


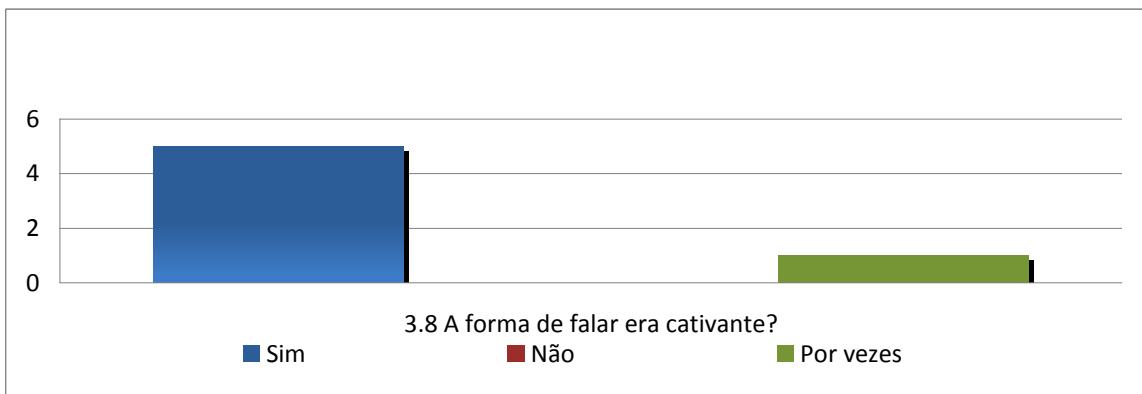
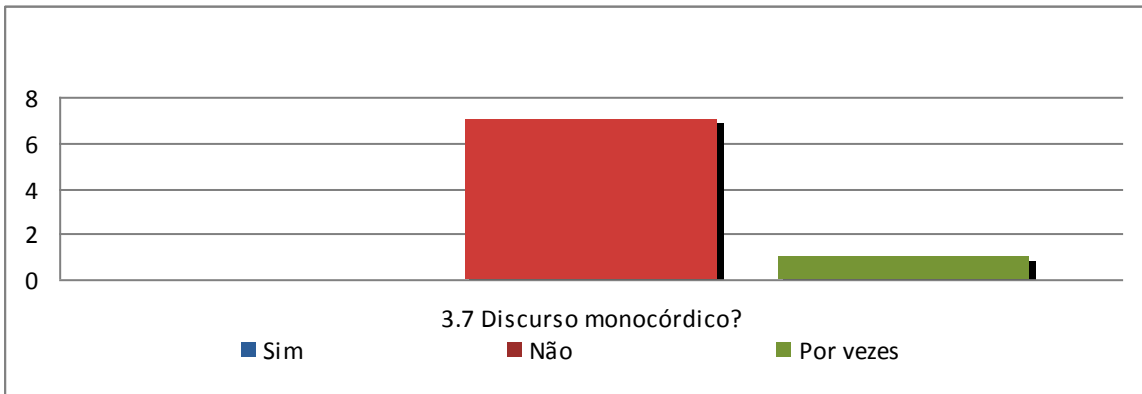
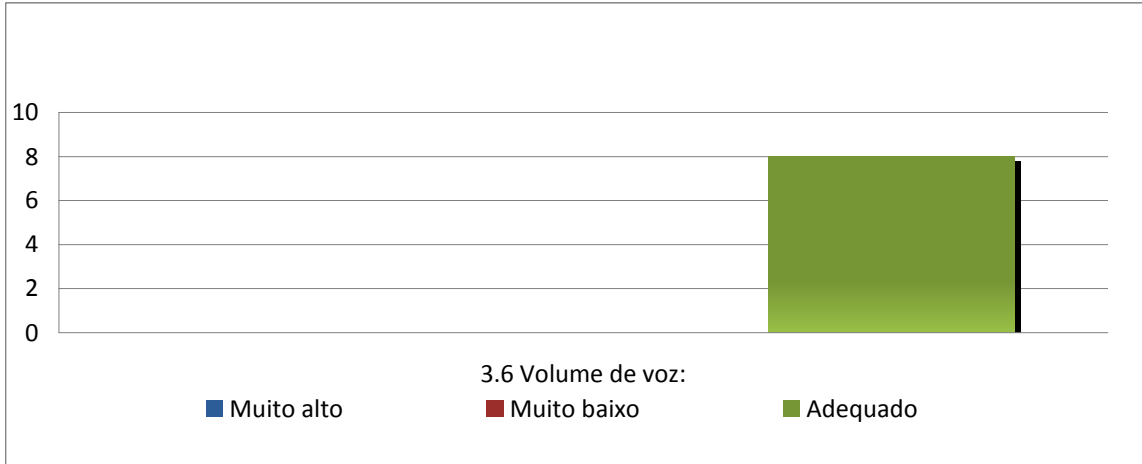
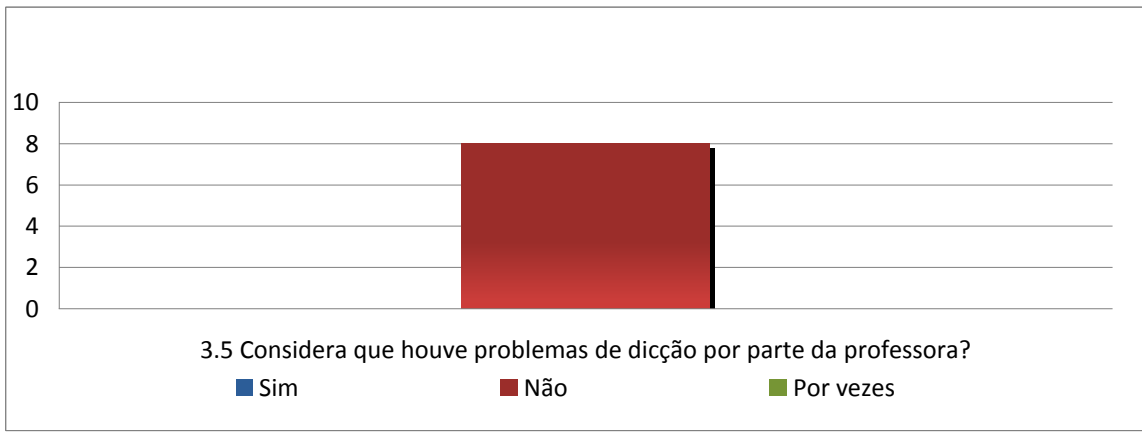
2. Ao nível do ambiente na sala de aula:



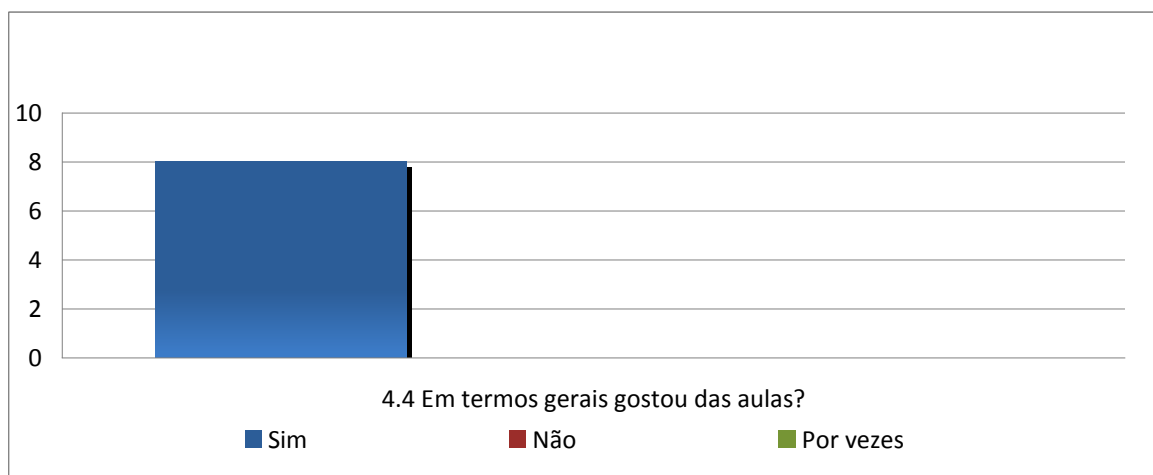
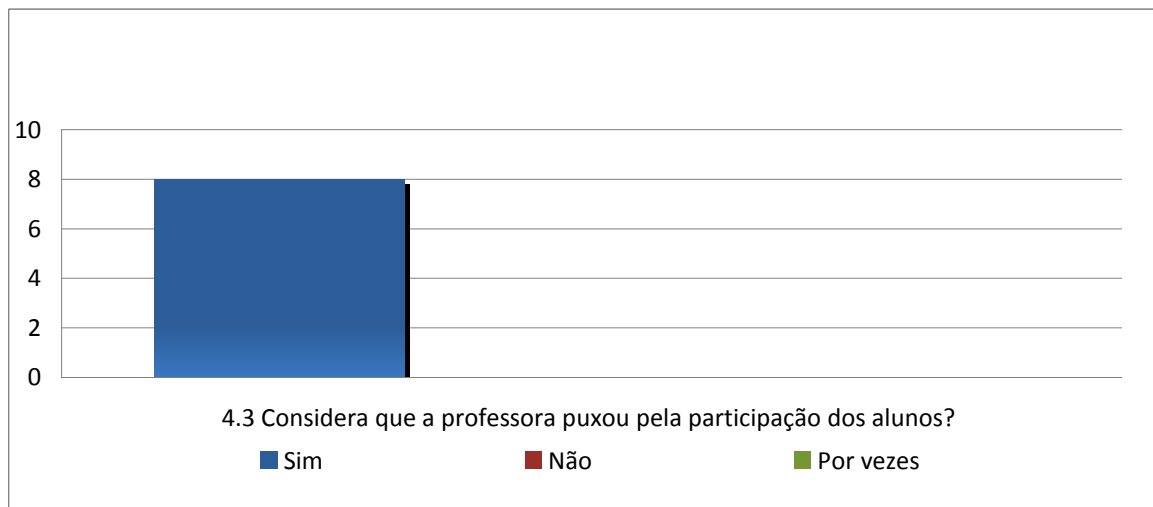
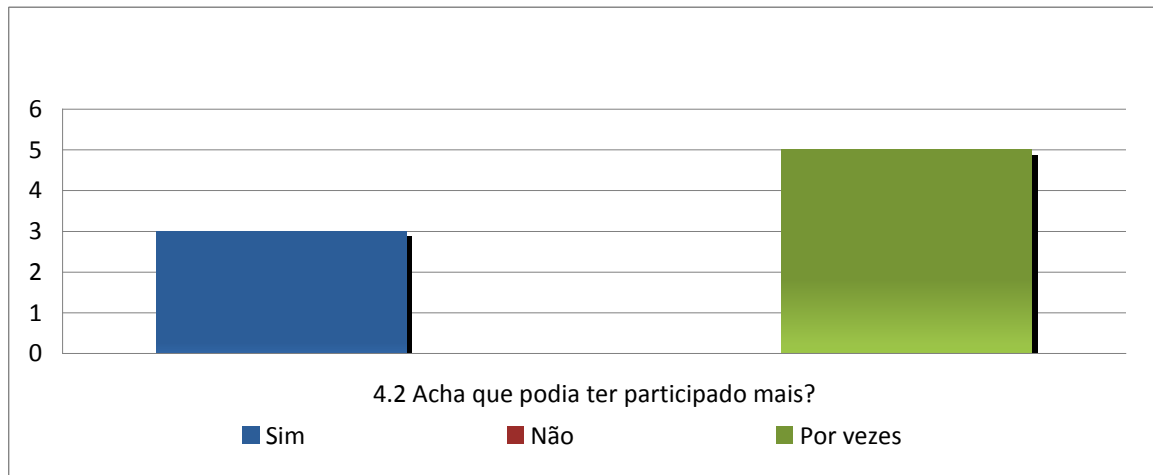
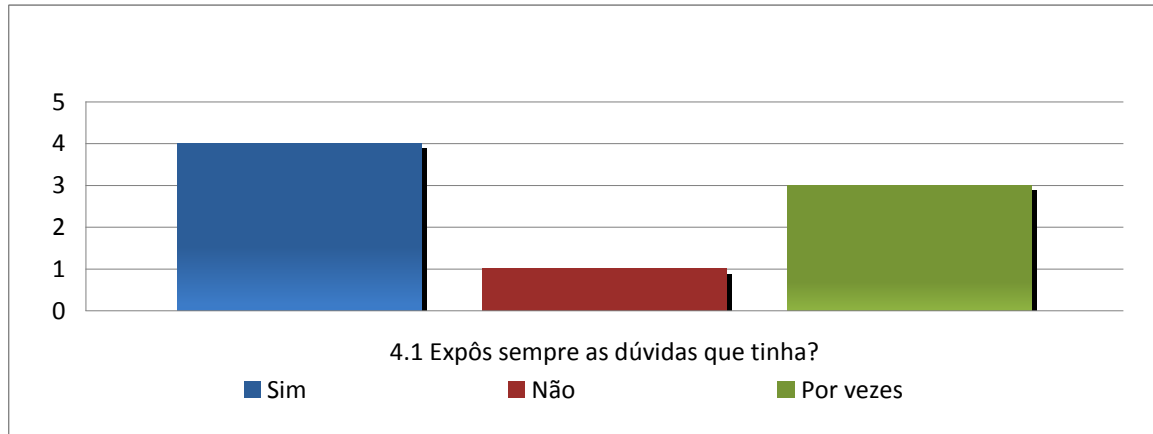


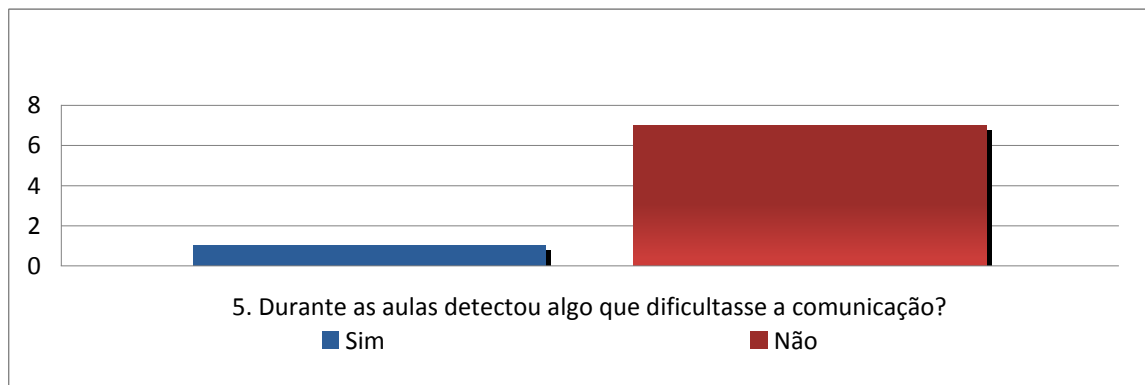
3. Ao nível do professor:





4. Ao nível do aluno:





5.1 Se respondeu sim indique o que foi, se respondeu não, faça um breve comentário:

1 resposta “Sim”:

– *Por vezes a internet não dava (1 vez) e às vezes tínhamos dificuldade a ver os PowerPoint.*”

7 respostas “Não”:

- *“A comunicação entre os alunos e a professora foi sempre boa.”*

- *“Como somos poucos, havia mais atenção por parte dos alunos e a comunicação era mais fácil.”*

- *Não respondeu*

- *Não respondeu*

- *Não respondeu*

- *Não respondeu*

- *Não respondeu*

Interpretação dos gráficos

Resultados - Inquérito II

Referindo-se às aulas leccionadas pela professora Dária Andrade, os alunos responderam a um conjunto de questões com o objectivo de analisar o trabalho feito em aula com o enfoque na comunicação na sala de aula.

1. Ao nível dos instrumentos didácticos utilizados:

Na questão 1.1 - Os PowerPoints projectados tinham uma boa visibilidade? - seis alunos responderam “sim” e dois “por vezes”.

Na questão 1.2 - As fotocópias distribuídas tinham boa qualidade? - seis alunos responderam “sim” e dois “por vezes”.

Na questão 1.3 - A *internet* funcionou sempre bem ? - três alunos responderam “sim” e cinco “por vezes”.

Na questão 1.4 - Compreendeu sempre as perguntas das fichas e dos testes? - seis alunos responderam “sim” e dois “por vezes”.

Na questão 1.5 - Os jogos facilitaram a aquisição dos conhecimentos? - seis alunos responderam “sim” e dois “por vezes”.

Na questão 1.6 - Considerou que o teste foi adequado ao que foi leccionado nas aulas? - sete alunos responderam “sim” e um “por vezes”.

Na questão 1.7 - O resultado do teste foi de encontro ao que esperava? – todos os alunos responderam “sim”.

2. Ao nível do ambiente na sala de aula:

Na questão 2.1 - O ambiente em sala de aula era propício ao ensino/aprendizagem? – todos os alunos responderam “sim”.

Na questão 2.2 - O facto das salas terem muita claridade dificultaram a comunicação na sala de aula? – três alunos responderam “sim”, três “não” e dois “por vezes”.

Na questão 2.3 - As conversas colaterais, entre colegas, dificultaram a comunicação na sala de aula? – três alunos responderam “não” e cinco “por vezes”.

Na questão 2.4 - Considera que as aulas foram produtivas? – todos os alunos responderam “sim”.

Na questão 2.5 - Considera que as aulas foram dinâmicas? – sete alunos responderam “sim” e um “por vezes”.

Na questão 2.6 - Considera que se conseguiu um ambiente agradável e descontraído de aprendizagem? – todos os alunos responderam “sim”.

3. Ao nível do professor:

Na questão 3.1 - A professora Dária explicou sempre de forma clara? – todos os alunos responderam “sim”.

Na questão 3.2 - Utilizou vocabulário que não conhece? – três alunos responderam “não” e cinco “por vezes”.

Na questão 3.3 - Em todas as actividades pedidas foi-vos transmitido claramente o que se pretendia fazer? – sete alunos responderam “sim” e um “por vezes”.

Na questão 3.4 - Durante as aulas conseguiram ir tendo feedback do vosso desempenho? – seis alunos responderam “sim” e dois “por vezes”.

Na questões 3.5 - Considera que houve problemas de dicção por parte da professora? – todos os alunos responderam “não”.

Na questões 3.5 - Volume de voz – todos os alunos responderam “adequados”.

Na questões 3.6 - Discurso monocórdico? – sete alunos responderam “não” e um “por vezes”.

Na questão 3.7 - A forma de falar era cativante? – sete alunos responderam “não” e um “por vezes”.

4. Ao nível do aluno:

Na questão 4.1 - Expôs sempre as dúvidas que tinha? – quatro alunos responderam “sim”, um “não” e três “por vezes”.

Na questão 4.2 - Acha que podia ter participado mais? – três alunos responderam “sim” e cinco “por vezes”.

Na questão 4.3 - Considera que a professora puxou pela participação dos alunos? – todos os alunos responderam “sim”.

Na questão 4.4 - Em termos gerais gostou das aulas? – todos os alunos responderam “sim”.

5. Durante as aulas detectou algo que dificultasse a comunicação?

Sim ___ **Não**___

5.1 Se respondeu sim indique o que foi, se respondeu não faça um breve comentário.

1 resposta “Sim”:

– *Por vezes a internet não dava (1 vez) e às vezes tínhamos dificuldade a ver os PowerPoint.*”

7 respostas “Não”:

- *“A comunicação entre os alunos e a professora foi sempre boa.”*

- *“Como somos poucos, havia mais atenção por parte dos alunos e a comunicação era mais fácil.”*

- *Não respondeu*

- *Não respondeu*

- *Não respondeu*

- *Não respondeu*

- *Não respondeu*

Inquérito III

Ao longo de uma carreira académica todos nós temos professores que gostámos mais, que nos marcaram pela positiva, que admiramos que passaram a ser para nós uma referência.

1. Indique o ano e a disciplina que leccionava ou lecciona o/os professor/es que mais gostou.

2. Indique as características especiais do/s professor/es que levaram a esta escolha.

3. A estas disciplinas as notas foram:

Fracas___ Satisfatórias___ Boas___ Muito Boas___

Respostas - Inquérito III

Ao longo de uma carreira académica todos nós temos professores que gostámos mais, que nos marcaram pela positiva, que admiramos que passaram a ser para nós uma referência.

1. Indique o ano e a disciplina que leccionava ou lecciona o/os professor/es que mais gostou.

8 Respostas:

- *“10.º ano professora de Economia e de Filosofia e mais algumas. 7.º, 8.º e 9.º anos vários professores. 9.º ano de matemática.”*
- *“2.º e 3.º ano – Professora primária”*
- *“9.º ano Matemática”*
- *“1.º ciclo, 6.º ano e 7.º ano disciplina de Língua Portuguesa.”*
- *“Economia e Educação Física de 10.º ano. Primária 1.º e 4.º anos. Matemática 9.º ano.”*
- *“Professora de Matemática do 8.º ano.”*
- *“5.º ano Matemática; 2.º e 4.º ano, 10.º ano de Economia, 7.º 8.º e 9.º anos de Matemática, 6.º ano de Ciências da Natureza e 5.º e 6.º de EVT (Educação Visual e Tecnológica)”*
- *“O professor de primária do 2.º e 4.º ano, a DT (Directora de turma) do 5.º e do 7.º ao 9.º a DT.”*

2. Indique as características especiais do/s professor/es que levaram a esta escolha.

8 Respostas:

- *“Boa relação entre professor/aluno; Professor que incentiva o aluno a ter boa nota, e esforçar-se.”*
- *“Ensinava bem e consegui aprender imensa coisa.”*
- *“Era uma boa professora, muito compreensiva, muito simpática e que ainda agora nos ajuda quando necessitamos.”*
- *“Compreensivos, explicavam bem e ao mesmo tempo as aulas tornavam-se divertidas na aula de Língua Portuguesa .”*
- *“Boa explicação por parte dos professores e profissionalismo.”*
- *“Era muito simpática e muito amigável. Íamos jantar e fazer piqueniques.”*
- *“Eram muito simpáticos. Explicavam bem. Havia uma boa relação entre o professor e aluno.”*
- *“Ensinavam muito bem, faziam as aulas de uma forma dinâmica e engraçada mas dava para aprender, e contribuíram para o que sei hoje.”*

3. A estas disciplinas as notas foram:

Fracas_0_ Satisfatórias_1_ Boas_6_ Muito Boas_1_

Universidade de Lisboa
Instituto de Educação
Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade

GUIÃO DE ENTREVISTA AO PROFESSOR COOPERANTE

TEMA: A Relação Professor/Aluno: O papel da comunicação na sala de aula – Factores que influenciam a comunicação na sala de aula.

TIPO: Semiestruturada

DESTINATÁRIO: Professor cooperante_ Grupo 430 – Economia e Contabilidade

FINALIDADES:

- Analisar e compreender a relevância da comunicação na sala de aula.
- Identificar factores que influenciam a comunicação na sala de aula.
- Encontrar soluções para uma comunicação eficaz na sala de aula.
- Propiciar um espaço de reflexão para que o entrevistado explicita as suas perspectivas e ideias sobre a relevância deste enfoque na prática lectiva.

OBJECTIVOS:

- Identificar a importância da comunicação na sala de aula;
- Identificar factores que influenciam a comunicação na sala de aula a nível:
 - dos instrumentos didácticos;
 - dos recursos didácticos;
 - da gestão da sala de aula;
 - do professor;
 - do aluno.
- Identificar soluções para uma comunicação eficaz na sala de aula;
- Relacionar a relação professor/aluno com a comunicação.

ENTREVISTA AO PROFESSOR COOPERANTE

A) IDENTIFICAÇÃO DO PROFESSOR

1. Nome:
2. Idade:
3. Formação de Base:
4. Formação Pedagógica:
5. Anos de Serviço:
6. Escolas por onde passou:
7. Disciplinas que lecciona:

B) A COMUNICAÇÃO NA SALA DE AULA

8. O que pensa do papel da comunicação na sala de aula entre professor/aluno?
9. Quais são as principais consequências quando existe falhas na comunicação na sala de aula?
10. Quais os factores que considera que mais influenciam a comunicação na sala de aula ao nível:
 - 9.1. dos instrumentos didácticos? (Fichas; testes; guiões de trabalho; etc.)
 - 9.2. dos recursos didácticos? (Quadros tradicionais; *datashows*; internet; etc.)
 - 9.3. do ambiente da sala de aula? (disposição das mesas; temperatura da sala; claridade, etc.)
 - 9.4. do professor? (Clareza na explicação; simpatia; oratória; vocabulário; entusiasmo; comunicação não-verbal: postura; expressão; linguagem corporal; etc.)
 - 9.5. do aluno? (Conversas colaterais; concentração; participação; etc.)
11. Quais as falhas de comunicação professor/alunos que considera mais frequentes?
12. Qual a importância da comunicação não-verbal em sala de aula?
13. O que pensa do contributo da comunicação informal para a relação professor/aluno?
14. Acha que a maioria dos professores tem noção da importância da comunicação para o processo ensino/aprendizagem?
15. Considera que o insucesso escolar pode estar directamente relacionado com falhas de comunicação na sala de aula?
16. Até que ponto é que a comunicação pode ser a solução para prevenir e resolver situações de indisciplina na sala de aula?
17. Do livro “A Comunicação na Sala de Aula” de Helena Vieira cito: “*A relação pedagógica é tanto mais eficaz quanto mais aberta, positiva e construtiva for a comunicação professor/aluno.*” Que comentário faz a esta afirmação.
18. Até que ponto é que considera que as novas tecnologias de informação e comunicação vieram enriquecer a comunicação em sala de aula?
19. Acha que os professores deveriam ter formação nesta área específica “Saber comunicar na sala de aula”?
20. Que conselhos daria a um professor inexperiente para que este conseguisse uma comunicação eficaz na sala de aula?
21. Qual a sua opinião sobre as aulas leccionadas por mim e se detectou falhas?

Universidade de Lisboa
Instituto de Educação
Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO PROFESSOR COOPERANTE

A) IDENTIFICAÇÃO DO PROFESSOR

1. Nome: *Maria João Pais*
2. Idade: *58*
3. Formação de Base: *Licenciatura em Economia*
4. Formação Pedagógica: *Personalização*
5. Anos de Serviço: *35*

6. Escolas por onde passou:

Várias não muitas, além desta, estive na escola de Cascais, Alverca, Almeirim e uma em Góis mas em Góis foi pouco tempo.

7. Disciplinas que lecciona:

Muitas e variadas, matemática, francês. Francês; comecei com Francês! Ciências da Natureza, (e depois entrei no nosso grupo, no 7º) Economia, Noções de Administração Pública, Relações Públicas, Introdução à Política, Sociologia, como era a outra...IDES etc. já nem me lembro, foram tantas, OGA, agora dou OGA, também, Direito, também já dei Direito.

B) A COMUNICAÇÃO NA SALA DE AULA

8. O que pensa do papel da comunicação na sala de aula entre professor/aluno?

É essencial porque, uma aula é um processo de comunicação, a aula é comunicação, portanto é essencial.

9. Quais são as principais consequências quando existe falhas na comunicação na sala de aula?

Quer dizer que o processo de ensino de aprendizagem não se desenvolveu, portanto o professor não conseguiu ensinar e o aluno não conseguiu aprender. Falhou a comunicação.

10. Quais os factores que considera que mais influenciam a comunicação na sala de aula ao nível:

10.1 dos instrumentos didácticos? (Fichas; testes; guiões de trabalho; etc.)

A primeira coisa, os instrumentos didácticos têm que estar adaptados aos objectivos de aprendizagem e aos conteúdos da aprendizagem, portanto tem que haver uma adaptação dos instrumentos quer aos objectivos da aprendizagem, quer aos conteúdos e às próprias estratégias de aprendizagem, isto por um lado, por outro lado, eles têm que estar bem construídos, bem formulados, linguagem clara, essencialmente boa construção, para além daquela adaptação toda, têm de estar bem construídos, têm que ser claros.

Não sei o que é que quer que lhe diga mais!

10.2 dos recursos didácticos? (Quadros tradicionais; datashows; internet; etc.)

Pronto, são recursos...não é. Portanto são auxiliares ao processo de ensino da aprendizagem, lá está, mais uma vez têm que estar adequados aos objectivos, conteúdos, estratégias, as próprias condições da escola, àquilo que se pretende na sala de aula, portanto, podem ser muito eficazes ou não, depende da forma como são utilizados e de acordo com os objectivos que se pretende para o ensino aprendizagem.

10.2.1 Se um destes recursos falhar, imaginemos que nos tínhamos uma aula preparada para fazer uma exploração na Internet, e não há Internet?

Tem que haver um plano "B". Portanto, o professor tem que ir sempre preparado com um plano "B", no caso de falhar o primeiro plano, plano "A". Os recursos, por exemplo, neste caso, está dependente de recursos que não controla e portanto se o equipamento, neste caso a Internet não funciona tem que haver o recurso "B", portanto, tem que fazer outra aula, tem que utilizar outros recursos

10.3 Do ambiente da sala de aula? (disposição das mesas; temperatura da sala; claridade, etc.)

É evidente. O ambiente influencia, digamos o percorrer da aula não é, portanto se o ambiente for bom, acolhedor se o aluno não tiver frio, não tiver calor a mais se a sala for agradável, isso influencia positivamente a comunicação, se pelo contrário, se o espaço é pequeno, se as pessoas estão todas em cima umas das outras, não há espaço de circulação é evidente que o processo de comunicação e a eficácia da aula pode ficar ligeiramente comprometida.

10.4 Do professor? (Clareza na explicação; simpatia; oratória; vocabulário; entusiasmo; comunicação não-verbal: postura; expressão; linguagem corporal; etc.)

Vamos lá ver: é evidente que um professor é fundamental, mas também depende muito do tipo de aula que o professor fizer. Portanto, há aulas, por exemplo mais tradicionais positivas em que o professor é mais o centro da aula, e portanto, tudo recai em cima do professor, e o professor é peça fundamental. Se a aula é uma aula mais de trabalho, em que os alunos trabalham ou estão a fazer trabalho de grupo, o professor é mais um orientador e portanto há aí uma maior partilha dos papeis, portanto nas aulas tradicionais o papel central é o professor e aí, sendo o professor é evidente que a capacidade oratória, a própria...como é que hei-de dizer, postura física influencia o processo de comunicação e o processo de aprendizagem. Se a aula for de trabalho de grupo, a postura também terá que ser outra, por parte do professor, mas são aulas mais cooperantes e portanto o centro já não é o professor mas é essencialmente os alunos e a forma como eles trabalham em grupo, portanto, tudo depende do tipo de aula.

10.5 Do aluno? (Conversas colaterais; concentração; participação; etc.)

Por parte do aluno... se o aluno vem com sono, aulas muito cedo, se o aluno vem com sono pode não ser totalmente facilitador, não é. Se o aluno vem estafado da aula de educação física, também não pode ser muito facilitador para o processo de comunicação, de uma forma geral, os alunos, ou muito animados ou muito..., portanto tem que haver um período aí de...ou de acalmia ou um período para despertar digamos a atenção dos alunos, então depois as aulas podem adquirir o seu ritmo, não é, é evidente. Ou o aluno pode estar doente, ou pode estar aborrecido com qualquer coisa em casa, portanto, há situações diversas que podem influenciar positiva ou negativamente a

aprendizagem do aluno a forma de estar, e portanto a abertura para receber a mensagens ou não, na aula.

11 Quais as falhas de comunicação professor/alunos que considera mais frequentes?

Portanto, eu para ser franca, eu acho que quando há um problema de falhas de comunicação, eu acho que a razão fundamental está sempre na base da relação pedagógica. Porque quando a relação pedagógica é boa, mesmo que o professor não seja um grande comunicador, por exemplo, até em termos orais, ele consegue fazer aquilo que pretende, portanto, consegue que a aula funcione, que o aluno aprenda, agora, se a relação pedagógica é má, não há oratória que consiga suplantar a falha da relação pedagógica, portanto, a aula é uma relação pedagógica, portanto se não há uma boa relação pedagógica, entre professores e alunos, por melhor que seja a comunicação, por melhor que seja o filme que o professor leve, ou o PowerPoint, aqui pode não funcionar bem, porque não há uma boa relação. Portanto a relação pedagógica é fundamental, a relação pedagógica não quer dizer que os professores e alunos sejam muito amigos e que confraternizem. Não é isso. É uma relação pedagógica em que o aluno confia no professor e o professor confia no aluno e a “coisa” funciona, independentemente se o professor as vezes até pode ser gago, claro, que é evidente que um professor gago tem mais dificuldade mas se tiver uma boa relação pedagógica consegue superar essa “gaguet”

12 Qual a importância da comunicação não-verbal em sala de aula?

É elevada, é elevada, vamos lá ver, porque o professor é objecto de observação, não é, e portanto, por isso é que nas primeiras aulas quando os alunos não conhecem os professores, nos somos observados de alto a baixo, tudo, desde a maneira como se veste, o que calça, o que...como fala, tudo isso é objecto de observação, não é, e portanto, o professor está permanentemente exposto, principalmente quando os alunos ainda não conhecem bem o professor. Depois quando já o conhecem já não ligam tanto, não é, pronto, mas a forma como o professor se apresenta, até a maneira de vestir, a maneira de falar, a maneira de andar, influencia a comunicação, principalmente nos primeiros contactos, depois a coisa atenua-se, já não é o fundamental.

12.1 Isso está relacionado directamente com a conquista daquela relação pedagógica, que se pretende logo no início do ano, ou seja, isso pode ser determinante?

Pode. Pode, mas não é determinante, mas eu acho que não é determinante, isso depois vai...há professores, por exemplo, eu lembro me quando era estudante em que havia professores que nós dizíamos, professoras, neste caso, que eu só tive mulheres, que era uma mal vestida, que se arranjava mal, cheirava mal até, havia alguns que até cheirava a, portanto, de início não era fácil ultrapassar logo as estes obstáculos e as vezes alguns deles nunca eram totalmente ultrapassados, porque de facto a postura o visual da pessoa influencia também a primeira representação. As pessoas agradáveis, à vista, têm o trabalho mais facilitado em termos de comunicação com os alunos do que aquele que não é agradável à vista. É um facto, acontece, embora depois, há outra fase que inicialmente, há pessoas que não são, que não desenvolvem até empatia, mas depois os alunos acabam por ... é outro tipo de empatia que é conquistada.

12.2 Poderá haver o reverso da medalha?

Sim, sim, a imagem é um pouco aquela coisa que pode influenciar de início, mas que depois vai sendo desmontada, não é, e vai sendo reconstruída positiva ou negativamente, agora não quer dizer que o professor não tenha que ter uma imagem, para ser professor tem que ter uma imagem, porque isto é um local de trabalho, exactamente, também não ser pode apresentar de qualquer maneira, penso eu. O professor é muito actor, embora para ser bom actor, tem que haver um fundo de verdade e de comunicação, se não, não é. Tem que se gostar também do que se está a fazer, se não mau actor ou actriz.

13 O que pensa do contributo da comunicação informal para a relação professor/aluno?

Eu penso que não é essencial para a relação pedagógica, no espaço sala de aula, não é essencial. Eu por exemplo, essa comunicação informal, eu acho que é, não pode ser de início, é uma coisa que se vai conquistando, vai se conquistando e tem que ter alguns limites e portanto, a relação professor aluno, não é relação professor amigo, não é, são diferentes, o que não quer dizer que o professor não se interesse pelo aluno, pela sua vida e tal, mas sempre com algumas reservas, terá que haver sempre algumas reservas, e de início, também, quando agente não conhece os alunos e tal, a reserva e a distancia ainda é maior, portanto, essa informalidade, eu acho que se vai adquirindo, embora sempre com alguma distancia, porque se não também se as relações são demasiado informais isso também não é positivo para o processo de ensino aprendizagem, tem que haver sempre uma reserva e uma distancia.

- 14** Acha que a maioria dos professores tem noção da importância da comunicação para o processo ensino/aprendizagem?

Tem, tem, quer dizer, todos nos temos, que há momentos e há dias que as coisas não funcionam tão bem como é costume e nos temos a noção de que comunicamos mal, oralmente, ou porque os instrumentos que levamos para a sala de aula, os instrumentos (fichas, os trabalhos) não eram adequados ou estavam mal construídos, ou o PowerPoint que nos fizemos também não era o mais adequado, não funciona, portanto, a comunicação nem sempre funciona, há dias, que as coisas não são tão eficientes e os professores consideram que a base do processo de ensino aprendizagem é a comunicação, de facto a comunicação, é a relação pedagógica e a comunicação. Uma coisa está ligada à outra, portanto eu acho que as pessoas têm a noção que isto, essencialmente, é um processo de comunicação. Mas muitas vezes é também, as pessoas também têm muito... é aquela queixa de sala de professor, que os alunos estavam desatentos, os alunos não perceberam, não querem saber disto para nada, e tal, porque na base há uma comunicação, mas as pessoas põe isto muito, comunicação parece não é bilateral, que é unilateral, pronto, e isso de facto. Mas essas queixas é também um sentimento que as pessoas sabem que aquilo está a falhar, agora a solução, é mais difícil chegar lá.

- 15** Considera que o insucesso escolar pode estar directamente relacionado com falhas de comunicação na sala de aula?

Exactamente, é aquilo que acabei de lhe dizer na resposta anterior. Se os alunos não percebem o que é que estão aqui a fazer, não é, os assuntos que estão a ser tratados, se não há comunicação entre professor aluno, e portanto, não percebem exactamente o que é que se pretende deles nem quais são, o que é que estão a fazer em termos de desenvolvimento das suas competências ou o que é que o professor pretende em desenvolvimento das suas atitudes e a aquisição de conhecimentos, de facto o processo não funciona, e portanto o insucesso tem que ser grande, os alunos ainda não perceberam o que estão aqui a fazer, o que é que se pretende deles sequer.

- 16** Até que ponto é que a comunicação pode ser a solução para prevenir e resolver situações de indisciplina na sala de aula?

É fundamental porque a indisciplina muitas vezes resulta, de que a relação pedagógica não está a funcionar, e portanto se a relação pedagógica não funciona é porque há ali um

problema de comunicação, portanto, de todos os tipos, até pode haver uma coisa básica de comunicação, que é: quais são as regras de funcionamento da sala de aula, que o professor deseja que os alunos cumpram, mas que os alunos desconhecem, e portanto, o desconhecimento das regras de funcionamento da sala de aula, é um problema de comunicação, neste caso, da responsabilidade maior do professor que não as dá a conhecer e portanto, ou não dá a conhecer ou não foram construídas em conjunto logo no início, nas aulas, e portanto há aqui um problema de comunicação e as coisas vão começar a correr mal, necessariamente têm que correr mal, a comunicação não funciona, portanto, corre mal para alguns alunos ou então, até as vezes, com a generalidade da turma, porque há problemas disciplinares complicados, nalguns professores com a turma todas.

- 17** Do livro “A Comunicação na Sala de Aula” de Helena Vieira sito: “*A relação pedagógica é tanto mais eficaz quanto mais aberta, positiva e construtiva for a comunicação professor/aluno.*” Que comentário faz a esta afirmação.

Aqui o “aberta” quer dizer exactamente o quê. Se for em termos da aula a abertura ao aluno é: tudo aquilo que está a acontecer na aula, ou as dificuldades que o aluno tem, ou se está a perceber aquilo que se pretende, o exercício, por exemplo, imaginemos tem um exercício para fazer ele não está a perceber aquilo que se pede, é ter a possibilidade se houver um espírito de facto de comunicação e uma atitude de comunicação saudável o aluno pergunta ao professor, expões as suas dificuldades, não é, portanto, isso é espírito de abertura, portanto o professor também esta aberto à comunicação, o aluno tem, sabe que pode dizer e expor as suas dificuldades porque não é penalizado, não é criticado por isso, portanto há aqui uma abertura à comunicação. Positiva é um pouco nesse aspecto. Não penalizar, digamos, o aluno por aquilo que ele diz, pelas suas insuficiências, pelos seus erros, penso eu que seja nesse sentido, portanto, aproveitar sempre o erro para tirar partido, tirar partido do erro para chegar àquilo que se pretende.

Construtiva é exactamente pronto, tem que ser esclarecedor. Construtiva no sentido de se construir mais alguma coisa, compreender-se mais alguma coisa, adquirir se mais um ou outro conhecimento, portanto, a comunicação no sentido construir ou um melhor ambiente de trabalho, melhor aprendizagem, melhor relacionamento nesse sentido da construção, constrói-se o conhecimento, desenvolvem-se melhores atitudes, constrói-se um melhor relacionamento, é nesse sentido da comunicação.

- 18** Até que ponto é que considera que as novas tecnologias de informação e comunicação vieram enriquecer a comunicação em sala de aula?

Eu penso que são meios, são auxiliares, podem ser facilitadores da comunicação, mas não são a base da comunicação. Portanto, o PowerPoint, pode facilitar a comunicação, agora não é comunicação em si, para mim os meios, todos esses recursos, são exactamente recursos, portanto são meios, são auxiliares devem ser facilitadores, agora não é uma aula, a aula não esta concentrada no PowerPoint porque a mensagens não é o PowerPoint é tudo aquilo que o PowerPoint; é um meio, para facilitar a transmissão da mensagem, portanto, são auxiliares da comunicação, para mim.

- 19** Acha que os professores deveriam ter formação nesta área específica “Saber comunicar na sala de aula”?

Saber comunicar na sala de aula, sim. Também se treina, há coisas que se treinam, portanto, muitas vezes as pessoas dizem: tem jeito, não tem jeito. Isto não é só uma coisa de jeito, é evidente que há pessoas que tem mais jeito do que outras, ou porque se calhar também gostam mais da profissão que outras, mas há coisas que se aprendem, a fazer ou a não fazer, portanto, se calhar na formação inicial de professores deveria haver se calhar alguma coisa, alguma área de formação ai na comunicação porque nos vemos que por exemplo, e no ensino isso acontece, ainda mais no ensino superior, no ensino superior há de facto, eu acho que há muitas falhas na comunicação. Há professores que nós sabemos que são professores porque aparecem na televisão como professores, professores na universidade e que são comentadores e que vão lá expor. E aquilo de facto se é assim que eles tratam nas aulas aquilo deve funcionar mal porque eles são maus comunicadores, portanto a comunicação eu acho que se aprende, e portanto na área de formação de professores, deve haver uma área nesse sentido. Nas empresas há, as pessoas, os formadores devem aprender algumas técnicas para a comunicação, e portanto há aqui coisas que se podem aprender, não é só jeito.

- 20** Que conselhos daria a um professor inexperiente para que este conseguisse uma comunicação eficaz na sala de aula?

A primeira coisa, eu acho que o professor em inicio com os seus alunos uma das questões básicas é transmitir segurança ao alunos, portanto, os alunos têm que ver no professor alguém que tem conhecimento, tem o conhecimento seguro, portanto, tem que estar bem

preparado cientificamente para os alunos, se os alunos colocam perguntas, muitas vezes os alunos querem testar os professores, portanto, logo de inicio os professores têm que se prepara devidamente em termos daquilo que vão ensinar, portanto, um professor não pode ir para uma sala de aula sem saber o que é que está a ensinar e saber mais do que os alunos, pronto, essa é básica, que é para os alunos sentirem que aquele professor está preparado tem conhecimento e portanto há logo ali uma relação, reconhecem esse valor ao professor, e depois é a tal postura, a forma como se apresenta logo no inicio das aulas, desde do vestir, desde não ser demasiado familiar com os alunos, saber manter uma certa reserva, não ser autoritário mas também não ser demasiado tolerante, portanto, há ai se calhar algumas coisas que se ensinam não é, como é que se deve dirigir aos alunos, a forma como deve dirigir aos alunos, uma forma educada, portanto, mostrar interesse pela pessoa do aluno mas sem ultrapassar uma certa barreira, logo no inicio e o mais importante é de facto (isto na parte da comunicação e da relação inicial) e o mais importante é a questão da preparação, ir para a aula preparada, ter uma aula preparada. Isto é fundamental para os professores menos experientes e se calhar em inicio de contacto com uma turma. Depois as coisas começam a correr melhor, portanto os alunos têm que reconhecer naquele professor conhecimento e autoridade, autoridade enquanto professor e enquanto pessoa, portanto a pessoa de inicio tem que manter um certo perfil, não é um perfil rígido mas é algo, não demasiado familiar, ter uma certa reserva e distancia porque as coisas depois vão fluindo, ser respeitoso para com os alunos, exactamente ser respeitoso para com os alunos e estar, demonstrar, segurança e confiança, acho que isso é o fundamental para ser aceite pelos alunos como um professor.

A Professora Doutora Maria João Pais acrescenta que:

Eu de facto acho que a base do trabalho de professor esta na relação que o professor consegue criar com a turma, com os alunos, com a relação pedagógica assim uma relação de confiança, e depois a comunicação também influi muito na capacidade que depois o professor tem de trabalhar com os alunos e dos levar a aprender que é esse de facto o objectivo, que os alunos consigam aprender consigam construir o seu conhecimento, consigam desenvolver as atitudes essencialmente é um processo de relação, e nesse processo de relação a comunicação é fundamental.

21 Qual a sua opinião sobre as aulas leccionadas por mim? E se detectou falhas?

Eu acho que você tem boa presença, tem facilidade de comunicação, consegue, cria empatia junto dos alunos, e uma boa relação pedagógica; foram poucas aulas, não foi um ano inteiro, foram poucas aulas mas as aulas funcionaram bem, portanto, essencialmente porque você conseguiu, é uma pessoa que tem bons instrumentos de comunicação, consegue de facto comunicar com os alunos, dessas formas todas que você falou, verbal, pela pessoa em si, portanto, acho que é uma pessoa que tem facilidade em criar uma boa relação pedagógica com os alunos. Em termos, até de aprendizagem, alias você sabe que os resultados do teste de avaliação foram bons, e portanto os alunos aprenderam, gostaram das aulas, e portanto a coisa funcionou bem.

Em termos de recursos, você e Flávia, as duas, apresentaram bons recursos didáticos; os PowerPoint, você fez PowerPoint muito bem cuidados, engraçados, bem-feitos, aqueles dois filmes que troce também os alunos gostaram, portanto a coisa funcionou bem, portanto o processo de comunicação funcionou.

Houve aulas melhores que outras, uma ou outra, se calhar, se calhar não sei se será, não confirmei consigo, se calhar também tem haver com a maior ou menor segurança que a pessoa tem e conhecimento e treinos daqueles conteúdos, muitas vezes é isso. Portanto quando a pessoa já deu aquelas matérias, já não é a primeira vez, já sabe quais são os pontos que os alunos têm mais ou menos dificuldade, puxa para aqui, puxa para ali, já tem maior ginástica com aqueles conteúdos. Quando agente nunca deu aqueles conteúdos, é mais difícil que o processo de comunicação funcione logo em pleno, isso vai-se adquirindo. Ir bem preparados, até do ponto de vista científico, isto é: eu sei o que é que aquilo tudo quer dizer, já sei relacionar as coisas, já sei onde é que eles vão ter falhar...

De uma forma geral, você, no seu caso é uma boa comunicadora e consegue criar uma boa relação pedagógica com os alunos, e você sabe isso, eles até tiveram bons resultados e davam-se bem consigo aqui na sala de aula. Eles até perguntaram por si, pela professora Dária.